

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

HAGIOGRAFIA E PROCESSO DE CANONIZAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO TEMPO DA  
SANTIDADE DE TOMÁS DE AQUINO (1274-1323)

Autor: Igor Salomão Teixeira  
Orientador: José Rivair Macedo

Porto Alegre  
2011

IGOR SALOMÃO TEIXEIRA

HAGIOGRAFIA E PROCESSO DE CANONIZAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO TEMPO DA  
SANTIDADE DE TOMÁS DE AQUINO (1274-1323)

Tese apresentada para a obtenção do título de  
Doutor em História. Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e  
Ciências Humanas. Programa de Pós-  
Graduação em História.

Orientador: José Rivair Macedo

Porto Alegre  
2011

#### CIP - Catalogação na Publicação

Teixeira, Igor Salomão  
Hagiografia e Processo de Canonização: A construção  
do Tempo da Santidade de Tomás de Aquino (1274-1323)  
/ Igor Salomão Teixeira. -- 2011.  
187 f.

Orientador: José Rivair Macedo.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto  
Alegre, BR-RS, 2011.

1. Tomás de Aquino. 2. Tempo da Santidade. 3.  
João XXII. 4. Ordem dos Pregadores. 5. Processos de  
Canonização. I. Macedo, José Rivair, orient. II.  
Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
Programa de Pós-Graduação em História

## ATESTADO

Atesto que **IGOR SALOMÃO TEIXEIRA** defendeu Tese de Doutorado intitulada *Hagiografia e processo de canonização: a construção do tempo da santidade de Tomás de Aquino (1274-1323)*, elaborada sob orientação do Prof. Dr. José Rivair Macedo. A Banca foi composta pelos Professores Dra. Carolina Coelho Fortes (UGF), Dra. Carlinda M. Fischer Mattos (Museu Hipólito José da Costa), Dr. Alfredo Storck (PPG-Filosofia/ UFRGS) e Dra. Cybele Crossetti de Almeida (PPG-História/ UFRGS), e contou com a presidência do Orientador, em sessão para arguição do aluno em 15 de setembro de 2011. O trabalho foi considerado APROVADO.

Porto Alegre, 15 de setembro de 2011.

**Prof. REGINA WEBER**  
Coordenadora – PPG-História  
IFCH - UFRGS

## AGRADECIMENTOS

Esta tese foi realizada com a concessão de duas bolsas de pesquisa da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Na primeira ocasião, uma bolsa no Brasil com duração de 9 meses. Na segunda, uma bolsa no exterior (PDEE) entre 2009 e 2010, para estágio na École des hautes études en sciences sociales em Paris.

Esta tese foi concluída com um sabor muito especial. Ela é a porta de entrada para um sonho pessoal e profissional. Por isso que agradeço o prof. José Rivair Macedo. Agradeço o suporte, o apoio e o incentivo. Agradeço ao prof. Sylvain Piron, que me tranquilizou sobre a burocracia na chegada à França e foi decisivo nos encaminhamentos das leituras e análises da documentação. O professor Alfredo Storck também foi peça essencial. Do início ao fim.

A prof<sup>a</sup> Cybele Crossetti e o prof. Nilton Pereira foram dois parceiros do I Encontro Estadual de Estudos Medievais. Empreitada que realizamos com a ajuda essencial de muitos. Foi com eles que dividi a tensão orçamentária e pré-publicação do livro *Reflexões sobre o medievo*. Aos colegas do GT Estudos Medievais, no nome da professora Carlinda Mattos. Em relação às traduções para o latim contei com o auxílio do Cassiano Malacarne. Muito obrigado. Agradeço ao DEBAS da FAGED/UFRGS. Agradeço o voto de confiança que me foi dado pelos profs. Atanásio, Miliandre e Rodrigo na UFVJM, muito obrigado.

Esta tese foi construída e apresentada durante os congressos os quais felizmente tive oportunidade de participar. Por isso não posso deixar de agradecer aos profs Paulo Sodré, Geraldo Fernandes e Ari Sacramento. Sei que estão na lista dos mais felizes. Em especial, o prof. Márcio Muniz, que foi o primeiro a me dar um voto de confiança na área. O agradecimento também é direcionado às profas. Andréia Frazão e Leila Rodrigues. Grandes incentivadoras. Parceiras com quem espero que os projetos comecem a sair do papel.

Sem Carol Fortes a tese seria outra. Seria tese? Ela me empresta livros, documentos, apartamento...até a família: Anna, D. Marta, Sr. Juvenal, Márcio, Tiago, Sofia. Muito obrigado, Carol! És a prova que uma tese não se faz sem amigos nem parceiros intelectuais.

Da Paula eu também roubei a família e encontrei grande conforto: D. Ceres e Sr. Haroldo já se acostumaram com minha presença Isso inclui os dias em que ligo para lá por engano. Outra integrante da minha família carioca é a Raquel, que está sempre por perto.

Aos amigos gaúchos meu muito obrigado. A aprovação no concurso me trouxe à mente uma canção dos anos 80: “eu to voltando pra casa outra vez!”. Voltar para Porto Alegre nas condições em que este retorno está acontecendo é muito bom. E só me sinto voltando pra casa porque uma casa se faz com a família que a gente escolhe: Nina, Michele, Débora,

Viviane, Ricardo, Evandro, Eliete, o primeiro conselho da *Aedos*, Blank, Cléber, Leandro, Carla, André...o André é gaúcho? Virou, né! Fomos adotados por esta terra. Terra esta que também me apresentou uma segunda casa: a família Koch. Fredy, você literalmente esteve presente desde o primeiro dia do doutorado. Deu o apoio na ida à Paris e mostrou-se compreensível no momento de passar junto comigo pelas consequências que esta escolha representou.

Há a família parisiense da vila do Chaves: Flávia, Lígia, Gustavo, Paula, Ricardo, Mônica, Verônica, Fernanda, Marta, Marnes, Jean-Sébastien, Nacho, Fran, Gilberto, Rodrigo, Guilherme...vivemos juntos todos os dramas provocados pelos computadores. O capítulo 2 foi escrito em computadores de 3 pessoas diferentes! Pessoas “acidentalmente apaixonadas”.

Por fim, minha família mineira. Meus amigos Igor, César, Acácio, Sid, Tina, Walker. Pessoas que me veem com uma irregularidade abusiva para quem quer ser chamado de amigo. Às pessoas que me adotaram 10 anos depois: Rafaela, Theo, Igor Decnop...Agradeço também aos colegas e alunos da FENORD.

Agradeço à “casa de tia Berna” expandindo para várias outras: do Roge, do tio Zilton, do tio Cristóvão e da tia Neusa, da Marcinha... Tia Berna e Tio Luís são mais do que tios. Suas filhas são mais que primas e Clarissa é mais que irmã. Se há tese e se houve uma aprovação no concurso foi porque houve a casa de tia onde estudei, espalhei livros e descontraí na medida exata.

Agradeço ao meu cunhado Cantão. Ele foi o primeiro a investir na tese ao financiar a compra do livro que deu origem a tudo. Minha irmã Roberta, torcedora incondicional. Todo tipo de apoio também recebo da minha irmã Carolina. Meu irmão André e minha cunhada Lílian me transformaram. De irmão caçula passei a tio e dindo. Dois títulos que me deixam sorrindo de orelha a orelha...títulos vindos de dois tesouros, Vivi e Miguel. A saudade dói quando penso neles. Outra irmã preencheu a ausência com telefonemas e com a família que construiu. Aline, Fredson, Henrique e Heitor. Obrigado a vocês todos.

Na base de tudo, minhas avós Dora e Nasa e meus pais. Nunca questionaram nada além do “é isso mesmo que você quer fazer? Então faça!”. *Veni vidi vici*. Mãe, Pai o filho caçula de vocês não vai emitir receita médica, nem defender alguém, nem construir um prédio, mas vai ser doutor e eu sei o quanto isso é importante para vocês. E mais importante ainda: eu sei que vocês sabem que isso é importante para mim. Amo vocês.

Diamantina, agosto de 2011.

*Dedico aos meus pais, Célia e Roberto.*

*“Quem sabe, para compreender melhor os acontecimentos em que me achei envolvido, é bom que eu recorde o que andava acontecendo naquele pedaço de século, do modo como o compreendi então, vivendo-o, e do modo como rememoro agora, enriquecido de outras narrativas que ouvi depois – se é que a minha memória estará em condições de reatar os fios de tantos e tão confusos eventos.*

*Desde os primeiros anos daquele século o papa Clemente V transferira a sede apostólica para Avignon deixando Roma às voltas com as ambições de senhores locais: e gradualmente a cidade santa da cristandade transformara-se num circo, ou num lupanar, dilacerada pelas lutas entre os seus maiores [...]*

*Eis pois que no ano de 1314 cinco príncipes germânicos elegeram, em Frankfurt, Ludovico da Baviera regente supremo do império. Mas no mesmo dia, na outra margem do Reno, o conde palatino do Reno e o arcebispo de Colonia tinham eleito à mesma dignidade Frederico da Áustria. Dois imperadores para uma única sede e um único papa para duas: situação que se tornou, na verdade, incentivo para grande desordem...*

*Dois anos depois era eleito em Avignon o novo papa, Jacques de Cahors, velho de setenta e dois anos, justamente com o nome João XXII, e queira o céu que nunca mais um pontífice assuma um nome assim, já tão malquisto pelos bons. Francês e devotado ao rei da França (os homens dessa terra corrompida estão sempre inclinados a favorecer os interesses dos seus, e são incapazes de olhar para o mundo inteiro como sua pátria espiritual), ele havia sustentado Filipe, o Belo, contra os cavaleiros templários, que o rei acusara (creio que injustamente) de vergonhosos crimes para apoderar-se de seus bens, cúmplice aquele eclesiástico renegado. [...]*

*Em 1322 Ludovico, o Bávaro, batia seu rival Frederico. Ainda mais temeroso de um único imperador, do que o fora de dois, João excomungou o vencedor, e este, em contrapartida denunciou o papa como herético. É preciso dizer que, justamente naquele ano, tivera lugar em Perúgia o capítulo dos frades franciscanos, e o geral deles, Michele de Cesena, acolhendo as instâncias dos “espirituais”...proclamara como verdade de fé a pobreza de Cristo, que, se tinha possuído alguma coisa com seus apóstolos, Ele a tivera apenas como usus facti. Digna resolução, que visava salvar a virtude e a pureza da ordem; mas que desagradou sobremaneira ao papa, por talvez entrever nisso um princípio que teria posto em risco as mesmas pretensões que ele, como chefe da igreja, tinha de contestar ao império o direito de eleger bispos, encampando para o sacro sôlio o de investir o imperador. Fossem essas ou outras as razões que o moviam, em 1323 João condenou as proposições dos franciscanos com a decretal Cum inter nonnullos”.*

(Umberto Eco. *O Nome da Rosa*, 1986. p.23)

*“Procurarei dizer deles o que compreendera, ainda que não esteja certo de fazê-lo bem”*

(Umberto Eco. *O Nome da Rosa*, 1986. p.67)

## RESUMO

Esta tese tem como tema principal a canonização de Tomás de Aquino ocorrida entre 1319-1323. A partir dos dois inquéritos que compõem o processo de canonização e da primeira hagiografia sobre o teólogo, a saber, a *Ystoria sancti Thome Aquino*, escrita pelo também dominicano Guilherme de Tocco no contexto da canonização defendemos que o principal interessado no reconhecimento oficial da santidade de Tomás era o papa João XXII. Para isso foi realizado um processo inquisitorial com características específicas em relação aos processos realizados no mesmo período. Chegamos a essa conclusão a partir da instrumentalização operada pelo conceito de **tempo da santidade**. Trata-se da consideração do período que compreende o momento da morte, da abertura do processo e a decisão para a canonização de modo retroativo, ou seja, a data inicial para o conceito é a data da canonização. No caso de Tomás de Aquino, o tempo da santidade durou 49 anos. Considerando os processos de santos de ordens religiosas a partir da canonização de Francisco de Assis ao pontificado de João XXII, o inquérito sobre o teólogo dominicano revela alguns indícios que extrapolam o âmbito da santidade e da crença em milagres. Sendo assim, a partir da idéia da santidade como uma construção social também defendemos o uso daquele tipo de documentação para estudos de história social. Nos três capítulos de nosso estudo os princípios metodológicos da história comparada e da história intelectual estruturam a proposta que também se insere no campo dos estudos de antropologia escolástica.

**Palavras-chave:** Tomás de Aquino, Tempo da Santidade, João XXII, Ordem dos Pregadores, Processos de Canonização, Hagiografia.

## RÉSUMÉ

Cette thèse a pour sujet principal la canonisation de Thomas d'Aquin intervenue de 1319 à 1323. A partir des deux enquêtes que comprend le procès de canonisation et du premier texte hagiographique relatif à ce théologien, à savoir, la *Ystoria sancti Thome Aquino*, écrite par Guillaume de Tocco, lui aussi dominicain, au cours de la canonisation, nous soutenons que le pape Jean XXII fut le principal intéressé par la reconnaissance officielle de la sainteté de Thomas d'Aquin. En effet, le procès inquisitorial présente des caractéristiques spécifiques, comparé aux procès instruits à la même époque. Nous aboutissons à cette conclusion au moyen de l'application du concept de **temps de sainteté**. Il s'agit d'un tableau de temporalité comprenant le moment de la mort, celui de l'ouverture du procès et enfin de la décision de canonisation. Dans le cas de Thomas d'Aquin, le « temps de sainteté » dura 49 ans. Considérant les procès de saints issus d'ordres religieux, depuis la canonisation de François d'Assise jusqu'au pontificat de Jean XII, l'enquête relative au théologien dominicain révèle quelques indices qui dépassent les champs de la sainteté et de la croyance aux miracles. Dès lors, à partir de l'idée de la sainteté comme étant une construction sociale, nous promouvons aussi l'emploi de ce type de documentation dans les études d'histoire sociale. Dans les trois chapitres de notre étude, les principes méthodologiques de l'histoire comparée et de l'histoire intellectuelle structurent la proposition que s'inscrit aussi dans le champ des études d'anthropologie scolastique.

**Mots-clés : Thomas d'Aquin, Temps de sainteté, Jean XXII, Ordre des Prêcheurs, Procès de canonisation, Hagiographie.**

## ABSTRACT

This thesis has as principal subject the canonisation of Thomas of Aquino which occurred from 1319 to 1323. Taking into account the two inquiries which comprises the trial of canonisation and the first hagiographic text of the life of the theologian, the *Ystoria sancti Thome Aquino* written during the canonisation by William of Tocco, himself also a Dominican, we affirm that the pope John XXII was the person with the most interest in the official recognition of the sanctity of Thomas of Aquino. Indeed, the inquisitorial process presents certain specific characteristics in comparison with other processes instructed during the same period. We arrive to this conclusion by applying the concept of **time of sanctity**, which is a timetable comprising the moment of death, the one of opening of the process, and finally the decision of canonisation. In the case of Thomas of Aquino, the “time of sanctity” lasted 49 years. Considering the processes of saints originated from religious orders, from the canonisation of Francis of Assisi on to the pontificate of John XII, the inquiry regarding the Dominican theologian shows some aspects which exceed the fields of sanctity and belief in miracles. From then on, considering the idea of sanctity as a social construction, we also promote the use of such documentation in the study of social history. In the three chapters of our study, the methodological principles of compared history and of intellectual history structure this proposition which also finds its place in the field of studies on scholastic anthropology.

**Key-words: Thomas of Aquino, Time of sanctity, John XXII, Order of Preachers, Processes of canonisation, Hagiography.**

## RESUMEN

La presente tesis tiene por objeto el estudio de la canonización de Santo Tomás de Aquino que tuvo lugar entre los años 1319-1323. Partiendo de las dos investigaciones que componen el proceso de canonización y de la primera hagiografía sobre el teólogo, a saber, la *Ystoria sancti Thome Aquino*, escrita por el también dominicano Guilherme de Tocco en el contexto de la canonización, defendemos que el principal interesado en el reconocimiento oficial de la santidad de Tomás fue el papa Juan XXII. Para ello se llevó a cabo un proceso inquisitorial de singulares características en relación a otros procesos realizados en el mismo periodo. Conclusión a la cual llegamos mediante la instrumentalización del concepto de **tiempo de santidad**, lapso temporal que comprende el momento de la muerte, la apertura del procedimiento y la decisión de la canonización. En el caso de Tomás de Aquino, ese tiempo de santidad fue de 49 años. Considerando los procesos de santificación en las órdenes religiosas a partir de la canonización de Francisco de Asís hasta el pontificado de Juan XXII, la investigación del teólogo dominicano revela algunos indicios que sobrepasan el ámbito de la santidad y de la creencia en milagros. En consecuencia, a partir de la idea de santidad como construcción social defendemos además el uso de este tipo de documentación para los estudios de historia social. En tres capítulos sustentados en los principios metodológicos de la historia comparada y la historia intelectual, estructuramos una propuesta que también se inserta en el campo de estudios de la antropología escolástica.

**Palabras clave:** Tomás de Aquino, Tiempo de santidad, Juan XXII, Orden de los Predicadores, Procesos de Canonización, Hagiografía.

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Processos de Canonização entre 1198-1431	p. 19
Tabela 2: O tempo da santidade entre 1209-1325	p. 21
Tabela 3: Processos de Canonização durante o Papado de Avignon	p. 37
Tabela 4: Relação entre milagres narrados e itinerário de Guilherme de Tocco	p. 55
Tabela 5: Depoentes entre 23 de julho e 18 de setembro de 1319 no Palácio Episcopal de Nápoles	p. 56
Tabela 6: Lugar de origem dos interrogados em 1319	p. 57
Tabela 7: Leigos e religiosos interrogados em 1319	p. 57
Tabela 8: Interrogados em 1321	p. 58
	p. 59
	p. 60
Tabela 9: Frades Pregadores Interrogados em 1319	p. 77
Tabela 10: Hagiógrafos Dominicanos	p. 94
Tabela 11: Hagiografias Dominicanas	p. 96
Tabela 12: Número de interrogados para a canonização de Tomás de Aquino e Nicolas de Tolentino (1319-1325)	p.111
Tabela 13: Número de interrogados nos processos de Tomás de Aquino e Nicolas de Tolentino divididos por gênero	p.111
Tabela 14: Ordens religiosas/função clerical e leigos interrogados entre 1319-1321 sobre Tomás de Aquino	p.112
Tabela 15: Ordens religiosas/função clerical e leigos interrogados em 1325 sobre Nicolas de Tolentino	p.112
Tabela 16: <i>Pro e Contra</i> Tomás de Aquino nos primeiros 10 anos pós-morte	p.118
Tabela 17: Consultas feitas por João XXII (1318 e 1333)	p.124

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	p. 15
<b>Capítulo 1:</b>	
<b>Como se constrói um santo? Fontes para a <i>Ystoria sancti Thome de Aquino</i></b>	p. 35
<b>Capítulo 2:</b>	
<b>Tomás de Aquino, um santo dominicano?</b>	p. 67
<b>Capítulo 3:</b>	
<b>O tempo da santidade: Uma canonização Teológica de Tomás de Aquino?</b>	p.107
<b>Conclusão</b>	p.130
<b>Referências bibliográficas</b>	p.135
<b>Anexo</b>	p.164

## INTRODUÇÃO

Nos de santitate vitæ, ac miraculorum veritate, Confessoris ejusdem nom semel tantum, sed primo, & secundo; non festimè, sed mature inquiri fecimus; & per nos etiam, & Fratres nostros Sanctæ Romanæ Ecclesiæ Cardinales, inquisitionem hujusmodi, exacta discussione, examinavimus diligenter, ut tanto firmitus, quanto maturius, tanto certius, quanto disquisitius inquisitum & examinatum existeret, in sic arduo difficilique negotio procedere valeremus. Difficilia náque æstimamus quæ in terra sunt, & quæ in prospectu sunt, invenimus cum labore, quæ autem in Cælis sunt, quis investigabit? Cumque per hujusmodi nostram & eorundem Fratrum nostrum examinationem sollicitam, & sollicitudinem examinatum, vitam ejus sanctam, & miracula vera ejus meritis facta, probata esse constitit, & supplicantibus nobis idipsum humiliter, & devote multis tunc Prælati apud Sedem Apostolicam existentibus, de dictorum Fratrum nostrorum consilio & assensu, auctoritate Dei omnipotentis, Patris, & Filli, & Spiritu Sancti, ac Beatorum Pedri & Pauli Apostolorum ejus ac nostra, eum Sanctorum Confessorum Catalogo duximus ascribendum.<sup>1</sup>

Eis que no dia 18 de julho de 1323, uma solenidade reunia o Papa, cardeais, nobres e mendicantes para celebrar a memória do mais novo santo reconhecido pela Igreja. Homens e mulheres – como a Rainha da Sicília – que, por volta de 1317, iniciaram uma empreitada solicitando ao pontífice João XXII uma investigação sobre a santidade do Frei Tomás de Aquino, da Ordem dos Dominicanos. Na longa citação que antecede a este texto temos o desfecho favorável para mais uma festa dedicada a um santo. O Papa nos informa que, após receber pedidos feitos por nobres e muitos devotos para examinar a vida santa e os milagres que estavam sendo considerados méritos daquele Frei, uma inquirição foi realizada, examinada e que, a partir de sua autoridade divina, sendo comprovadas as suspeitas, deveria ser inscrita no Catálogo dos Santos Confessores a santidade, bem como a festa do Frei Tomás de Aquino.

---

<sup>1</sup> IOANNES EPISCOPVS. Canonizatio S. Thomae de Aquino Civitate provinciae Campaniae, professoris Ordinis Fratrum Praedicatorum S. Dominici, ejusque relatio in numerum Sanctorum Confessorum, com institutione suae festivitatis pro die 7 Martii. Apud: *BULLARIUM ROMANVM*: B. Leone Magno, vsq; ad S.D.N. Clamentem X. Opus absolutissimum, Laertii Cherubini Praestantissimi I.C.Romani e à D. Angelo Maria Cherubino Monaco Cassinensi e aliis illustratum e auctum. Editio novíssima. Quinque tomis distributa, vitis & Iconibus aeneis omnium Pontificum exornata. Lugduni: Sumpt Petri Borde Ioannis & Petri Arnaud, MDCLXXXII, p. 228. Tradução livre, realizada por Cassiano Malacarne, a quem agradeço: "Nós, sobre a santidade da vida, e da verdade dos milagres, aos confessores dele não somente uma vez, mas duas; não precipitadamente, mas no tempo certo fizemos ser inquiridos; e por nós também, e pelos nossos Irmãos Cardeais da Santa Igreja Romana, a investigação do mesmo modo, em cuidadosa discussão, examinamos diligentemente, tanto firmemente quanto prudentemente, tanto seguramente quanto a investigação inquirida e examinada se tornasse, nessa desse modo árdua e difícil causa decidimos intentar. Ora, se com dificuldade avaliamos que na terra exista, e que para a visão exista, descobrimos com trabalho, que porém sejam do céu, como investigar? Em qualquer caso ou circunstância por esse nosso modo e daqueles nossos Irmãos o exame atento, e o cuidado escrupuloso, a vida daquele santo, e os seus milagres verdadeiramente feitos com mérito, são provados existirem, suplicando a nós, conjuntamente em humildade, e em devoção com os muitos Prelados que então são existentes na Sé Apostólica, sobre as declarações de nossos Irmãos, com concílio e aprovação com a autoridade de Deus onipotente, do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e dos Beatos Apóstolos Pedro e Paulo daquele e nosso, aquele Catálogo dos Santos Confessores consideramos incorporado".

A Bula pode ser dividida em duas partes: a primeira trata da vida do Frei e a segunda apresenta os milagres reconhecidos e que atestam, portanto, sua santidade. Tomás de Aquino é apresentado como membro da Ordem dos Pregadores e doutor em Teologia. Sabemos que se dedicava à erudição e à escrita e que não era ocioso. Humilde, casto, parcimonioso. Um teólogo que fora convocado pelo Papa Gregório X para ir ao seu encontro e que, durante a viagem, ficou doente na diocese de Terracina, próxima ao Mosteiro de Fossanova.<sup>2</sup> Além disso, o Papa relata que após sete meses da morte, o corpo do Frei Tomás, que estava na Capela S. Stefano daquele Mosteiro seria trasladado. Porém, no dia da exumação, “in apertura ipsius sepulchri...tanta frangrantis odoris suavitas emanavit, quod totam Capelam Claustrumque ipsius Monasterii, quod diffusum est, mira eadem suavitate replevit...”.<sup>3</sup>

O anúncio do odor é o primeiro indício de santidade<sup>4</sup>. Neste caso, marca o início da segunda parte da Bula que, além do relato, apresenta dez milagres operados pelo santo após sua morte. Todos têm em comum o acontecimento próximo ou sobre a sepultura, ou, em alguns casos, após tocar as relíquias do santo. Em um milagre, Tomás de Aquino curou um homem que teve uma visão de um fantasma e que ficou com um problema nos pés. Ao ser levado à sepultura do santo, ficou curado. Também curou outra dor nos pés, que impedia um homem de andar; curou dores fortes no braço direito de um converso e dores na garganta. Eram homens, mulheres, crianças, religiosos e leigos.<sup>5</sup>

Este é o objeto de estudo da presente tese: a Canonização de Tomás de Aquino. Procuramos abordar diferentes aspectos que, em conjunto, permitem explicar o funcionamento de um processo. Era necessária a autorização papal e a mobilização de pessoas interessadas na oficialização de um culto prestado a alguém por sua excepcionalidade, tanto em vida, quanto após a morte. Os resultados: a inscrição do nome do santo no calendário das festas da Igreja e a oficialização de uma narrativa biográfica.

No projeto de tese anunciamos que, a partir da primeira hagiografia sobre Tomás de Aquino, ou a *Ystoria sancti Thome de Aquino*, escrita por Guilherme de Tocco, e a relação desse texto com outros escritos hagiográficos elaborados e compilados no seio da Ordem dos Dominicanos, da qual fizeram parte tanto o santo quanto aquele que escreveu sobre sua vida, nosso principal objetivo era compreender as relações entre aquela Ordem e o papado, bem como colocar em perspectiva a hagiografia dominicana: os argumentos, os *topoi* narrativos e

<sup>2</sup> IDEM. Ibid. p. 226.

<sup>3</sup> IDEM. Ibid. p. 227. Tradução livre: “na abertura de sua sepultura [...] tanta fragrância com odor suave emanava, que todo o claustro da capela daquele mosteiro, que difuso é, estava repleta daquela suavidade...”. Grifos meus.

<sup>4</sup> ALBERT, J-P. *Odeurs de Sainteté: la mythologie chrétienne des aromates*. Paris: EHESS, 1990.

<sup>5</sup> IOANNES EPISCOPVS. Canonizatio S. Thomae de Aquino ...op. cit. pp. 227-228.

recursos retóricos. Isto porque, para o período no qual a *Ystoria* foi elaborada, as concepções sobre santidade, milagre e a escrita hagiográfica passavam por modificações.

Uma de nossas hipóteses é a de que a construção da santidade de Tomás de Aquino deu-se a partir da utilização de aspectos tradicionais, fazendo deste um santo taumaturgo, principalmente. Porém, o objetivo era consolidar suas perspectivas teológicas. Isto nos levou ao seguinte grupo de questões: se a sua atuação no âmbito intelectual e doutrinário – como professor em Paris e autor de importantes tratados, como a *Suma Teológica* – revelam, como consolidado na historiografia, uma personagem inovadora (ou renovadora) para o século XIII qual a necessidade de um santo tradicional? Por que mestres em teologia e “intelectuais” não foram interrogados? Por que não um santo com características condizentes com o momento no qual sua memória foi fabricada? Aliás, as hagiografias e a santidade no final da Idade Média, passavam mesmo por uma transformação?

Reproduzimos aqui uma pergunta que André Vauchez já fez sobre a função das hagiografias do final da Idade Média: elas mudaram?<sup>6</sup> Procuramos responder a tal pergunta visando defender a aplicabilidade do conceito de **tempo da santidade**. Trata-se de uma ferramenta que criamos a partir da análise da trajetória de Tomás de Aquino de sua morte à canonização. Entre 1274 e 1323, o teólogo da Ordem dos Pregadores foi alvo de inúmeras críticas, ressalvas e *correctoria*. No entanto, a partir da sua canonização e, principalmente após, foi alçado à condição de pensador mais influente da Igreja Católica no Ocidente. Para elaborar o conceito em questão consideramos dois grupos de documentação: relatos sobre vidas de santos e processos de canonização. No que tange ao caso de específico de Tomás de Aquino, os inquéritos realizados em 1319 e 1321 e a *Ystoria sancti Thome Aquino* escrita no mesmo período.<sup>7</sup> Além disso, as bulas papais concernentes ao caso também foram importantes peças na elaboração do termo.

Em relação ao significado do conceito em si, a sua principal característica está calcada na ideia de que a santidade é um fenômeno social construído, ou seja, trata-se da eleição de um homem ou mulher a quem são atribuídas características específicas e excepcionais em

<sup>6</sup> VAUCHEZ, A. “Saints admirables et saints imitables: les fonctions de l’hagiographie ont-elles changé aux derniers siècles du Moyen Âge?”. In: *LES FONCTIONS DES SAINTS DANS LE MONDE OCCIDENTAL (IIIe-XIIIe SIÈCLE)*. Rome: Palais Farnèse, 1991. pp. 161-172.

<sup>7</sup> Utilizamos nesta pesquisa, inicialmente, a compilação das fontes para a canonização de Tomás de Aquino, que consta no Tomo I do mês de Março dos *Acta Sanctorum*, de 1668. Identificada nas notas pela sigla AA SS, Martii I, p. xx. Além disso, o texto de Guilherme de Tocco consultado foi o da edição preparada e fruto da tese de doutorado de Claire Le Brun-Gouanvic. A referência a este texto se dará pelo título em itálico: *Ystoria*, p. xx. Em relação às demais fontes, como Bulas papais, manuais e fontes relacionadas à Inquisição, utilizamos a documentação disponível em compêndios, como pode ser verificado nas referências bibliográficas. Adotamos um procedimento de citar os textos – não apenas as fontes – em seus idiomas originais e, em nota de rodapé, além da referência, o leitor encontrará uma tradução livre do referido trecho.

relação aos demais homens e mulheres. Dentre essas características estão incluídas a capacidade de interceder a favor, de punir e também servir como modelo de conduta. Para operar essa construção, então, defendemos que ela ocorre de modo retroativo, começando, especificamente, com a decisão papal pelo reconhecimento oficial da santidade e terminando no momento da morte do santo. Sendo assim, **tempo da santidade** é o tempo transcorrido entre a canonização e a morte expresso em uma tabela de temporalidade que fica melhor evidenciada quando entendida de forma comparada. No caso específico que analisamos, optamos por trabalhar com um **tempo** de quarenta e nove anos na passagem do século XIII para o XIV.

O processo de canonização foi selecionado para esta pesquisa na medida em que é peça chave para a compreensão do momento de fabricação da santidade de Tomás de Aquino. Instituído no século X e amplamente utilizado a partir do século XIII, esse recurso jurídico para o reconhecimento oficial da santidade colocava frente a frente os interessados na oficialização do culto a um homem ou uma mulher. Pelos processos temos nomes de nobres, religiosos, administradores, letrados, iletrados, assim como temos acesso às perguntas e respostas que contribuía para que o culto fosse reconhecido ou negado. Além disso, a partir do desenrolar dos processos, podemos inferir sobre que santidade interessava ao papado reconhecer. Certamente, esse reconhecimento não foi o mesmo entre os séculos XI e XIV.<sup>8</sup>

Como indica a bibliografia sobre a santidade na Idade Média<sup>9</sup>, os processos de canonização instituíram uma certa racionalização e a crítica sobre os milagres fez com que o número de santos reconhecidos pelo Papado diminuísse em números absolutos.

---

<sup>8</sup> Principalmente: VAUCHEZ, A. *La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age: d'après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*. 2<sup>ème</sup> éd. Roma: École française de Rome, 1981.

<sup>9</sup> Além da obra de Vauchez, podemos destacar: BELL, R. e WEINSTEIN, D. *Saints and society. The two worlds of Western Christendom, 1000-1700*. Chicago: UCP, 1982. GAJANO, S. B. "Santidade". In: LE GOFF, J. & SCHMITT, J-C. (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; EDUSC, v.2, pp. 449-462. DELOOZ, P. *Sociologie et canonisations*. Liège – Dans Haag: s/ed, 1969. *LES FONCTIONS DES SAINTS DANS LE MONDE OCCIDENTAL (III<sup>e</sup> – XIII<sup>e</sup> SIECLE)*. Roma: École Française de Rome; Palais Farnèse, 1991. LETT, D. *Un procès de canonisation au Moyen Âge. Essai d'histoire sociale: Nicolas de Tolentino, 1325*. Paris: PUF, 2008. KLANICZAY, G. (dir.). *Procès de canonization au moyen âge: aspects juridiques et religieux*. Roma: École Française de Rome, 2004. KLEINBERG, A. *Histoires de Saints: leur rôle dans la formation de l'Occident*. Trad. Par Moshé Méron. Paris: Gallimard, 2005. SILVA, A. C. L. F. da. A santidade como construção histórica: o caso de Santo Domingo de Silos". *Anais: IV Encontro Internacional de Estudos Medievais da ABREM*. Ângela V. Leão e Vanda O. Bittencourt (orgs.). Belo Horizonte, MG: Puc-Minas, 2003. pp.640-648.

**Tabela 1: Processos de canonização ordenados e efetuados entre 1198 - 1431.**

PERÍODOS	PROCESSOS ORDENADOS PELO PAPADO	CANONIZAÇÕES EFETUADAS	MÉDIAS
1198-1268	47	23	48,93%
1268-1304	2	1	50%
1305-1378	12	7	58,33%
1379-1431	10	5	50%
TOTAL	71	35	

Fonte: VAUCHEZ, A. *La Sainteté en Occident...* op cit. p.71. Grifos meus. A coluna com as médias não consta na obra de Vauchez.

No entanto, se considerarmos a margem percentual, o número de santos manteve-se, na verdade, numa média proporcional constante, ou seja, embora tenham diminuído o número de santos canonizados, do século XII ao XV, segundo os recortes temporais estabelecidos por Vauchez, o número oscilou entre 48,9 a 58,3% do total de demandas abertas. Sob tal aspecto, então, os papas de Avignon não se destacam necessariamente dos demais e é importante ressaltar também que esse controle não acabou com a santidade não oficial, isto é, com o culto a santos não canonizados.

Essa aparente, porém relativa racionalização progressiva teria provocado e/ou seria acompanhada por uma modificação na escrita hagiográfica. As hagiografias caminhariam para a valorização dos aspectos virtuosos e não dos maravilhosos. Em outras palavras, um relato sobre santo, como a maioria dos relatos da *Legenda áurea*, por exemplo, seria arcaico se se tratasse de um mártir, ou de santos que viveram e morreram antes do século XIII.<sup>10</sup>

Para o século XIII e, principalmente, para o século XIV temos um quadro diferente, no qual André Vauchez defendeu a idéia de “santidade recente”, ou seja, santos que têm um tempo de santidade com menos de 60 anos. Segundo Vauchez, a categoria de “santos muito antigos” – mais de 100 anos decorridos entre a morte e a canonização antes de 1304 – praticamente desapareceu. Além disso, o autor aponta que papas como Gregório IX optaram por canonizar seus contemporâneos, como Francisco de Assis e Domingos de Gusmão, assim

<sup>10</sup> A principal obra sobre a *Legenda Áurea*, até hoje, é: BOUREAU, A. *La Légende dorée: le système narratif de Jacques de Voragine (†1298)*. Paris: Cerf, 1984. Esse mesmo autor coordenou um recente projeto de tradução para o francês do texto integral. Cf.: JACQUES DE VORAGINE. *La Légende dorée*. Trad. Alain Boureau, Monique Goulet et Laurence Mouinier. Paris: Gallimard, 2004. VAUCHEZ, A. “Jacques de Voragine et les saints du XIIIe s. dans la *Légende dorée*”. In: DUNN-LARDEAU, B. *Legenda Aurea: Sept siècles de diffusion*. Montreal/Paris: Bellarmin/Vrin, 1986. pp. 27-56. Em nossa dissertação de mestrado defendemos que, em alguns aspectos, como, por exemplo, na forma de escrever e na divulgação de valores morais relacionados à prostituição, a *Legenda Áurea* não pode ser considerada como arcaica – no sentido de não apresentar novidades para o século XIII. Neste trabalho, porém, realizamos uma comparação dessa obra com a *Suma Teológica*, escrita pelo também dominicano Tomás de Aquino. Portanto, o foco foi nas formas de produção de conhecimento na Ordem dos Pregadores, e não sobre a santidade em si. Cf.: TEIXEIRA, I. S. *A encruzilhada das idéias: aproximações entre a Legenda Áurea (Iacopo da Varazze) e a Suma Teológica (Tomás de Aquino)*. **Dissertação** (Mestrado em História), UFRGS. Porto Alegre, 2007.

como Inocêncio IV o fez em relação a Pedro Mártir e Bonifácio VIII em relação a São Luís. Isso implicaria na diminuição do tempo de espera entre morte e canonização.

Logo, a partir dessas considerações, podemos afirmar que santos oriundos de ordens mendicantes representavam, além da diminuição no tempo da santidade, uma nova aposta pontifícia para seus anseios de controle da cristandade.<sup>11</sup> Tal fato situa perfeitamente a canonização de Tomás de Aquino em seu tempo. Porém, considerando o **tempo da santidade** na tabela abaixo podemos realizar algumas reflexões iniciais.

O caso de Tomás é o terceiro mais longo (49), ficando atrás de Margarida da Hungria (673) e Nicolas de Tolentino (141). Se considerarmos que o quarto **tempo da santidade** mais longo nesta tabela é de 20 anos, a canonização que analisamos está entre as que destoam das demais. Além disso, como membro de uma ordem religiosa que já possuía dois santos reconhecidos oficialmente e com **tempo da santidade** de 13 e 2 anos, (Domingos de Gusmão e Pedro de Verona, respectivamente), por que o intervalo de 49 anos? E, se considerarmos o **tempo da santidade** de santos franciscanos (canonização de Clara de Assis em 1255 e morte de Francisco de Assis em 1226) teremos três santos em 29 anos. No caso dos frades pregadores, se considerarmos a canonização de Tomás e a morte de Domingos temos um **tempo da santidade** de 102 anos para três canonizados.

A partir desta tabela acreditamos ser necessário propor algumas análises sobre o próprio conceito com o qual estamos operando. A expressão “tempo de santidade” pode levar a uma interpretação de que, por exemplo, o tempo no qual Tomás de Aquino foi cultuado e/ou considerado como santo é apenas o tempo compreendido entre a morte e a canonização. Não é isso o que afirmamos. Consideramos o **tempo de santidade** como o tempo no qual a santidade foi construída. Talvez a melhor expressão seja “tempo para a santidade”, “tempo para a canonização” ou mesmo a expressão forjada por Vauchez como “santidade recente”. Descartamos esta última, porque ela considera apenas santos com 60 anos de intervalo entre morte e canonização. A categoria que propomos pode ser aplicada a qualquer santo, independente se “recente” ou “mais antigo”, como fica demonstrado no caso de Margarida da Hungria e Nicolas de Tolentino, por exemplo, na tabela acima. Em relação a “tempo para a santidade” ou “para a canonização”, não os utilizaremos por considerarmos **tempo de santidade** uma forma mais polida.

---

<sup>11</sup> Uma das bases que sustenta a argumentação sobre o arcaísmo na *Legenda áurea* vem exatamente da pouca ocorrência de registros sobre santos do século XIII nessa compilação. Cf. VAUCHEZ, A. “Jacques de Voragine et les saints du XIIIe Siècle dans la *Légende Dorée*”... op. cit.

**Tabela 2: Tempo da Santidade de santos e candidatos a santos entre 1209 e 1334**

SANTOS E CANDIDATOS A SANTOS DE ORDENS RELIGIOSAS ENTRE 1209-1334				
Santo	Tempo da Santidade			
	Morte	Inquéritos	Canonização	Tempo da Santidade
Francisco de Assis	1226	1228	1228	2
Antônio de Pádua	1231	1231/1232	1232	1
Domingos de Gusmão	1221	1233	1234	13
Benvenuto de Gubbio	1232	1236	?	4
Ambrósio de Massa	1240	1240-41/ 1251-52	?	12
João, o Bom, de Mântua	1249	1251/ 1253-54	?	5
Simon de Collazzone	1250	1252	1253	3
Pedro de Verona	1252	1252	1253	1
Clara de Assis	1253	1253	1255	2
Margarida da Hungria	1270	1271/1276	1943	673
Luis d'Anjou	1297	1308	1317	20
Clara de Montefalco	1308	1318/1319	?	11
<b>Tomás de Aquino</b>	<b>1274</b>	<b>1319/1321</b>	<b>1323</b>	<b>49</b>
Nicolas de Tolentino	1305	1325/1357	1446	141

Outra observação também é necessária em relação a este conceito. Consideramos como a data inicial para o mesmo a data da canonização e/ou de um reconhecimento oficial da santidade. Cabe a pergunta: o conceito só pode ser utilizado para santos canonizados? A princípio pensamos que sim, mas apenas a realização de pesquisas monográficas sobre casos específicos poderia levar a uma resposta mais elaborada para esta pergunta. Suponhamos que Tomás de Aquino não tivesse sido oficialmente canonizado, porém, temos o registro arqueológico, documental da criação da primeira capela em seu nome. Poderíamos considerar tais registros como registros precisos de um culto? Sim, e ainda assim poderíamos utilizar o conceito de **tempo de santidade** para o caso de Tomás. Contudo, é importante que o leitor e/ou o pesquisador que porventura venha a utilizar o conceito leve em conta que foi um

conceito criado para a análise de um caso específico, a saber, a canonização de Tomás de Aquino, e que não se trata do tempo em que Tomás foi considerado santo. Ao contrário, é o tempo transcorrido para que seu culto e reconhecimento oficial acontecesse.<sup>12</sup>

A elaboração do conceito levou a um redirecionamento da proposição teórica inicial pensada para a tese. Seu título original era *“Et quod tot fecerat miracula quod scripserat articulos”*: **santidade, hagiografia e história na canonização de São Tomás de Aquino (1274-1323)** e havíamos situado nossa investigação no âmbito dos estudos da antropologia histórica, especificamente sobre o imaginário.<sup>13</sup>

Durante a pesquisa chegamos às seguintes questões que redirecionaram a análise:

- 1) Qual o lugar dos processos de canonização nas práticas inquisitoriais cada vez mais comuns no ocidente medieval (confissão obrigatória, investigações contra heresias)?
- 2) Existiam manuais para canonização, como os manuais de confissão e inquisição?
- 3) Na ausência de manuais de canonização era possível que os interrogatórios sobre a santidade pudessem ter a estrutura dos processos inquisitoriais?
- 4) Se sim, em que se aproximam e em que se distanciam?
- 5) Havendo possibilidade de comparar esses tipos de processos é possível utilizar o processo de canonização como fonte para história social?
- 6) Como realizar uma análise social a partir de documentos que tratam de milagres e homens e mulheres com poderes excepcionais?

---

<sup>12</sup> Agradeço imensamente aos professores membros da banca na sessão de defesa da tese. As considerações e análises relacionadas ao conceito como estava definido inicialmente contribuíram para que, no nosso entendimento, a noção de **tempo de santidade** assumisse um caráter mais abrangente e de possível aplicação para outros casos, além do aqui analisado.

<sup>13</sup> Entendíamos que as análises deveriam ser pautadas na procura por reflexões que consistissem “em explorar as lógicas que dirigem os comportamentos coletivos menos voluntários e menos conscientes”.BURGUIÈRE, A. “Antropologia Histórica”. In: IDEM. (Org.). *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 65. Cf: IDEM. “A Antropologia Histórica”. In: LE GOFF, J. (Org.). *A História Nova*. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. pp. 125-152. Segundo Jean-Claude Schmitt, o imaginário é “uma realidade coletiva que consiste em narrativas míticas, ficções, imagens, compartilhadas pelos atores sociais” que constitui a coesão e forma a identidade de um grupo. Cf: SCHMITT, J-C. “A Imaginação eficaz”. *Signum*, São Paulo, nº3, 2001. p. 133-150.

A partir deste conjunto de questões, surgiram outras: Quem seriam os interessados na canonização de Tomás? Os frades pregadores? Os interrogados? O papa João XXII?<sup>14</sup>

Para atender a essas novas exigências da pesquisa, as reflexões a partir da **Antropologia Escolástica** continuam sendo fundamentais, porém, com outro foco. Em linhas gerais, trata-se de uma abordagem que nasceu com o objetivo de estudar uma nova concepção da “ciência do homem” na escolástica medieval entre 1200-1350. Uma característica do Groupe de Anthropologie Scolastique (GAS) é a **análise sobre a relação entre teologia, direito, filosofia, ciências, política e economia no seio das universidades medievais**.

As miradas para o direito na Idade Média; a constante utilização de hagiografias nas investigações; o recorte cronológico-espacial, a atenção ao universo intelectual, à produção e à circulação de conhecimento são elementos que permitem um acompanhamento metodológico próximo das propostas contidas na tese que apresentamos. Isto porque os pesquisadores envolvidos nessas investigações estão atentos às mudanças: nas formas de entendimento dos milagres e das transformações nos relatos hagiográficos, no direito “positivo” e a sistematização do direito canônico – e o interesse nos processos de canonização –, bem como na vida intelectual.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> Neste ponto destaco a importância do curso de teoria ministrado pelo Prof. Benito B. Schmidt para a linha de pesquisa **Relações sociais de dominação e resistência** em 2008 e da bibliografia discutida e analisada na ocasião, como: REVEL, J. L’histoire sociale. In: IDEM e WACHTEL, N. (orgs.). *Une école pour les sciences sociales*. Paris: EHESS, 1996. pp. 49-72. IDEM. A história ao rés-do-chão. In: LEVI, G. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. pp. 07-37. LEVI, G. *A Herança Imaterial: Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. IDEM. “Sobre a micro-história”. In: BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. pp. 133-161. IDEM. “Os Perigos do Geertzismo”. *História Social*, Campinas, nº6, pp. 137-146, 1999. LIMA, H. E. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. HOBBSAWM, E. Da história social à história da sociedade. In: *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 83-115. GINZBURG, C. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia das Letras, 1987. IDEM. O Inquisidor como antropólogo: uma analogia e suas implicações. In: *A Micro-História e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989. DAVIS, N. Z.. Las formas de la historia social. *Historia social*, 10:177-182, primavera/verão 1991. pp. 177-182. BOURDIEU, P.; CHARTIER, R.; DARNTON, R. “Dialogue à propos de l’Histoire Culturelle”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 59, sept/1985, pp. 86-93.

<sup>15</sup> Cf. BOUREAU, A. “Miracle, volonté et imagination: la mutation scolastique (1270-1320)”. In: *MIRACLES, PRODIGES ET MERVEILLES AU MOYEN ÂGE*. Paris: Sorbonne, 1995. pp.159-172; IDEM. “Droit naturel et abstracion judiciaire: hypothèses sur la nature du droit medieval”. *Annales HSS*, Nov-déc, 2002, nº 6, pp. 1463-1488. Ambos os textos serão retomados no capítulo 1. COCCIA, E. e PIRON, S. “Poesia, ciência e política: uma geração de intelectuais italianos (1290-1330)”. In: PEREIRA, N. M. ; ALMEIDA, C. C. de e TEIXEIRA, I. S. (Orgs). *Reflexões sobre o medievo*. São Leopoldo : Oikos, 2009. pp. 60-99. (Texto originalmente publicado como : “Poésie, Science et Politique: une génération d’Intellectuels italiens (1290-1330)”. *Revue de Synthèse*, vol.129, nº 4, dec. 2008, pp. 549-586. Todo o número 4 deste periódico foi sobre o tema “le travail intellectuel au Moyen Âge. Cf. também PIRON, S. “Une anthropologie historique de la scolastique”. *Annales HSS*, v.64, n.1, jan-fév/2009, pp. 207-215; IDEM. “Demonologie et anthropologie scolastique”. *Cahiers du Centre de recherches historique*, n.37, avr/2006, pp. 173-179. Para mais informações sobre o GAS: <http://gas.ehess.fr/document.php?id=221>. Consultado em março de 2009.

Consideramos a canonização de Tomás de Aquino como objeto da Antropologia Escolástica na medida em que Guilherme de Tocco valeu-se de outras compilações dominicanas inserindo-as na *Ystoria*. Aparentemente, uma operação hagiográfica que não destoa muito das demais. No entanto – e por isso a consideração do **tempo da santidade** –, as relações entre Tomás de Aquino, a Ordem dos Dominicanos, as polêmicas na Universidade de Paris (1277), o papa João XXII e a polêmica com os espirituais Franciscanos no século XIV, podem revelar aspectos que vão além do estabelecimento do culto a um santo. Revelam aspectos de debates intelectuais, de posicionamentos mais sistemáticos sobre esses debates (caso da Ordem dos Dominicanos em relação a Tomás) e das relações de poder necessárias e atuantes para o reconhecimento oficial da santidade.

Desta forma, é imprescindível que consideremos as características da produção do texto da *Ystoria* e sua simultaneidade em relação aos inquéritos de 1319 e 1321. No século XIII, estaria se desenvolvendo também uma nova forma de escrita sobre vidas de santos, as chamadas “Biografias espirituais”, relacionadas às Beguinas. Segundo Ana Paula Lopes Pereira, Jacques de Vitry e Thomas de Cantimpré transformaram o

discurso hagiográfico tradicional [...] não somente pela escolha dos temas tratados, onde o acento é colocado sobre a ascese interior e sobre os fenômenos místicos, mas sobretudo no envolvimento pessoal dos biógrafos com seu sujeito de análise e objeto de devoção.<sup>16</sup>

Para esta autora, o fato desses dois hagiógrafos explicitarem os seus objetivos nos prólogos de narrativas dedicadas às Beguinas marcou o método hagiográfico e as “biografias espirituais” se distinguiriam das hagiografias tradicionais por serem “fruto de uma realidade vivida em uma rede de espiritualidade fundamentada nas relações interpessoais”.<sup>17</sup> Cabe uma ressalva, que delimita, inclusive, a análise da autora: o público visado por Jacques de Vitry e Thomas de Cantimpré era mais restrito, circunscrito a uma “rede de amigos que acreditava no poder e no saber destas mulheres”. Diferente do público esperado por Guilherme de Tocco e ordenado pelo papa no ato da canonização: *universas ecclesia*.

No século XIV, principalmente entre 1305-1378, quando do Papado de Avignon, a santidade e a escrita hagiográfica estariam descritas, representadas e apresentadas a partir de

---

<sup>16</sup> PEREIRA, A.L. “O Método Hagiográfico de Jacques de Vitry (†1240) e de Thomas de Cantimpré (†1262)”. XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: **Usos do Passado**. Niterói, ANPUH/RJ, 2006. p. 02. Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/Anais/2006/conferencias/Ana%20Paula%20Lopes%20Pereira.pdf>. Consultado em março de 2009.

<sup>17</sup> IDEM. Ibid. p. 04.

novos elementos e, na expressão de Weinstein e Bell, seriam “sofisticadas biografias”.<sup>18</sup> Em síntese, Guy Phillipart, propôs um conceito para o entendimento dessas transformações, a saber, a “hagiografia historiográfica” que consiste na questão literária definida, tanto pelo herói ou pelo santo, quanto pela pretensão de verdade.<sup>19</sup>

O leitor já deve ter se perguntado: quantos termos aparecem nestas poucas páginas para se referir à fonte estudada? Hagiografia, biografia, *legenda*, *Ystoria*. São sinônimos?

Ao analisar a tradição manuscrita do texto de Guilherme de Tocco, Claire Le Brun-Gouanvic levantou cerca de vinte e cinco versões entre textos completos, incompletos e resumos dos milagres.<sup>20</sup> Considerando os dezenove manuscritos completos, constatamos que não há distinção. *Ystoria* (ou *historia*) e *legenda* são utilizados como sinônimos.<sup>21</sup> O Ms F<sup>22</sup>, datado da primeira metade do século XIV tem o título: “*Prohemium in ystoria sancti Thome de Aquino et de necessitate institutionis ord. Predicatorum et eius commendatione*”. Ou o Ms L<sup>23</sup>, do fim do século XIV, com o título: “*Prohemium de hystoria beati Thome de Aquino ordinis fratrum predicatorum. Et primo de necessitate institucionis eiusdem ordinis et eius commendatio*”, com a subscrição: “*Explicit legenda sancti Thome de Aquino*”. Ou, ainda, o Ms V<sup>24</sup>, também do fim do século XIV, possui a inscrição: “*Prohemium in ystoria sancti Thome de Aquino. De necessitate institutionis ordinis predicatorum et eius commendatione. Primum Capitulum*”. Dentre os do século XV, um exemplo: o Ms. B<sup>25</sup> leva o título: “*Incipit prohemium in Legendam sancti Thome de Aquino. Et primo necessitate institutionis ordinis predicatorum et eius commendacione sic incipit feliciter*”.<sup>26</sup>

<sup>18</sup> BELL, R. M; WEINSTEIN, D. *Saints & Society: The two words of western Christendom (1100-1700)*. Chicago: UCP, 1982.

<sup>19</sup> PHILLIPART, G. “L’hagiographie comme littérature: concept recent et nouveaux programmes?”. *Revue des Sciences Humaines: L’hagiographie*, n.251, jui-sept/1998, pp. 11-39. Textes réunis par Elisabeth Gaucher et Jean Dufournet.

<sup>20</sup> LE BRUN-GOUANVIC, C. “La tradition du texte”. In: GUILLAUME DE TOCCO. *Ystoria Sancti Thome de Aquino de Guillaume de Tocco (1323)*. Toronto: PIMS, 1996. pp. 61-67.

<sup>21</sup> IDEM. Ibid. pp. 61-65.

<sup>22</sup> Firenze, Bibliotheca Nazionale, Conv. Soppr. J. VII. 27, ff. 96ra-132va; pergaminho, 215 x 145mm. Origem: convento de Santa Maria de Florença.

<sup>23</sup> Londres, British Museum, Burney 349, ff. 76v-126v; pergaminho, 260 x 190mm.

<sup>24</sup> Vaticano, Biblioteca Apostólica, Vat. Lat. 10153, ff. 1vb-28vb. pergaminho, 290 x 208mm. Origem: convento dominicano de Orviedo.

<sup>25</sup> Berlim, Staatsbibliothek Preussischer Kulturbesitz, Lat. qu. 707, ff. 145r-183r, XVe s. (1479), papier, 210 x 144mm.

<sup>26</sup> No *Dicionário Du Cange*, temos a seguinte definição para *Legenda*: “livro sobre os atos dos santos” e há a indicação dos termos *Martyrum* (martírio), *Passionariis* (passionário, no sentido de Paixão de Cristo), *Leggendarius* (legendário) e *vita* (vida). Além disso, para o termo *Historia*, temos: livros de lições divinas que são recitados na Igreja todos os dias. DU CANGE, Charles du Fresne. *Glossarium ad scriptores mediae et infimae Latinitatis*. T. II (D-H), p.842; T. III (I-N), p.273. Na edição consultada não há verbete para *Ystoria* isponível em: <http://www.uni-mannheim.de/mateo/camenaref/ducange/bd3/jpg/s0273.html>. Consultado em fevereiro de 2009.

Para Bernard Guenée, a História na Idade Média sequer foi considerada como um primeiro ofício. Os que se dedicaram à atividade de escrever sobre o passado e a construir narrativas memoráveis sobre personagens, como Reis, Príncipes e Santos, por exemplo, não faziam apenas isso, mas sempre desempenhavam outras funções.<sup>27</sup> Entretanto, o autor defendeu que existiram muitos historiadores na Idade Média.<sup>28</sup> Segundo Guenée, existiam várias acepções e usos para a história naquele período. Por exemplo, a história podia ser uma narrativa simples sobre o que se passou, ou mesmo ser o que se passou; o livro no qual a narrativa se encontra; e, a partir do século IX, um uso litúrgico mais preciso: “*historia* [comme] un récit qui s’attache essentiellement à dire la vie d’un saint et sert de base à la composition de *repons* qui seront dits à l’office de ce saint”.<sup>29</sup> Portanto, importava que fosse um discurso verdadeiro e diferente da fábula. Segundo Guenée, a concepção cristã linear de tempo restringiu o terreno do historiador aos eventos e fenômenos com datas asseguradas, do começo do mundo ao tempo daquele que escreve. As coisas do porvir, das quais não se sabia quando aconteceriam, estavam relacionadas às profecias.<sup>30</sup>

A princípio, seria o caso simples de dois termos sinônimos: *ystoria* e *legenda*. Entretanto, Guenée nos oferece elementos para aprofundar a análise ao diferenciar história e hagiografia. Uma das diferenças consiste na atemporalidade do relato sobre vida de santo, ou seja, a ausência de datas por exemplo, pois, o que interessa nesse tipo de texto é instruir.<sup>31</sup> Além disso, seguindo aquela definição, seria conveniente excluir as vidas de santos da categoria de história, pois “L’historiographie médiévale se situa mal dans l’espace mais vit dans le temps son essence même. Sur elle pèse la tyrannie de la chronologie”.<sup>32</sup> Sendo assim, a história deveria tratar basicamente dos Príncipes.<sup>33</sup>

Uma argumentação próxima foi desenvolvida por François Dosse na obra *Le Pari Biographique*, na qual considerou que o que ensina a hagiografia é uma verdade diferente da factual, mas também observa que o termo *legenda* pode ser traduzido como “o que deve ser lido sobre”.<sup>34</sup> Para Dominique Boutet, textos que aparentemente seriam hagiográficos tendem

<sup>27</sup> GUENÉE, B. “História”. In: LE GOFF, J. e SCHMITT, J-C. (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Coord. de Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: EDUSC; Imprensa Oficial do Estado, v1. 2006, p.523 e *passim*.

<sup>28</sup> IDEM. *Histoire et Culture historique dans l’Occident médiéval*. Paris: Aubier Montaigne, 1980.

<sup>29</sup> IDEM. Ibid. p.18. Tradução livre: “*historia* [como] uma narrativa que se associa essencialmente à vida de um santo e serve de base para a composição do *responsório* dito no ofício desse santo”. Grifos do autor.

<sup>30</sup> IDEM. Ibid. p. 19.

<sup>31</sup> IDEM. Ibid. pp. 53-54.

<sup>32</sup> IDEM. Ibid. p. 22. Tradução livre: “A historiografia medieval se situa mal no espaço, mas vive no tempo a sua essência. Sobre ela pesa a tirania da cronologia”.

<sup>33</sup> IDEM. Ibid. p. 23.

<sup>34</sup> DOSSE, F. *Le pari biographique: écrire une vie*. Paris: La Découverte, 2005. p. 149 e 153.

a utilizar métodos historiográficos, principalmente no que tange à inserção e referências a documentos diplomáticos nos textos.<sup>35</sup>

Michel de Certeau indicou que o termo “hagiografia” trata-se de uma invenção do século XVII, com os termos *hagiologia* e *hagiologique* e que, desde então, são utilizados para definir os relatos sobre vidas de santos. Assim como Guenée, defendeu que a hagiografia é o oposto da historiografia, ou mesmo, “sua traição”, pois não está interessada no que se passou, e sim, no que é exemplar.<sup>36</sup> Além disso, o espaço é mais importante que o tempo, o que configura o relato hagiográfico distinto da biografia.<sup>37</sup> Outra característica, segundo Michel de Certeau, é que a hagiografia estaria fora do dogma e da norma, pois era uma leitura festiva, que, ao invés de tratar das coisas proibidas, trata do que é permissível.<sup>38</sup>

Faz-se necessário deixar claro que, diferentemente, entendemos que a hagiografia faz parte do dogma e da norma por ser um tipo de texto e de narrativa utilizada em sermões, por exemplo, com o objetivo de divulgar (ou vulgarizar) a doutrina. Portanto, para servir a esse objetivo, o relato sobre vida de santo deve possuir elementos que permitam ao pregador transmitir uma lição aos seus ouvintes. Tais elementos podem ser os recursos retóricos como os *exempla*.<sup>39</sup>

O próprio Michel de Certeau apontou que a estrutura do discurso hagiográfico fornece uma série de personagens com características semelhantes, mudando apenas os nomes próprios, e o que interessa são os modelos que resultam da combinação entre elas. Essas características foram apontadas pelo autor como a construção da figura do santo em termos semânticos (por exemplo, o sangue significando a graça e as genealogias e hierarquias significando a sacralização de uma ordem estabelecida); uma escatologia própria, que pode transformar pobres em reis, bem como uma escatologia circular que remete sempre às mesmas coisas.<sup>40</sup>

A partir das hagiografias os historiadores podem analisar os sistemas de representação de uma sociedade em um determinado período. Trata-se, portanto, de um tipo de texto que remete à coletividade, na medida em que pode indicar as relações, conflituosas ou não, que

<sup>35</sup> BOUTET, D. “Hagiographie et historiographie: la *Vie de saint Thomas Becket* de Guernes de Pont-Sainte-Maxence et la *Vie de saint Louis* de Joinville”. *Le Moyen Age: Revue d’Histoire et de Philologie*, Tome CVI, nº2, 2000. pp. 277-293.

<sup>36</sup> CERTEAU, M. de. *L’Écriture de l’histoire*. Paris: Gallimard, 2002. pp. 316-317.

<sup>37</sup> IDEM. Ibid. p. 331.

<sup>38</sup> IDEM. Ibid. p. 322.

<sup>39</sup> “conto breve dado como verídico (= histórico) e destinado a ser inserido num discurso (em geral, um sermão) a fim de convencer um auditório por meio de uma lição salutar”. LE GOFF, J. *O Imaginário Medieval*. Trad. Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994. p. 123.

<sup>40</sup> CERTEAU, M. de. *L’Écriture de l’histoire...op. cit.* p. 326.

um grupo mantém com outros grupos, bem como à identidade, ou seja, o sentimento de pertencimento e a consciência que um grupo tem de si mesmo.<sup>41</sup> Isto porque é um texto perpassado por símbolos, os quais Certeau chamou de tópicos hagiográficos. Os tópicos hagiográficos, segundo este autor, são: 1) o demoníaco ou agônico, no qual percebemos os combates celestes, as figuras do diabo e suas metamorfoses; 2) histórico ou escriturário, no qual o santo “repete, desenvolve e ilustra” o Antigo ou do Novo Testamento; 3) ascético e moral, a partir, por exemplo, de metáforas entre saúde e doenças, pureza e culpabilidade.<sup>42</sup> Estas características, portanto, permitiram que aquele autor utilizasse a definição de Hypolite Delehaye, do início do século XX, para hagiografia. Segundo Delehaye, a hagiografia é uma narrativa de caráter religioso, inspirada no culto dos santos e com o objetivo de promovê-lo.<sup>43</sup>

Podemos, então, entender a *Ystoria* como hagiografia? Provavelmente. Porém, é necessário frisar que na análise feita por Delehaye para chegar a esta definição havia outra concepção sobre documento e, até mesmo, sobre história.

Por exemplo, a análise que o autor faz sobre a “série exceptionnellement complète de documents” relacionados a São Procópio, como relatos de contemporâneos, menções nos catálogos de mártires, “preuves historiques de l’existence d’un culte local”.<sup>44</sup> O autor procurou no dossiê de São Procópio indícios da antiguidade do culto e estabeleceu uma hierarquia entre fontes mais ou menos confiáveis.<sup>45</sup> Por ser um mártir do início do cristianismo, Procópio não passou pelo crivo dos processos de canonização (mesmo porque o próprio processo não existia). Contudo, Delehaye, a exemplo do que fazemos, trabalhou com um conjunto de documentos sobre um santo e seu procedimento metodológico é pertinente: a classificação das peças e, a partir de tal classificação, o potencial explicativo que cada uma delas pode fornecer. Não é nosso objetivo dizer, sob hipótese alguma, que a *Ystoria* seja mais confiável do que a Bula de Canonização. Entendemos o potencial explicativo de cada peça de nossa documentação como o tipo de informação que nos fornecem e as suas características como discursos distintos afinal, por mais que a Bula e a *Ystoria* possam ser divididas em partes idênticas – *vita* e *miracula* – o conteúdo, a sequência dos temas, os objetivos e funções inerentes às suas elaborações e seus autores são diferentes.

<sup>41</sup> IDEM. Ibid. pp. 320-321.

<sup>42</sup> IDEM. Ibid. pp. 330-331.

<sup>43</sup> DELEHAYE, H. *Les Légendes Hagiographiques*. 3<sup>éd.</sup> Bruxelles: Société des Bollandistes, 1927. p. 02.

<sup>44</sup> IDEM. Ibid. p. 119.

<sup>45</sup> Delehaye chega a ironizar a crença e a ingenuidade dos pesquisadores interessados nas vidas de santos que desconsideram a parcela de invenção do hagiógrafo sobre sua personagem. “Et dire que les légendes que nous venons d’analyser dérivent d’une source historique de premier ordre! Voilà ce que les hagiographes sont capables de produire quand ils travaillent sur de bons documents”. IDEM. Ibid. p. 138.

Renè Aigrain também enumerou uma série de documentos que servem ao estudo das vidas de santos, como inscrições em epígrafes, cartas, memórias ou autobiografias, biografias, panegíricos, os atos dos mártires e suas paixões.<sup>46</sup> É interessante notar que a presença do termo “processo de canonização” é muito discreta nesta obra e aparece mais como um *recueil de miracles* do que como um processo jurídico que tinha como objetivo julgar, reconhecer ou negar um dos principais elementos para a construção da santidade: o milagre. Assim como Delehaye, por exemplo, Aigrain pensa em fontes hierárquicas de acordo com um critério de veracidade e afirma que a literatura dos milagres pode ser considerada como “desmedida” e um tipo de documento que não seria dos melhores para o entendimento das vidas de santos.<sup>47</sup>

Hierarquizar documentos e definir que uns são mais confiáveis que os outros não é uma postura adequada para a nossa proposta, a partir de uma narrativa que não se pretende biográfica, e sim, um catálogo de suas virtudes. Além disso, trata-se de um texto escrito por um Frade encarregado de realizar pesquisas sobre seu objeto, ou seja, Guilherme de Tocco em relação a Tomás de Aquino, encarregado este que participou ativamente em todo o processo para a verificação da santidade em questão – tanto como testemunha (que ouviu todos os depoimentos), quanto como interrogado – a *Ystoria Sancti Thome Aquino* tem mais a nos dizer sobre a sociedade que constrói a santidade. Pretendemos analisar como se constrói a santidade e a como a sua construção textual lida em conjunto com os inquéritos e documentos papais autorizando e reconhecendo o êxito dos mesmos. E, também, como essa construção opera no âmbito da narrativa que consolidará os poderes do santo. Entretanto procuraremos, principalmente, traçar os grupos que atuaram nesse processo.

Do ponto de vista metodológico, para aplicar o conceito de **tempo da santidade** demos continuidade às perspectivas adotadas na dissertação de mestrado sobre a história intelectual e a história comparada. Isso significa que, por exemplo, ao tentarmos traçar a produção da *Ystoria*, consideramos sua inserção num conjunto de narrativas hagiográficas que já se fazia tradicional no interior da ordem dos pregadores. Também realizamos algumas reflexões sobre a formação intelectual de Guilherme de Tocco e de sua personagem. Levamos em consideração, por tanto, uma obra inserida em seu tempo a partir da comparação com outras obras da mesma natureza produzidas no interior de uma mesma ordem religiosa.<sup>48</sup>

---

<sup>46</sup> AIGRAIN, R. *L'Hagiographie: ses sources, ses méthodes, son histoire*. Poitiers: BLOUD & GAY, 1953. p. 105.

<sup>47</sup> IDEM. Ibid. pp. 179-185. Tratamos mais detalhadamente sobre o funcionamento, composição e potencialidades dos processos de canonização em geral e do de Tomás de Aquino em específico no capítulo 1 desta tese.

<sup>48</sup> TEIXEIRA, I. S. A encruzilhada das idéias...op. cit. pp. 30-34.

A tese está dividida em três capítulos: no primeiro abordamos as características dos processos de canonização em relação às práticas inquisitoriais que se desenvolviam simultaneamente. O objetivo foi responder à questão “Como se constrói um santo?” a partir do apontamento metodológico que os processos de canonização têm para a aplicação do conceito de **tempo da santidade**. No segundo capítulo, de forma comparativa, construímos uma análise que considerou os três primeiros santos dominicanos canonizados: Domingos de Gusmão, Pedro Mártir e Tomás de Aquino. O objetivo foi responder à questão “Tomás de Aquino: um santo dominicano?”. Além disso, nesse capítulo, analisamos outras possíveis fontes disponíveis para Guilherme de Tocco para a escrita da *Ystoria*. A comparação, como item inerente ao próprio conceito que defendemos, no terceiro capítulo, aparece na análise que realizamos sobre Tomás de Aquino e Nicolas de Tolentino. Nesse capítulo defendemos que, a partir do conceito de **tempo da santidade**, a canonização de Tomás de Aquino teve um cunho teológico erigido sob bases tradicionais. Isso implica em considerar que não necessariamente havia mudanças na escrita hagiográfica e no tipo de santos reconhecidos oficialmente. Sendo assim, esta afirmação só se sustenta quando deslocamos o eixo de análise de elementos culturais para questões sociais e políticas e, principalmente, considerando a simultaneidade entre a *Ystoria* e os inquéritos.

Por exemplo, ao procurar pelo “verdadeiro” São Luís, Jacques Le Goff analisou a produção hagiográfica sobre o mesmo. São Luís, para nós, é importante exatamente pelo fato de a sua santidade ter sido construída por membros de Ordens Mendicantes, principalmente dominicanos e franciscanos. Le Goff analisou três relatos: a *Vita et sancta conversatio piæ memoriæ Ludovici quondam regis Francorum*, do dominicano Geoffrey de Beaulieu (confessor do Rei, que recebeu diretamente do Papa Gregório X, em 1272, uma encomenda para informar “sobre a maneira pela qual o rei Luís se comportava em todos e em cada um de seus atos e sobre sua prática das coisas da religião”<sup>49</sup>); o *Libellus*, escrito por Guillaume de Chartres (também dominicano; capelão do Rei durante a primeira cruzada e com quem esteve no cativeiro) após o texto de Geoffrey de Beaulieu; e a *Vitæ* de São Luís, escrita pelo franciscano Guillaume de Saint-Pathus, por volta de 1303 – portanto, após a canonização (1279) –, que teve acesso aos depoimentos das testemunhas do processo de canonização (do qual só se conhece fragmentos atualmente). Ao trabalhar com esses textos, a conclusão de Le Goff sobre o estilo dos mesmos foi que:

---

<sup>49</sup> LE GOFF, J. *São Luís: biografia*. 3ªed. Rio de Janeiro/São Paulo: RECORD, 2002. p.297.

A maior parte da documentação da memorização de São Luís por seus contemporâneos forma um conjunto estruturado de textos que se remetem uns aos outros porque são produtos dos mesmos fabricantes de memórias: clérigos nos mesmos centros de produção (abadias, conventos), segundo *gêneros* que fazem eco: “vidas”, “espelhos”, “sermões”, etc.<sup>50</sup>

Se considerarmos as informações expostas por Le Goff em relação às duas primeiras obras, a saber, as escritas por dominicanos (contemporâneos de Guilherme de Tocco, inclusive), notaremos que algumas semelhanças aparecerão em relação à *Ystoria sancti Thome de Aquino*. A inspiração divina, necessária para a escrita hagiográfica; a ausência de datas – que não implica na negligência cronológica de vida e morte do personagem sobre o qual se escreve – ; a comparação de sua santidade com elementos e passagens do Antigo Testamento; e a diminuição da função política (no caso de São Luís, o Rei) e/ou profissional (no caso de São Tomás, o *magister*) para favorecer as virtudes cristãs, bem como, no que tange aos milagres, o predomínio da *taumaturgia post-mortem*.<sup>51</sup>

Além disso, a questão do retorno do santo à casa da família – mesmo que enclausurado, como no caso de Tomás de Aquino – remete ao que Alain Boureau definiu, para algumas narrativas da *Legenda Áurea*, como “une errance giratoire, selon deux moments de départ et de retour”, ou seja, o fato do (candidato a) santo deixar o mundo, seus bens e seus parentes (Tomás de Aquino segue o Mestre da Ordem no caminho a Paris), depois retorna ao ponto de partida para se conduzir à perfeição (a prisão no castelo familiar, a dedicação aos estudos – leitura da Bíblia e das Sentenças – e a luta contra as tentações, ou contra o “insulto mais grave”, que foi a mulher enviada à sua cela naquele período).<sup>52</sup>

Por fim, ao trabalhar com o terceiro texto hagiográfico sobre São Luís, a saber, a *Vitæ*, do frade menor Guillaume de Saint-Pathus, escrita por volta de 1303, Jacques Le Goff nos oferece uma possibilidade de leitura da relação hagiografia-processo de canonização. São Luís foi canonizado em 1297, por Bonifácio VIII. Segundo Le Goff, participaram do processo cerca de trezentas e trinta testemunhas e na versão mais próxima do que sobrou dos registros desses inquiridos, a *Vitæ* de 1303, são apresentados sessenta e cinco milagres *post-mortem*.<sup>53</sup>

É importante ressaltar que aquele historiador francês analisou os relatos hagiográficos sobre São Luís com os seguintes questionamentos:

<sup>50</sup> IDEM. Ibid. p.306.

<sup>51</sup> IDEM. Ibid. p.297-307 e p.747-759 (sobre os milagres).

<sup>52</sup> BOUREAU, A. *La Légende dorée: le système narratif de Jacques de Voragine (†1298)*. Paris: CERF, 1984, p.185.

<sup>53</sup> LE GOFF, J. *São Luís: biografia...* op. cit. p.301.

É mesmo com São Luís que nos deparamos no fim desse exame, ou apenas vamos informar como aqueles que, tendo razões e recursos materiais e intelectuais para legá-lo à nossa memória, não tinham nem o desejo nem a possibilidade da [sic] nos dar a conhecer o indivíduo São Luís que hoje temos a vontade legítima de encontrar, de compreender? É o modelo de um rei, um tipo de santo que se construiu, ou esse rei, esse santo, é alguém que existiu? [...] O São Luís de nossos documentos existiu? E como esse é o único São Luís que se nos oferece, São Luís existiu?<sup>54</sup>

A procura pela existência ou não do verdadeiro São Luís por Jacques Le Goff, além dessas questões, é inevitavelmente perpassada por outras, como as que tratam da natureza e das especificidades da documentação disponível sobre sua personagem. No caso que nos interessa, a memória de São Luís construída pela “rede de tradição” das Ordens Mendicantes transmite um santo que “é um frade mendicante que teria sido rei”.<sup>55</sup>

A obra é dividida em duas partes: a primeira, sobre a vida e, a segunda, sobre os milagres. A *Vitæ* é composta por 21 capítulos: três de caráter biográfico e dezoito relacionados às virtudes teológicas (fé, esperança e caridade), à devoção, à mendicância e às virtudes de rei (justiça, honestidade e clemência).<sup>56</sup> No que tange aos milagres, trata-se da apresentação dos sessenta e cinco atribuídos a São Luís. Por ora, interessa-nos a primeira parte, construída a partir da citação de trinta e oito testemunhas que participaram do processo de canonização. Diante dessa característica, Le Goff afirmou que a imagem que Guilherme de Saint-Pathus transmite de São Luís “é a criação coletiva das testemunhas do processo” e, portanto, é mais sua do que se tivesse apenas lido ou ouvido alguns depoimentos.<sup>57</sup>

Aquelas questões apresentadas por Le Goff como problema de pesquisa para entender e explicar São Luís a um leitor do final do século XX não são as mesmas que fizemos a partir da documentação em torno da canonização de Tomás de Aquino. Não é nosso interesse saber se São Tomás existiu, mas sim interessa-nos é exatamente na “criação coletiva”, tanto das testemunhas do processo, quanto de seu primeiro hagiógrafo, Guilherme de Tocco. Por isso, a forma como Le Goff analisa o trabalho feito por Guilherme de Saint-Pathus com o processo de canonização daquele rei francês é o que nos interessa.

Guilherme de Saint-Pathus não conheceu São Luís. Ele foi confessor da Rainha Margarida entre 1277-1297 e seu texto é de 1303, portanto, posterior (e bem próximo) à canonização. Esse franciscano cita as testemunhas do processo, no texto, de forma hierárquica: começa pelos reis próximos ao santo, como Filipe III – filho e sucessor de São Luís – e o irmão de São Luís, Carlos d’Anjou, rei da Sicília. Posteriormente, bispos, abades,

<sup>54</sup> IDEM. Ibid. p.281.

<sup>55</sup> IDEM. Ibid. p.297.

<sup>56</sup> IDEM. Ibid. p.303 (Cf. a nota 23, na qual Jacques Le Goff apresenta os títulos dos 21 capítulos da *Vitæ* escrita por Guilherme de Saint-Pathus).

<sup>57</sup> IDEM. Ibid. p.301.

nobres, cinco freis dominicanos, domésticos do santo, três monjas e o cirurgião do rei. Esse grupo de testemunhas, segundo Le Goff, forma o seguinte conjunto: vinte e quatro leigos e quatorze clérigos. Três mulheres, religiosas sendo que nenhuma delas era parente do santo. Assim, então, esse historiador concluiu: São Luís é um santo leigo e rei. No entanto, sua espiritualidade e suas práticas devocionais aproximavam-no dos clérigos – principalmente os dominicanos – que o cercavam. Além disso, considerando as origens das testemunhas, “Luís é um santo de *Île-de-France* e regiões vizinhas e da cruzada”.<sup>58</sup>

O que há de interessante nessa leitura para a nossa proposta? Le Goff não negligenciou a dimensão espacial na qual a conjuntura do processo de canonização de São Luís se desenvolveu. Foi ao olhar para quantidade e, mais ainda, para a especificidade, a formação intelectual, a condição política e social e para o gênero que aquele historiador chegou à “construção coletiva das testemunhas” do santo apresentado por Guilherme de Saint-Pathus.

Desta forma, então, que propomos a leitura da documentação sobre a canonização de Tomás de Aquino. Entendendo a santidade como um processo coletivo de construção de uma memória sobre um indivíduo que foi reconhecido como excepcional – pela vida virtuosa e pelos milagres – não buscamos o verdadeiro São Tomás, como já dissemos. Interessa-nos saber por que as testemunhas e seu hagiógrafo nos ofereceram o São Tomás que aparece nos depoimentos e na hagiografia e não outro tipo de santo? Aliás, a santidade é tão maleável assim, que pode se constituir de diferentes formas? Perguntamos: qual Tomás era possível?

Para responder e explicar essa(s) possibilidade(s) defendemos uma postura metodológica: diante das condições de produção da *Ystoria Sancti Thome de Aquino*, ou seja, seu autor foi testemunha (e ouviu os interrogatórios das outras testemunhas) no processo de canonização, não é possível fazer uma leitura dessa fonte sem cruzá-la com o próprio processo. E, mais ainda, para melhor entender o processo e a hagiografia é imprescindível analisar como cada um se desenrolava: os elementos, o aparato jurídico, as testemunhas, as questões, os inquisidores de um lado e, do outro, a escrita de uma narrativa específica, com objetivo preciso, feita por um homem que pertencia a uma “rede de tradição” longa no que tange àquela atividade. Em outras palavras: o que é um processo de canonização? Quais são suas especificidades? Como se desenvolveu o processo e os inquéritos relacionados a Tomás de Aquino? Como foi a participação de Guilherme de Tocco como testemunha? E como autor? Como, a partir do que ouviu e do que conhecia sobre aquele candidato a santo, em

---

<sup>58</sup> IDEM. Ibid. p.302.

específico, e sobre a santidade, em geral, ele construiu a *Ystoria Sancti Thome*? E, mais além: em que esse São Tomás ajuda a entender sobre a santidade no período final da Idade Média?

\*\*\*

### **Notas sobre uma ausência: A *Ystoria* nas biografias dominicanas de Tomás de Aquino**

A *Ystoria* foi utilizada por biógrafos de Tomás de Aquino como fonte. Entretanto, a finalidade dessas biografias não se insere naquilo que Jacques Le Goff caracterizou como “biografia histórica”, ou, como não deve ser uma biografia histórica: “não é só a coleção de tudo o que se pode e de tudo o que se deve saber sobre uma personagem”.<sup>59</sup> Em geral, as obras expressam um “excesso de sentido e de coerência”, o que Pierre Bourdieu definiria como “ilusão biográfica”.<sup>60</sup> Além disso, são obras cujo ponto de partida não é um “problema de pesquisa”, e sim, tendem a tratar a personagem biografada e as informações sobre ela como verdadeiras. Portanto, o Tomás de Aquino desses textos é o Tomás de Aquino que foi. Obras que poderiam ser certamente fontes para numa investigação sobre esse teólogo em suas biografias contemporâneas.<sup>61</sup> No entanto, não é este Tomás de Aquino que procuramos analisar.

<sup>59</sup> LE GOFF, J. *São Luís: Biografia ...* op. cit. p. 21.

<sup>60</sup> BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J. e FERREIRA, M. de M. (Coords.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. pp. 183-191.

<sup>61</sup> Um breve levantamento: AMEAL, J. *São Tomaz de Aquino: Introdução ao estudo da sua figura e da sua obra*. 3ªed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1947. CHABAS, Y. *Prudentissime frère Thomas d'Aquin (1225-1274). Sa Vie. Son Œuvre*. Paris: La Colombe, 1959. CHENU, M-D. *Introduction a l'Étude de Sain Thomas d'Aquin*. 2éd. Montréal; Paris: Institut d'Études Médiévales; J. Vrin, 1954. GRABMANN, M. *Saint Thomas d'Aquin: Introduction à l'Étude de sa Personnalité et de sa Pensée*. Trad. E. Vansteenbergh. Paris: BLOUD & GAY, 1920. MARITAIN, J. *Le Docteur Angélique*. Rio de Janeiro: Atlantica, 1945. NASCIMENTO, C. A. R. *Santo Tomás de Aquino: o Boi Mudo da Sicília*. São Paulo: Educ, 1992. PESCH, O. H. *Tomás de Aquino: Límite y grandeza de una teología medieval*. Trad. Xavier Moll y Claudio Gancho. Barcelona: Herder, 1992. THONNARD, F. J. *Santo Tomás de Aquino*. Buenos Aires: Difusion, 1943. TORREL, J.-P. O.P. *Inicição a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e sua obra*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999. WALZ, A. O.P. *Saint Thomas d'Aquin*. Trad. Paul Novarina. Louvain; Paris: Publications Universitaires; Béatrice-Nauwelaerts, 1962. E WEBER, P.J. *Santo Tomas de Aquino: el genio del orden*. Buenos Aires: Poblet, 1949.

**CAPÍTULO 1:**  
**COMO SE CONSTRÓI UM SANTO?**  
**FONTES PARA A YSTORIA SANCTI THOME DE AQUINO**

Sábado, 21 de julho de 1319, sede do Palácio Episcopal de Nápoles: reuniram-se neste dia o Fr. Guilherme de Tocco, o Arcebispo de Nápoles – Umberto –, o Bispo de Viterbo – Ângelo –, o *venerabili viro* Pandulfo de Sabelo, notário do Papa, e os deputados, *presentibus ad totum Processum Inquisitionis*, os nobres, Pedro João de Rocca-Tarani, da diocese sabinense, e Francisco de Laureto, da diocese penense. O motivo: a leitura da bula expedida pelo Papa João XXII, que ordenava um inquérito sobre a memória do Fr. Tomás de Aquino da Ordem dos Pregadores e Doutor em Teologia. Isto porque cartas de nobres e de professores da Universidade de Nápoles anunciavam que esses nobres presenciaram a emissão de odor de santidade, o corpo conservado e que muitos milagres o referido frei havia operado após sua morte.<sup>62</sup>

Em 1224-5?, quando nasceu Tomás de Aquino, a Ordem dos Pregadores fora recentemente fundada (1216), o primeiro Capítulo Geral há pouco acontecera (1220) e seu fundador, Domingos de Gusmão, falecera (1221). Além disso, a prerrogativa pontifícia para o reconhecimento oficial da santidade se firmava cada vez mais na legitimidade jurídica dos processos de canonização, os quais progressivamente foram utilizados desde os séculos XI-XII. Prerrogativas de vigilância e controle que também se expandiram para outros setores, como a obrigatoriedade da confissão auricular (1215) e o Tribunal do Santo Ofício, que tinha o objetivo de investigar suspeitas de heresia. Quando morreu em 1274, Tomás de Aquino pertencia àquela Ordem e era um de seus membros mais ilustres. Adoeceu durante viagem para o Concílio de Lyon, para o qual se dirigia sob convite do Papa Gregório X. Isto aconteceu próximo a um mosteiro cisterciense, Fossanova. Em 1323, época da canonização, o Ocidente Cristão vivia um período conturbado: o Papado de Avignon (1305-1378), cujo o pontífice não estava em Roma. Era o tempo de João XXII, o papa que condenou alguns franciscanos por causa da defesa da pobreza radical de Cristo; aumentou as divisas dos

---

<sup>62</sup> *PROCESSVS INQUISITIONIS* factæ super vitâ, conversatione, & miraculis recol. Mem. Fr. THOMÆ DE AQUINO, Ordinis Fratrum Predicatorum, Sacræ Theologiæ Doctoris, Anno salutis MCCCXIX, Ioannis XXII, Pontificis Max. Pontificatus III, per Vmbertum Archiepiscopum Neapolitanum & Angelum Viterbiensem & Tuscanensem Episcopum, Inquisitores vnâ cum D. Pandulfo de Sabello Domini Papæ Notario, super hoc Pontifice deputatos. Apud: *Acta Sanctorum. Martii*. Tomus I. A Ioanne Bolland S.I. colligi felicit cœpta A Godefrido Henschenio et Danielle Paperbrocchio eiusdem societatis Iessu aucta digesta & illustrata. Antuperpiæ, apud Iacobum Meursium. Anno MDCLXVIII. p.686-687. As próximas citações serão referenciadas como *AA SS, Martii* I, e as páginas correspondentes (quando se tratar da versão publicada nos *Acta Sanctorum*).

estados pontifícios e se envolveu em conflitos com reis de estados vizinhos. O mesmo papa que, em 1319, ordenou a abertura do processo sobre a santidade de Tomás de Aquino.

Naquela bula de 1319, percebemos algumas características necessárias para a abertura do processo, bem como as orientações para a investigação. O papa escreveu:

Quòd recolendæ memoriæ Fr. Thomas de Aquino, Ordinis Fratrum Prædicatorum, sacræ Theologiæ Doctor, dum viveret, odore sanctitatis emicvit, conversatione resplendvit, & multis maguis eam ante, quàm post suum obitum miraculis coruscavit, quare pro parte ipsorum nobis fuit humiliter supplicatum, vt de eiusdem Fr. Thomæ vitâ & miraculis, Inquisitione præmissà, si reperiremus præmissa veritate fulciri, ipsum adscriberemus Sanctorum catalogo, ipsumque faceremus per vniversas Ecclesias honre cógruo solenniter venerari.<sup>63</sup>

Este trecho informa-nos que após a investigação – chegando à conclusão sobre a veracidade das suspeitas – o nome de Tomás de Aquino seria inscrito no catálogo dos Santos e seu culto autorizado e venerado *per vniversas Ecclesias*. Como inquérito, o processo possuía normas – jurídicas e eclesiásticas – e parte delas são apresentadas no relato de Pedro, notário do Papa, o qual registrou a leitura da bula citada e acrescentou informações sobre a forma da condução dos interrogatórios:

testes legitimos, quos super vitâ, conversatione & miraculis dicti Fr. Thomæ debetis recipere...præstito iuramento...interrogetis eos, quomodò sciant, quo tempore, quo mense, quâ die, quibus presentibus, quo loco, ad cuius vocationem, & quibus verbis interpositis, & de nominibus illorum, circa quos miracula facta dicuntur, & si eos antè cognoscebant, & quot diebus antè viderunt eos infirmos, & quanto tempore fuêre infirmi, quanto tempore visi sunt sanit, de quo loco sunt...<sup>64</sup>

A recomendação, portanto, era de uma investigação minuciosa basicamente sobre os seguintes aspectos: se os interrogados sabiam sobre a vida de Tomás de Aquino e os modos pelos quais souberam disso; se presenciaram milagres de cura e as circunstâncias desses fatos (mês, dia, testemunhas, locais de referência, palavras pronunciadas); e se conheceram as testemunhas e/ou os atendidos com graças atribuídas ao investigado.

A partir das informações das duas citações inferimos que **os requisitos necessários para a santidade eram a boa fama e os milagres de cura**. Entretanto, outra necessidade

<sup>63</sup> AA SS, *Martii* I, p.687. Tradução livre: “que se recolham memórias sobre Fr. Tomás de Aquino da Ordem dos Irmãos Pregadores, Doutor em Teologia, o qual viveu, emitiu odor de santidade, [está em] esplêndida [sic] conversação [fama?], e muitos magnos milagres, tanto antes quanto após seu óbito [sic], pelos quais suplicam os nobres, e deles se faça uma Inquisição sobre a vida e os milagres de Fr. Tomás. Se verdadeira essa premissa, inscreveremos seu nome no catálogo dos Santos e faremos que ele seja venerado universalmente na Igreja”.

<sup>64</sup> AA SS, *Martii* I, p.687. Tradução livre: “testes legítimos, sobre a vida, conversação e milagres do dito Fr. Tomás deveis receberdes...prestem juramento...interroque-os sobre o que sabem, qual o tempo, qual o mês, qual dia, quem estava presente, em que lugar, o que fazem, o que foi dito, o nome deles, sobre quais milagres dizem, e se eles conheceram antes e quantos dias antes viram os enfermos e quanto tempo foram enfermos, quanto tempo viram eles sãos, de que lugar são.”

antecede: **a mobilização de um grupo** (ou vários) em torno da busca pelo reconhecimento oficial da santidade de um indivíduo.

É importante ter em mente que o reconhecimento oficial da santidade durante o Papado de Avignon foi distribuído, em geral, de forma proporcionalmente igual aos períodos identificados na tabela 1. Pela tabela 3, temos:

**Tabela 3: Canonizações Ordenadas/Efetuada pelos Papas de Avignon (1305-1378).**

PAPAS DE AVIGNON (Ordenações/Canonizações)						
Clemente V 1305-1314	<b>JOÃO XXII 1316-1334</b>	Bento XII 1334-1342	Clemente VI 1342-1352	Inocênciao VI 1352-1362	Urbano V 1362-1370	Gregório XI 1370-1378
3/1	<b>5/3</b>	-	1/1	-	2/2	-

Fonte: VAUCHEZ, A. *La Sainteté...* op. cit. pp.295-300. O autor não apresenta tabela específica para o papado de Avignon. Esta tabela foi elaborada a partir da Tabela IX da referida obra.

É importante considerar que Clemente V autorizou e canonizou Pedro de Morrone (†1296; P 1306; C 1313)<sup>65</sup>; autorizou, também, os processos de Tomás de Cantiloupe († 1282; P 1307), que foi canonizado por João XXII em 1320. Aquele Papa autorizou outro processo, a saber, o de Luis d'Anjou (†1297, P 1308), que também foi canonizado por João XXII, em 1317. Quanto aos processos ordenados por este João XXXII, apenas os de Tomás de Aquino (†1274; P 1319/1321; C 1323) e de Gregório X († 1272; P ?; C 1325?)<sup>66</sup> se desenrolaram durante seu pontificado. Os outros autorizados foram os de Clara de Montefalco (†1308; P 1318/1319), Nicolas de Tolentino (†1305; P 1325/1327) e Yves Hélorly († 1303; P 1330). Estes três santos foram canonizados, respectivamente, por Leão XIII (C 1881), Eugênio IV (C 1446) e Clemente VI (1347). Aparece, ainda, nos processos mencionados por Boureau o referente a Raimundo de Peñafort, que teve uma demanda pela abertura do processo comandada pelo Rei de Aragão e pela cidade de Barcelona em 1317-1318, que não foi autorizado pelo Papa João XXII.<sup>67</sup> Tais dados permitem uma constatação referente ao conceito de “santos recentes” com o qual André Vauchez estabeleceu um parâmetro para a “santidade moderna” no final da Idade Média, ou seja, o tempo transcorrido entre a morte do indivíduo e a abertura do processo de canonização não supera 60 anos. Esta constatação, no entanto, se altera quando se pensa no ano da canonização, por causa dos casos de Clara de

<sup>65</sup> Leia-se: †, para a data de morte; P, para o início do processo e C, para o ano da canonização.

<sup>66</sup> Este processo não é mencionado por Alain Boureau. Uma observação: na tabela apresentada por André Vauchez não constam as informações sobre as datas do inquérito, nem a data da canonização. O único dado cronológico é que a primeira Bula referente ao processo é de 1325 e que João XXII foi o Papa que efetuou a canonização, portanto, isso aconteceu entre 1325 e 1334. A tabela elaborada por André Vauchez citada é a mesma que serviu de fonte para a Tabela 2 desta tese.

<sup>67</sup> VAUCHEZ, A. *La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age...* op cit. pp.82-83.

Montefalco e Nicolas de Tolentino e acreditamos, dentre os motivos já apresentados, a melhor aplicabilidade do conceito de **tempo de santidade**.

De posse desses dados Alain Boureau trabalhou com um total de oito processos: Pedro de Morrone (Papa Celestino V), Luis d’Anjou, Tomás de Cantiloupe, Tomás de Aquino, Clara de Montefalco, Yves Hélyory, Nicolau de Tolentino e Raimundo de Peñafort. Seu objetivo foi analisar a relação entre santos e demônios nos processos de canonização entre 1305-1334. O autor menciona o processo de canonização de Tomás de Aquino realizado em Nápoles. O texto se inicia com a referência ao depoimento de Jean Blasio, juiz de Nápoles, realizado em 06 de agosto de 1319. Nesse depoimento, Boureau destacou uma história narrada pela testemunha na qual Tomás de Aquino expulsa um “demônio sob a forma de um homem negro, vestido de preto”, que apareceu no terraço do convento dominicano daquela cidade.<sup>68</sup> A história foi alvo de interrogações. Os inquisidores queriam saber como a testemunha soube reconhecer naquele homem negro o diabo. A resposta: Jean Blasio viu o homem num cristal durante uma conjuração de demônios para encontrar um livro roubado.<sup>69</sup>

A prática da conjuração dos espíritos com a ajuda de um cristal e o papel do postulador do processo, no caso, Guilherme de Tocco, em relação à apresentação das atas ao papa João XXII são os objetos de estudo de Alain Boureau. Este autor trabalhou, como já dito, com outros processos, como o de Yves Hélyory, que aconteceu em 1330. Neste processo, o autor destacou um depoimento que coloca em evidência o direito e a importância da palavra de doação numa história em que a mãe amaldiçoa o filho e que, levado ao túmulo do santo foi curado.<sup>70</sup> A partir desses dois exemplos o autor levantou a hipótese de uma “volta” demonológica no início do século XIV e que os processos de canonização seriam importantes registros para entender esse fenômeno. Além disso, eles colocariam em contato a cultura dominante – teológica e jurídica – e as culturas comuns<sup>71</sup>, mostrando que o objeto dos processos, ou seja, os milagres, abrem caminho para o entendimento das relações entre o natural e o sobrenatural.<sup>72</sup> A conclusão de Alain Boureau é que entre formas tradicionais de aparição do diabo, formas novas, que associam Satã aos fantasmas, hereges e mortos sem confissão associavam a “personnalité souffrante du saint persécuté et celle des possédés”.<sup>73</sup> Concordamos com este autor em relação à riqueza e potencial dos processos de canonização

<sup>68</sup> BOUREAU, A. “Saints et Démons dans les procès de canonization du début du XIVe siècle”...op cit. p.199.

<sup>69</sup> IDEM. Ibid. p.199-200.

<sup>70</sup> IDEM. Ibid. p.201-202.

<sup>71</sup> Conclusão muito próxima da orientação metodológica para uma eficaz leitura dos processos de canonização, apresentada por Vauchez em sua tese. Cf. VAUCHEZ, A. *La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age*...op cit. p.04.

<sup>72</sup> BOUREAU, A. “Saints et Démons dans les procès de canonisation du début du XIVe siècle”... op. cit. p.203.

<sup>73</sup> IDEM. Ibid. p.220.Tradução livre: “personalidade sofredora do santo perseguido e aquela dos possuídos”.

para o entendimento de questões teológicas no período que nos interessa. Para tal, antes, consideramos necessárias algumas reflexões sobre a historiografia da santidade na idade média para, posteriormente, evidenciarmos a natureza da documentação, principalmente o processo descrito que analisamos no primeiro capítulo.

O santo foi caracterizado por Aviad Kleinberg como um ser de exceção e ao mesmo tempo em que é identificado por aspirações coletivas, é separado dessa coletividade por sua singularidade.<sup>74</sup> Segundo este autor, a santidade para o reconhecimento oficial é diferente daquela cultuada fora do âmbito institucional da Igreja. Para isso propôs a seguinte distinção: a santidade oficial é como autoridade e, por isso, reconhecida em forma cerimonial – caso em que entraria Tomás de Aquino – e a santidade das comunidades seria uma santidade carismática.<sup>75</sup> Este autor entende o carisma como “une énergie attribuée à certaines personnes par d’autres”, ou seja, trata-se de uma denominação exterior ao indivíduo carismático, mas que, ao mesmo tempo, ele representa. Segundo o texto, isto se dá por várias formas: coragem, segurança que se amplia a outras pessoas e o sentimento que o carismático tem em relação ao lugar. Isso depende da repercussão social para que aconteça.<sup>76</sup>

Essa perspectiva de A. Kleinberg pode ser complementada pela noção de santidade como um elemento construído social e coletivamente. No início do cristianismo, como analisado por Peter Brown e definido por Anneke Mulder-Bakker, a santidade era atribuída mais ao lugar de morte e túmulo do que ao indivíduo sepultado.<sup>77</sup> Para os séculos finais da Idade Média a santidade deixou de ser conferida apenas aos lugares de culto: houve um deslocamento, ou melhor, uma multiplicação do poder do santo na medida em que, por exemplo, as imagens passaram a ser utilizadas a partir da crença que um santo fazia milagres fora de seu lugar de sepultamento. Isto implicou numa modificação do olhar sobre a santidade do lugar para a santidade da pessoa. Segundo Mulder-Bakker, esta é a segunda característica da concepção de santidade, que também cristalizou o santo como intercessor.<sup>78</sup> Uma terceira característica é a do santo como imitador de Cristo.<sup>79</sup>

<sup>74</sup> KLEINBERG, A. *Histoire des Saints: Leur rôle dans la formation de l'Occident*. Trad. par Moshé Méron. Paris: Gallimard, 2005. p. 14.

<sup>75</sup> IDEM. pp. 15-19.

<sup>76</sup> IDEM. p. 17.

<sup>77</sup> BROWN, P. *The cult of the saints...* op. cit. e MULDER-BAKKER, A. “The invention of saintliness. Texts and contexts”. In: IDEM (ed.). *The Invention of Sainliness*. Routledge: London, 2002. pp. 3-23.

<sup>78</sup> MULDER-BAKKER, A. op. cit. p. 9.

<sup>79</sup> IDEM. p. 10.

Alexander Murray, refletindo sobre o caráter social da santidade, considerou que o santo é um ser ambíguo e sem classe social.<sup>80</sup> Este dado é paradoxal, pois, em geral, os hagiógrafos medievais escreveram sobre santos nobres, reis e rainhas. Para Murray, a função de intercessor e a atuação do santo para além de seu sepulcro contribuíram para uma maior eficácia da comunicação entre os fiéis e o sagrado.<sup>81</sup> Michael Goodich relacionou, então, as cartas e os santos leigos canonizados e concluiu que, em geral, eram santos dinásticos e “nacionais” que davam suporte a todas as classes sociais. Seria um tipo de santidade mais comum à Alta Idade Média e em áreas fronteiriças. Além disso, Goodich aponta que, enquanto os depoimentos sobre a vida, por exemplo, de Elizabete da Turíngia (†1232 P 1233-1235 C1235) – 06, no total – eram prestados por pessoas próximas, os milagres foram testemunhados por cerca de 600 pessoas.<sup>82</sup> Mas não apenas aos santos leigos essas missivas eram necessárias. No caso de Tomás de Aquino, por exemplo, como citado anteriormente, o Papa autoriza a abertura do inquérito após receber cartas de nobres da região, da Universidade de Nápoles e da Rainha Maria, da Sicília.<sup>83</sup>

Durante o reinado dos Papas Inocêncio III (1198-1216), Gregório IX (1227-1241) e Inocêncio IV (1243-1254), segundo Goodich, as investidas para as canonizações estavam relacionadas às Cruzadas, aos Hohenstaufen e aos movimentos heréticos. Os santos seriam oriundos de “casas” aliadas de Roma nos conflitos políticos e também transmitiriam os ideais teológico-litúrgicos que interessavam naquele período, o que justificaria as canonizações de leigos de casas dinásticas e mendicantes, especificamente dominicanos, como Domingos de Gusmão, Pedro Mártir e Tomás de Aquino.<sup>84</sup>

Mas por que Goodich inseriu Tomás de Aquino em sua análise, se seu recorte inicial não chega ao ano de 1260? A análise deste autor fica confusa, pois, se no início do texto há o anúncio dos pontificados de Inocêncio III, Gregório IX e Inocêncio IV – importante ressaltar que o autor não anuncia o Papa Honório III (1216-1227) – os números totais de sua análise corresponderiam ao período de 1198-1334, finalizando com o pontificado de João XXII. Além disso, defendeu que a partir de 1260, os santos mendicantes cederam lugar aos santos eremitas agostinianos na preferência para as canonizações, principalmente na Itália, por causa da vida contemplativa e da via teológica ortodoxa (mais tradicional? É o que deixa entender

<sup>80</sup> MURRAY, A. *Reason and Society in the Middle Ages*. New York: Oxford University Press, 2002. pp. 383-404.

<sup>81</sup> IDEM. p. 402.

<sup>82</sup> GOODICH, M. “The politics of canonization in the thirteenth century: Lay and Mendicant saints”. In: WILSON, S. *Saints and Their Cults*. London: Cambridge University Press, 1985. p. 172. O texto original foi publicado em *Church History*, nº 44, 1975, pp. 294-307.

<sup>83</sup> IDEM. Ibid. p. 179.

<sup>84</sup> IDEM. Ibid. pp. 178-179.

Goodich), como João, o Bom, de Mantua (†1249 P 1251-1254), o Papa Celestino V e Nicolau de Tolentino.

Perguntamos: se os eremitas agostinianos ganharam espaço após 1260, como explicar a canonização de Tomás de Aquino em 1323? Se cruzarmos essa afirmação com os dados apresentados por André Vauchez e pegarmos desde a canonização de Francisco de Assis – o primeiro mendicante canonizado –, que aconteceu em 1228, até o pontificado de João XXII, que acabou em 1334, temos o seguinte panorama: 37 processos e 19 canonizações efetuadas. Dos 37, 14 são mendicantes (franciscanos/dominicanos, 7 foram canonizados). Dos 23 processos restantes, 11 Bispos (6 canonizados); 2 Papas (os 2 canonizados); 1 Padre, canonizado posteriormente; 2 monges que não foram canonizados e 7 leigos (4 canonizados).<sup>85</sup> Além disso, é importante frisar: João, o Bom não foi canonizado e Nicolau de Tolentino o foi em 1446, por Eugênio IV. Ao contrário do que afirmou Goodich, acreditamos que a santidade mendicante não perdia espaço no final do século XIII.

No entanto, é importante ressaltar que, com a instituição dos processos de canonização, a crítica sobre os milagres se intensificou, tornando-se cada vez mais raras essas ocorrências. Em geral, a bibliografia deixa a entender que esse foi um dos fatores que proporcionou a modificação na escrita hagiográfica e no tipo de santo reconhecido. Por mais que os milagres sejam – até hoje – requisito imprescindível para a canonização, exceto para os mártires. Segundo Murray, isto marcaria uma mudança na forma de relacionamento entre os santos e os fiéis, pois as pessoas não viam milagres acontecendo a todo instante.<sup>86</sup>

Outro aspecto relacionado às mudanças nas concepções sobre a santidade, segundo Emore Paoli, foi a divulgação da santidade de mulheres laicas, como Margarida da cidade de Castelo.<sup>87</sup> Neste caso, o autor acompanha André Vauchez, o qual defendeu que, no final do século XIII, as ordens mendicantes passaram a se preocupar com a santidade local “pour imposer, à travers eux, leurs propres modèles de sainteté”.<sup>88</sup>

Com o intuito de entender o momento decisivo de transformação nas representações da santidade, outros autores se dedicaram à temática, como Alain Boureau. Segundo este autor, a escolástica e as concepções de natureza contribuíram para a modificação do entendimento dos fatos extraordinários. O primeiro aspecto desta modificação foi a crítica racionalista (processos de canonização) sobre a credulidade atribuída à intervenção divina

<sup>85</sup> VAUCHEZ, A. *La Sainteté em Occident aux derniers siècles du Moyen Âge...* op. cit. Cf. Tableau IX e XVI, pp. 295-300 e 308, respectivamente.

<sup>86</sup> MURRAY, A. M. *Reason and Society...* op. cit. p. 9.

<sup>87</sup> PAOLI, E. *Agiografia e Strategie Politico-Religiose: alcuni esempi da Gregorio Magno al Concilio di Trento*. Spoleto: Centro Italiano di Studi Sull'Alto Medioevo, 1997. pp.157-174.

<sup>88</sup> VAUCHEZ, A. *La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge...* op cit. pp.243-256.

para fatos inexplicáveis.<sup>89</sup> O autor defendeu a importância que a “imaginação” assumiu nesse período e como ela tinha poderes de provocar efeitos visíveis, como no caso dos estigmas de São Francisco de Assis. Para a Igreja, a natureza humana desse santo cooperaria com a causalidade sobrenatural. Tendência definida como “naturalista, escolástica-mística”, baseada na veemência da imaginação, que a habilitaria como instrumento de cooperação entre o divino e o humano e que contribuiu para uma definição de “milagre-transformação”.<sup>90</sup>

Outro tipo de milagre analisado por Alain Boureau foi o de expulsão (ou exorcismo) de demônios pelos santos a partir dos processos de canonização instaurados nos dois primeiros pontificados de Avignon, a saber, Clemente V (1305-1314) e João XXII (1316-1334). O problema pesquisado pelo autor é se ocorreu, ou não, um “tournant” demonológico no início do século XIV.<sup>91</sup>

### **Processos de Canonização no século XIV: controle do Papado e modelo de santidade?**

*“Canoniser consiste à décider en toute régularité et de façon canonique qu’un saint soit honoré comme tel, c’est-à-dire que lui soit rendu d’un culte solennel comme on le fait pour les saints de la même catégorie; s’il s’agit d’un confesseur, que l’on célèbre pour lui l’office d’un confesseur; s’il s’agit d’un martyr, l’office des martyrs et ainsi de suite”.*

(Fonte: Inocêncio IV. *In quinque libros Decretalium commentaria*. éd de Venise, 1578, p.188)<sup>92</sup>

Segundo Vauchez, a Santa Sé demorou a elaborar uma legislação específica sobre o culto aos santos. O autor também revela que entre clérigos e bispos passou a existir a convicção que um culto sem aprovação do papa era contestável. Diante disso, houve a demanda cada vez mais constante para o desenvolvimento de uma disciplina dos cultos a partir dos procedimentos jurídicos para a canonização.<sup>93</sup> Ao trabalharmos com um *Processus*

<sup>89</sup> BOUREAU, A. “Miracle, Volonté et imagination: la mutation scolastique (1270-1320)”. In: *MIRACLES, PRODIGES ET MERVEILLES AU MOYEN AGE*. Paris: Sorbonne, 1995. pp. 159-172.

<sup>90</sup> IDEM. pp. 163-172. A teoria da *imitatio* está baseada em três níveis de visão: *visio corporalis* (a visão como sentido humano), *visio intellectualis* (contemplação racional) e, entre elas, a *visio spiritualis* (por onde se formam as imagens que são conservadas na memória e aparecem nos sonhos e visões). Cf. SCHMITT, J-C. *Corpo das Imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru, SP: EDUSC, 2007. pp. 16-17.

<sup>91</sup> BOUREAU, A. “Saints et Démons dans les process de canonization du début du XIVe siècle”. In: KLANICZAY, G. (dir.). *Procès de Canonisation au Moyen Âge: aspects juridiques et religieux. Medieval Canonization Processes: legal and religious aspects*. Rome: École Française de Rome, 2004. pp.199-220.

<sup>92</sup> Apud: VAUCHEZ, A. *La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge...* op. cit. p.35. Tradução livre: “Canonizar consiste decidir e regulamentar de maneira canônica que um santo seja honrado como tal, isto é, que a ele seja prestado um culto solene como se faz com os santos da mesma categoria; tratando-se de um confessor, que o celebremos pelo ofício de um confessor; tratando-se de um mártir, o ofício dos mártires e assim por diante.”

<sup>93</sup> IDEM. Ibid. p. 31.

*Inquisitionis*, deparamo-nos com uma documentação jurídica. O comentário do Papa Inocêncio IV (†1254) foi feito no Livro V das Decretais, de Gregório IX, conhecido como código do direito canônico. Trata-se de um comentário diretamente relacionado com o objeto de investigação desta tese: a prerrogativa Papal para a canonização.

Essa relação canonização-direito canônico, segundo André Vauchez, tem as origens no ano de 993, quando João XV proclamou Ulrich de Augsbourg como santo em Roma. Foi a primeira intervenção pontifícia em relação a um culto fora da península itálica. No século seguinte, teria aparecido o termo canonizar numa carta escrita por Bento VIII ao conde de Mantoue para ratificar o culto a S. Simeão de Padolirone, que morreu em 1016. No século XII, por volta de 1150, o termo era utilizado de forma esporádica e seu uso teria se intensificado a partir da “Reforma Gregoriana”.<sup>94</sup>

No pontificado de Eugênio III (1145-1153), o papado se assegura do poder de se pronunciar sobre a canonização fora de um sínodo ou concílio por causa de sua autoridade e da universalidade da Igreja de Roma. Segundo Vauchez, a partir de então o Papa passa a ter um grupo restrito de cardeais, que tinha a função de aconselhá-lo nos procedimentos para a canonização.<sup>95</sup> Duas décadas após, entre 1171-1172, o Papa Alexandre III (pontífice entre 1159-1181), escreveu ao rei Kol, da Suécia, anunciando que tanto o rei quanto seus súditos não podiam cultuar um santo que não era reconhecido pela Igreja.<sup>96</sup> E foi com Inocêncio IV – autor da epígrafe deste item – que a situação começou a mudar.

Como os papas reivindicavam para o trono de Pedro o direito de reconhecer os santos? Quais os argumentos? Como se aplicava essa prerrogativa?

Para Michael Goodich, um processo de canonização bem-sucedido começava com uma campanha ou propaganda feita por grupos interessados na oficialização do culto a um determinado santo: cartas descrevendo milagres e uma primeira tentativa de composição de uma *Vita et Miracula*.<sup>97</sup> Para Vauchez, após 1230, os poderes civis desempenharam um papel cada vez mais importante, principalmente na península itálica, onde o processo de canonização seria um “affaire d’État”.<sup>98</sup> A segunda etapa do processo era a pesquisa

<sup>94</sup> IDEM. Ibid. p. 25.

<sup>95</sup> IDEM. Ibid. p.27.

<sup>96</sup> IDEM. Ibid. p. 29. Trata-se da carta *Aeterna et incommutabilis*. Cf. SS Alexander III, *PL*, vol.200, pp. 650-652 [1259A – 1261D]. Disponível em: [http://www.documentacatholicaomnia.eu/01p/1159-1181,SS\\_Alexander\\_III,Epistolae\\_Et\\_Privilegia\\_%5BAD\\_1159-AD\\_1181%5D,MLT.pdf](http://www.documentacatholicaomnia.eu/01p/1159-1181,SS_Alexander_III,Epistolae_Et_Privilegia_%5BAD_1159-AD_1181%5D,MLT.pdf). Consultado em fevereiro de 2009. Destaque para: “...non liceret vobis pro sancto absque auctoritate Romanæ Ecclesiæ eum publice venerari”, p.651 [1261C].

<sup>97</sup> GOODICH, M. “The politics of canonization in the thirteenth century: lay and Mendicant saints”...op cit. pp. 170-171. A *Fama Sanctitatis* estava relacionada principalmente ao odor de santidade e aos milagres de cura.

<sup>98</sup> VAUCHEZ, A. *La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge*...op cit. p.48-49.

preliminar feita pelos postuladores. Após coletar relatos sobre a vida e a memória do santo, o hagiógrafo apresenta os resultados junto às cartas. O objetivo era informar a Santa Sé que o santo já era cultuado no âmbito local. Em geral, são relatos de milagres ocorridos no túmulo e não era objetivo provar a veracidade dos mesmos, uma vez que isto cabia aos inquiridos.<sup>99</sup>

O *processus* ou *informatio in partibus* começa com a bula que nomeia os encarregados e suas obrigações: coletar informações sobre a vida e os milagres e transmiti-las em forma de relatório sobre o desenrolar do processo. Em geral, o Papa nomeava três comissários, dentre eles, um bispo. Além desses, religiosos, notários e testemunhas acompanhavam os interrogatórios para garantir a regularidade dos procedimentos. No caso dos religiosos, os mendicantes estavam presentes e atuavam, por exemplo, como tradutores/intérpretes. Os notários tinham a função de redigir cópias dos depoimentos tal qual foram declarados publicamente e não deveriam interferir no processo. Eles ficavam a serviço dos comissários.<sup>100</sup>

Outro cargo importante era desempenhada pelo procurador, ao qual cabia a função de redigir os artigos interrogatórios, o próprio esquema sobre o qual deveriam seguir os depoimentos.<sup>101</sup> Segundo Vauchez, o objetivo esperado com o estabelecimento prévio dos *articuli* era evitar perda de tempo e informações inúteis. Ao mesmo tempo, formavam elementos de uma biografia sumária que evidenciavam os aspectos originais da “personalidade” do santo, o que incluía uma lista das suas virtudes.<sup>102</sup> Era uma espécie de catálogo que podia ser utilizado na confecção dos ofícios litúrgicos e como ponto de partida para as hagiografias.

Após o inquirido, os comissários disponibilizavam as atas ao papa que encarregava três cardeais para analisá-las. Segundo Vauchez, até o início do século XIII, tratava-se de um estudo de curta duração. No entanto, a partir da segunda metade desse século, passou a ser realizado em períodos mais longos.<sup>103</sup> A função desses leitores era informar os testemunhos mais verdadeiros. Em seguida, o Papa realizava duas reuniões secretas com cardeais, bispos e arcebispos, a partir das quais resultava a sentença, favorável ou não à canonização. Sendo a sentença positiva, ocorriam os eventos públicos: uma terceira reunião e a cerimônia litúrgica, na qual era anunciada a novidade através de bulas solenes. As bulas narravam as

---

<sup>99</sup> IDEM. Ibid. p. 50.

<sup>100</sup> IDEM. Ibid. pp. 51-53.

<sup>101</sup> IDEM. Ibid. p. 54.

<sup>102</sup> IDEM. Ibid. p. 58.

<sup>103</sup> IDEM. Ibid. p. 65. O autor não especifica o tempo médio de duração dessas etapas.

circunstâncias dos inquiridos, as virtudes e os milagres do santo e autorizavam/ordenavam a celebração da festa em sua homenagem, principalmente na diocese que possuía as relíquias.<sup>104</sup>

André Vauchez chama atenção para a racionalização imposta por esses procedimentos. A evidência é expressa pelas constantes ordens papais para novas investigações. Entre 1199 e 1276, 48 processos foram ordenados, 25 não tiveram resultados satisfatórios e 23 canonizações foram autorizadas. Porém, dessas, 18 processos foram alvo de reiterações e, após essa revisão, apenas 6 foram reconhecidos. Naquele período, portanto, apenas 11 canonizações foram efetuadas.<sup>105</sup> O autor explicou essa atitude em dois aspectos: primeiramente, as comissões que tinham a função de analisar as atas passaram a recusá-las por causa da forma de anotação dos depoimentos. Segundo o texto, os depoimentos não eram individualizados, nem transcritos literalmente. Eram relatórios impessoais redigidos pelos comissários. Papas como Honório III consideravam que não era possível se ter uma “ideia precisa das circunstâncias nas quais foram produzidos os fatos milagrosos alegados”.<sup>106</sup>

Outra questão levantada por Vauchez é que os inquisidores negligenciavam a necessidade de se realizar uma crítica sobre as informações e coletavam em quantidade. A orientação do papado passou a ser, portanto, pela meticulosidade e uma investigação precisa em um número reduzido de testemunhos. Além disso, após 1250 houve uma diminuição do número de ordens para refazer os inquiridos. Primeiramente porque os clérigos assimilaram a forma. Segundo, pelo aumento do interesse nas virtudes em detrimento do interesse pelos milagres.<sup>107</sup> Mas essa preocupação com a veracidade de declarações prestadas em tribunais não é exclusiva dos inquiridos para canonização. No século XIII, outras instâncias que colocavam em evidência a relação dos indivíduos com o que era permitido em termos de fé também eram alvo de investigações meticulosas que implicavam em absolvições e perdão dos pecados.

### **Direito(s), Inquisição e Canonização: processo, testemunhas, provas e verdade**

No século XII, a redescoberta do direito romano e a constituição específica e mais “orgânica” do direito canônico foram dois elementos importantes para a atuação de juízes e inquisidores no século seguinte. Segundo Jacques Paul, o direito romano substituiu os costumes feudais na prática do governo sem que as tradições jurídicas fossem completamente

---

<sup>104</sup> IDEM. Ibid. pp. 66-67.

<sup>105</sup> IDEM. Ibid. p. 60.

<sup>106</sup> IDEM. Ibid. p. 62.

<sup>107</sup> IDEM. Ibid. p. 64.

eliminadas.<sup>108</sup> Em relação ao direito canônico, o autor abordou o processo de amadurecimento do sistema de normativas eclesiásticas entre 1140 – *Decreto de Graciano* – e 1233, com as *Decretais* de Gregório IX, oriundas do ordenamento feito pelo professor de Direito em Bolonha, e dominicano, Raimundo de Peñafort.<sup>109</sup>

Também para este período, Alain Boureau considerou que uma das questões latentes foi o desenvolvimento da oposição entre direito natural e direito positivo. Segundo o autor, é próprio do direito positivo “rejeitar a recepção imediata dos fatos e de impor sua qualificação formal no seio de sistemas de interpretação”. Boureau considerou esta abstração como um traço essencial da Idade Média Central, a saber, a “abstração judiciária”, que consistiria em “procurar modelos abstratos e formais de equivalência entre as realidades empíricas incomensuráveis”.<sup>110</sup> Segundo o autor, a invenção desse direito positivo foi uma conquista do “racionalismo construtivista medieval, em ligação com a autonomização da ética e a construção do direito canônico, um direito divino e positivo”.<sup>111</sup> Essa autonomia, segundo o texto, residiria na “moral da intenção”, que caracteriza a ação moral sobre sua característica voluntária, independente da ação. Concepção esta que foi progressivamente questionada por um “positivismo jurídico”, que qualificava juridicamente – e não pela moral – as ações.<sup>112</sup>

É importante notar nesse texto de Alain Boureau a aproximação entre a inquisição contra a heresia e sobre a canonização. O autor considerou que um dos elementos imprescindíveis no início das investigações – em ambos os casos – era a pesquisa inicial sobre a *fama* dos indivíduos, suspeitos de heresia ou santidade. Segundo o texto, era preocupação de juiz e comissários fazer com que os depoentes definissem o sentido da palavra (*fama*) a partir do lugar de origem e sua extensão.<sup>113</sup> Entretanto, em outro texto, o autor considerou que o inquérito de canonização não é inquisitorial no sentido estreito do termo, por conta da

<sup>108</sup> PAUL, J. *Historia Intelectual del Occidente Medieval*. Madri: Cátedra, 2003. p. 388.

<sup>109</sup> IDEM. Ibid. p. 390. Segundo este autor, “El derecho canónico es el conjunto de reglas jurídicas y de prácticas consuetudinarias que que organizan la vida de la Iglesia. Es el resultado de las decisiones de los concilios, de las iniciativas de los obispos tomadas en virtud de su poder de juzgar y la opinión de los Padres de la Iglesia”. IDEM. Ibid. p. 389.

<sup>110</sup> BOUREAU, A. “Droit naturel et abstraction judiciaire: Hypothèses sur la nature du droit medieval”. *Annales HSS*, nº6, nov.-déc/2002, pp. 1463-1464. Neste texto, o autor parte de “convocações” contemporâneas feitas por juristas e historiadores do direito ao direito medieval nas quais atribuiriam uma série de características anacrônicas relacionadas ao direito positivo. Para tanto, Boureau escreve uma “genealogia” do direito positivo na Idade Média Central e analisa obras e tratados filosóficos sobre os conceitos de natureza, direito e fato. Essas considerações não se fazem essenciais neste momento da tese.

<sup>111</sup> IDEM. Ibid. p. 1477.

<sup>112</sup> IDEM. Ibid. pp. 1478-1479. Uma ressalva: a teoria do positivismo jurídico nasceu no século XIX e ganhou forças após a publicação da obra *Teoria Pura do Direito*, de Hans Kelsen, em 1934. Não faz parte dos objetivos de Alain Boureau, nem dos nossos, defender que antes de Kelsen já se falava em direito positivo. Trata-se apenas da utilização do sentido do termo “positivação do direito” no que tange ao estabelecimento de códigos escritos.

<sup>113</sup> IDEM. Ibid. p. 1480.

condição distinta das testemunhas.<sup>114</sup> Em relação aos métodos, Boureau apontou que o interrogatório visando a construção da verdade por elementos contraditórios – muito em voga no *Sic et non*, de Pedro Abelardo, e fortemente influenciado como “dúvida metódica” advinda da descoberta da *Ética*, de Aristóteles – também passou por um processo progressivo de transformações que levou à construção do interrogatório sumário. Este interrogatório poderia simplificar o procedimento jurídico, quando, por exemplo, as partes estavam em acordo e a prova, bem como a própria fase do debate e de contestação das teses em questão chegariam a ser dispensadas. Segundo Boureau, no papado de João XXII, o procedimento sumário foi muito utilizado nos mais diferentes assuntos da Igreja: desde os casos previstos no direito canônico do século XIII, como em situações de casamento e de usura.<sup>115</sup>

Entretanto, uma das questões mais presentes nos textos que abordam o direito medieval é a da proeminência dos costumes sobre a lei, ou, como defenderam alguns historiadores, o costume seria a lei. Ao considerar o “direito medieval” como “um debate historiográfico italiano”, Emanuele Conte elencou a recente produção de manuais feita por juristas e historiadores do direito na Itália.<sup>116</sup> Uma das obras que suscitaram os novos debates foi o manual escrito por Paolo Grossi, *L’Ordine Giuridico Medievale*.<sup>117</sup> Segundo Conte, a tese principal de Grossi é que a independência do direito em relação ao poder político predominou na Idade Média.<sup>118</sup> Alvo de adesões entusiastas, a tese também recebeu críticas contundentes, como as de M. Ascheri e E. Cortese, que afirmaram – em ocasiões distintas – que Grossi se deixou levar pelo modelo comunitário, pela oposição entre antigos e modernos, tomando partido pelos primeiros e não considerou a coexistência de princípios diferentes, além do costume, como a “vontade legislativa dos soberanos”.<sup>119</sup>

Seguindo esta direção sobre a coexistência de princípios jurídicos diferentes, Jacques Chiffolleau defendeu que, a despeito do que alguns historiadores afirmaram, o direito medieval não foi estático e apenas consuetudinário.<sup>120</sup> Segundo o autor:

Ao privilegiar, enfim, a regra do direito – que quer dizer *directum* em baixo latim, de onde vem nossa palavra “direito” – como manifestação eminente de uma coação organizada sob ameaça de sanção, e portanto considerar a parte mais importante os preceitos, os textos normativos, a “juridicidade”, os historiadores de nossos países

<sup>114</sup> IDEM. “Saints et Démons dans les process de canonization du début du XIVe siècle”... op. cit. p. 200.

<sup>115</sup> IDEM. “Droit naturel et abstraction judiciaire: Hypothèses sur la nature du droit medieval”...op. cit. p. 1484

<sup>116</sup> CONTE, E. “Droit médiéval: un débat historiographique italien”. *Annales HSS*, nº6, nov.-déc/2002, pp. 1593-1613.

<sup>117</sup> GROSSI, P. *L’Ordine Giuridico Medievale*. 2ªed. Roma: Laterza & Figli, 2002. (1ª ed. 1995)

<sup>118</sup> CONTE, E. “Droit médiéval: un débat historiographique italien”...op. cit. p. 1594.

<sup>119</sup> IDEM. *Ibid.* pp. 1594-1595.

<sup>120</sup> CHIFFOLEAU, J. “Direito(s)”. In: LE GOFF, J. & SCHMITT, J-C. (coords). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*...op. cit. v.1, pp. 333-351.

legalistas por muito tempo subestimaram a parte do julgamento, da disputa e do debate, do acordo e da casuística, da jurisprudência, enfim do que se poderia chamar de “justiciabilidade” no funcionamento social.<sup>121</sup>

Além disso, Chiffolleau considerou que o “comparativismo e a introspecção historiográfica” levaram os medievalistas a se interessar, cada vez mais, “pela prática e pelo método de regulamentar conflitos, pelos vínculos entre normas jurídicas e normas morais ou religiosas, pela evolução do processo, pela casuística de juízes e juristas”.<sup>122</sup> Este autor citou a relação do comparativismo com a descoberta dos historiadores pela judiciabilidade no que tange ao “inventário das diferenças” entre a sociedade estudada e a sociedade do historiador.<sup>123</sup>

Seguindo, a indicação de Chiffolleau e de Vauchez sobre a realização de inquéritos ser comumente aplicada a partir do século XIII, defendemos que para entender a judiciabilidade dos processos de canonização é necessário comparar peças jurídicas distintas. Compreender que esses inquéritos podem ser entendidos naquilo que têm em comum, como a busca pela verdade, as mediações e os filtros de inquisidores, testemunhas, notários, e naquilo que, por exclusão e diferenças, pode ajudar-nos a apreender as especificidades do objeto que nos interessa no momento.<sup>124</sup>

O envolvimento dos Dominicanos na luta contra os hereges está na raiz da própria fundação da Ordem, como um de seus principais objetivos. Nascido na região de Calaruega, Espanha, Domingos de Gusmão (1170-1221) viveu em um período de lutas da Igreja contra os movimentos heréticos – cátaros, valdenses etc – e participou ativamente das empreitadas, como a Cruzada Albigense. Esta Cruzada teve como objetivo destruir o catarismo no Langedoc (Sul da França), empreitada começada antes de 1150. O jovem Domingos, em 1204, segundo José Rivair Macedo, “foi o primeiro a propor que na luta contra os hereges a conversão se fizesse não apenas pelas palavras mas também pelo exemplo, adotando daí em diante o voto de pobreza”.<sup>125</sup> Segundo Jordão da Saxônia, que escreveu uma das primeiras obras sobre a Origem da Ordem dos Pregadores (concluída antes de 1234), durante o tempo em que esteve combatendo os hereges naquela ocasião, Domingos sofreu muitas injúrias dos

<sup>121</sup> IDEM. Ibid. p. 334.

<sup>122</sup> IDEM. Ibid. p. 335.

<sup>123</sup> Acreditamos que comparar entre si elementos de uma mesma sociedade revelam muitos aspectos que não se restringem às diferenças. Foi o que defendemos em nossa dissertação de mestrado. Cf. TEIXEIRA, I.S. A Encruzilhada das Idéias...op. cit. *passim*. E também IDEM. “Hagiografia e Teologia: duas formas de pensar, narrar e organizar a cristandade no final do século XIII”. *Revista de História Comparada*, vol.3, nº3, pp. 01-38. Disponível em: <http://www.hcomparada.ifcs.ufrj.br/revistahc/edant.htm>. Consultado em fevereiro de 2009.

<sup>124</sup> IDEM. A Pesquisa em História Medieval: relatos hagiográficos e processos de canonização. *Aedos*, v.2, n.2, pp. 71-94, 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/9832/5648>. Consultado em junho de 2011. Artigo em anexo.

<sup>125</sup> MACEDO, J.R. *Heresia, cruzada e inquisição na França Medieval*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 33.

“malvados” e “inimigos da verdade”, sendo ameaçado de morte.<sup>126</sup> A sua atuação rendeu-lhe prestígio junto ao Papa Inocêncio III que, em 1216, autorizou a organização e fundação da Ordem dos Pregadores, na região de Toulouse, sob a Regra de Santo Agostinho.

Voltada para a pregação e salvação das almas<sup>127</sup>, a Ordem forneceu à Igreja muitos inquisidores, dos quais importantes manuais chegaram até nós.<sup>128</sup> Macedo informa que o mais antigo guia foi preparado entre 1248-1249, por Bernardo de Caux, que foi inquisidor em Agen, Cahors e Toulouse e que um dos manuais mais importantes foi redigido por Bernardo Gui, entre 1321-1324, a saber, o *Manual do Inquisidor*, ou *Pratica Inquisitionis heretice pravitatis*.<sup>129</sup> Segundo Jeand Duvernoy, Bernard de Caux inaugurou um “estilo” de *processus* utilizado até o início do século XIV, que consistia em precisar o momento e as condições nas quais as testemunhas poderiam estar envolvidas em atividades suspeitas como ajudar, comer, enviar, receber ou presenciar uma “hérétication”.<sup>130</sup> Quanto à *Pratica* de Bernardo Gui, Annette Pales-Gobilliard, considerou que sua originalidade consiste em fornecer uma exposição sistemática dos procedimentos inquisitoriais e uma análise das crenças e dos ritos das diversas seitas.<sup>131</sup> De Bernardo de Caux a Bernardo Gui, as formas consideradas mais apropriadas para interrogar suspeitos de heresias foram aperfeiçoadas. Coincidentemente (ou não), também foi o mesmo período no qual os Processos de Canonização aperfeiçoaram a crítica dos milagres e reduziram o número de santos reconhecidos pelo Papado.

### **Registros da Inquisição, Registros de Canonização: as formas de anotar**

O historiador que se propõe a analisar inquéritos, como afirmado na introdução desta tese, se vê diante de filtros. A pergunta feita pelo inquisidor e a resposta (muitas vezes traduzida) do interrogado são anotadas pelos notários. Ao trabalharmos com um *Processus Inquisitionis*, deparamo-nos com uma documentação jurídica, no caso, canônica. É importante ressaltar que tanto as investigações sobre heresias quanto sobre santidade são inquéritos. O

<sup>126</sup> BEATO JORDÁN DE SAJONIA. *Orígenes de la Ordens de Predicadores*. Apud: SANTO DOMINGO DE GUZMÁN VISTO POR SUS CONTEMPORÁNEOS...op. cit. [cap] XX, pp. 177. Nas próximas citações constarão apenas o nome da obra, o capítulo e as páginas correspondentes.

<sup>127</sup> DOMINGOS DE GUZMÁN. *Liber Consuetudinum*. Apud: SANTO DOMINGO DE GUZMÁN VISTO POR SUS CONTEMPORÁNEOS...op. cit. Incipit Prologus, p. 864. Próximas citações: LC, capítulo e páginas correspondentes ao texto em latim.

<sup>128</sup> Para o período compreendido entre 1230-1349, Douais contou 74 inquisidores. Desses, 45 eram dominicanos. Mgr. DOUAIS. “Introduction”. In: DOCUMENTS POUR SERVIR A L’HISTOIRE DE L’INQUISITION DANS LE LANGUEDOC...op. cit. pp. CXXX-CXXXIV.

<sup>129</sup> MACEDO, J.R. *Heresia, cruzada e inquisição na França Medieval*...op. cit. p. 83.

<sup>130</sup> DUVERNOY, J. “Introduction”. In: BERNARD DE CAUX. *Cahiers de Bernard de Caux*...op. cit. p. 05.

<sup>131</sup> PALES-GOBILLIARD, A. “Bernard Gui Inquisiteur et auteur de la Practica”. *Cahiers de Fanjeaux: Bernard Gui et son monde*, nº 16. Fanjeaux: Privat, 1981. p. 254.

objeto dessas investigações é distinto, como fica evidente na própria “sentença” final: a inscrição no catálogo dos santos, o culto autorizado e reconhecido em toda a Igreja e, inclusive, a possibilidade de ser “queimado” caso as suspeitas de heresia se confirmassem.

Além disso, outra diferença é latente: não havia tortura nos processos para a verificação dos milagres, ao contrário, no caso das heresias, tratava-se de um procedimento autorizado. Isto implica, desde já, em considerar a função do inquisidor e da testemunha. Em ambos os casos, procura-se pela verdade, verdade esta que é mediada pelas perguntas do inquisidor, pela resposta do interrogado e pela anotação do notário. A diferença é que o depoente a favor da canonização quer falar e dar o testemunho tanto de sua crença quanto da excepcionalidade do indivíduo sobre o qual fala. O interrogado por suspeita de heresia, diante da possibilidade de uma sentença final e do uso da tortura, é possível que fale o que se queria ouvir ou mesmo se cale. Para esta proposta, interessa-nos as semelhanças no funcionamento desses dois tipos de investigação: as formas de anotação, os dados possíveis de serem coletados. Mas, obviamente, não podemos negligenciar os instrumentos que possibilitariam a eficácia desse funcionamento.

Neste sentido, abordamos as indicações metodológicas que Emmanuel Le Roy Ladurie e Carlo Ginzburg apontaram sobre a justiciabilidade dos inquéritos. Ginzburg caracteriza um processo inquisitorial como “registos escritos de produções orais”<sup>132</sup> e que, por exemplo, nos processos contra a bruxaria a documentação revelava “esquemas de origem culta da bruxaria inquisitorial” ao mesmo tempo em que se podia perceber em alguns casos uma discrepância entre as perguntas dos inquisidores e as respostas dos interrogados. Foi nesta discrepância que o autor percebeu que poderia abordar as idéias de Domenico Scandella, pois “a irreduzibilidade de uma parte dos discursos de Menocchio a esquemas conhecidos aponta para um estrato ainda não examinado de crenças populares, de obscuras mitologias camponesas”.<sup>133</sup>

É importante considerar também que, no caso das respostas que não revelam essa estranheza, Ginzburg as classifica como respostas elaboradas a partir de “estereótipos inquisitoriais então divulgados na Europa pela boca de pregadores, teólogos, juristas, etc”, já que o que os inquisidores faziam “era traduzir, quer dizer, interpretar, crenças que lhes eram

---

<sup>132</sup> GIZNBURG, C. “O Inquisidor como Antropólogo: uma analogia e suas implicações”. In: *A Micro-história e outros ensaios*. Lisboa: DIFEL, s.d., p. 202.

<sup>133</sup> IDEM. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. Maria Betania Amoroso. São Paulo: Cia das Letras, 1987. p. 25.

estranhas para um código diferente e mais claro”.<sup>134</sup> Esta consideração é relevante para o nosso trabalho na medida em que, como veremos, as respostas dos interrogados tendem a se repetir, tanto no que tange às informações sobre as virtudes do santo quanto sobre os milagres. Também por esse motivo, é importante ressaltar que no “Prefácio” de *O queijo e os vermes* Ginzburg faz a afirmação que “uma análise de classe é sempre melhor que uma análise interclassista” para criticar a história das mentalidades.<sup>135</sup>

A obra *Montaillou*, de Emmanuel Le Roy Ladurie, também foi construída a partir de “documentos da repressão”. Especificamente, o autor analisou os dossiês do tribunal de Pamiers (1316-1325) organizados e dirigidos por Jacques Fournier, futuro Papa Bento XII.<sup>136</sup> Segundo o autor, graças ao preciosismo e meticulosidade do inquisidor, chegou à contemporaneidade uma documentação que permite a análise não apenas sobre a heresia, como também sobre questões da vida material, da sociedade, da família e da cultura camponesa na aldeia de Montaillou, no Sul da França.

Por ora, interessa a observação feita por Ladurie no tocante à forma final da documentação. Os volumes foram transcritos em três estágios: inicialmente, os interrogatórios/depoimentos eram redigidos em forma de protocolo (breves anotações) pelos notários que, em seguida, redigiam as *minutas*. Estas podiam ser modificadas em algumas partes pelos interrogados. Em seguida, havia a versão final, ou como o autor definiu, os “textos minutados”.<sup>137</sup> Além disso, Ladurie observa a questão das constantes traduções: os acusados exprimiam-se em occitânico (ou, alguns, em gaulês). Suas falas eram traduzidas para o latim e do latim à língua vulgar quando se estava no segundo estágio da redação das *minutas*. Ladurie considera que a tradução para a língua vulgar do que foi registrado nas *minutas* em latim, era oral.<sup>138</sup>

É mais ou menos dessa forma que temos acesso aos depoimentos no processo de canonização de Tomás de Aquino: um relatório, no qual o notário escreve “Interrogado sobre a vida, disse que”. Fórmula que se repete em todas as declarações. Finalmente, é importante ressaltar que, assim como Ginzburg, Ladurie não estava pensando no que havia de comum entre os camponeses de Montaillou e o inquisidor Jacques Fournier. Ao contrário, o autor buscou os possíveis testemunhos que o camponês poderia dar de si próprio e, seguindo esse princípio, escreveu sua “investigação de história agrária francesa” a partir de uma

<sup>134</sup> IDEM. “O Inquisidor como Antropólogo: uma analogia e suas implicações”...op. cit. Citações referentes às páginas 206 e 212, respectivamente.

<sup>135</sup> IDEM. *O Queijo e os Vermes*...op. cit. p. 32.

<sup>136</sup> LADURIE, E. L. R. *Montaillou: Cátaros e Católicos numa aldeia francesa, 1294-1324*. Lisboa: Ed. 70, s.d.

<sup>137</sup> IDEM. Ibid. p. 22-23.

<sup>138</sup> IDEM. Ibid. p. 23.

“monografia aldeã”. Esses autores reforçam que a diferença entre o mundo do interrogado e o mundo daquele que interroga dão ao historiador o acesso aos dois mundos a partir das minutas de um processo inquisitorial.

Essas observações são importantes porque, ao contrário do que afirmou Alain Boureau, acreditamos que as investigações sobre heresia e sobre a santidade podem ser aproximadas. Neste sentido, o próprio interesse no funcionamento jurídico dos processos de canonização, expresso nos trabalhos reunidos por Gábor Klaniczay, é indício não apenas da possibilidade interpretativa dos mesmos como de uma prática inserida em seu tempo. Nesta obra é latente a questão da prova: a procura incessante dos envolvidos nas mais diferentes causas analisadas em provar a sobrenaturalidade dos candidatos a santos a partir dos signos de sua “perfeição de vida e de seus milagres”.<sup>139</sup>

Dividida em cinco partes, a obra aborda questões gerais sobre o universo da santidade medieval católica e a especificidade dos processos de canonização, como no texto de Aviad Kleinberg. Segundo este autor, – expressando uma questão historiográfica consensual – a novidade não são os cultos em si. Existem semelhantes formas de devoção nas mais diversas religiões. A novidade é o controle papal e o poder auto-vestido para tal. Além disso, Kleinberg caracteriza a canonização como “a fascinating religious phenomenon” e, como fonte, fornece muitas informações sobre as noções populares e das elites sobre o sobrenatural.<sup>140</sup> Além dessas questões gerais, constam estudos sobre as relíquias e também aparece uma abordagem regional: uma divisão geográfica do culto aos santos e dos processos de canonização, caracterizando estudos sobre o norte da Europa, a Europa Central e a Itália. Uma parte dedicada à questão jurídica e ao papado e, por fim, a “evolução [da santidade] no fim da idade média e na época moderna”.

A investigação específica feita por Klaniczay sobre as provas de santidade no século XIII, a partir dos processos de Elizabeth da Turíngia (1207-1231) e de Margarida da Hungria (1242-1270), permite que, ao compararmos com as instruções dadas por João XXII para a investigação sobre a vida e os milagres de Tomás de Aquino, estabeleçamos uma proximidade entre os inquiridos. Gregório IX, ao autorizar a abertura do processo sobre as suspeitas e cartas referentes aos milagres e ao culto a Elizabeth da Turíngia, em 1232, determinou que fossem minuciosamente levantadas informações sobre como as testemunhas souberam, quando, em que mês, em que dia, quem estava presente, em qual lugar e o que foi dito, quanto

<sup>139</sup> KLANICZAY, G. “Introduction”. In: IDEM. (dir.). *Procès de Canonisation au Moyen Âge: aspects juridiques et religieux. Medieval Canonization Processes: legal and religious aspects...* op. cit. p. 02.

<sup>140</sup> KLEINBERG, A. “Canonization Without a canon”. In: KLANICZAY, G. (dir.). *Ibid.* p. 14.

tempo depois viram as pessoas curadas, qual o lugar de origem dessas pessoas...enfim, uma investigação de/sobre todas as circunstâncias.<sup>141</sup> A conclusão deste autor é que a santidade “nova” que pode ser percebida por esses processos é que os milagres narrados, embora compartilhem de elementos extremamente difundidos – dentro daquilo que Ginzburg chamaria de “estereótipos inquisitoriais” –, correspondem às virtudes daquelas santas expressas em vida. Em outras palavras, os milagres *post mortem* correspondem às virtudes dos candidatos a santo quando viviam.<sup>142</sup>

Outro texto que se refere à santidade na Europa central e na Itália é o de Paolo Golinelli, sobre a escolha das testemunhas. Em linhas gerais, o autor concluiu que nos mais variados casos, a escolha das testemunhas privilegia os clérigos e, quando da convocação de leigos, as personalidades dos poderes locais aparecem nos inquéritos de clérigos, como no caso de São Domingos – podemos também inserir, a especificidade das testemunhas interrogadas no processo de Tomás de Aquino, como veremos a seguir. No caso dos cultos populares, Golinelli afirmou que os leigos predominam como testemunhas. Entretanto, principalmente no século XIV, “a conspicuous predominance of distinguished personalities” entre os leigos.<sup>143</sup>

É relevante a observação que nessas abordagens sobre a santidade, a partir dos processos de canonização, há poucas referências sobre as possibilidades de entendê-los como uma prática inquisitorial. Contudo, pensamos nessa aproximação diante de alguns indícios: não existem, além das bulas dos papas que indicam os critérios e formas de investigação, manuais para inquéritos de canonização, como encontramos sobre confissão e heresia. Além disso, a semelhança estrutural pode enriquecer a análise dos processos de canonização.

Acreditamos que ao evidenciar que as formas de anotação eram as mesmas e que, na ausência de manuais para a canonização, tanto os papas quanto os inquisidores dessas causas tinham nos manuais para investigação de suspeita de heresias os “modos” de se proceder à procura da verdade. Isso se faz importante, pois é sob esses aspectos que temos acesso tanto às informações que Guilherme de Tocco utilizou na *Ystoria*, quanto à forma de registro para o papado, interessado e responsável no/pelo controle da santidade oficial.

Sendo assim, perguntamos: qual São Tomás era possível? Pretendemos responder a essa questão levando em consideração, além dos aspectos jurídicos, as indicações sobre a

<sup>141</sup> KLANICZAY, G. “Proving Sanctity in the canonization processes (Saint Elizabeth and Saint Margaret of Hungary)”. In: IDEM. Ibid. pp. 124-125.

<sup>142</sup> IDEM. Ibid. pp. 147-148.

<sup>143</sup> GOLINELLI, P. “Social aspects in some italian canonization trials: the choice of witnesses”. In: KLANICZAY, G. (dir.). Ibid. pp. 165-180. Importante ressaltar que, apesar de trabalhar com processos ocorridos durante o pontificado de João XXII, o autor não abordou a canonização de Tomás de Aquino.

escolha das testemunhas, segundo Paolo Golinelli, e também as implicações dos “filtros” dos inquisidores e as informações que chegaram até nós. Além disso, é imprescindível analisar o depoimento de Guilherme de Tocco. Depoimento este que não pode ser lido sem considerar o conhecimento prévio dos escritos hagiográficos dominicanos anteriores à *Ystoria*, os depoimentos de 1319 anteriores ao de Guilherme de Tocco. Sendo assim, a questão “qual Tomás era possível?” pode ser complementada: Havia a possibilidade de se construir um Tomás como santo dominicano? Mas o que era um santo dominicano entre o final do século XIII e o início do século XIV?<sup>144</sup> Esses elementos são o objeto de análise do capítulo seguinte. Antes, porém, para finalizar o atual capítulo, faz-se necessário apresentarmos as peças em observação, ou seja, os inquéritos de 1319 e 1321.

### **Os inquéritos de Nápoles e Fossanova: à procura de um santo e seus favorecidos**

Nas páginas anteriores, analisamos algumas facetas do universo da construção da santidade oficial no final do século XIII e início do século XIV: o aparato judicial, as prerrogativas papais e as primeiras informações obtidas a partir de uma leitura da *Ystoria*.

É importante notar, principalmente na segunda parte da *Ystoria*, que Guilherme de Tocco nos fornece um itinerário da sua empreitada para a canonização de Tomás de Aquino. Os “milagres” 13 e 14 da tabela 4 revelam os percursos das pesquisas realizadas por aquele dominicano. Nas páginas seguintes, e tentando utilizar ao máximo os dados e observações levantadas sobre a questão jurídica do processo de canonização, propomos uma análise de como o hagiógrafo, em sua dupla condição de participação no processo, atuou nos *testes auditi* entre 21 de julho e 18 de setembro de 1319 e a composição do inquérito realizado em 1321. Com isso, esperamos fornecer elementos para os outros capítulos e, além da santidade construída de Tomás, expor os indivíduos que estiveram envolvidos naquela ocasião.

Para 1319 temos o seguinte panorama: foram 32 depoentes, dentre os quais 16 eram da Ordem Cisterciense de Fossa-Nova, onde Tomás de Aquino morreu. Outros 6 eram dominicanos, cuja procedência provável seja Nápoles, ao menos para 5 freis, apesar de essa indicação explícita só é feita em 2 casos). A exceção seria Guilherme de Tocco, que era de

---

<sup>144</sup> Para o século XIII, Carolina Fortes, em sua tese de doutorado *Societas Studii*, discute a criação de uma identidade dominicana pautada pela relação da Ordem como um todo, inclusive da santidade de Domingos de Gusmão e Pedro de Verna, com os estudos. A autora aponta que a própria canonização de ambos os frades ficara em segundo plano diante da urgência de se construir um sistema educacional entre as décadas de 1220 e 1260. Cf: FORTES, C. C. *Societas studii*: A construção da identidade institucional e os estudos entre os Frades Pregadores no século XIII. **Tese (Doutorado em História)**. 370f. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

Benevento. Houve ainda o inquérito de Iacobus de Viterbio, identificado como *Canonicus Neapolitaus*, porém não há referências se pertencia a alguma ordem religiosa. A outros 2 depoentes, Maphaeus Aconzaiocus de Barello e Iacobus Capuanus, não foram identificadas funções. No primeiro caso não se sabe sequer a procedência; no segundo, trata-se de um napolitano. Como indicam as tabelas 5 e 6, os depoentes são do lugar de morte e de nascimento de Tomás.

**Tabela 4: Relação entre milagres narrados e itinerário de Guilherme de Tocco**

Milagres	Itinerário	Tipo de milagre
1-9	Culto popular em Piperno e San Lorenzo	Curas e “exorcismo” de um oblató.
10	Nomeação promotor da causa da canonização	Dois frades são resgatados de um naufrágio.
11	Viagem para Avignon	Dois frades resgatados no mar pelos méritos do santo.
12	Chegada à Cúria Papal	Cura de Roberto de Benevento, dominicano.
13-14	João XXII ordena a pesquisa em Nápoles	Menção a milagres realizados em Fossanova.
15-16	Duas visões que comprovariam a multiplicação dos signos do santo.	
17-24	Milagres relatados pelos monges de Fossanova	Curas, com ênfase na febre.
25-40	Habitantes de Piperno	Curas. Há duas intercessões relacionadas à liberação do espírito de uma criança lunática e de um homem que caiu no canal de um moinho.
41-46	Habitantes de Sonnino	Curas.
47-50	Milagres em Carpineto, Fondi e Terracine	Curas.
51-53	Habitantes de Nápoles	Curas e um homem que foi livrado da morte.
54-62 e 65	Milagres que pertencem à pesquisa ou em torno de João XXII	Curas e proteção.
63-70	Milagres recolhidos nas viagens	Curas. O milagre 69 foi quando santo vivia.
71	João XXII ordena a pesquisa em Fossanova.	
72-79	Milagres em Fossanova	Curas e proteção.
80-96	Milagres em Sonnino	Curas e proteção.
97-138	Milagres em Fossanova	Curas e proteção.
139-146	Coletados em Nápoles.	Curas e visões. O milagre 143 é uma chama que anuncia a canonização.

Fonte: LE BRUN-GOUANVIC, C. “Introduction”. In: GUILLAUME DE TOCCO. L’Histoire de saint Thomas d’Aquin. Paris: Cerf, 2005. pp. 17-18.

Esta tabela permite uma outra abertura para a leitura dos relatos hagiográficos, ou seja, da hagiografia também como um relato de viagem. Esta perspectiva também fazia parte das intenções iniciais que tínhamos para esta tese e que foram modificadas, como já afirmado anteriormente. Porém, para que se mantenha a indicação de um plano futuro de análise e/ou caminhos para estudos sobre hagiografia, é imprescindível considerar o texto de Michel de

Certeau já citado e as reflexões propostas por François Hartog sobre a alteridade nesse tipo de literatura.<sup>145</sup>

**Tabela 5: Depoentes entre 23 de julho e 18 de setembro de 1319 no Palácio Episcopal de Nápoles**

DEPOENTE	DATA	CARGO/FUNÇÃO	ORIGEM/ORDEM
Petrus Grassus	23/07/1319	Comissário Régio	Nápoles
Nicolaus	24/07/1319	Abade	Fossa-Nova/Cisterciense (C)
Nicolaus de Fresolino	24/07/1319	Monge	Fossa-Nova (C)
Martinus de Pastinã	24/07/1319	Sacerdote	Fossa-Nova (C)
Octavianus de Babuco de Campaniã	25/07/1319	Sacerdote e monge	Fossa-Nova (C)
Nicolaus de Piperno	26/07/1319	Monge	Fossa-Nova (C)
Petrus Francisci de castro Piperni	26/07/1319	Monge	Fossa-Nova (C)
Gregorius de S. Stephano	27/07/1319	Sacerdote e monge	Fossa-Nova (C)
Leonardus de Piperno	27/07/1319	Monge	Fossa-Nova (C)
Ioannis de Adelsiã de Piperno	27/07/1319	Sacerdote e monge	Fossa-Nova (C)
Ioannis de Sclavis	28/07/1319	Sacerdote e monge	Fossa-Nova (C)
Iacobus de Fresolon	28/07/1319	Sacerdote e monge	Fossa-Nova (C)
Petrus de Fundis	30/07/1319	Sacerdote e monge	Fossa-Nova (C)
Henricus de Carrahulis [sic]	30/07/1319	Nobre	Nápoles
Iacobus de Caiatiã	31/07/1319	Monge?	Dominicano (D)
Nicolaus de Filimarino	31/07/1319	Nobre	Nápoles?
Petrus de S. Felice	31/07/1319	Monge?	(D)
Thomas de Mathiã	31/07/1319	Abade	
Corradus de Suessa	31/07/1319	Sacerdote	(D)
Ioannis	01/08/1319	Monge?	Nápoles (D)
Petrus de Castro Montis S. Ioannis	01/08/1319	Monge	Fossa-Nova (C)
Petrus de Piperno	03/08/1319	Monge	Fossa-Nova (C)
Guilhelmus de Tocco	04/08/1319	Sacerdote e Prior	Benevento (D)
Antonius de Brixia	04/08/1319	<i>Sacerdos studens</i>	Nápoles (D)
Maphaeus Aconzaiocus de Barello	04/08/1319		
Iacobus Capuanus	06/08/1319		Nápoles
Ioannis Blasii	06/08/1319	Juiz	Nápoles
Nicolaus de Roccã-Sicca	07/08/1319	Sacerdote e monge	Fossa-Nova (C)
Riccardus de Fundis	07/08/1319	Sacristão	Fossa-Nova (C)
Leonardus de Caietã	08/08/1319	Sacerdote	Nápoles? (D)
Bartholomæus de Cápua	08/08/1319	<i>Logotheta &amp; Protonotarius regni Siciliae</i>	Sicília
Iacobus de Viterbio	18/09/1319	<i>Canonicus Neapolitanus</i>	Nápoles

Fonte: AA SS, Martii I.

Este levantamento dos nomes nos forneceu, então, o seguinte quadro sobre lugar de proveniência dos interrogados em 1319:

<sup>145</sup> HARTOG, F. *O Espelho de Heródoto: ensaios sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

**Tabela 6: Lugar de origem dos interrogados em 1319**

Número de Interrogados	Nápoles	Fossanova	Outras regiões
09	X		
16		X	Piperno – 05
			Cápua – 01
01			Benevento
01			Viterbo
01			Sicília

Fonte: AA SS, Martii I.

Por estes dados podemos concluir que a “santidade” era procurada em locais próximos aos de morte e sepultamento. Uma expansão do “alcance” dos milagres e/ou de milagres realizados longe desses locais seria um processo relativamente tardio a acontecer e ser considerado como elemento nos processos de canonização. Além disso, temos como trabalhar com as informações sobre cargos, funções e se esses interrogados eram leigos, religiosos e de a quais Ordens estavam ligados:

**Tabela 7: Leigos e Religiosos interrogados em 1319**

Número de Interrogados	Dominicanos	Cistercienses	Leigos
07	X		
16		X	
05			X

Fonte: AA SS, Martii I.

Os dados relacionados a esta tabela são importantes. Inicialmente, é necessário destacar o número de dominicanos interrogados em relação aos cistercienses e, mais ainda, uma participação reduzida de leigos nos interrogatórios. Panorama que se inverteria totalmente no inquérito de 1321, como veremos a seguir.

Outras informações importantíssimas para esta tese, obtidas a partir da leitura das atas, são os milagres relatados nos depoimentos, os quais evidenciam que foram revelados vinte e quatro milagres diferentes (alguns são repetidos por quase todos os interrogados, principalmente os ocorridos em Fossanova). Desses milagres, vinte são de cura e os demais podem ser considerados “milagres de ajuda” ou “proteção”, nos quais o santo ajudou o devoto com animais descontrolados ou espantou demônios.

Além disso, oito dos interrogados foram atendidos pelo santo nos milagres relatados: 7 relacionados às curas (dores no braço, cegueira, morte, dores no intestino, tumor na cabeça) e 1 à ajuda (libertou o espírito de uma criança que, por causa disso, entrou para o mosteiro e era converso de Fossanova). Em relação às mulheres que aparecem nos depoimentos de 1319, apenas Margarita de Piperno foi curada. As demais são mães que levam seus filhos à porta do

mosteiro para que, levados ao interior ou pelo pai ou por um monge, fossem colocados sobre a sepultura do santo para a cura.<sup>146</sup>

Ao comparar os milagres contidos na *Ystoria* com as atas do inquérito de Fossanova, Claire Le Brun-Gouanvic concluiu que Guilherme de Tocco trabalhou com 64, enquanto que, nas atas, o número é de 48 milagres. Nesta comparação, 17 milagres coincidem nos dois casos; 31 aparecem apenas nas atas e 47 apenas na *Ystoria*. Entretanto, segundo a autora, além de ter trabalhado com os milagres coletados e que não constam nas atas, é possível, também, que Guilherme de Tocco não tenha conhecido todos os milagres.<sup>147</sup>

Para os interrogatórios ocorridos entre 10 e 27 de novembro de 1321 temos 112 depoimentos anotados. Destes, aparecem 41 mulheres e 71 homens, como indicado na tabela:

**Tabela 8: Interrogados em 1321**

DEPOENTE	DATA	CARGO/FUNÇÃO	ORIGEM/ORDEM
Petrus Boccasicus (1)	10/11/1321		Piperno
Nicolaus Zappus	10/11/1321	Converso	Piperno/Fossa-Nova (C)
Manuel	10/11/1321	Converso	Piperno/Fossa-Nova (C)
Petrus Andreae	11/11/1321	Monge	Piperno/Fossa-Nova (C)
Leonardus	11/11/1321	Leigo	Piperno
Stephania (1)	11/11/1321	Leiga	Piperno
Bartholomæus Leonardi Leonis	11/11/1321	Leigo (criança)	Piperno
Petrus Schimanae	11/11/1321	Leigo (criança)	Piperno
Marcus Thebaldi	11/11/1321	Converso	Piperno/Fossa-Nova (C)
Iacobus Bartolomæi	12/11/1321	Presbítero da Igreja de Santo Ângelo	Diocese de Terracina/Sonino
Iohannes Varalus	12/11/1321	Clérigo da Igreja de São Pedro	Sonino
Amatus Bruni (2)	12/11/1321	Leigo	Sonino
Floria Nicolai	12/11/1321	Leiga	Sonino
Romana (2)	12/11/1321	Leiga	Sonino
Nicolaus Sicæ	12/11/1321	Clérigo	Sonino
Bartholomæus Theobaldi	12/11/1321	Leigo	Sonino
Nicolaus Inffancelli Raymundi (3)	13/11/1321	Leigo	Sonino
Valdebrunus Frociæ	13/11/1321	Converso	Fossa-Nova (C)
Bartholomæus Bonihominis	13/11/1321	Leigo	Sonino
Saracena Infancelli Raymundi (3)	13/11/1321	Leiga	Sonino
Infancellus Raymundi (3)	13/11/1321	Leigo	Sonino
Valdebrunus Leonis	13/11/1321	Leigo	Sonino
Iacobus Nicolai	13/11/1321	Presbítero e Monge	Piperno/Fossa-Nova (C)
Nicolaus de Frusinone	13/11/1321	Monge	Fossa-Nova (C)

<sup>146</sup>AA SS, *Martii* I, pp. 686-716.

<sup>147</sup> LE BRUN-GOUANVIC, C. Introduction. In: GUILLAUME DE TOCCO. *Ystoria sancti Thome de Aquino* (1323)...op. cit. pp. 185-190. A cifra trabalhada por Claire Le Brun-Gouanvic só é possível ao contar as repetições, o que não consideramos como “milagres diferentes”, e sim, ocorrência de um mesmo milagre em diferentes depoimentos.

Iohannes de Terracena	13/11/1321	Presbítero e Monge	Terracena/Fossa-Nova (C)
Iacobus	14/11/1321	Magister	Piperno/Fossa-Nova (C)
Nicolaus de Frusinone	14/11/1321	Monge	Fossa-Nova (C)
Leonardus Sacurelle	14/11/1321	Converso	Fossa-Nova (C)
Iohannes Cossa	14/11/1321	Leigo	Piperno
Sophia Leonardi (4)	14/11/1321	Leiga	Sonino
Iulianessa (4)	14/11/1321	Leiga	Sonino
Crescentius Novellus	14/11/1321	Leigo	Sonino
Nicolaus Barolus	14/11/1321	Leigo	Sonino
Iulianessa Iacobi	14/11/1321	Leiga	Sonino
Petrus Nicolai	14/11/1321	Leigo	Sonino
Bartholomæus Mezettus	14/11/1321	Leigo	Sonino
Petrus Carolus	16/11/1321	Leigo	Terracina
Gemma dicta Ronilgione (13)	16/11/1321	Leiga	Terracina
Mabilia	16/11/1321	Leiga	Terracina
Leonardus	16/11/1321	Leigo (criança)	Terracina
Nicolaus de Aprutio (5)	16/11/1321	Leigo	Terracina
Formosa (5)	16/11/1321	Leiga	Terracina
Bartholomæus Petri Bennicasse (6)	16/11/1321	Leigo	Sermineti/Terracina
Bona (6)	16/11/1321	Leiga	Sermineti/Terracina
Leonardus Palumbus	16/11/1321	Notario	Sermineti/Terracina
Petrus Craparius (7)	16/11/1321	Leigo	Sermineti/Terracina
Marotta (7)	16/11/1321	Leiga	Sermineti/Terracina
Petrus (7)	16/11/1321	Leigo	Sermineti/Terracina
Iohannes Rubeus	16/11/1321	Magister/Físico	Sermineti/Terracina
Maria Egidi	16/11/1321	Leiga	Sermineti/Terracina
Iohannes Rubeus	16/11/1321	Magister/Físico	Sermineti/Terracina
Bellicia Serena	16/11/1321	Leiga	Sermineti/Terracina
Rosa (8)	16/11/1321	Leiga	Terracina
Iacobus de Balena (8)	16/11/1321	Notário	Terracina
Nicolaus de Balena (8)	16/11/1321	Leigo (criança)	Terracina
Nicolaus Quinque Selli	17/11/1321	Converso	Frusinone/Fossa-Nova (C)
Guido	17/11/1321	Leigo	Piperno?
Gemma Gregorii	17/11/1321	Leiga	Piperno
Petrucius (11)	17/11/1321	Leigo	Piperno
Matthæus de Noria (9)	18/11/1321	Leigo	Piperno
Bellitia (9)	18/11/1321	Leiga	Piperno
Maria Simeonis (10)	18/11/1321	Leiga	Piperno
Iohannes Garini (10)	18/11/1321	Leigo	Piperno
Petrus Letus	18/11/1321	Notário	Piperno
Gemma Petri Zappi	18/11/1321	Leiga	Piperno
Schimana Yldibrandini	18/11/1321	Leiga	Piperno
Nicolaus Grassone (15)	18/11/1321	Leigo	Sermineti/Terracina
Petrus Cresenti	19/11/1321	Converso	Piperno/Fossa-Nova (C)
Nicolaus Piccardi	19/11/1321	Leigo	Terracina
Nicolaus Taurellus	19/11/1321	Leigo	Terracina
Iacobus Cafassus	19/11/1321	Leigo	Terracina
Petrus (10)	19/11/1321	Leigo	Piperno
Iohannes Limatæ	19/11/1321	Leigo	Sonino
Gemma (11)	19/11/1321	Leiga	Piperno
Leonardus de Iulgiano	19/11/1321	Medico e cirurgião	Piperno
Iohanna Christina	19/11/1321	Leiga	Piperno
Petrucia Pistella	19/11/1321	Leiga	Piperno
Maria Barrola	19/11/1321	Leiga	Piperno
Romica (12)	19/11/1321	Leiga	Piperno
Maria de Monte (12)	19/11/1321	Leiga	Piperno

Lea Pennazola (12)	19/11/1321	Leiga	Piperno
Nicolaus de Monte Sancti Iohannis	20/11/1321	Leigo	Piperno
Ceccus Ronilgione (13)	20/11/1321	Leigo	Terracina
Nicolaus	20/11/1321	<i>Magister</i>	Piperno
Petrus Cinus	20/11/1321	<i>Magister chirurgicus</i>	Piperno
Gemma Rubea (14)	20/11/1321	Leiga	Piperno
Adelasia (14)	20/11/1321	Leiga	Piperno
Nicolaus Bruni (2)	21/11/1321	Leigo	Sonino
Nicolaus Petri Nicolai	21/11/1321	Leigo	Piperno
Petrus Amati	21/11/1321	<i>Oblatus</i>	Piperno/Fossa-Nova (C)
Mabilia (15)	21/11/1321	Leiga	Sermineti/Terracina
Theodora Manicone	21/11/1321	Leiga	Sonino
Blanditia Nicolai	23/11/1321	Leiga	Terracina
Agnes Philippi (16)	23/11/1321	Leiga	São Lourenço de Valle/Ferentinati
Nicolaus Bartholomæi (17)	23/11/1321	Leigo	Piperno
Nicolucius Affinnati	23/11/1321	Leigo	Piperno
Petrus Gualgani (19)	23/11/1321	Leigo	Piperno
Petrus Valla	23/11/1321	Leigo	Piperno
Petrus Ectari (20)	24/11/1321	Leigo	Piperno
Gemma Corruina (16)	24/11/1321	Leiga	São Lourenço de Valle/Ferentinati
Petrus (18)	24/11/1321	Notário (?)	Piperno
Marcus	25/11/1321	<i>Magister</i> e clérigo da Igreja Santa Lúcia	Piperno
Czituara (17)	25/11/1321	Leiga	Piperno
Gemma (17)	25/11/1321	Leiga	Piperno
Barbatus	25/11/1321	Leigo	Piperno
Odolina (18)	25/11/1321	Leiga	Piperno
Bellitia (19)	25/11/1321	Leiga	Piperno
Andreas Francisci	25/11/1321	Leigo	Piperno
Leonardus Iacobi	25/11/1321	Leigo	Piperno
Gayta (20)	27/11/1321	Leiga	Piperno
Maria Pepe (20)	27/11/1321	Leiga	Piperno

Fonte: FONTES VITAE S. THOMAE AQUINATIS, *Revue Thomiste*, 1931, vol.1. Processus. IV-V, pp. 409-510.

Esta longa lista de nomes, datas, cargos/funções e locais de origem apenas corrobora com os argumentos sobre as exigências papais de realização de inquéritos mais estruturados e investigações mais apuradas sobre a ocorrência de milagres. Os números que indicamos entre parênteses, como nos casos de Petrus Craparius (7), Marotta (7) e Petrus (7) revelam que os inquisidores estabeleceram a investigação a partir da convocação de testemunhas no interior das próprias famílias. Para tal, temos, portanto, um total de 20 famílias diferentes, somando cerca de 50 pessoas com laços de parentescos (normalmente pai, mãe e filho, com algumas excessões para tias e irmãos).

É importante ressaltar, também, que temos basicamente testemunhas das mesmas regiões de 1319. Porém, o tempo transcorrido no primeiro inquérito (julho a agosto de 1319) e o tempo do segundo (novembro de 1321) revela também certa agilidade no último caso,

considerando que foram interrogadas 80 pessoas a mais, mesmo considerando as duas testemunhas interrogadas duas vezes: Nicolaus de Frusinone e Iohannes Rubeus.<sup>148</sup> Revela, ainda, o aparecimento de mulheres e a predominância de leigos e a ausência de frades dominicanos. No inquérito, também é significativa a ausência de perguntas sobre a *fama* da vida de Tomás o que implica em considerar que o alvo de 1321 foram apenas os milagres.

Todo este aparato foi necessário na medida em que, como indica a leitura da carta expedida em junho de daquele ano, o papa João XXII, aconselhado por homens “idôneos”, ainda não considerava satisfatório o resultado obtido em 1319. Sendo assim, recomendou que fossem coletados e diligentemente registrados relatos de milagres atribuídos a Tomás.<sup>149</sup>

É importante destacar o seguinte trecho desta carta:

Sane dudum ex parte carissime in Christo filie nostre Marie, regine Sicilie, illustris relicte clare memorie Caroli secundi regis Sicilie, et dillectorum filiorum nobilium virorum Philippi principis Tarentini et Iohannis comitis Graviniensis, ac aliorum plurium comitum et baronum regni Sicilie, communitatis quoque ac universitatis magistrorum et scolarium studii Neapolitani nobis et fratribus nostris per eorum litteras extitit intimatum quod recolende memorie frater Thomas de Aquino, ordinis Predicatorum, sacre theologie doctor, dum vixit, sancte vite floruit, meritis, conversatione resplenduit ac multis et magnis tam ante quam post ipsius obitum milaculis coruscavit, quare pro parte isporum fuit nobis humiliter supplicatum ut de ipsius vita et miraculis faceremus inquiri et si inveniremus premissa veritate fulciri, ipsum sanctorum cathalogo adscribentes faceremus eumdem per universas ecclesias honore congruo solemniter venerari.<sup>150</sup>

Embora o pontífice finalize este excerto com a suposição que legitima o inquérito (“*premissa veritate*”), o trecho começa com a expressão “*sane dudum*” e relaciona esta certeza aos nomes da casa real da Sicília, à universidade de Nápoles e “*aliorum plurium comitum et baronum regni Sicilie*”. O que temos aqui, no nosso entender, é a insistência papal na santidade de Tomás e a necessidade formal de passar pelo crivo do processo inquisitorial. Porém, os nobres supracitados, por si só, eram importantes atestados da verdade.

<sup>148</sup> Indicados em vermelho na tabela.

<sup>149</sup> A carta é o terceiro item da compilação publicada como *Liber de Inquisitione Super Miraculis Fratris Thome de Aquino*. **FONTES VITAE S. THOMAE AQUINATIS**...op. cit. pp. 412-415. Texto estabelecido a partir BN. Ms Lat. 3113 (59 folios, segunda metade do século XIV).

<sup>150</sup> Ibid. p. 413 Tradução com auxílio de Cassiano Malacarne: “Certamente, em outro tempo, da parte da caríssima em Cristo, nossa filha Maria, rainha da Sicília, viúva do ilustre Carlos II de brilhante memória, rei da Sicília, e dos amados filhos nobres varões Felipe, príncipe de Tarento e de João, conde de Gravina, e dos outros diversos condes e barões do reino da Sicília, do mesmo modo das comunidades e das universidades dos mestres e dos universitários do Estudo de Nápoles, a nós e a nossos irmãos através das cartas deles mostrou-se relatado o que deve ser recordado da memória do irmão Tomás de Aquino da Ordem dos Pregadores, doutor da Sagrada Teologia, que enquanto viveu prosperou em vida santa com méritos, resplandeceu em sua conduta e brilhou com muitos e grandes milagres, tanto antes quanto depois de sua morte, pelo que foi humildemente suplicado a nós em favor da parte dos mesmos para que nós fizéssemos ser inquirido sobre a vida e milagres dele e, se descobríssemos ser suportada a premissa da verdade, fizéssemos que o inscrevessem no catálogo dos santos, e ele ser venerado solenemente com conveniente honra por todas as igrejas”.

A partir do que foi apresentado neste capítulo e das análises concernentes aos dados sobre o funcionamento do processo de canonização e a composição das duas peças jurídicas em torno da santidade de Tomás de Aquino, podemos identificar os seguintes aspectos: o processo, como dispositivo legal e obrigatório, enquadra-se no rigor que aparentemente tornou-se regra para o período que analisamos. Isto é reforçado pela exigência do segundo inquérito e as diferenças latentes entre os dois. Podemos restringir o “alcance” da santidade de Tomás à região na qual o teólogo estava sepultado. Concluimos, além disso, que as Ordens Religiosas não compõem o principal grupo consultado. Os dados também revelam um reduzido número de frades pregadores em relação aos monges cistercienses.

Contudo, ainda assim, acreditamos ser legítimo seguir na proposição inicial desta tese acerca dos grupos de interesse envolvidos na canonização de Tomás. Infelizmente, no entanto, analisar as redes e relações dos leigos interrogados em 1321 só seria possível a partir do método prosopográfico que, até o momento atual do estado das investigações sobre a região em questão, não permite fazer pela ausência de arquivos e documentação, principalmente provocada pela destruição dos arquivos da região de Nápoles pelos nazistas na década de 1940.<sup>151</sup> Resta-nos, no entanto, os frades pregadores e os monges cistercienses, bem como o próprio João XXII. Entendendo que não existem relatos hagiográficos sobre Tomás produzidos no contexto da canonização oriundos da ordem cisterciense, nossos “grupos” reduzem-se aos dominicanos e ao próprio papa. Eis, então, os temas dos capítulos seguintes.

Por fim, o título deste capítulo ostenta a pergunta **Como se constrói um santo?** A resposta segue considerando que Guilherme de Tocco teve acesso a todas as informações prestadas pelos interrogados. Esses depoimentos formam um dos conjuntos de suas fontes. Sendo assim, perguntamos: a partir dos inquéritos, qual São Tomás era possível?

Nos depoimentos de Petrus Grassus, Nicolaus, Nicolaus de Fresolino, Martinus de Pastinâ e Octavianus de Babuco de Campaniâ, coletados entre 23 e 25 de julho de 1319, selecionamos o primeiro milagre, ocorrido no traslado do corpo. A emanação do odor. Além desse, um dos milagres recorrentes nos mesmos depoimentos, a saber, o da cura do Mestre Raynaldo. Além disso, a partir do depoimento do Fr. Petrus de Castro Montis S. Iohannis

---

<sup>151</sup> Principalmente se seguirmos as orientações metodológicas a partir de autores como: LEVI, G. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. BULST, N. “Sobre o objeto e o método da prosopografia”. *Politeia: história & sociedade*, v.5, n.1, pp. 47-67, 2005. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/190/211>. Consultado em maio de 2011. Além deste, ALMEIDA, C. C. de. “Topografia e Estratificação social: representações e mecanismos de poder na cidade medieval”. *Anos 90*, n.14, pp. 294-311, 2000. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/anos90/article/download/6806/4104>. Consultado em maio de 2011. No caso específico de um ensaio de prosopografia a partir de processos de canonização: LETT, Didier. *Un procès de canonisation au Moyen Âge: Essai d'histoire sociale*. (Nicolas de Tolentino, 1325). Paris: PUF, 2008.

(interrogado em 01/08/1319), trabalharemos a relação vida/milagres na *Ystoria* e também um recorte “indiciário” sobre uma mulher curada por Tomás de Aquino após a morte, segundo as referidas atas, a saber, Margarita de Piperno.

Petrus Grassus depôs como testemunha viva de um dos milagres. Ele sofria de dores fortes no braço direito que foram curadas “per merita dicti Sancti”, escreveu o notário.<sup>152</sup> Os monges e o abade do mosteiro de Fossa-Nova repetem-se ao narrar sobre a entrada de Tomás de Aquino enfermo e destacar que nem a doença ofuscava sua devoção e intensidade nas orações. O Fr. Petrus de Castro Montis S. Iohannis fornece um relato detalhado:

& interrogatus primò super vitâ & conversatione dicti Fr. Thomæ, dixit se scire dictum Fr. Thomam fuisse hominem sanctæ vitæ & conversationis honestæ, contemplativum ad Deum, purum, humilem, pacificum & modestum, abdicatum à terrenis [...]continuè quasi oculis elevatis ad cælum [...] & qui quasi semper vacabat studio, aut lectioni, aut Scripturis, aut orationi, & quòd omni die celebrabat Missam cum lacrymis, & aliam audiebat cum devotione.<sup>153</sup>

O interrogado nos fornece um catálogo de virtudes: “homem de santa vida”, “puro”, “modesto”, “sempre com os olhos elevados ao céu” etc. Essas informações são anotadas no processo, principalmente, porque o foco dos questionamentos versa sobre a veracidade da declaração anterior. O interrogado conheceu, viu e “*conversatus fuit cum eo per longum tempus, & in diversis locis*”, como na cidade de Nápoles e no mosteiro de Fossanova.<sup>154</sup>

Assim como nos depoimentos, Guilherme de Tocco, na primeira parte da *Ystoria*, oferece um vasto panorama das virtudes do santo, como nos capítulos dedicados à pureza do corpo e da mente, às suas orações e à contemplação.<sup>155</sup> Outro aspecto importante a se observar na *Ystoria* e que poderíamos considerar como uma hagiografia “moderna” é a inserção do autor na narrativa. Acerca do motivo de sua eleição para ser procurador da causa, percebemos que, segundo o próprio Guilherme de Tocco, ele conheceu Tomás de Aquino no final da sua vida e que era dócil, humilde, puro, casto e desapegado dos bens temporais.<sup>156</sup> Temos aqui a repetição das virtudes elencadas pelo Frei Petrus.

Quanto aos milagres, todos narram que “*quòd in aperturâ ipsius sepulturæ exivit tanta fragrantia odoris, quòd dicta capella cum claustro dicti monasterii repleta est odore*

<sup>152</sup> AA SS, Martii I, p.688.

<sup>153</sup> AA SS, Martii I, p. 702. Tradução livre: “E interrogado primeiro sobre a vida e conversação do dito Frei Tomás, disse que sabia que o dito Frei Tomás era homem de santa vida, honesto, contemplativo, puro, humilde, pacífico e modesto, abdicado dos bens terrestres [...] quase sempre com os olhos elevados para o céu [...] e quase sempre vagava pelo *studio*, às leituras, às Escrituras, à oração e que todo dia celebrava a missa com lágrimas e muitos o ouviam com devoção”.

<sup>154</sup> AA SS, Martii I, p. 702. Tradução livre: “e conversou com ele por longo tempo e em diversos lugares”.

<sup>155</sup> *Ystoria*, XXVII, XXVIII, XXIX, pp. 150-156.

<sup>156</sup> AA SS, Martii I, p. 705.

*suavissimo*".<sup>157</sup> Essa citação, apesar de ser do depoimento do Abade do mosteiro, repete-se nos outros casos. O outro milagre comum aos depoimentos dos monges de Fossa-Nova aqui analisados é o da cura de Raynaldo, que não conseguia andar e após sete salmos rezados no túmulo, "sanus sum", nas palavras de Fr. Martinus de Pastinâ.<sup>158</sup> Este milagre foi presenciado pelo depoente seguinte, Fr. Octavianus, que "*Interrogatus de causâ scientiæ, dixit, quòd ipse intersvit, & vidit omnia supraticta, quæ deposvit, & quòd vidit ipsum sanatum, per se stantem, & ambulationem sine alluius suffragio*".<sup>159</sup>

Aproximando os depoimentos supracitados com a *Ystoria* escrita por Guilherme de Tocco, é relevante evidenciar que ele também foi interrogado. Ocorrido no dia quatro de agosto de 1319, o depoimento foi o vigésimo terceiro do processo. O Dominicano expõe considerações sobre a vida e os milagres em vida realizados por Tomás de Aquino, bem como relata os resultados de suas pesquisas prévias sobre a santidade desse Frei.<sup>160</sup> Apesar de, no depoimento, não falar do milagre analisado nesta parte do presente capítulo, interessa-nos como foi feita a utilização das informações sobre o odor e a cura de Raynaldo na *Ystoria*. Este é o primeiro milagre compilado por Guilherme de Tocco, que aparece na edição de Claire Le Brun-Gouanvic. No relato, o hagiógrafo praticamente transcreveu as informações obtidas nos depoimentos, arrolando o fato dentre os outros milagres contidos na segunda parte da *Ystoria*.

Quanto aos odores emanados no túmulo, porém, Guilherme de Tocco enriqueceu a história e a transformou num dos capítulos finais da *vitæ*. Tomás de Aquino aparece no sonho do abade do mosteiro e ameaça castigá-lo caso não seja possível que seus irmãos dominicanos possam ver seu corpo fora da sepultura. Com medo da justiça divina, o abade convoca alguns monges e seguem à sepultura. Após romperem os lacres, "*tantus odor de sepultura subito exalavit ut non videretur patuisse defuncti humani corporis sepultura [...] Qui odor tantus fuit et sic per totum monasterium se diffudit...*".<sup>161</sup>

Dentre os milagres narrados pelo Frade Petrus, encontramos uma mulher, Margarita de Piperno, que possuía escrófulas e inflamações na garganta. Ao saber da *fama sanctitatis* de Tomás de Aquino, foi ao mosteiro de Fossanova, onde não podia entrar por ser mulher. Ela

<sup>157</sup> AA SS, Martii I, p. 689. Tradução livre: "quando da abertura de sua sepultura exalou tanta fragância suave que o claustro da dita capela e o dito mosteiro ficaram repletos com aquele odor suavíssimo".

<sup>158</sup> AA SS, Martii I, p. 690.

<sup>159</sup> AA SS, Martii I, p. 691. Fr. Octavianus narra ainda outros dois milagres: a cura da cegueira de Fr. Ioannes de Florentino (Sub-prior de Fossa-Nova) e a fertilidade de uma mulher que não conseguia engravidar. Tradução livre: "Interrogado sobre como soube, o mesmo disse que viu a supradita sanada e andando por si sem ajuda de outras pessoas".

<sup>160</sup> AA SS, Martii I, pp. 705-707.

<sup>161</sup> *Ystoria*, LXVI, pp. 205-207. Tradução livre: "tanto odor exalava de súbito que não poderia ser de uma sepultura de um humano morto [...] Era tanto odor que se espalhou por todo o mosteiro".

estava com sua mãe. Ambas pediram ao Frade Petrus alguma relíquia que pudesse, então, curar a doente. Logo, o Frade fez com que levassem a cabeça de Tomás de Aquino, que era mantida separada do corpo e ficava na sacristia daquele mosteiro. Ao toque da cabeça do santo, a mulher vomitou a inflamação e ficou curada por muito tempo.<sup>162</sup> O relato do Frade Petrus possui muitas informações:

Interrogatus, qui fuerint præsentes, dixit, quòd ipse testis, & predictus Sacristâ, Fr. Petrus dictus de Morrone, monachus dicti monasterii, frater germanus dictæ Margaritæ, & mater dicta Margaritæ, & plures mulieres de Piperno [...] Interrogatus, quibus verbis [sic] dixit, quòd dicta mulier inclinavit se, & genua flexit cum devotione, sed non audivit ipsam verba proferentem. Interrogatus si haverat notitiam dictæ mulieris, dixit, quòd sic per longum tempos ante [...] Interrogatus unde esset oriunda dicta mulier, dixit, quòd de castro Piperni.<sup>163</sup>

Ao trabalhar com essas informações, na segunda parte da *Ystoria*, Guilherme de Tocco apresenta o milagre da seguinte forma: “Dona Margarerta Nicolai de Piperno com escrófulas e tumor, ao tato das relíquias do dito santo curada foi”.<sup>164</sup> Um milagre operado para curar uma mulher, no processo de Tomás de Aquino, aparece raras vezes nos depoimentos.

O milagre de Margarida de Piperno e os outros nos quais as mulheres são atendidas seriam pouco explorados pelo hagiógrafo por causa do celibato imposto aos clérigos? Essa pergunta pode levar a uma suposição e a uma resposta simples e que pouco explora a riqueza do processo e da *Ystoria* como fontes. Antes, é preferível perguntar: por que, no século XIV, ainda se precisava de santos taumaturgos? Ou, por que a santidade de Tomás de Aquino, ao menos nos depoimentos, foi construída em torno da taumaturgia? Acreditamos que, para questionar e tentar entender os porquês desta forma de utilização das informações por Guilherme de Tocco é preciso ampliar o foco e observar os milagres em geral, tanto na *Ystoria* quanto nas atas.

A cura de Margarita de Piperno é, porque não dizer, uma das mais tradicionais, ou seja, a do toque das escrófulas. Podemos perguntar: o relato aparece listado brevemente ao final da *Ystoria* por ser tradicional e, conseqüentemente, teríamos, então, uma hagiografia “moderna”, que não prioriza esse tipo de acontecimento? Ou, assim está por ser um milagre relacionado a uma mulher? Acreditamos que uma leitura do conteúdo da primeira parte da

<sup>162</sup> AA SS, *Martii* I, p. 704.

<sup>163</sup> AA SS, *Martii* I, p. 704. Tradução livre: “Interrogado sobre os presentes, disse que o predito sacristão, Frei Petrus de Morrone, monge desse mosteiro [Fossanova], o irmão germano e a mãe da dita Margarita e muitas mulheres de Piperno [...] Interrogado sobre o que foi dito [sic] disse, que a dita mulher estava de joelhos, inclinada com devoção, mas que não escutou as palavras proferidas. Interrogado se havia notícia da dita mulher, disse que sim por muito tempo antes [...] Interrogado de onde era oriunda a dita mulher, disse que era do castelo de Piperno”.

<sup>164</sup> *Ystoria*, CXXXVIII, p. 266.

*Ystoria* fornece elementos para responder às perguntas. Dos 70 capítulos da narrativa, Guilherme de Tocco reservou espaço para os milagres realizados em vida pelo santo, como a cura da febre de um sócio de Tomás de Aquino, a cura de um dente doente do próprio santo e a cura de uma mulher, que sofria de um sangramento contínuo.<sup>165</sup> Os outros milagres inseridos na narrativa referem-se aos três momentos de emissão de odor de santidade, que ocorreram durante a abertura da sepultura e dois traslados do corpo.<sup>166</sup> Assim, tanto o relato sobre Margarita de Piperno, quanto aos relacionados às demais, ocupam lugar discreto.

Não cabia à pesquisa de Guilherme de Tocco comprovar a veracidade das informações coletadas, mas sim ao inquérito. Além disso, as atas do inquérito eram entregues ao Papa e às comissões de cardeais que se reuniam para análise e, em caso positivo, procediam ao reconhecimento do culto. Esta oficialização se transformava num discurso solene do Papa, proferido e emitido na bula de canonização. Para o caso de Tomás de Aquino, a bula de João XXII, de 18 de julho de 1323, segue a *Ystoria* e os interrogatórios, ou seja, é dividida em duas partes, a saber, sobre a vida e os milagres. Porém, divergem os números de milagres. Enquanto na *Ystoria* é apresentada uma lista de 146 milagres e nas atas de 1319, 24, o Papa arrolou 10, dentre os quais, temos o reconhecimento do odor de santidade, a cura de crianças, de conversos e monges de Fossanova. As mulheres aparecem como mães que levam seus filhos doentes para serem curados sobre a sepultura ou ao toque das relíquias.<sup>167</sup>

A princípio, então, Guilherme de Tocco não inseriu os milagres *post-mortem* na *Vita*, exceto os de odor, que seriam os primeiros indícios de santidade de Tomás de Aquino. Entendemos que esta primeira parte da *Ystoria*, portanto, compreende uma faceta da “santidade moderna” por enfatizar a vida do santo. Acreditamos que a observação dos milagres aponta para esse caminho, mas uma análise da construção do texto, ao contrário, aponta para uma repetição de *topoi* hagiográficos.

<sup>165</sup> *Ystoria*, L, LI, pp. 185-187 e LIII, pp.189-190.

<sup>166</sup> *Ystoria*, LXVI, LXVII, LXVIII, pp. 205-211.

<sup>167</sup> IOANNES EPISCOPVS. Canonizatio S. Thomae de Aquino...op. cit. pp. 226-228.

## CAPÍTULO 2: TOMÁS DE AQUINO, UM SANTO DOMINICANO?

A partir dos elementos apontados no capítulo anterior, é legítimo abordarmos as fontes dominicanas para que tenhamos a possibilidade de questionar se a santidade de Tomás de Aquino atendia a interesses específicos da Ordem e se assim teria sido construída por Guilherme de Tocco. Para isso, é necessário considerar registros como as atas dos capítulos gerais, os depoimentos dos dominicanos interrogados no processo de canonização, além das hagiografias dos santos pregadores canonizados até então, ou seja, Domingos de Gusmão e Pedro de Verona. Acreditamos que esse procedimento permitirá analisar com o foco mais aproximado o que Tomás de Aquino significava para a Ordem no momento em que foi alçado ao catálogo dos santos. Sendo assim, questionamos: O que os frades pregadores interrogados dizem sobre a relação entre Tomás de Aquino e a Ordem? A documentação produzida sobre Tomás de Aquino permite analisar o entendimento dessa relação? As hagiografias de Domingos de Gusmão e Pedro de Verona influenciaram a escrita da *Ystoria*?

Também precisamos considerar o autor da *Ystoria*. Quem foi Guilherme de Tocco? Por que ele foi o procurador? Quem o designou como tal? Quando ocorreu esta designação? De quais fontes dispunha para iniciar a empreitada? Questões que, para serem respondidas, remetem à constituição da Ordem dos Dominicanos, à trajetória biográfica de Tomás de Aquino e à construção operada por seu primeiro hagiógrafo.

De início, sabemos que Guilherme de Tocco foi aluno de Tomás de Aquino no *studium* dominicano de Nápoles, o qual foi fundado em 1272 pelo futuro santo. Sabemos que nasceu por volta de 1240-1250 e, portanto, com idade bastante avançada nos idos da canonização em 1323. Além disso, foi prior dos conventos de Nápoles e Benevento entre 1289-1297 e inquisidor por volta de 1300.<sup>168</sup> As informações anotadas pelo notário do processo caracterizam Guilherme de Tocco como *sacerdos & antiquus Religiosus, Prior loci*

---

<sup>168</sup> Segundo Claire Le Brun-Gouanvic, as poucas informações sobre este dominicano poderiam ser encontradas nas atas dos Concílios dominicanos da região de Nápoles e da Sicília. No entanto, acredita que essas fontes foram destruídas durante a Segunda Guerra Mundial. LE BRUN-GOUANVIC, C. “Introduction”. In: GUILLAUME DE TOCCO. *L’histoire de Saint Thomas d’Aquin*. Trad. Française du dernier état du texte (1323) avec introduction et notes para Claire Le Brun-Gouanvic. Paris: Cerf, 2005. p.09-10. Desta forma, a fonte sobre Guilherme de Tocco é ele mesmo: a partir de seu depoimento no processo de canonização (04/08/1319) e das inserções que faz, na hagiografia, das etapas da pesquisa sobre Tomás de Aquino. Isto está claro no verbete “Guillelmus de Tocco” na obra *SCRIPTORES ORDINIS PRAEDICATORUM RECENSITI*. Tomus Primus. Paris: Lutetiae Parisiorum, MDCCXIX, p. 552a. Trata-se de um “catálogo” de autores pregadores e podemos perceber passagens da *Ystoria* como referência biográfica.

*Prædicatorum in Benevento*. Parece que a *Ystoria* foi sua única incursão literária. Guilherme de Tocco conheceu Tomás de Aquino no final da sua vida, conforme anotação no processo:

...interrogatus primò de vitâ & conversatione dicti Fr. Thomæ, dixit, quòd vidit eum scribentem super librum de Generatione & corruptione, quòd credit fuisse ultimum opus suum in philosophiâ; & audivit eum prædicantem & legentem, & Magnus populus confluebat cum devotione ad audiendam prædicationem suam; dixit etiam, quòd fuit homo dulcis, humilis, despectivus temporalium honorum, purissimus & castus...<sup>169</sup>

Ter conhecido Tomás provavelmente “escrevendo sua última obra filosófica, pregando e lendo” é um elemento importante em todo o processo na medida em que poucos foram os interrogados nesta situação. O próprio tempo da santidade de Tomás explica a ausência de “conhecidos” no processo. É importante também ressaltar que o depoimento de Guilherme de Tocco apresenta algumas características de uma hagiografia em construção. O interrogado percebia sinais de uma pureza virginal no teólogo, que se manifestaram *ab utero matris suæ*; era puro, casto, desapegado dos bens terrenos e que muitos ouviam suas pregações. É sempre importante ter em mente, nessa situação, que Guilherme de Tocco participou de duas formas no processo para a canonização de Tomás de Aquino: como procurador da causa e também como testemunha, sendo um dos interrogados em 1319. Cruzando as informações é interessante um trecho da *Ystoria*. Guilherme de Tocco nos informa como se sentiu encarregado da missão e da responsabilidade de ter competência para escrever:

De huius Sancti multiplici & mirabili varietate & virtutum claritate eius historia fuit cuidam Fratri veraciter in somnis ostensa. Qui cùm cœpisset mente sollicitus, affectione devotus, cogitare, quodmodò posset convenienter texere dicti Sancti historiam, tot mirandis indicijs claram, & laudum præconijs in veritate diffusam, quæ contineret originale principium, vitæ processum, disciplinæ scholasticæ studium & obitum in fine beatum, & super Deum oraret, ut infunderet, & B. Thomam, ut scribendici sufficientiam impetraret circa auroram post prædictum oraculum soporatus, vidit in somnis coram se rete argenteum, contextum catenulis argenteis cum diversorum colorum lapidibus pretiosis, in ipsius retis nodis mira varietate contextis. In quâ visione cùm intelligeret in illo reti ex lapidibus pretiosis vitam & virtutes prædicti Doctoris specialiter designari, cogitabat in somnis qui lapides quibus possent adaptari virtutibus, ut diversus lapidibus diversæ etiam virtutes congruè responderent. In quâ visione diu delectatus, evigilans redijt ad historiam, quam inceperat, prosequendam: quare nulli est dubium totam vitam dicti Doctoris fuisse exapparitione quase argenteam, conversatione scilicet candidam, actione mundissimam, & doctrinâ sonoram. Quæ ideò quase retis similitudinem habvit, quia vita doctrinæ in omnibus concordavit: in quo reti tot visi sunt inserti lapides, quot in anima fuerunt divinitus inspiratæ virtutes. Cuius vitâ Doctoris designari non incongruè potest in Rationalii iudicij, in quo intexti errant duodecim lapides pretiosi, quod portare debebat Summus Pontifex ante pectus, in quo doctrina & veritas scripta errant: quia dicti Doctoris vita veritate præfulsit, & Dominus noster

<sup>169</sup> AA SS, *Martii* I, p.705. Tradução livre: “...interrogado primeiro sobre a vida e conversação do dito Fr. Tomás disse que o viu escrevendo sobre o livro *De Generatione & corruptione*, o qual acredita ser seu último opus filosófico; e escutou ele pregando e lendo, e muitas pessoas confluíam com devoção para ouvir sua pregação; disse ele que [Fr. Tomás] foi homem doce, humilde, não apegado às honras temporais, puríssimo e casto...”

Summus Pontifex dum ipsam in conspectus & affectu, quase in Rationali iudicij, habvit, factam potestatem Canonizationis titulo approbavit.<sup>170</sup>

O relato de Guilherme de Tocco é impessoal, na medida em que ele não se posiciona como o Frei que teve a visão. Entretanto, como o relato foi produzido por ele e há a indicação de um “programa” a ser seguido na escrita, o qual coincide com o conjunto da *Ystoria*, podemos seguramente afirmar que se trata da inserção do autor na narrativa, embora não seja uma inserção para afirmar a autoria do texto. Pensamos que se fosse este o objetivo haveria a indicação do próprio nome. O importante é a caracterização da origem do relato, a revelação no sonho inspirado tanto por Deus, quanto pelo próprio Tomás de Aquino.

Os trechos destacados nesta longa citação remetem à ideia da iluminação como inspiração necessária para a produção de um relato condizente com a história da personagem. No segundo trecho temos o programa: da origem, passando pelo curso da vida, enfocando os estudos, até a morte. Os outros trechos, *duodecim lapides pretiosi* e *Canonizationis titulo approbavit*, remetem, primeiramente, a uma passagem anterior da própria narrativa, a saber, a que Guilherme de Tocco trata das virtudes de Tomás de Aquino, que são doze: humildade, pureza de corpo e mente, devoto, prudente nos conselhos, comportamento plácido, pleno de caridade, inteligência lúcida, ações ingênuas, juízo certo, boa memória, levantava-se quase todos os dias por causa dos sentidos apurados e desapegado dos bens temporais.<sup>171</sup> Em relação aos termos *Canonizationis* e *approbavit* a referência à autoridade e à prerrogativa papal para o reconhecimento da santidade é explícita. Isto também nos permite inferir que a *Ystoria* escrita por Guilherme de Tocco foi feita com este objetivo.

<sup>170</sup> GUILIELMO DE THOCO Ord. Prædicatorum. *Vita*. Apud: *Acta Sanctorum. Martii* I. p.675. Tradução livre, com auxílio da edição francesa (2005): “A multiplicidade e variedade das virtudes desse Santo, assim como sua história, foi mostrada em toda sua veracidade em um sono de um Irmão. Com o espírito preocupado e o coração pleno de devoção, começou a se perguntar qual a maneira mais conveniente para tecer a história desse Santo, mirando os indícios claros, que contivesse a origem, o curso da vida, sua disciplina escolar e sua abençoada morte, ele orou a Deus para que o inspirasse sobre esses assuntos e ao Beato Tomás, para que obtivesse a competência de escrever. Próximo à aurora, o predito (Frei) dormiu e, então, em sonho se viu diante de um filete de prata, tecido por correntes de prata com pedras preciosas de muitas cores, inseridas no filete por laços de uma incrível diversidade. Nesta visão, percebeu que o filete e as pedras preciosas representavam a vida e as virtudes do predito Doutor (Tomás de Aquino). Cogitou em seu sono, a qual virtude cada uma das pedras podia ser associada e de que modo elas podiam se corresponder de forma satisfatória. Nesta visão, redigiu a história: ninguém duvida que toda a vida do dito Doutor, suas ações e sua doutrina pareceram como prata. E também que assim pareceram, pois concordam em todos os pontos com sua doutrina: e nesse filete vemos as pedras que, em sua alma de virtudes divinamente inspiradas. Desta forma, não é incongruente comparar a vida do dito Doutor às doze pedras preciosas, nas quais estão escritas as palavras doutrina e verdade. Pois a vida e a doutrina desse Doutor estão plenas de verdade. E o Sumo Pontífice, quando vir que as virtudes e provas – de seu julgamento racional – aprovará sua santidade por sua autoridade apostólica decretando oficialmente sua canonização”. Grifos meus. Citação francesa em *GUILLAUME DE TOCCO. L’histoire de Saint Thomas d’Aquin*. Op. cit. pp.106-107.

<sup>171</sup> AA SS, *Vita*, Martii – I, p.668.

Sendo assim, respondendo à questão do porquê de sua eleição para tal, temos o primeiro elemento: a revelação em sonho. O segundo, qual seja, a designação do Capítulo realizado em 1317, que autorizava Guilherme de Tocco, juntamente com seu discípulo Roberto de Benevento, a realizar as pesquisas sobre a vida e milagres de Tomás de Aquino. Na ocasião, o responsável pelo Capítulo Provincial realizado no convento de Gaeta, Sicília, foi o Fr. Roberto de S. Valentino, então Vigário e Mestre da Ordem.<sup>172</sup> Esta informação é fornecida, inclusive, pelo próprio Guilherme de Tocco que inseriu os dados na *Ystoria*, acrescentando o relato de um milagre no qual os responsáveis pelas pesquisas para a canonização foram atendidos. Navegavam de Nápoles a Avignon e foram surpreendidos por ventos fortes. Para que esses ventos se acalmassem, rezaram aos santos dominicanos, também, e principalmente ao Beato Tomás, sendo atribuída a ajuda deste.<sup>173</sup> É interessante frisar novamente o caráter impessoal da narrativa, na qual nos *Acta Sanctorum*, por exemplo, não aparecem os nomes dos encarregados pela investigação. Essa informação, mesmo quando aparece, nos *miracula XII e XIII*, quando narra a autorização do Papa para a abertura do processo e os primeiros inquéritos em Nápoles, por exemplo, Guilherme de Tocco refere-se a si mesmo na terceira pessoa como “predicto fratri Guillelmo”.

As questões respondidas até o momento dizem respeito às informações que constam no inquérito de 1319 e na *Ystoria*: a designação, as informações biográficas do designado, o momento e as condições dessa ação. Entretanto, resta a questão das fontes disponíveis para Guilherme de Tocco sobre a vida de Tomás de Aquino, além do seu próprio relato. Afinal, entre 1319-1323, era um dos poucos que ainda estavam vivos e que conheceram o teólogo.

A trama em torno dessa canonização fica mais interessante a partir do fato de Tomás de Aquino ser citado em obras dominicanas escritas por volta de 1260, enquanto ele ainda vivia, como a *Vitæ Fratrum*, de Gerardo de Frachet, e o *Bonum de Universale de Apibus*, de Tomás de Cantimpré. A primeira é conhecida como uma das versões oficiais mais importantes sobre os primeiros tempos da Ordem fundada por Domingos de Gusmão em 1216. A segunda, “espécie de moral prática num quadro de desenvolvimento alegórico sobre as abelhas”, é um catálogo de virtudes no qual figuram homens como Luís IX (o São Luís).<sup>174</sup>

<sup>172</sup> BOLZAN, J.E. e FRABOSCHI, A. “Santo Tomas y los Capítulos Generales de la Orden de Los Predicadores, 1278-1370”. *Sapientia*, Buenos Aires, Año XXIX, nº 114, oct-dic/1974. p. 272. Um dos biógrafos contemporâneos de Tomás de Aquino também trabalha com esta informação, a saber: TORREL, J-P. OP. *Iniciação a Tomás de Aquino: sua pessoa e obra*. 2ªed. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2004, p.372.

<sup>173</sup> AA SS, *Vita*, Martii-I, p.681. (Início do *Caput XIII: Acta crita Inquisitiones Neapoli instituendam pro Canonizatione S. Thomæ*).

<sup>174</sup> LE GOFF, J. *São Luís: biografia...* op. cit. p. 307, Cf. nota 35 da obra.

Pode-se perguntar, então, qual o objetivo dessas obras “fundadoras” da Ordem? Por que, como e que tipo de informações sobre Tomás de Aquino são utilizadas?

No momento da redação da *Vitae Fratrum*, Tomás de Aquino já gozava de certo prestígio no interior da Ordem. Em 1260, o teólogo havia participado, por exemplo, da comissão que teria redigido as normas para os estudos na Ordem, bem como atuou de forma incisiva na chamada querela dos mendicantes na Universidade de Paris na década de 1250. Na obra de Gerardo de Frachet constam informações sobre sua entrada à Ordem:

Fuit frater quidam valde nobilis de partibus Romanis, quem cum secum duceret magister ordinis, frater Iohannes, Parisius ad proficiendum, consanguinei eius ipsum rapuerunt in via, confidentes de domino Frederico, quondam imperatore, cum quo ipsi tunc erant; ducentes autem eum ad castrum remotum, ibique tenentes eum quasi per annum et caventes, ne frater aliquis vel littera fratris posset ad eum devenire. Induxerunt eum per amicos et modis quibus poterant ad resiliendum a proposito suo; sed Dei virtute in eo agente, nec ad dimittendum habitum vel faciendum contra ordinem in aliquo eum flectere potuerunt. Desperantes autem de mutacione animi eius dimiserunt eum. Et ipse ad fratres rediens missus est Parisius et factus est magister in theologia et excellentis sciencie et ordinis magna columpna.<sup>175</sup>

Apesar de não aparecer o nome do noviço, essa passagem do “rpto” operado por seus irmãos, a mando de sua mãe Teodora, pode ser complementada pelo relato de Tomás de Cantimpré na obra *Bonum Universale de Apibus*, na qual consta que um jovem recém entrado para a Ordem, de nome Tomás de Aquino, instigava seus parentes por causa de sua fé. Seus irmãos, para corromper o estado de sua alma, levaram mulheres à cela na qual Tomás estava preso mas não obtiveram sucesso.<sup>176</sup>

Guilherme de Tocco incorporou essas informações na *Ystoria* e escreveu cerca de quatro capítulos referentes ao período no qual aquele dominicano ficou preso. Entretanto, além do rapto, Guilherme de Tocco enriquece de detalhes o período da prisão: privado da luz e dos movimentos Tomás de Aquino tinha o espírito livre. Essa liberdade vinha da leitura: leu

<sup>175</sup> GERARDI DE FRACHETO. *Vitae fratrum Ordinis Praedicatorum necnon Cronica Ordinis ab anno MCCIII usque ad MCCLIV*. MOPH, 1: E. Charpentier & J. Schoonjans, Lovanii, 1896) pars 4<sup>a</sup>, cap. 17, § 3, p. 201. Disponível online em: <http://www.corpusthomicum.org/bgfrache.html>. Consultado em 13 de janeiro de 2009. Tradução livre: “Houve um frei, vindo de nobre região romana, que foi levado a Paris pelo Mestre da Ordem, João, para que estudasse em Paris. Parentes dele o raptaram no meio do caminho e, a serviço do imperador Frederico [II], levaram-no a castelo longínquo, onde ficou detido cerca de um ano sem receber visita ou mesmo cartas dos freis. Tentaram de várias formas, amigos e recursos, dissuadi-lo de seu propósito. Como a virtude de Deus agia nele, não conseguiram fazer com que largasse o hábito ou fizesse qualquer coisa contra a Ordem. Não conseguindo mudar sua alma, deixaram-no ir. E o mesmo retornou aos freis que estavam em Paris e formou-se mestre em teologia, é homem de admirável ciência e uma importante coluna da Ordem”. Tradução com auxílio de: GERARDO DE FRACHET. *Vida de los Frailes Predicadores*. Apud: *SANTO DOMINGO DE GUZMÁN VISTO POR SUS CONTEMPORÁNEOS*... op. cit. pp.683-684.

<sup>176</sup> THOMAS CANTIMPRATANUS. *Bonum Universale de Apibus*. A. Ferrua (ed.), *S. Thomae Aquinatis vitae fontes praecipuae* (Ed. Domenicane, Alba, 1968) n. 190, p. 387-388. [=Thomas Cantimpratanus, *Bonum universale de apibus* (Baltazar Bellerus, Duaci, 1627) lib. 1 cap. 20 n. 10]. Disponível online em: <http://www.corpusthomicum.org/btcantim.html>, consultado em 13 de janeiro de 2009.

toda a Bíblia e o livro das Sentenças, de Pedro Lombardo.<sup>177</sup> Em relação às tentações sofridas no cárcere, Guilherme de Tocco considera que a mulher foi o pior e mais grave insulto ao qual Tomás de Aquino teve que combater.<sup>178</sup>

Para Claire Le Brun-Gouanvic, Guilherme de Tocco utilizou pouco o relato de Thomas de Cantimpré. As informações sobre Tomás de Aquino que aparecem no *Bonum Universale de Apibus* poderiam ser mais detalhadas e fiéis junto aos dominicanos de Nápoles, os quais também foram fontes para a pesquisa do hagiógrafo. Além disso, a autora concluiu que, em relação às *Vitæ Fratrum*, a *Ystoria* se difere muito pouco. Entretanto, Guilherme de Tocco se distancia da fonte no momento de transformar a informação em narrativa literária.<sup>179</sup>

Até o momento, essas informações nos fornecem elementos para entender parte do trabalho hagiográfico operado por Guilherme de Tocco. Para ampliar essa compreensão é importante ressaltar o seu pertencimento à Ordem dos Pregadores e, mais ainda, entender como alguns membros dessa Ordem realizavam o mesmo ofício. Entendemos que a leitura das atas dos capítulos gerais da Ordem, bem como as hagiografias precedentes produzidas no interior da mesma Ordem para seus santos, são dois conjuntos documentais que não podem ser negligenciados na presente análise.

### **Os capítulos gerais da Ordem dos Pregadores entre 1274-1323:**

De acordo com as *Constitutiones* (Regra da Ordem dos Pregadores), os chamados Capítulos Provinciais e Capítulos Gerais eram reuniões periódicas. O *Liber Consuetudinum* foi redigido em dois momentos: 1216 e 1220 por Domingos de Gusmão. A data de 1220 foi importante para a afirmação da Ordem dos Pregadores do ponto de vista legislativo. Data desse ano a realização do primeiro capítulo geral, realizado em Bolonha.<sup>180</sup> Há uma lacuna documental em relação aos primeiros 12 capítulos realizados. Porém, Jordão da Saxônia, no *Libellus de Principiis Ordinis Praedicatorum*, escrito por volta de 1234, registrou que um “acordo comum dos frades presentes” foi estabelecido e que, em um ano, o capítulo deveria

<sup>177</sup> GUILLAUME DE TOCCO. *Ystoria sancti Thome de Aquino*. Éd. Critique, introduction et notes par Claire Le Brun-Gouanvic. Toronto: PIMS, 1996. Capítulos IX, X, XI, XII e XIII. A referência específica à leitura da Bíblia e das *Sentenças* está no cap. X, p.110. As próximas referências a esta edição serão apenas *Ystoria*, o capítulo e a página.

<sup>178</sup> *Ystoria*, XI-XII, p. 112-114. Na tradução francesa, p.37-39.

<sup>179</sup> LE BRUN-GOUANVIC, C. “Contexte historique et littéraire de l’*Ystoria sancti Thome de Aquino*”. In: *Ystoria*. pp. 27-28.

<sup>180</sup> DOMINGOS DE GUZMÁN. *Liber Consuetudinum. Secunda Distinctio* – Cap. 1: *De Capitulo generali*. Apud: SANTO DOMINGO DE GUZMÁN VISTO POR SUS CONTEMPORÁNEOS. Madrid: BAC, 1947, p. 897.

ser realizado em Paris e no seguinte em Bolonha.<sup>181</sup> Os capítulos tinham a função principal de definir, conduzir e administrar os princípios teológico-morais e reger a atuação dos pregadores; definir estatutos dos estudos, criação de *studia generalia*, a circulação dos membros entre os conventos, as Universidades e a pregação. Pelas atas temos informações sobre as demandas por obras que tratam da fundação da Ordem e seus fundadores. Essas demandas que originaram a *Vitæ Fratrum*, de Gerardo de Frachet, por exemplo.<sup>182</sup>

Mas seriam as atas um *corpus* documental importante para o entendimento da santidade na Ordem? Se considerarmos o tempo da santidade de Tomás de Aquino encontraremos notícias sobre este aspecto?

Andrea Robiglio em suas investigações sobre o surgimento de uma primeira escola tomista nos primeiros cinquenta anos após a morte do teólogo analisou mesmo período do tempo da santidade que aqui nos interessa.<sup>183</sup> O autor apontou que as referências a Tomás indicam dois períodos distintos. No primeiro, relacionado à morte, teria sido despertada na Ordem a preocupação com a sua imagem externa. No segundo, a proximidade com a cúria avingnonense faz com que Tomás fosse utilizado como “elemento-chiave di una riaffermazione dell’autorità della Chiesa romana”.<sup>184</sup> Robiglio defendeu que falar de uma escola Tomista na primeira fase é prematuro. Porém, na segunda, Tomás é enquadrado junto a outros autores, como Agostinho e Bernardo de Claraval indicando que em seus escritos “si cerca il minimo comun denominatore teologico su cui fondare una giuridicamente più agguerrita disciplina ecclesiale”. O autor também informou que a documentação não especifica “qual Tomás” deveria ser lido.<sup>185</sup>

Nos capítulos realizados em 1279 e 1286, encontramos duas importantes referências a Tomás de Aquino e as polêmicas nas quais seu nome esteve envolvido. Em Paris (1279), recomendava-se que fossem coletadas informações sobre a memória do “venerável” Tomás de Aquino, sua “*conversacione*” e que, principalmente, ele fosse defendido pelos frades que

<sup>181</sup> JORDÁN DE SAJÓNIA. *Orígenes de La Orden de los Predicadores* [Libellus de Principiis Ordinis Praedicatorum, 1234]. Cap. LI: Do primeiro capítulo celebrado em Bolonha. Apud: *SANTO DOMINGO DE GUZMÁN VISTO POR SUS CONTEMPORÁNEOS*...op cit. p. 197.

<sup>182</sup> Sobre esta obra e a necessidade de registrar a fundação da Ordem e a atuação de seus fundadores destaco os trabalhos de Alain Boureau e Luigi Canetti: BOUREAU, A. “*Vitæ Fratrum. Vitæ Pratrurum. L’Ordre dominicain et le modèle des Pères du désert au XIIIe siècle*”. *Mélanges de l’École Française de Rome*, 99-1, 1987. pp. 79-100. CANETTI, L. A. “Da san Domenico a alle *Vita Fratrum*. Publicista agiografica ed ecclesiologia nell’Ordre Predicatorum alla metà del XIII secolo”. *Mélanges de l’École Française de Rome*, 180-1, 1996. pp. 165-219.

<sup>183</sup> ROBIGLIO, A. A. *La sopravvivenza e la Gloria: Appunti sulla formazione della prima scuola tomista (sec. XIV)*. Bolonha: ESD, 2008.

<sup>184</sup> IDEM. Ibid. p. 47.

<sup>185</sup> IDEM. Ibid. p. 48.

ouvissem críticas às suas teses.<sup>186</sup> Em Bolonha, 1286, a referência é mais enfática. Andrea Robiglio situa este capítulo como o momento no qual a Ordem passou a adotar uma postura afirmativa em relação aos que confrontavam as idéias de Tomás de Aquino. Até este momento, a postura da Ordem era de cautela. Outro momento importante foi o capítulo de 1313 em que Robiglio apontou que há uma recomendação explícita de formação dos frades na doutrina de Tomás de Aquino antes dos estudos em Paris. Segundo as atas, nenhum frade “legendo, determinando, respondendo audeat assertive tenere contrarium eius”.<sup>187</sup>

Além desses, Robiglio destacou o capítulo de Rouen, realizado em 1320, quando se discutiu sobre os benefícios que a canonização poderia gerar. O autor apontou para a data desse capítulo e para a anterior realização da primeira etapa dos interrogatórios sobre a vida e os milagres de Tomás, que aconteceu em 1319.

Robiglio afirmou que a imagem de Tomás de Aquino na pregação dominicana do início do século XIV difere dos perfis hagiográficos tradicionais, como no caso de Pedro Mártir. Recorrentemente chamado de “sábio” o que apontaria para uma “nova ideia de santidade”.<sup>188</sup> Acreditamos que em relação a este ponto é possível outra interpretação. Se considerarmos a forma como os “santos dominicanos” são nomeados nas Atas dos capítulos gerais percebemos que Tomás de Aquino é chamado de santo enquanto Domingos de Gusmão e Pedro de Verona são chamados de beatos. Isso acontece, por exemplo, no registro do capítulo de 1324, em que se lê Tomás de Aquino como *sancto* e Domingos como *beatum* e também em 1325, sobre as festividades de *beati Petri martyris* e de *beati Dominici*. Em contrapartida, “quod de *sancto* Thoma de Aquino, *venerabili doctore...*”.<sup>189</sup>

O principal mérito da obra de Robiglio é demonstrar que os dominicanos não eram necessariamente todos a favor das idéias de Tomás de Aquino – o que seria evidenciado, dentre outros motivos, pelas poucas referências ao teólogo nas atas dos capítulos gerais – e

---

<sup>186</sup> *MONUMENTA ORDINIS FRATRUM PRAEDICATORUM HISTORICA*. Tomus III: *Acta capitulorum generalium (Vol.1)*. Roma: Tipografia Poliglota S.C. de Propaganda Fide, 1898, pp. 204 e 235. Próximas citações: MOPH, vol. x, pp. xx-xx.

<sup>187</sup> MOPH, vol.2, p. 64.

<sup>188</sup> ROBIGLIO, A. A. *La sopravvivenza...* op. cit. principalmente o capítulo 1. pp. 11-54. Em relação à nova ideia de santidade o autor faz referência direta à tese de André Vauchez sobre citada anteriormente.

<sup>189</sup> MOPH, vol.2, pp. 151 e 156. Segundo André Vauchez, no século XIII ainda não existia uma separação entre *sancti* e *beati*. Ambas as palavras tinham o mesmo significado. A diferenciação começaria no século XIV, quando *sancti* passava a designar os canonizados pelo Papa e *beati* os não canonizados. O autor afirma, ainda, que durante o papado de Avignon não deram muita importância à questão. Cf. VAUCHEZ, A. *La Sainteté en Occident...* op. cit. pp. 99-104. Preferimos afirmar que nas Atas citadas anteriormente a diferença no tratamento entre Tomás de Aquino e os outros santos está na nomeação de “doutor”, e que *sancti* e *beati* permanecem com o mesmo significado, nestes casos especificamente.

que canonizá-lo foi um projeto oportuno para João XXII.<sup>190</sup> Outro estudioso, a saber, Robert Wielockx analisou o contexto das condenações de 1277 e concluiu que mesmo que os dominicanos não concordassem com todas as idéias de Tomás de Aquino existia um senso de defesa pelo fato dele pertencer à mesma Ordem.<sup>191</sup>

Podemos afirmar que as atas revelam uma presença discreta do nome de Tomás de Aquino em relação ao número de vezes em que é mencionado o assunto de sua santidade e/ou canonização. Porém, não podemos afirmar que não tenha sido constantemente citado ou abordado na pauta das reuniões da Ordem.<sup>192</sup> As atas não podem ser lidas como registro integral de tudo o que foi dito durante os encontros. Isso fica nítido em relação ao (não) registro sobre a canonização de Domingos de Gusmão no capítulo de 1234 ou no de 1235.<sup>193</sup> Em relação a Pedro de Verona consta um registro sobre a instituição da festa em sua homenagem, assim como a de Domingos, *in kalendariis et in litanis*.<sup>194</sup>

Podemos inferir que entre as informações coletadas nos depoimentos de 1319 e as atas dos capítulos entre 1274-1323 há um descompasso sobre a *fama sanctitatis* de Tomás de Aquino. Afinal, as testemunhas relatam milagres ocorridos após a morte, tendo inclusive curado e auxiliado frades pregadores em situações de morte e perigo, como revelou o também dominicano e doutor em teologia, Ioannis de Nápoles, em 01 de agosto de 1319. Segundo a testemunha, o frade Leonardo de Nápoles sentiu fortes dores quando esteve hospedado em Fossanova e foi conduzido à sepultura de Tomás de Aquino, deitou todo o corpo sobre a mesma e, com devoção, pediu para ser curado. Sendo atendido, nunca mais sentiu dores.<sup>195</sup>

Esta informação foi registrada pelos notários seguindo a estrutura analisada no capítulo anterior, porém, ao final do depoimento, onde geralmente encontramos as informações *de loco* e *de tempore*, o registro é impreciso. Ioannis de Nápoles apenas disse que “imediatamente ouviu” sobre o milagre após sua ocorrência, mas não temos a informação de quando ele teria ocorrido. Entretanto, certamente teria sido entre 1274 e 1319.

<sup>190</sup> ROBIGLIO, A. A. *La sopravvivenza...* op. cit. p. 68. Além disso, este pesquisador propôs como último capítulo de sua obra uma edição crítica do depoimento de Bartolomeu de Cápua, importante funcionário do reino de Nápoles, conhecido do Papa. Este depoimento será retomado nesta tese.

<sup>191</sup> WIELOCKX, R. « Autour du procès de Thomas d’Aquin ». In : ZIMMERMANN, A. (éd). *Thomas von Aquin. Werk und Wirkung im Licht neuerer Forschungen*. Berlin (Miscellanea Mediaevalia, 19), 1988, p. 413-438. Retornaremos a este texto no capítulo 3. O autor analisou, dentre outras fontes, as cartas escritas por Jean de Pecham sobre o caso Tomás. APUD. DENIFLE, H; CHATELAIN, E. *Chartularium Universitatis Parisiensis*, t.1, Paris, 1889. Cartas n. 517, 624-626 e n. 518, 620-627.

<sup>192</sup> Mesmo para períodos posteriores, Bolzan e Azucena Fraboschi afirmam que o nome de Tomás de Aquino foi citado repetidas vezes nos capítulos da ordem, porém, relacionado sempre à questão dos estudos. BOLZAN, J. E. e FRABOSCHI, A. “Santo Tomas y los Capítulos Generales de la Orden de Los Predicadores, 1278-1370” *Sapientia*, Buenos Aires, Año XXIX, nº114, 1974, pp. 263-278.

<sup>193</sup> MOPH, vol.1, pp. 04-05.

<sup>194</sup> MOPH, vol.1, p. 70.

<sup>195</sup> AA SS, *Marti I*, p. 701.

Um milagre de cura operado na sepultura de um frade pregador em favor de outro frade pregador. Seria natural que a *fama sanctitatis* fosse relatada nos capítulos gerais? Se sim, não foi registrado. Nem este nem qualquer outro dos milagres atribuídos a Tomás de Aquino constam nas atas das periódicas reuniões da Ordem.<sup>196</sup>

Tanto a ausência do registro sobre o tempo de ocorrência deste milagre quanto as ausências nos capítulos gerais nos levaram a ler de forma mais detalhada os depoimentos dos frades dominicanos no processo de 1319.<sup>197</sup> Seriam depoimentos diferentes dos demais? Qual a relação dos interrogados com Tomás de Aquino?

### **Os dominicanos nas atas de 1319: qual Tomás?**

Retomando as análises iniciadas no capítulo 1 desta tese partimos dos dados fornecidos pelas tabelas 5, 6 e 7 e constatamos um número reduzido de dominicanos (07) em relação ao número de cistercienses (16). O processo não informa sobre a “filiação” religiosa de três interrogados, os quais suspeitamos que possam ser oriundos da região de Nápoles, e, a partir disso, poderíamos inferir que são dominicanos, o que nos levaria a um total de dez depoimentos.

Os dominicanos devidamente identificados nas atas de 1319 e as características dos depoimentos contam na tabela 9. O que percebemos neste conjunto de depoimentos é, exceto o de Guilherme de Tocco, o interesse na forma física de Tomás de Aquino. Dos sete, cinco conheceram, viram e ouviram pregação e leituras do candidato a santo. Os outros dois, Ioannis de Nápoles e Anthonius de Brixia, podem ser interpretados à luz do interesse na *fama sanctitatis* daquele teólogo no interior da Ordem e, neste sentido, em diversos lugares, dentro e fora da ordem, segundo os depoimentos, a *fama* era bastante difundida.

O Tomás de Aquino oferecido pelos depoimentos dos dominicanos no inquérito de 1319, portanto, é muito similar aos demais: informa-se sobre a vida e sobre alguns milagres. As informações prestadas são também idênticas: homem casto, humilde, sempre voltado para os estudos etc. A diferença deste conjunto em relação aos demais é a prova: conheceram, viram e ouviram. Mas isso não foi um privilégio exclusivo daquelas cinco testemunhas: o cisterciense Octavianus de Babuco de Campanha (Fossanova) também conheceu e conversou com Tomás de Aquino.<sup>198</sup> O frade Nicolau de Piperno acompanhou os momentos finais de

<sup>196</sup> Mas isso também acontece para os casos de Pedro de Verona e Domingos de Gusmão.

<sup>197</sup> Não há frades pregadores entre os interrogados no segundo inquérito, realizado em 1321, em Fossanova.

<sup>198</sup> AA SS, *Marti I*, p. 691.

Tomás no mosteiro de Fossanova e também afirmou que se tratava de um homem com cerca de cinquenta anos de *magna statura, & caluus, & quòd fuit etiam grossus & brutus*.<sup>199</sup>

**Tabela 9: Frades Pregadores interrogados em 1319**

DOMINICANOS INTERROGADOS EM 1319		
Nome	Data	Informações Complementares
Fr. Iacobus de Caiatiâ	31/07	Conheceu e viu Tomás em Nápoles e em Cápua. Sobre sua estatura, tinha um calo na fronte. Isso teria acontecido quando Tomás de Aquino teria cerca de quarenta e seis anos. Não informa sobre um milagre específico. Apenas diz que a <i>fama</i> é pública e em diversos lugares.
Fr. Petrus de S. Felice	31/07	Viu e foi discípulo de Tomás em Nápoles, tendo conversado com ele várias vezes em sua cela, no coro da igreja e na cátedra, além de tê-lo presenciado pregar. Sobre a estatura de Tomás de Aquino disse que era <i>magna</i> , que era gordo e tinha um calo na fronte. Sobre a <i>fama sanctitatis</i> disse saber que era pública e espalhada por diversos lugares.
Fr. Corradus de Suessa	31/07	Conheceu e conversou com Tomás de Aquino durante muitos anos em Roma e Nápoles e que isso teria acontecido há 62 anos (1257, aproximadamente). Não relata milagres, mas fala da <i>fama</i> .
Fr. Ioannis de Neapoli	01/08	Doutor em teologia. Não conheceu Tomás de Aquino pessoalmente. Apenas ouviu de muitos frades antigos sua fama e boa conversação. Relata o milagre operado em favor de Leonardo de Nápoles, também dominicano, Inquisidor.
Fr. Guilhelmus de Tocco	04/08	Religioso antigo, Prior de Benevento. Viu Tomás de Aquino escrevendo o <i>De Generatione &amp; corruptione</i> . Também ouviu Tomás pregando e suas leituras em Nápoles e em outros lugares. Conheceu Reinaldo de Piperno, sócio de Tomás de Aquino e com o qual obteve informações sobre sua inteligência. A maior parte do depoimento é sobre os milagres, mas é importante ressaltar a condição de procurador ocupada por Guilherme de Tocco. Muito do que ele narra no depoimento foi ouvido em depoimentos anteriores e em suas pesquisas prévias para a canonização.
Fr. Anthonius de Brixiâ	04/08	Ouviu dizer sobre Tomás de Aquino na ilha de Chipre. Sua fonte foi o frade Nicolau de Marsiliaco, que foi discípulo de Tomás.
Fr. Leonardus de Caietâ	04/08	Antigo frade que conheceu, conversou e ouviu Tomás pregando em Nápoles. Relata que ouviu de Reinaldo de Piperno milagres operados por Tomás de Aquino em vida, como o da mulher que sangrava ininterruptamente e que teve o sangramento interrompido durante uma pregação de Tomás de Aquino na igreja de Santa Maria Maior.

Fonte: AA SS, Martii, I, pp. 686-716.

Martin Morard, ao considerar que Tomás também foi um “homem de carne e osso” levanta a hipótese que a importância de se tecer considerações sobre a forma física do teólogo faz-se relevante pelo fato que suas idéias e a forma como é conhecido produz uma entidade descarnada. Porém, para o contexto da canonização, as informações que temos acesso formam um retrato hagiográfico de Tomás.<sup>200</sup>

<sup>199</sup> AA SS, Marti I, p. 692.

<sup>200</sup> MORARD, M. “Saint Thomas d’Aquin: un home de chair et d’os...aussi”. *Sedes Sapientiae*, n.30, pp. 37-54, 1989.

Ciente daquelas declarações e também por ter conhecido Tomás de Aquino e suas teses, Guilherme de Tocco nos oferece o seguinte físico de Tomás na *Ystoria*:

De naturali etiam dicti doctoris dispositione corporis sicut et mentis dicitur quod fuit magnus in corpora, procure et recte stature, que rectitudini anime responderet; coloris triticei, ad temperate eius complexionis inidicium; magnum habens caput sicut perfectionis uirtutum animalium que rationi dseruiunt organa perfecta requirunt; aliquantulum; aliquantulum caluus. Fuit tenerrime complexionis in carne, sicut aptitudo eius intelligentie indicabat in mente. Fuit uirilis robore, cum se ad aliquos actus uirtutis corporee exercebat. Qui etiam ex uirtute animi nichil terribile timuit et nichil abiectum pia humilitate despexit, qui preter hanci in coassistencia diuina confidit.<sup>201</sup>

No texto em co-autoria com Carolina Fortes concluí que Guilherme de Tocco pode ter utilizado, inclusive, as concepções de Tomás sobre a relação entre corpo e alma ao propor a síntese expressa nesta citação.<sup>202</sup> Sendo assim, é válida a hipótese da construção da santidade de Tomás de Aquino na *Ystoria*. Se considerarmos os inquéritos de 1319 e de 1321 trabalhados no capítulo anterior, podemos concluir que formam um conjunto sobre a *fama sanctitatis* de Tomás e seus milagres, mas é na *Ystoria* que há a consolidação dessa santidade. A partir desses elementos, então, defendemos que se não está nas Atas dos Capítulos Gerais, nem mesmo como algo específico ou que se destaque nos depoimentos dos frades pregadores, Tomás de Aquino se transforma em um santo dominicano no texto de Guilherme de Tocco. Mas o que seria um santo dominicano no início do século XIV? E, sendo um santo dominicano a partir da *Ystoria*, trata-se de uma hagiografia diferente das que tratam de santos dominicanos contemporâneos? Em que a construção hagiográfica de Guilherme de Tocco contribuiria e justificaria, então, a canonização de Tomás de Aquino?

### **A santidade dominicana e a escrita hagiográfica: um fundador, um mártir e um doutor**

Não é nosso objetivo propor uma revisão bibliográfica nesta parte da tese no que diz respeito ao conjunto desta produção. Visamos, no entanto, destacar a escrita de Guilherme de Tocco e como a *Ystoria* se relaciona com os escritos precedentes sobre os outros dois santos

<sup>201</sup> *Ystoria*, C. XXXVIII, pp. 166-167. Tradução livre, com auxílio da tradução francesa (2005, pp. 90-91): “Quanto à disposição natural do corpo do dito doutor que corresponde ao interior virtuoso de sua mente, diz-se que ele foi grande e de estatura reta e direita, que correspondia à retidão de sua alma; que sua pele tinha cor de trigo, indício de uma temperatura equilibrada; tinha uma grande cabeça, pois a perfeição de sua alma que desfrutava de uma razão perfeita requeria órgãos perfeitos, e era calvo. Como indicava sua inteligência, sua carne também era extremamente delicada. Tinha uma força viril quando exercia sua força corpórea. Por causa da força de sua alma ele não chorava diante do perigo; e, por sua humildade, não desviava seus olhos de nenhuma abjeção, pois confiava na segurança divina”.

<sup>202</sup> TEIXEIRA, I. S. e FORTES, C. C. “O corpo na literatura hagiográfica dominicana: da *Legenda Aurea* à *Ystoria sancti Thome de Aquino* (1290-1323). In: PEREIRA, N. M., ALMEIDA, C. C. de, TEIXEIRA, I. S. (Orgs.). *Reflexões sobre o medievo*. São Leopoldo: Oikos, 2009. p. 222.

dominicanos: o fundador, Domingos de Gusmão, e o mártir, Pedro de Verona. Neste sentido, o hagiógrafo e sua relação com seu objeto de escrita compõem um panorama privilegiado de análise, pois participaram diretamente no reconhecimento da santidade: Guilherme de Tocco, como vimos anteriormente, conheceu Tomás de Aquino e, mais do que isso, foi procurador, testemunha e o encarregado de realizar pesquisas sobre o candidato a santo.

É importante, no entanto, que sejam evidenciadas as características da santidade medieval a partir da historiografia. Os estudos sobre a Santidade na Idade Média não são recentes. Segundo Néri de Almeida Souza, uma das primeiras questões que despertaram o interesse de historiadores, folcloristas e etnólogos foi a das heranças do culto dos santos. Esse culto foi associado aos deuses antigos, heróis e ancestrais.<sup>203</sup> Fica evidente que os trabalhos citados pela autora, como os de Saintyves, Delehaye e Hertz, progressivamente abandonaram a idéia da santidade como herdeira dos heróis gregos da Antiguidade. No entanto, devido à “plasticidade”, o culto dos santos formou-se a partir de um comportamento e crenças coletivas sincréticas. E foi esta plasticidade a responsável pelo triunfo da santidade. Comparando o herói e o santo, por exemplo, a autora encontrou as seguintes características: são seres humanos mortos, que intercedem pela comunidade na qual há culto à sua memória. Além disso, não são seres imitáveis.<sup>204</sup>

Esta última afirmação foi defendida por André Vauchez<sup>205</sup> em um texto fundamental para esta tese. No título, o historiador francês questiona se a função da hagiografia mudou no final da Idade Média. Isto porque, em suas análises, percebeu uma mudança nas representações da santidade nas vidas de santos merovíngios e carolíngios em relação às escritas a partir do século XII. Citando J-Ch. Picard, Vauchez estabeleceu quais seriam as diferenças: no primeiro caso, “le saint manifeste sa perfection dès l’enfance. Insinuer que la conquête de la sainteté est progressive, ce serait minimiser son mérite et laisser penser que ses pouvoirs surnaturels sont moindres que ceux des autres”.<sup>206</sup>

<sup>203</sup> SOUZA, N. de A. “Hipóteses sobre a Natureza da Santidade: o Santo, o Herói e a Morte”. *Signum*, nº4, São Paulo, 2002, p.20.

<sup>204</sup> IDEM. *Ibid. passim*. Esse texto tem origem na tese de doutorado defendida pela autora em 1998 sobre a morte na *Legenda Áurea*. Para Néri Souza, a morte foi a principal categoria trabalhada naquela compilação hagiográfica, o que revelaria seu caráter arcaico para o final do século XIII, quando novos perfis de santidade, principalmente a oficial – canonizada pelo Papa – eram privilegiados. Cf. IDEM. *A Cristianização dos mortos: a mensagem evangelizadora da Legenda aurea de Jacopo de Varazze*. 1998, 2v., 517f. **Tese (Doutorado em História)** – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998.

<sup>205</sup> VAUCHEZ, A. “Saints admirables et saints imitables: les fonctions de l’hagiographie ont-elles changé aux derniers siècles du Moyen Âge?”. *Op. cit. passim*.

<sup>206</sup> IDEM. *Ibid...* op. cit. p.161-162. Tradução livre: “o santo manifesta sua perfeição desde a infância. Insinuar que a conquista da santidade é progressiva seria minimizar seu mérito e deixar pensar que seus poderes sobrenaturais seriam menores que os dos outros”.

O santo, nesta concepção, definida pelo autor como tradicional, intermediaria a relação dos fiéis com Deus. Aos fiéis cabia rezar e pedir. Vauchez, inclusive, afirma que eles esperavam por ações concretas, como curas, vitórias, proteção. Não era importante saber quando o santo viveu, nem quais eram suas virtudes. Bastava que fizesse parte da “corte celeste” e que fosse bastante influente, o que era “atestado por seus milagres que se produziam em grande número após a invocação de seu nome”.<sup>207</sup>

Na mudança ocorrida após 1150, os homens e mulheres santos, assim o são após um tempo no pecado: “la sainteté n’est plus donnée dès l’origine, comme par un décret de la Providence. Elle s’acquiert au prix d’une conversion qui certes s’effectue sous une impulsion divine, mais résulte aussi pour une part de l’initiative du sujet”.<sup>208</sup> Esta modificação, em grande medida, se deu por causa do controle papal da canonização, aplicado sistematicamente nos séculos seguintes, através dos inquiridos. Segundo Vauchez, o foco das investigações se deslocou dos milagres para as maneiras de viver e para as realizações concretas. Isto fez com que a vida dos santos fornecesse aos fiéis modelos de comportamento e de virtudes.<sup>209</sup>

No entanto, a exemplaridade e a heroicidade, segundo Vauchez, são dois pólos da hagiografia, os quais têm seus lugares específicos. Segundo o autor, “Les saints sont en effect par définition des êtres extraordinaires, car ils incarnent la vertu en actes dans un monde où domine le mal, sinon le vice”.<sup>210</sup> Além disso, o santo faz com que o fiel perceba uma realidade desejável e o seu exemplo mostra que ela pode se realizar na existência humana sendo que um dos veículos para essa crença é a hagiografia, definida pelo autor como um gênero literário no qual a retórica possui um importante espaço, por se tratar de um discurso de elogio, de persuasão e prova. Neste sentido, seria “Une catégorie d’écrits visant à procurer à l’auditeur ou au lecteur une sentiment de bonheur individuel et dont le contenu est dans une large mesure conditionné par l’ ‘horizon d’attente’ du public”.<sup>211</sup> Como discurso de persuasão, trata de convencer o ouvinte/leitor de agir conforme o exemplo do santo e tal característica da hagiografia não pode ser negligenciada. Trata-se de uma de suas principais funções: fornecer exemplos. Neste sentido, Vauchez defende que a santidade era por

---

<sup>207</sup> IDEM. Ibid. p.163.

<sup>208</sup> IDEM. Ibid. p.162. Tradução livre: “a santidade não é mais dada desde a origem, como por um decreto da Providência. Ela se adquire ao preço de uma conversão, que, certamente, se efetua sob um impulso divino, mas resulta também, por outro lado, da iniciativa do sujeito”.

<sup>209</sup> IDEM. Ibid. p.165.

<sup>210</sup> IDEM. Ibid. p.166. Tradução livre: “Os santos são, por definição, seres extraordinários, pois eles encarnam a virtude em atos em um mundo onde domina o mal, senão, o vício”.

<sup>211</sup> IDEM. Ibid. p.167. Tradução livre: “Uma categoria de escritos visando a procurar no auditor ou no leitor um sentimento de felicidade individual e cujo conteúdo é em uma larga medida condicionado pelo ‘horizonte de expectativa’ do público”.

“delegação”, ou seja, não existia o desejo de imitar o santo em seu comportamento heróico, e sim, o desejo de render-lhes graças no mundo divino e de conciliação.<sup>212</sup>

Imitar o santo seria percorrer uma via muito difícil, portanto, delegar permitiria ao “utilizador” ficar no mundo profano e se beneficiar da intervenção de seu protetor celeste. Mas isso representaria o risco de se abandonar o papel de imitação de Cristo, ou de viver sob os preceitos da Igreja. Era necessário não deixar que o culto dos santos suplantasse essa necessidade maior. Vauchez, então, atribui um papel fundamental à Ordem dos Dominicanos e seus hagiógrafos no século XIII. A atuação de homens como Jean de Mailly, Bartolomeu de Trento e Jacopo de Varazze foi no sentido de oferecer aos fiéis exemplos de santos antigos (mártires, por exemplo) e recentes (o autor trabalha com a referência de cerca de sessenta anos entre a morte e o reconhecimento da santidade de um indivíduo para estabelecer esse conceito) que, em última instância, não negaram sua fé.<sup>213</sup>

Entretanto, esses exemplos não permitem situar a modificação na função da hagiografia em opor a característica admirável da imitável, pois essas duas noções dependem uma da outra. O novo tipo de vida de santos que aparece entre os séculos XII e XIII é menos alienante e exalta “l’intensité de sa foi et de son amour pour Dieu et pour les hommes”, ou seja, uma hagiografia focada na intensidade da fé e do amor do santo por Deus e pelos homens: a exemplaridade que podia incitar seguidores, o que não implica numa renúncia do maravilhoso e do sobrenatural.<sup>214</sup> Analisando o texto, percebemos, assim como percebeu Néri Souza<sup>215</sup>, uma importante reorientação de André Vauchez em relação ao seu entendimento da santidade medieval. O autor reviu o rigor de seu “esquema evolutivo”. Em parte, percebemos isso, na conclusão do artigo sobre as mudanças nas hagiografias do final da Idade Média, quando ao autor não exclui o maravilhoso e o sobrenatural, mesmo que o foco central esteja voltado para as virtudes do santo. Entretanto, o que chamou atenção foi a seguinte afirmação:

Plus le public visé par l’hagiographe est populaire, plus les saints sont presents comme des personnages lointains, distant et étrangers à la condition humaine. C’est que l’homme ordinaire, loin de voir dans toute situation humaine et en particulier dans la sienne, le point de depart d’une sanctification possible, préférerait déléguer

---

<sup>212</sup> IDEM. Ibid. p.168-169.

<sup>213</sup> IDEM. Ibid. p.170-171.

<sup>214</sup> IDEM. Ibid. p.172. Certeau defendeu que o momento máximo do texto hagiográfico é a conversão. Cf. CERTEAU, M. *L’écriture de l’histoire*. Paris: Gallimard, 2002. pp. 317-322.

<sup>215</sup> SOUZA, N. de A. “Hipóteses sobre a natureza da santidade: o herói, o santo, a morte”. Op. cit. p.26.

aux saints le soin de faire le lien entre le monde d'ici-bas et un au-delà normalement inaccessible au communs des mortels.<sup>216</sup>

Perguntamos: como o autor define “público popular” e “homem ordinário”? Simplesmente, não define. Presumimos, com elementos do próprio texto, que popular e ordinário são sinônimos e que podem ser entendidos como leigos, pois o autor defende que quando o público é de clérigos, os textos propõem modelos de vida regular e pastoral. Aos leigos são apresentados santos que se distinguem pelo zelo, pela caridade e pelos serviços aos pobres.<sup>217</sup> Mesmo assim, não julgamos essa aproximação suficiente.

É importante ressaltar que uma das principais características dos estudos de André Vauchez sobre a santidade medieval é a longa duração. Publicada em 1981, a tese *La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age: d'après les procès de canonisation et les documents hagiographiques* é até hoje o estudo mais denso sobre a santidade no final da Idade Média. O autor elaborou um percurso que inclui desde dados quantitativos à análise do discurso oficial e não oficial sobre os santos. Concluiu que havia uma contradição entre santidade oficial e a local, mas que a santidade era um fenômeno da mentalidade medieval cristã.<sup>218</sup> A obra possui três partes. Na primeira, o autor tratou dos cultos aos santos e o processo definido como “disciplina” dos mesmos. Na segunda, propôs uma tipologia da santidade medieval, dividida em santidade local e oficial. Na última, Vauchez abordou a santidade como um aspecto da mentalidade medieval. Por ora, interessam as considerações do autor sobre a disciplina do culto e as questões relacionadas à santidade oficial.

Âmbito específico da história da santidade, o reconhecimento não é um fenômeno original da Baixa Idade Média. A novidade é o processo de canonização e seus procedimentos de inquérito para a verificação da autenticidade dos milagres e das virtudes dos santos narradas na *vitæ* que precede e acompanha o processo.<sup>219</sup> O que diferencia a origem do culto, no início do cristianismo, da Baixa Idade Média é: o que outrora era uma preocupação de controlar para que as devoções locais não se transformassem e/ou fossem confundidas com o paganismo se transformou em um aparato de investigação e autenticação acompanhado de um aprimoramento litúrgico.

<sup>216</sup> VAUCHEZ, A. “Saints admirables et saints imitables...”. op. cit. pp.169-170. Tradução livre: “Mais o público visado pelo hagiógrafo é popular, mais os santos são apresentados como personagens longínquas, distantes e estrangeiras à condição humana. É que o homem ordinário, longe de ver em todas as situações humanas e em particular na sua, o ponto de partida de uma santificação possível, preferia delegar aos santos o sonho de fazer o laço entre o aqui e o além, normalmente inacessível ao comum dos mortais”. A principal referência para Vauchez, nesta afirmação, é o trabalho de CAZELLES, B. *Le corps de sainteté d'après Jehan Bouche d'Or, Jehan Paulus et quelques Vies des XIIe et XIIIe siècles*. Genebra, 1982.

<sup>217</sup> VAUCHEZ, A. “Saints admirables et saints imitables...”. op. cit. p.168.

<sup>218</sup> IDEM. *La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age*... op. cit.

<sup>219</sup> IDEM. *Ibid.* pp.15-37.

Vauchez notou que entre os séculos VIII e IX houve uma mutação semântica do vocábulo *sanctus* que deixou de significar uma santidade de função (como os bispos serem considerados santos porque eram bispos) para ser identificado com um tipo de homem dotado de características especiais. *Sanctus* passou a acompanhar os nomes que eram inseridos nos martirológicos e calendários litúrgicos.<sup>220</sup> No entanto, o vocabulário atingiu uma maior complexidade e melhor definição no final do século XIII com a distinção entre *sancti* e *beati*.<sup>221</sup> Segundo o autor, a preocupação da Santa Sé em controlar o culto e dominar as questões litúrgicas levou a essa distinção, que significa canonizado e não-canonizado, porém com culto autorizado.<sup>222</sup> Esta postura revela um paradoxo: a superioridade conferida pela canonização desaparecia nos cultos e aproximava santidade local e oficial na veneração.<sup>223</sup>

A postura dos papas, a partir de 1260-1270 (Gregório IX e Inocêncio IV, por exemplo) não era de se preocupar com as devoções já existentes. Segundo Vauchez, a cúria romana preocupava-se com as devoções nascentes e isto marcou uma espécie de fechamento ou de restrição e acirramento nos procedimentos de verificação da santidade. O autor identificou três razões que explicariam tal postura: a primeira delas é de ordem teológica, que aponta que a canonização era um momento de aplicação da doutrina sobre a infalibilidade papal. Nesse contexto teria surgido um apoio consensual às idéias de Tomás de Aquino. A segunda razão seria uma evolução da eclesiologia, reforçada pelo poder político do Papa e pela hierarquia da Igreja, que tinha como *caput* Cristo. A terceira razão, principalmente entre 1270-1330, foi o aumento do número de inquéritos instaurados pela Santa Sé para a verificação da santidade.<sup>224</sup>

A canonização de Tomás de Aquino, para este autor, está situada num contexto de reconhecimento de santos “recentes”, também definidos como “santidade moderna”. Dentre esses, muitos mendicantes.<sup>225</sup> Este aspecto estaria aparente também nas hagiografias. Vauchez entende que a veneração dos santos próximos no tempo indicaria também uma modificação no significado e no sentido da santidade.

Outra obra sobre o momento de mudanças na hagiografia foi escrita por Dolnald Weinstein e Rudolph Bell em 1982. Trata-se de um estudo sobre a santidade como fenômeno coletivo, tal qual analisado por André Vauchez.<sup>226</sup> Segundo os autores, nesse período, o culto dos santos floresceu como a maior expressão da doutrina católica e da devoção popular e

---

<sup>220</sup> IDEM. Ibid. pp. 20-21.

<sup>221</sup> IDEM. Ibid. pp. 99-120.

<sup>222</sup> IDEM. Ibid. p. 102.

<sup>223</sup> IDEM. Ibid. pp. 115-117.

<sup>224</sup> IDEM. Ibid. pp. 118-120.

<sup>225</sup> IDEM. Ibid. pp. 131-147.

<sup>226</sup> WEINSTEIN, D. and BELL, R. M. *Saints & Society...*op. cit.

ilustra como a piedade, a busca pela perfeição espiritual, o sentimento de reverência e a expectativa pela ajuda divina manifestavam naquela sociedade.<sup>227</sup> No âmbito da escrita hagiográfica esses autores consideraram que entre 1100 e 1700 as *vita* mudaram do material tradicional, como a lenda e o milagre, para “sofisticadas biografias” ricas em detalhes e delineação da personalidade do santo. Mas, como não há muitas referências a fatos reais nas hagiografias, Weinstein e Bell defenderam que é possível se chegar próximo das representações que uma sociedade tinha a respeito de valores como a humildade, por exemplo.<sup>228</sup> Percepções estas que devem ser analisadas com a ressalva que o mundo dos leigos não era o mundo do hagiógrafo e que, provavelmente, entendiam o mundo de formas diferentes.<sup>229</sup> Neste sentido, os autores questionaram a possibilidade de se falar de “coletivo” e “social” sendo que clérigos e leigos eram de universos intelectuais diferentes.

Com orientação teórica claramente weberiana, Weinstein e Bell analisaram a santidade a partir de tipos ideais. Segundo os autores, alguns elementos caracterizariam os santos, pois estão presentes em todos eles, independentemente de sexo, lugar e classe. São cinco aspectos: 1) Graça sobrenatural; 2) Ascetismo; 3) Boas obras; 4) Poder da palavra e 5) Atividade evangélica.<sup>230</sup> Os santos demonstrariam esses elementos a partir de questões como seus corpos e os sinais da escolha divina – expressa desde a infância, quando não, antes do nascimento, como no caso de Tomás de Aquino.<sup>231</sup>

Desta forma, os autores não trabalharam com a noção de mentalidade – tal qual Vauchez expressou em sua obra – e sim, procuraram definir as características da produção do texto hagiográfico e a condição do hagiógrafo. Para Weinstein e Bell, o hagiógrafo trabalha para atender a expectativas – implícitas e explícitas – de acordo com seu bispado, os interesses de sua Ordem religiosa, interesses políticos e, quando possível, a expectativas dos devotos locais (clérigos e leigos). Mas, essencialmente, o hagiógrafo seria um “agent of mythmaking mechanism”.<sup>232</sup>

O hagiógrafo como “mythmaking” seria um dos principais responsáveis para a “fábrica dos santos”<sup>233</sup>, segundo Jean-Claude Schmitt. Para este autor, a sociedade, ao eleger seus “mortos muito especiais” não guardava a memória do indivíduo, e sim, uma construção abstrata, classificada a partir de *topoi* hagiográficos. Apesar de não caracterizar nem definir

<sup>227</sup> IDEM. p. 04-05.

<sup>228</sup> IDEM. p. 08-09.

<sup>229</sup> IDEM. p. 10.

<sup>230</sup> IDEM. p. 159.

<sup>231</sup> IDEM. p. 149-150.

<sup>232</sup> IDEM. p.13.

<sup>233</sup> Expressão extraída de BROWN, P. *The Cult of the Saints: Its Rise and Function in Latin Christianity*. Chicago: UCP, 1982. pp. 69-85.

quais e como seriam esses *topoi*, o autor apontou algumas direções, como a relação com os mortos, a intercessão junto a Deus, a importância das relíquias e do lugar de sepultamento.<sup>234</sup>

Schmitt sintetizou em quatro pontos a “fábrica dos santos” entre os séculos XIII e XV. Inicialmente, a “revolução” operada na aproximação dos santos no mundo dos vivos a partir da diminuição do tempo transcorrido entre a morte e a canonização. Além disso, a individualização da santidade – aqui entendendo que o santo se definiria em relação ao grupo daqueles “mortos muito especiais” ao qual pertencia. O segundo aspecto foi o aumento no número de mulheres canonizadas. O terceiro, uma nova concepção do sobrenatural, principalmente em relação aos milagres e, por fim, uma transformação geral das representações do além, de suas figuras e de suas relações com os homens.<sup>235</sup>

A “hagiografia dominicana” – se é que podemos falar a partir de um termo tão abrangente, sugerindo uma uniformidade ou identidade geral para todos os dominicanos que escreveram relatos sobre vidas de santos<sup>236</sup> – deve ser entendida no contexto da atuação das Ordens Mendicantes. Para Vauchez, foi no seio das ordens religiosas que a “modernização” da santidade ocorreu. Em relação aos franciscanos, abordou as diferentes posturas dos frades menores em relação aos usos e significados da santidade. Por exemplo, o próprio Francisco de Assis interrompeu a escrita das *vitae* de frades menores martirizados no Marrocos dizendo que cada um devia se glorificar com sua própria paixão (no sentido de *passio*), não com a dos outros. Houve, também, discordâncias após a morte do fundador da Ordem. Alguns frades se puseram a coletar milagres e outros defenderam que o foco devia ser na vida do santo.<sup>237</sup> Em relação aos dominicanos, Vauchez também percebeu diferentes formas de entender e conceber as vidas de santos. Segundo o texto, no início, os dominicanos não deram tanta importância a esse tipo de relato, o que pode ser exemplificado pelo período de doze anos no qual o corpo de Domingos permaneceu sem ser objeto de honras. Isto aconteceu apenas em 1233. Quando Tomás de Aquino foi canonizado, em 1323, a Ordem possuía dois santos: o fundador, Domingos de Gusmão, e Pedro Mártir. A partir de 1260, a produção hagiográfica dominicana foi impulsionada pelas compilações, como a *Vitae Fratrum*, o *Bonum universale de apibus* e a *Legenda aurea*.<sup>238</sup>

<sup>234</sup> SCHMITT, J-C. “La fabrique des saints (Note Critique)”. *Annales HSS*, Année 1984, vol. 39, n°2, p. 288.

<sup>235</sup> IDEM. pp. 292-295.

<sup>236</sup> A questão da identidade dominicana é o objeto de investigação do doutoramento da pesquisadora Carolina Coelho Fortes (UFF). Cf: FORTES, C. *Societas Studii: A Construção da Identidade Institucional e os Estudos entre os Frades Pregadores no século XIII. Tese (Doutorado em História)*. UFF, março/2011.

<sup>237</sup> VAUCHEZ, A. *La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age...* op. cit. pp.133-134.

<sup>238</sup> IDEM. Ibid. pp.138-139.

Segundo Vauchez, a canonização de Tomás de Aquino ocupa um lugar importante no que tange à relação entre a Ordem dos Dominicanos e o Papado, além, obviamente, da afirmação da doutrina defendida por aquele teólogo. Entretanto, o autor não especifica os porquês dessa importância e dá mais atenção às disputas entre franciscanos e dominicanos, no fim do século XIV, em relação aos estigmas de Santa Catarina de Siena. A difusão da representação iconográfica desses estigmas, nas igrejas dominicanas, foi uma réplica ao caráter excepcional e exclusivo dos estigmas de São Francisco de Assis. Para Vauchez, o importante nesse contexto foi a atuação dos dominicanos. O culto àquela santa não ultrapassaria as fronteiras da península itálica, não fosse a atuação dos Dominicanos.<sup>239</sup>

Essas observações são importantes na medida em que, enquanto hagiógrafo dominicano, Guilherme de Tocco carregava consigo o conhecimento das compilações elaboradas no seio da ordem e “desfrutava” do momento no qual o Papado – em Avignon – era extremamente favorável aos princípios dominicanos. Segundo David Knowles e Dimitri Obolensky, tudo começou com a eleição de Clemente V no conclave de 1305, realizada em Perúgia. O eleito não estava em Roma, e sim, em seu arcebispado – Bordeaux, na França – onde se preparava para o concílio de Viena (1311-1312). Clemente V pretendia se encontrar com Felipe, o Belo, rei da Gasconha (região onde vivia o papa eleito) e que, desde 1294, travava com Eduardo I, do País de Gales.<sup>240</sup> Temeroso das relações entre o papado e o rei que governava a região onde estava, Clemente V instalou-se em Avignon em 1309, dando início aos mais de sessenta anos nos quais o pontífice se ausentaria de Roma. No entanto, Avignon não pertencia a Felipe, o Belo, e sim, ao rei da Sicília e foi adquirida pelo papado apenas em 1348 (no ano de uma das mais severas crises européias).<sup>241</sup> Segundo G. Arnaldi, Avignon estava numa posição favorável para a comunicação terrestre, fluvial e marítima. Por essas razões se tornou a residência dos pontífices que sucederam Clemente V.<sup>242</sup>

Nesse início de século XIV, as disputas territoriais e econômicas colocaram os domínios dos estados papais em zonas de conflito. Segundo Pierre Chaunu, o Papa era mais que um líder religioso e também “legislador, justiceiro, doutor, censor supremo”. Além disso,

<sup>239</sup> IDEM. Ibid. pp.140-141.

<sup>240</sup> KNOWLES, D. e OBOLENSKY, D. *Nova História da Igreja: II A Idade Média. (600-1500)*. In: L.-J., ROGIER; AUBERT, R. e KNOWLES, M. D. (Dirs). *Nova História da Igreja*. Trad. João F. Hauck. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 435. (Nova História da Igreja; 2)

<sup>241</sup> LADURIE, E. L. R. *História dos Camponeses Franceses: da Peste Negra à Revolução*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V.1, pp. 21-125. E TUCHMAN, B. W. *Um Espelho Distante: O terrível século XIV*. 2ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

<sup>242</sup> ARNALDI, G. “Igreja e Papado”. In: LE GOFF, J. e SCHMITT, J-C. (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC; Imprensa Oficial do Estado, 2006. v.1, p. 584.

desde o século VIII, era também príncipe dos chamados Estados Pontifícios.<sup>243</sup> Segundo o autor, esses Estados e o orçamento do papado formavam o quarto maior do Ocidente, ficando atrás apenas da França, Inglaterra e Nápoles devido a um eficaz sistema de tributos.<sup>244</sup> Essa crescente concentração de poder econômico, no entanto, vinha de um processo de acumulação iniciado no século XIII com a obtenção de receitas próprias e por um corpo orgânico de leis.<sup>245</sup>

A permanência do papado em Avignon se torna ainda mais emblemática na medida em que, em tempos de acirradas crises econômicas, políticas e sociais o patrimônio dos Estados Pontifícios aumentou. Talvez, um dos principais responsáveis para isso tenha sido o sucessor de Clemente V, João XXII, cujo pontificado durou dezoito anos (1316-1334) e foi o governo mais longo dos sete sediados naquele local.<sup>246</sup>

As reformas empregadas por João XXII elevaram as finanças do papado, porém de forma conflituosa: esse papa expropriou bens de Clemente V, aumentou taxas e recrudescer a centralização administrativa da Cúria.<sup>247</sup> Além disso, envolveu-se na disputa da coroa entre Frederico de Habsburgo, da Áustria, e Luís Wittelbasch, da Baviera que teve início em 1314. Em 1323 João XXII, não reconheceu a autoridade real de Luís, da Baviera, porque este havia se investido de poder sem o consentimento do pontífice. O episódio resultou em discussões sobre a relação da Cúria com os poderes temporais, com a acusação, em 1324, de heresia feita por Luís ao papa – principalmente em relação à pobreza de Cristo – com a invasão de Roma, em 1327, e com a nomeação de um antipapa, a saber, Pedro de Corbière, entre 1328-1330, por aquele rei.<sup>248</sup>

João XXII foi eleito num conclave polêmico, sediado pela ordem dos dominicanos, em Lion, em 1316. O trono de Pedro estava vacante desde a morte de Clemente V, em 1314.

<sup>243</sup> CHAUNU, P. *O Tempo das Reformas (1250-1550): I. A Crise da Cristandade*. Trad. Cristina Diamantino. Lisboa: Edições 70, 2002. p. 185.

<sup>244</sup> IDEM. p. 187.

<sup>245</sup> ARNALDI, G. “Igreja e Papado”. Op. cit. p.581. Esse corpo orgânico era baseado nos chamados Pais da Igreja, nas *Decretais*, no direito romano e se estendia ao aparelho próprio de repressão, a Inquisição.

<sup>246</sup> Clemente V (1305-1314); João XXII (1316-1334); Bento XII (1334-1342); Clemente VI (1342-1352); Inocêncio VI (1352-1362); Urbano V (1362-1370) e Gregório XI (1370-1378). Cf. MOLLAT, G. *Les Papes D'Avignon (1305-1378)*. 9ªéd. Paris: Letouzey & Ané, 1949. pp. 27-133.

<sup>247</sup> IDEM. Ibid. pp. 504-537.

<sup>248</sup> IDEM. Ibid. pp.348-349. Cf. também a *Confessio Antipape*, presente na *Secunda Vita Joannis XXII*, escrita por Bernardo Gui. Apud: BERNARDO GUIDONIS, EPISCOPO LODOVENSI. *Joannis XXII*. In: BALUZIUS, S. *Vitae Papparum Avenionensium hoc est Historia Pontificum Romanorum qui in Gallia sederunt: ab anno Christi MCCCIV usque ad annum MCCCXCIV*. Nouvelle Édition par G. Mollat. Paris: Letouzey et Ané, 1916. (Tome I). pp. 137-168. Esta obra é uma compilação de relatos sobre os papas de Avignon. Sobre João XXII são apresentadas sete vidas. A *secunda vita* e a *tertia vita* são de autoria de Bernardo Gui. A *Confessio* está entre as páginas 146-151. No geral, são textos lineares, nos quais constam os atos do Papa nas mais variadas questões: das teológicas às administrativas. Nos dois relatos atribuídos a Bernardo Gui há um parágrafo referente à canonização de Tomás de Aquino. Na *secunda* é uma síntese. O trecho presente na *tertia* possui mais detalhes. Cf. também: KNOWLES, D. e OBOLENSKY, D. *Nova História da Igreja...* op. cit. pp. 438-439.

Segundo G. Audisio, o conclave se deu após Felipe, conde de Poitiers, prender os cardeais no convento dominicano para que se decidissem sobre a sucessão.<sup>249</sup> Esse papa disputou territórios e poder econômico em batalhas que colocaram em questão as relações entre os poderes temporais e o poder espiritual e, por fim, aquela acusação de heresia colocava-o contra uma das ordens mendicantes, a saber, os franciscanos. Segundo Jerônimo Bórmida, os franciscanos de Provenza foram os primeiros a reagir aos aumentos de impostos e expropriações promovidas por João XXII.<sup>250</sup> Essa reação teve a contrapartida da inquisição, que culminou com o julgamento e excomunhão, como a Marcílio de Pádua, em 1327.<sup>251</sup>

Esta breve explanação sobre os primeiros anos do papado de Avignon é importante para o entendimento do processo desencadeado para a canonização de Tomás de Aquino: podia ser um agradecimento da Santa Sé à Ordem dos Irmãos Pregadores pelo conclave de 1316; o reconhecimento das idéias do mestre em Teologia – algumas delas condenadas em 1277 em Paris – e a defesa de uma pobreza não radical, como a defendida pelos franciscanos.<sup>252</sup> Para isso, então, era necessário que fosse realizada a pesquisa sobre a vida de Tomás de Aquino e a coleta dos possíveis milagres *post mortem* (exigências do processo de canonização). O escolhido foi Guilherme de Tocco, em 1317.<sup>253</sup>

Alguns autores trabalharam com a idéia da hagiografia como estratégia político-religiosa a partir de princípios metodológicos da filologia. Segundo Ovidio Capitani,

Applicata al testo agiografico, la filologia ne accerta la tradizione, le infiltrazioni, le sedimentazioni, le fruizioni; e può determinare, in tal modo, non solo quello che originariamente “non c’era” ed è stato aggiunto o quello che “c’era” ed è stato soppresso, ma testimoniare una “storia” del tutto autonoma, che, pur non corrispondendo ai dati essenziali del personaggio, segna le varie fasi della storia di un modello. In questo senso può veramente parlare di “strategie”, in cui il credere Allá realtà del santo, dei suoi miracoli diventa un fatto secondario, ininfluenza; ma questa non è una conclusione “medievale” ove si pensi a ciò che scriveva Horst Fuhrmann a propósito delle falsificazioni nel Medioevo e della necessità che in quell’epoca si provava di una legittimazione soggettiva di ciò che si credeva giusto.

<sup>249</sup> AUDISIO, G. *Histoire civile et religieuse des Papes: de Boniface VIII à Grégoire XIII (1294-1585)*. Paris: Société de Saint-Augustin, Desclée, de Brouwer et cie, 1894. p.55.

<sup>250</sup> BÓRMIDA, J. *A não-propriedade: uma proposta dos franciscanos do século XIV*. Porto Alegre: EST, 1997. pp. 19-34.

<sup>251</sup> KNOWLES, D. e OBOLENSKY, D. *Nova História da Igreja...* op. cit. p. 441.

<sup>252</sup> Tomás de Aquino foi chamado de “controverso” e “polêmico” por Otto H. Pesch devido sua atuação no episódio conhecido como Querela dos Mendicantes (1254-56) e também por ter defendido a remuneração dos mendicantes que lecionavam. Cf. PESCH, O. H. *Tomás de Aquino: Limite y grandeza...* op. cit. pp. 83-95.

<sup>253</sup> BOLZAN, J.E. e FRABOSCHI, Azucena. “Santo Tomas y los Capítulos Generales de la Orden de Los Predicadores, 1278-1370”. Op. cit. p. 272.

Diritto e giustizia erano assolutamente identificati. L'agiografia medievale diventa allora paradigmática – più di altre tradições testuais – di questa mentalità.<sup>254</sup>

Embora não trabalhemos aqui nem com a tipologia de André Vauchez, nem com a idéia de transcendentalidade das características da santidade para os séculos finais da Idade Média e início do período moderno, nem com a filologia, alguns aspectos não podem ser negligenciados em relação às características do texto hagiográfico e da sua personagem principal. Apesar de não ser pela filologia que se pretende analisar a documentação relacionada à canonização de Tomás de Aquino, é digna de nota a importância desse campo para os estudiosos da hagiografia. É através dos estudos de filólogos que os historiadores têm instrumentos para interpretar a documentação. No caso das hagiografias, as contribuições são importantes no que tange à datação dos textos, às possibilidades de revisão, às modificações realizadas pelo autor e outras, realizadas por compiladores após a morte do mesmo. Assim, por exemplo, podemos entender a *Legenda áurea* como um testemunho hagiográfico que foi redigido por Jacopo de Varazze até o final de sua vida (†1298).<sup>255</sup>

Para a *Ystoria* existe um importante estudo, a saber, a tese de Claire Le Brun-Gouanvic.<sup>256</sup> A autora apresenta um panorama contextual do momento de produção do texto<sup>257</sup>, uma análise dos elementos do texto<sup>258</sup> e, principalmente, uma análise da tradição do texto, ou seja, de como – a partir dos manuscritos da *Ystoria* – é possível estabelecer uma versão a partir do último estado de composição para a obra.<sup>259</sup> Ao final, a autora apresenta a edição crítica, comentada e repleta de notas explicativas da *Ystoria*.<sup>260</sup> Por ora, interessa a constatação sobre a constante revisão do texto feita por Guilherme de Tocco. Segundo Le

<sup>254</sup> CAPITANI, O. "Premessa". In: PAOLI, E. *Agiografia e Strategie Politico-Religiose: alcuni esempi da Gregorio Magno al Concilio di Trento ...* op. cit. Tradução livre, com auxílio da Professora Michele Bonatto: "Aplicada ao texto hagiográfico, a filologia certifica [garante] a tradição, as infiltrações, as sedimentações, as fruições e pode determinar de tal maneira não apenas o que não existia e foi acrescentado, como aquilo que havia e foi suprimido, mas também testemunhar uma história completamente autônoma que, apesar de não corresponder aos dados existenciais [de realidade, do fato dele ter ou não existido] do personagem, destaca as várias fases de um modelo. Neste sentido se pode falar verdadeiramente de estratégias, nas quais crer na realidade do santo, dos seus milagres, se torna um fato secundário, sem influência [importância]; mas esta não é uma conclusão "medieval" quando se pensa no que escrevia Horst Fuhrmann a propósito das falsificações no Medievo e da necessidade que naquela época se sentia de uma legitimação subjetiva daquilo que se acreditava como certo. Direito e justiça estavam absolutamente ligados. A Hagiografia medieval se torna então paradigmática - mais do que outras tradições textuais- desta mentalidade."

<sup>255</sup> MAGGIONI, G. P. *Ricerche sulla composizione e sulla trasmissione della "Legenda Aurea"*. Firenze: SISMEL-Spoleto, 1995. (Biblioteca di Medioevo Latino, 8); FLEITH, B. *Studien Zur Überlieferungsgeschichte der Lateinischen Legenda Aurea*. Bruxelles: Société des Bollandistes, 1991. (Thèse n° 273). Outro estudo vindo da filologia sobre a hagiografia é: GEHRKE, P. *Saints and Scribes: Medieval Hagiography in its Manuscript Context*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1993.

<sup>256</sup> LE BRUN-GOUANVIC, C. *Ystoria Sancti Thome de Aquino de Guillaume de Tocco (1323)...* Op. cit.

<sup>257</sup> IDEM. Ibid. pp. 01-31.

<sup>258</sup> IDEM. Ibid. pp. 32-60.

<sup>259</sup> IDEM. Ibid. pp. 61-83.

<sup>260</sup> IDEM. Ibid. pp.85-271.

Brun-Gouanvic, os manuscritos permitem afirmar ao menos quatro diferentes estados do texto e que Guilherme de Tocco modificou, complementou e inseriu detalhes até o ano de 1323.<sup>261</sup>

Para proceder à investigação necessitamos complementar nosso *corpus* com outras narrativas de santos dominicanos. É preciso analisar se há um “padrão de escrita hagiográfica dominicana”, qual e como seria esse padrão. Inicialmente trataremos das fontes que originaram esses textos: por exemplo, bulas, processos de canonização, memórias do autor do texto sobre o personagem “hagiografado”. Referências bíblicas e a estrutura dos textos: há repetição de citações? Os textos se diferenciam em que aspectos? Predomina algum tipo de milagre? Nosso recorte está, então, limitado a Domingos, Pedro e Tomás. Sobre Tomás, a fonte é a *Ystoria*. Para Pedro, a *Legenda áurea*<sup>262</sup> e para Domingos, a *Legenda sancti dominici*, de Constantino de Orviedo.<sup>263</sup>

As *Vitae Fratrum*, de Gerardo de Frachet e o *Libellus de Principiis Ordinis Praedicatorum*, de Jordão da Saxônia, aparecerão como obras de referência sobre os primeiros escritos dedicados à memória histórica da Ordem no século XIII.<sup>264</sup> Como analisamos no primeiro capítulo, Guilherme de Tocco certamente conheceu esses textos e os utilizou como fontes para obter informações sobre a vida de Tomás de Aquino. No entanto, principalmente as *Vitae Fratrum*, estariam relacionadas à propagação de uma hagiografia coletiva.<sup>265</sup>

Selecionar a *Ystoria*, a *Vita* de Pedro Mártir na *Legenda áurea* e a *Legenda* escrita por Constantino têm um aspecto evidente de semelhança: os três textos fazem ampla utilização da documentação relacionada à canonização dos respectivos santos. Neste sentido, cabe também analisar como esses três autores dominicanos utilizaram essas fontes ao escrever sobre aquelas personagens.

<sup>261</sup> IDEM. Ibid. pp. 68-74.

<sup>262</sup> IACOPO DA VARAZZE. *Legenda Aurea*. Edizione critica a cura de Giovanni Paolo Maggioni. Firenze: SISMEL-Galuzzo, 1998. Vol.1, Capítulo LXI. *De Sancto Petro Martyre*, pp. 421-442. Utilizamos também a edição organizada por Alain Boureau, em: JACQUES DE VORAGINE. *La Légende Dorée*. Texte traduit, presente et annoté par Alain Boureau, Pascal Collomb, Monique Goulet, Laurence Moulinier et Stéfano Mula. Paris: Gallimard, 2004. pp. 336-351.

<sup>263</sup> CONSTANTINO DE URBEVETERI. *Legenda Sancti Dominici*. In: *Monumenta Ordinis Fratrum Praedicatorum Histórica*. Tomus XVI. Roma: Instituto Histórico Frades Pregadores, 1935. pp. 286-352.

<sup>264</sup> GERARDI DE FRACHETO. *Vitae Fratrum Ordinis Praedicatorum*. In: *Monumenta Ordinis Fratrum Praedicatorum Histórica*. Tomus I. Louvain: Typis E. Charpentier & S. Schoonjans, 1896. E IORDANO DE SAXONIA. *Libellus de Principiis Ordinis Praedicatorum*. In: *Monumenta Ordinis Fratrum Praedicatorum Histórica*. Tomus XVI. Roma: Instituto Histórico Frades Pregadores, 1935. pp. 25-88.

<sup>265</sup> BOUREAU, A. “Au cœur du Moyen Âge: les dominicains et la maîtrise narrative”. In: IDEM. *L'Événement sans fin: Récit et christianisme au Moyen Âge*. Paris: Les Belles Lettres, 1993. pp. 55-80. Cf. a tradução do texto em: BOUREAU, A. No coração da Idade Média: os dominicanos e a maestria narrativa. *Revista de História Comparada*. Rio de Janeiro, vol.4, n. 1, pp. 141-168, 2010. Disponível em: [http://www.hcomparada.ifcs.ufrj.br/revistahc/artigos/volume004\\_Num001\\_artigo007.pdf](http://www.hcomparada.ifcs.ufrj.br/revistahc/artigos/volume004_Num001_artigo007.pdf). Consultado em setembro de 2011. Artigo no qual tivemos a oportunidade/privilegio de realizar a tradução.

André Vauchez analisou a presença dos santos do século XIII na *Legenda áurea*. O autor constatou que as narrativas sobre Domingos de Gusmão e Pedro de Verona constam nos manuscritos mais antigos da obra e que, sem dúvida, fazem parte da operação iniciada por Jacopo.<sup>266</sup> Esta observação é importante na medida em que se trata de um texto com uma tradição manuscrita muito ampla no Ocidente.<sup>267</sup> Além daqueles, há outros dois capítulos sobre santos do século XIII: Francisco de Assis e Elisabete da Hungria, sobre os quais não trataremos. O objetivo de André Vauchez era analisar a suposta presença de uma “nova santidade” na obra de Jacopo e o autor concluiu que embora carregada de um tradicionalismo evidente, o espaço para as novidades do século XIII (ordens mendicantes e a proposta de vida apostólica, modificações nas relações com o sobrenatural) é apresentado na *Legenda áurea* a partir das vidas daqueles quatro santos.<sup>268</sup>

Não estamos olhando para a *Legenda áurea* ou para os outros escritos dominicanos, neste momento, com o objetivo de analisar suas inovações, modernismos ou arcaísmos. O interesse recai sobre a produção hagiográfica no interior da Ordem, escrita desde o início de sua fundação com o que alguns autores chamaram de “hagiografia coletiva” à redação de um texto sobre um único santo, ou seja, das *Vitae fratrum* à *Ystoria*. Portanto, a operação da escrita, o estilo e as fontes que foram utilizadas compõem o que nos interessa nesta análise.

A “pátina hagiográfica” foi uma expressão utilizada por Alain Boureau para definir a operação realizada por Jacopo de Varazze no capítulo sobre Pedro Mártir na *Legenda áurea*. Segundo o autor, a característica de compilador de Jacopo aparece nitidamente no texto sobre o inquisidor dominicano martirizado: além de se tratar de um episódio recente (se comparado aos demais narrados na *Legenda áurea*), Jacopo fez ampla utilização da bula de canonização (24 de março de 1263) e da *Vita* escrita por Thomas de Lentino (este texto foi considerado como presença obrigatória nos conventos dominicanos em 1275). A pátina elaborada por Jacopo, segundo Boureau, consistiu em um entrelace de episódios contidos nas *Vitae Fratrum*, na bula de canonização e na *Vita* de Thomas de Lentino.<sup>269</sup> Esta mesma expressão

<sup>266</sup> VAUCHEZ, A. “Jacques de Voragine et les saints du XIIIe siècle dans la *Légende dorée*”. In: DUNN-LARDEAU, B. *Legenda Áurea: sept siècles de diffusion*. Montréal/Paris : Bellarmin/Vrin, 1986. pp. 27-56 .

<sup>267</sup> FLEITH, B. *Studien Zur überlieferungsgeschichte der Lateinischen Legenda Áurea*, Bruxelles, Société des Bollandistes, 1991.

<sup>268</sup> VAUCHEZ, A. “Jacques de Voragine et les saints du XIIIe siècle dans la *Légende dorée* »...*op. cit.* pp. 49-56.

<sup>269</sup> BOUREAU, A. “La patine hagiographique. Saint Pirerr Martyr dans la *Légende Dorée*’ . In: RENARD, E; TRIGALET, M; HERMAND, X et BERTRAND, P. (éds). *Scribere Sanctorum gesta: Recueil d’études d’hagiographie medieval offert à Guy Phillipart*. Turnhout: BREPOLIS, 2005. pp. 359-366. Se considerarmos a edição crítica francesa da *Legenda áurea* (2004), nas notas referentes ao capítulo sobre Pedro Mártir encontramos 40 referências à *Vita* escrita por Thomas de Lentino; 13 à Bula de canonização e 7 às *Vitae Fratrum*. (LA 2004. Notas, pp. 1216-1221)

pode ser aplicada à *Ystoria* escrita por Guilherme de Tocco, pois: a) conheceu Tomás de Aquino; b) foi o promotor da causa da canonização; c) testemunhou os interrogatórios de 1319; d) foi interrogado; e e) conhecia a tradição hagiográfica dominicana (compilações, pregação etc) chegando, inclusive, a utilizar trechos de textos precedentes sobre sua personagem.

Sábado, dia 04 de agosto de 1319. O registro do interrogatório de Guilherme de Tocco também contempla *Vita e Miracula* de Tomás de Aquino. Na primeira parte percebemos uma repetição com um pouco mais de ênfase: “eius scientia non fuerat à naturali ingenio acquisita; sed per revelationem & per infusionem Spiritus sancti”.<sup>270</sup> Porém esta parte ocupa apenas o início do depoimento. Os milagres foram o principal alvo do registro e como procurador da causa, Guilherme de Tocco, ofereceu muitos relatos, inclusive de milagres “quòd communiter narrantur inter Fratres Praeditores”.<sup>271</sup>

O aspecto que mais chama atenção neste depoimento é a forma como o interrogado faz menção às suas fontes de informação, pois não testemunhou nenhum milagre, tendo apenas ouvido sobre os mesmos. Guilherme de Tocco afirma ter escutado de Fr. Roberto de Sitiâ o episódio no qual Tomás de Aquino foi encarcerado por sua mãe, também tentado carnalmente durante o cárcere e recebido o cinto de castidade.<sup>272</sup> Isso também fica evidente no relato sobre a anúncio do nascimento:

Qui hoc mandaverat ad intimandum Summo Pontifici, Dominâ Catharina neptis dicti Fr. Tohmae, mater Domini Rogeri de Marrâ, Domina antiqua & admodùm devota, coram ipso deponente, iudice & Notario publico, & testibus iuratis ad sancta Dei Evangelia, dixit se audivisse à Dominâ Theodorâ matre Fr. Thomae praedicti, quòd cùm esset in castro suo Rocca-Sicce, venit ad ipsam quidam eremita, Fr. Bonus nomine, qui in monte dictae Rocca-Siccae cum multis aliis vitam eremiticam duxerat, & Sanctus eum reputabatur ab omnibus religionis illius, & dixit: Gaude Domina, quia tu es praegnans, & paries filium, quem vocabis Thomam: tu & vir tuus cogitabitis ipsum facere monachum in Monte-Casino, sed Deus de illo aliter ordinavit, quia erit Frater Ordinis Praedicatorum, tantae saqncitatis & scientiae, quòd similis suo tempore non possit inveniri.<sup>273</sup>

<sup>270</sup> AA SS, *Marti I*, p. 705.

<sup>271</sup> AA SS, *Marti I*, p. 706.

<sup>272</sup> AA SS, *Marti I*, p. 706.

<sup>273</sup> AA SS, *Marti I*, p. 706. Grifos meus. Tradução com auxílio de Cassiano Malacarne: Como se recomendara relatar isto ao Sumo Pontífice, a Senhora Catarina, sobrinha do mencionado Irmão Tomás, mãe do Senhor Rogério de Marra, Senhora honorável e muito devota, na presença do próprio depoente, do juiz e do notário público, e das testemunhas juradas aos santos Evangelhos de Deus, disse ter ouvido da Senhora Teodora, mãe do mencionado Irmão Tomás, que quando estivera em seu castelo de Roccasecca, veio para a mesma um certo eremita, chamado Irmão Bom, que no monte dito Roccasecca levava vida eremítica com muitos outros, e santo era considerado ele por todos da religião dele, e disse: 'Alegrai-vos Senhora, porque tu estás grávida, e darás luz a um filho, que chamarás de Tomás. Tu e teu marido pensarão fazê-lo monge em Monte Casino, mas Deus sobre isso de outro modo ordenou, porque será Irmão da Ordem dos Pregadores, de tanta santidade e conhecimento, que semelhante em seu tempo não se poderá encontrar'.

Estas duas passagens são importantes para a construção da narrativa na primeira parte da *Ystoria*. Como vimos no capítulo 1, Guilherme de Tocco também pode ter encontrado o episódio do cárcere materno nas *Vitae Fratrum* e no *Bonum Universale de Apibus*. A segunda passagem, na *Ystoria*, aparece da mesma forma o trecho a partir de “Gaude Dompna...suo tempore non poterit inveniri”.<sup>274</sup> Além disso, em seu depoimento repete o que ouviu das testemunhas dos milagres, no caso de Petrus de Fundis, interrogado em 30 de julho de 1319, chegando, inclusive, a reproduzir a fala deste.<sup>275</sup>

O depoimento de Guilherme de Tocco, assim como o de Petrus de Fundis, é um dos mais amplamente anotados nas atas de 1319. Como afirmou Didier Lett sobre o depoimento dos agostinianos no processo de Nicolas de Tolentino, o “tempo da palavra” foi maior.<sup>276</sup> Isto é, os interrogatórios foram registrados com mais detalhes em relação aos outros, exceto o de Bartolomeu de Cápua (08/08/1319). Na interpretação de Didier Lett, ao dar mais voz aos agostinianos os notários e responsáveis pelo processo deixam evidente para um pesquisador do século XXI que o *status* social implica necessariamente na importância dada à palavra. Nos casos dos três interrogatórios mais anotados temos: um dominicano, um sacerdote cisterciense e um alto-funcionário régio siciliano. O que eles têm em comum? Os três conheceram Tomás de Aquino. Por ora interessa-nos o depoimento de Guilherme de Tocco.

Retomamos, então, o questionamento que levantamos anteriormente: se havia milagres comumente narrados entre os pregadores, por que não aparecem nas atas dos capítulos gerais? Por que a ordem não registrava esses acontecimentos excepcionais proporcionados e realizados por um de seus membros? A ausência desses dados não nos permite afirmar que nada foi dito sobre os milagres de Tomás, porém, no caso das Atas, nada foi registrado. No entanto, há episódios da vida e dos prodígios de Tomás conhecidos da tradição hagiográfica. Outra possibilidade é: se havia, desde 1317, alguém coletando informações sobre vida e milagres de Tomás, para que registrar nas atas? O fato é que diferentemente do que aconteceu com o caso estudado por Didier Lett, Tomás de Aquino foi canonizado, mesmo sem que existisse aqueles registros nos capítulos gerais.

Sendo assim, basicamente podemos restringir as fontes de Guilherme de Tocco aos esparsos registros biográficos sobre Tomás junto aos pregadores e, principalmente, os depoimentos. Além disso, entendemos que ao ter esse material oral disponível, Tocco realizou

---

<sup>274</sup> *Ystoria*, II, p. 97.

<sup>275</sup> *AA SS, Marti I*, p. 707.

<sup>276</sup> LETT, D. *Un procès de canonization au Moyen Âge...op. cit.* pp. 357-378.

uma operação não só de pátina e compilação, como também uma operação narrativa diferenciada.

Segundo Claire Le Brun-Gouanvic, os parentescos entre as vidas de Domingos e Tomás são inegáveis, como, por exemplo, o papel desempenhado pelas mães e alguns “motivos iconográficos” como a estrela.<sup>277</sup> A autora considerou também que o estilo da *Ystoria* está relacionada à atividade incipiente de Guilherme de Tocco como autor de narrativas hagiográficas. Além disso, o estilo adotado próximo ao *cursus* (“prosa ritmada sobre a base do acento tônico sem seguir a quantidade métrica das sílabas com na antiguidade”) com acento forte nos acusativos em *um*, aos relativos explicativos e binário com construções simétricas (equilíbrio de termos e antíteses) já estaria em desuso no século XIV, o que caracterizaria realmente Tocco como um *antiquus religiosus*.<sup>278</sup>

Propomos, então, uma leitura comparada mas não apenas dessas duas vidas. Incluímos a de Pedro Mártir na medida em que também se trata de um santo dominicano anterior à canonização de Tomás de Aquino<sup>279</sup> e, principalmente, de uma narrativa inserida na *Legenda áurea*. Sendo assim, temos um fundador, um mártir e um doutor. O recorte de análise foi estruturado a partir das características centrais da ordem (a pregação e os estudos), bem como em alguns motivos hagiográficos, como a questão dos presságios de santidade (na infância, previsões sobre as próprias mortes).

### Um pequeno quadro comparativo

Em relação aos autores e aos textos que elaboraram:

**Tabela 10: Hagiógrafos Dominicanos.**

	Dominicanos	Conheceram suas personagens	Texto redigido antes da canonização	Texto redigido após a canonização	Inserção do autor na narrativa	Utilização de narrativas hagiográficas precedentes
Constantino de Orvieto	X			X	X	X
Jacopo de Varazze	X			X		X
Guilherme de Tocco	X	X	X		X	X

<sup>277</sup> LE BRUN-GOUANVIC, C. “Les sources de Guillaume de Tocco”. In: *Ystoria...* op. cit. p.30.

<sup>278</sup> IDEM. *Ibid.* pp. 42-43.

<sup>279</sup> Trata-se, portanto, de um desdobramento do ensaio que desenvolvi com a historiadora Carolina Coelho Fortes anteriormente. TEIXEIRA, I. S. e FORTES, C. C. “O corpo na literatura hagiográfica dominicana: da *Legenda Aurea* à *Ystoria sancti Thome de Aquino* (1290-1323)... op. cit. pp. 205-224. Neste texto o nosso foco foi na forma como Jacopo de Varazze e Guilherme de Tocco trabalharam a questão do corpo e santidade no caso de um mártir (Jacopo de Varazze sobre Pedro Mártir) e no caso de um não mártir (Guilherme de Tocco sobre Tomás de Aquino).

Estes dados iniciais sintetizam elementos importantes: os três hagiógrafos, como dito, foram da mesma ordem religiosa que suas personagens hagiografados. Sendo assim, todos eles, frades pregadores. Apenas Guilherme de Tocco conheceu sua personagem e redigiu o texto antes mesmo do reconhecimento oficial, finalizando-o provavelmente em 1323, diferentemente de Jacopo e Constantino de Orvieto. Porém, o que esses textos apresentam em comum, na verdade, é o reconhecimento da tradição hagiográfica precedente produzida no interior da própria Ordem e também o fato de utilizarem os documentos produzidos no contexto da canonização.

O texto de Constantino de Orvieto tem 122 capítulos nos quais destacamos os presságios de santidade na anunciação e no nascimento de Domingos, a puerícia, os estudos e a pregação, a criação da Ordem, os milagres realizados em vida e após a morte, mas, principalmente a *imitatio Christi*. Este último aspecto, associado à pregação são coerentes em relação aos princípios da nova proposta de vida apostólica advinda com a criação da Ordem.

Com uma estrutura diferente das duas outras narrativas (menos extensa) Jacopo de Varazze inicia a Vida de Pedro Mártir com a introdução etimológica para o nome do santo.<sup>280</sup> Em seguida apresenta o santo exaltando algumas de suas virtudes. Uma parte mais biográfica é caracterizada por uma composição contrastante entre a família de hereges e a santidade de Pedro, principalmente exercida na pregação. Sendo assim, parte de seus milagres estão relacionados às conversões de hereges. Porém o foco está no martírio, como testemunho máximo da fé. Não há, portanto, divisões em capítulos, mas identificamos três partes: a introdução etimológica, a pregação em vida até o martírio e os milagres realizados após a morte, no fim da narrativa.

Posterior às duas primeiras, a *Ystoria*, como já foi dito, é dividida em duas partes: vida e milagres. A vida possui 70 capítulos e é seguida por 146 breves narrativas de milagres. A primeira parte concentra-se na biografia de Tomás de Aquino enfocando suas virtudes anunciadas desde o ventre materno. Guilherme de Tocco também associa essas virtudes ao caminho coerente que seria a entrada para a ordem dos pregadores. Caminho este decorado por pedras preciosas, cada uma delas representando uma virtude.

---

<sup>280</sup> Segundo o texto Pedro deve ser lido como “aquele que conhece”, como “descalço”, e como pedra. No primeiro sentido pois conhecia as Escrituras e como pregador isso foi decisivo; no segundo, pois estava morto para os amores como se estivesse com os pés descalços (a ele também é atribuído o epíteto de virgem) e, no terceiro sentido, pois foi firme no testemunho de sua fé, o martírio. IACOPO DA VARAZZE. *Legenda Aurea*. Edizione critica a cura de Giovanni Paolo Maggioni. Firenze: SISMEL-Galuzzo, 1998. Vol.1, Capítulo LXI. *De Sancto Petro Martyre*, pp. 421. Guilherme de Tocco também apresenta uma explicação etimológica e metafórica para Tomás, no cap. XVI da *Ystoria*.

Diferentemente do que é destacado na narrativa de Pedro, a progressão nos estudos sugere certa estrutura biográfica para Tomás. Embora seja a primeira parte da *Ystoria* quase toda desprovida de datas podemos acompanhar cronologicamente pela progressão curricular do santo. Também uma santidade herdada da família, o que diferencia Tomás de Pedro.

A partir da leitura desses três textos conseguimos elaborar o seguinte quadro:

**Tabela 11: Hagiografias de Santos Dominicanos.**

	Anunciação	Infância	Ordem dos Pregadores	Pregação	Estudos	Milagres	Presságios
Domingos de Gusmão	Ventre da mãe	Foco nos estudos	<b>Fundador, estudioso e pregador</b>	Contra hereges	Desde a infância	Vida e Morte	
Pedro de Verona, Mártir		Família de hereges	Atuação como pregador	<b>Foco principal</b>		Vida e Morte	
Tomás de Aquino	Ventre da mãe	Família de “santos”	Anunciada desde o ventre	Poucas referências	<b>Foco principal</b>	Vida e Morte	Presentiu a própria morte

Este quadro deixa evidente que os três têm aspectos comuns e, principalmente, que enquanto Domingos reúne estudos e pregação (com ênfase na pregação no plano da narrativa em número de capítulos e/ou em importância para a caracterização de sua santidade), Pedro e Tomás possuem como foco principal um dos elementos característicos da Ordem. No caso de Domingos, o foco dado à fundação da nova comunidade apostólica está expresso num bloco de cinco capítulos, que são antecidos e sucedidos por blocos sobre a pregação (acima de dezessete capítulos). A narrativa sobre Pedro Mártir é toda voltada para os milagres de conversão operados desde muito jovem no seio familiar ao martírio. Não há referência aos estudos, mas apenas à atuação como pregador em diversas regiões. Na *Ystoria*, aos estudos são dedicados cerca de 14 capítulos (considerando aqui desde os que tratam da entrada de Tomás de Aquino em Monte-Cassino, Paris, sua inteligência, o mérito dos livros que escreveu, bem como das controvérsias teológicas nas quais esteve envolvido).

Se considerarmos que a Pregação e os Estudos são os principais elementos que caracterizariam a ordem<sup>281</sup>, além, claro, da vida apostólica e os deslocamentos dos frades, poderíamos traçar o seguinte paralelo: Domingos e Pedro se aproximam na questão da pregação e também, no caso dos textos analisados, tratam-se de narrativas posteriores às respectivas canonizações. Tomás e Domingos aproximam-se nas questões relacionadas aos estudos, como nortes biográficos, porém o traço mais semelhante é o da anunciação da

<sup>281</sup> FORTES, C. C. *Socetas studii...* op. cit.

santidade ou das virtudes desde o ventre materno. No que tange à relação santo-família, é notória a distinção entre Pedro de Verona e Tomás de Aquino. Um, oriundo de uma família de hereges se destaca exatamente por destoar e atuar na conversão. O outro é acrescentado em suas virtudes previamente anunciadas pelo fato de ser oriundo de uma família com louros de santidade, ou seja, no primeiro caso não há herança familiar, no segundo, sim.

Desta forma, poderíamos afirmar que sendo da Ordem dos Pregadores, que tinha como base aqueles dois elementos e já tinha um santo canonizado por sua atuação como pregador, Tomás de Aquino é um santo dominicano pela ênfase dada nos capítulos da narrativa sobre seus estudos e sua atuação intelectual. Mas isso só acontece no texto de Guilherme de Tocco, pois, como vimos nas atas dos capítulos gerais, as referências a essa atuação começam de forma discreta e assumem, progressivamente, um caráter mais institucional. Além disso, essas mesmas atas só registram qual deveria ser a postura dos frades diante de críticas endereçadas a Tomás de Aquino, uma única menção sobre a expectativa da canonização e os êxitos posteriores, não havendo registros sobre milagres. Considerando, então, Tomás como um santo dominicano construído pela operação hagiográfica de Guilherme de Tocco, é imprescindível destacarmos que santo é esse.

À par daqueles cruzamentos o que mais chama atenção na *Ystoria* é a inserção do autor na narrativa. Se olharmos para a tabela 2, encontraremos a informação que Constantino de Orviedo também se inseriu na narrativa. Isso pode ser considerado principalmente em relação ao início da *Legenda Sancti Dominici*.<sup>282</sup> Porém, na *Ystoria*, Guilherme de Tocco faz-se presente em diversas passagens e sua inserção no texto nos permite compreender melhor o seu entendimento do momento no qual confeccionava a hagiografia sobre Tomás. Sendo assim é legítimo perguntarmos: A quem interessava o texto produzido por Guilherme de Tocco? À Ordem? Ao papa? Aos interrogados no processo?

### **A *Ystoria* como sua própria crônica: Guilherme de Tocco informa sobre a escrita, os acontecimentos e suas viagens**

Podemos acompanhar o processo de levantamento de informações sobre Tomás de Aquino realizado por Guilherme de Tocco a partir da própria narrativa. Nas duas partes da *Ystoria* há informações sobre a empreitada. De início uma questão chama atenção: na primeira parte da obra, mais narrativa, aparecem relatos nos quais, por visão em sonhos,

<sup>282</sup> CONSTANTINO DE URBEVETERI. *Legenda Sancti Dominici...*op. cit. pp. 286-287.

Guilherme de Tocco tem a revelação de como escrever<sup>283</sup> e tem a oportunidade de esclarecer dúvidas sobre a história que escrevia com a personagem principal dessa história:

Magister, ego scripsi totam ystoriā tuam; unum tamen mirabile est, de quo dicas michi, si est ut scripsi, plenius ueritatem, quod tu fuisti ita mortuus Purus et uirgo, sicut exiisti de útero matris tue, quod post mortem tuam predicauit frater Petrus de Sitia.” Qui conuersus quasi de sua laude aliquantulum in ruborem dixit: “Sic fuit; quod non predicauit frater Petrus, sed socius meus frater Raynaldus.” Quem cum uellet interrogare de tota ystoria si contineret in omnibus ueritatem, tres globi luminis in splendore equales, se unus erat super duos, apparuerunt subito ante ipsum. Tum frater memor quod legerat dixit: “Magister, tu docuisti et scripsisti quod sancti triplicem uisionem habuerunt de Deo, aliqui sensibilem, aliqui ymaginariam et aliqui intellectualem”, intelligens predictus frater hunc triplicem modum uisionis predictos tres globos luminis designare. Qui respondit: “Verum est”, et statim disparuit visio.<sup>284</sup>

Neste trecho hagiógrafo e hagiografado dialogam e Guilherme de Tocco expressa o conhecimento que tem dos escritos de Tomás de Aquino, afinal, a visão tripla que os santos têm de Deus está na segunda parte da *Suma Teológica*. Há também uma correção. Tomás indica a fonte correta sobre sua pureza virginal durante toda a vida.

Além das visões, Guilherme de Tocco foi atendido por milagres durante as viagens que realizava para a coleta e transporte dos milagres de Tomás de Aquino. Entre Nápoles e Avignon foi salvo por três vezes: o encontro sobre a pureza e a virgindade exposto acima ocorreu porque enquanto se dirigia à cúria para tratar do *affair* da canonização Guilherme de Tocco foi surpreendido por uma forte tempestade. Diante do perigo invocou o nome de Tomás com muita devoção até adormecer e, no sono, teve a visão. Outro episódio está narrado na segunda parte da *Ystoria*: Tomás salvou *duobus fratribus in mari* [Guilherme de Tocco e Roberto de Benevento] durante uma tempestade. Nesta ocasião, os frades pediram ajuda à virgem, a Domingos, a Pedro Mártir e, principalmente, a Tomás de Aquino, pois como trabalhavam em prol de sua glória, acreditavam que ele deveria interceder em favor dos frades e das atas em perigo.<sup>285</sup>

O perigo também rondou os registros em prol da canonização em outra ocasião. Guilherme de Tocco nos conta que o *magister* Mateus e o abade Pedro foram presos por

<sup>283</sup> *Ystoria*, XLIX, pp. 184-185. Mesmo capítulo da visão do caminho de pedras, analisado no cap. I da tese.

<sup>284</sup> *Ystoria*, XXVIII, pp. 152-153. Tradução livre (com auxílio da tradução francesa 2005, p.75): “Mestre, eu escrevi toda a sua história, mas há um fato sobre o qual eu gostaria que você me contasse toda a verdade. É verdade que morreste puro e virgem tal qual saíste do útero de sua mãe, assim como disse Petrus de Sitia após a sua morte?” E ele disse: “Sim, foi, mas não foi o frade Petrus, foi meu *socius* frade Reinaldo”. Como quem queria perguntar se o restante de sua história estava coerente com a verdade, três globos de luz que tinham o mesmo brilho, com um deles acima dos outros, apareceram diante dele [Guilherme de Tocco]. Então esse frade que se lembrava do que havia lido disse: “Mestre, você ensinou e escreveu que os santos tem uma tripla visão de Deus, uma pelos sentidos, outra pela imaginação e a terceira por inteligência”. Ele compreendeu que os três globos de luz representavam o triplo modo de visao. O mestre respondeu: “É verdade.” E a visão desapareceu.

<sup>285</sup> *Ystoria*, Miracula XI, pp. 217-218.

gibelinos na Lombardia enquanto transportavam narrativas de milagres com o destino final ao papa. Presos, foram usurpados da posse desse material e rezaram durante três dias para Tomás de Aquino de modo a fazer com que seus algozes desistissem da idéia de destruir o material. Assim, o santo intercedeu, os prisioneiros foram libertados e seguiram o caminho. Entretanto, antes mesmo da chegada ao destino final, Mateus enfrentou outro problema, desta vez, com seu cavalo nos rochedos dos Alpes. Muito velho, o cavalo dava sinais de fraqueza. Mateus, então, pediu a Tomás para fazer com que o caminho não fosse interrompido. Sendo atendido, pode viajar tranquilamente portando as narrativas dos milagres sobre seu cavalo.<sup>286</sup>

Esses episódios, na *Ystoria*, são compostos por informações como “durante a viagem de Nápoles à cúria” ou “foram presos por gibelinos na Lombardia”. Um pequeno esboço de itinerário e registro dos acontecimentos que o autor presenciara ou ouvira dizer. Além dos deslocamentos, Guilherme de Tocco escreveu sobre a sua nomeação para promover a canonização de Tomás, a autorização expedida por João XXII para o início dos inquéritos em Nápoles e em Fossanova. É na *Ystoria* que obtemos a informação do capítulo da Ordem realizado em Gaeta (1317) e o início da coleta de milagres de Tomás de Aquino.<sup>287</sup>

Este é o trecho que inicia um bloco de textos curtos inseridos na segunda parte da *Ystoria*. Ele é sucedido pelo relato do milagre da tempestade marítima (*Miracula XI*), pela alteração de comportamento de Roberto de Benevento junto à cúria após provável dificuldade em obter a autorização para a abertura dos inquéritos e a consequente “cura” operada por Tomás. Segundo o texto, Roberto e Guilherme chegaram em Avignon com as pesquisas prévias com o objetivo de iniciar a investigação pontifícia. Por alguma razão, Roberto teria se sentido contrariado e/ou aborrecido a ponto de bradar que não queria permanecer na causa por muito tempo. Voltou para o convento com febre alta, diarreia, perda de sono e apetite. Guilherme de Tocco, então, aconselhou-o a redimir-se das palavras que teria dito sobre o santo e que invocasse sua ajuda para livrar o mal-estar. Resistente, Roberto de Benevento ainda teria sido medicado mas nada fazia efeito. Foi quando viu-se convencido a retratar-se junto a Tomás, pedindo-lhe ajuda e prometendo ser fiel à causa.<sup>288</sup> Atendido, acompanhou Guilherme de Tocco até o final do processo.

Diante do papa os frades expuseram a existência de relatos de milagres que atestavam a santidade de Tomás e que era necessário instaurar o inquérito. Além disso, portavam *magnorum litteras assignassent* de nobres e funcionários do reino da Sicília, de mestres da

<sup>286</sup> *Ystoria*, *Miracula LIX, LX*, pp. 240-241.

<sup>287</sup> *Ystoria*, *Miracula X*, p. 217.

<sup>288</sup> *Ystoria*, *Miracula XII*, p. 218.

faculdade de artes de Paris, *quibus implorabant inquisitionem de inveniendis miraculis factis Meriti dicti sancti*.<sup>289</sup> Guilherme de Tocco transcreveu uma fala de João XXII sobre Tomás de Aquino na qual o papa afirma que o que aprendeu em um ano lendo seus livros ele não teria aprendido em uma vida inteira se fossem de outro teólogo.<sup>290</sup> O hagiógrafo finalizou este relato afirmando que o papa sabia que canonizando Tomás ele faria avançar a igreja que lhe havia sido confiada fundando-a nos méritos e nos ensinamentos do santo.<sup>291</sup> Os últimos relatos do bloco que reconstitui o começo da investigação oficial tratam da instalação no Palácio episcopal de Nápoles dos prelados nomeados pelo pontífice, da ausência de testemunhas que teriam sido ouvidas por Guilherme de Tocco e de sua preocupação em relação ao comprometimento e credibilidade do inquirido, além da visão que teve um monge, Dompnus Bartholomeus de Sulmona, na qual conversou com Tomás de Aquino sobre o início dos trabalhos para a sua canonização. Segundo o hagiógrafo, receoso com a ausência de algumas testemunhas ele passou quatro meses coletando depoimentos para poder repassar aos inquisidores da causa.<sup>292</sup> A visão de Bartholomeus de Sulmona, por sua vez, transmite uma fala de Tomás na qual afirma que só é possível haver canonização de alguém se esse alguém ainda está vivo, isto é, se suas idéias e atos ecoam junto à *ecclesia*. Neste mesmo relato há uma comparação de Tomás com Pedro de Morrone (papa Celestino V, morto em 1296 e canonizado em 1313 por Clemente V).<sup>293</sup>

A “crônica” da própria *Ystoria* que escrevia Guilherme de Tocco apresenta uma série de milagres coletados em suas investigações e durante os depoimentos de 1319 em Nápoles. Uma nova informação de cunho factual é dada quando da ordenação para o novo inquirido, que foi realizado em 1321. Segundo o texto, essa nova ordem do pontífice poderia até ser entendida como um obstáculo à causa, mas foi, na verdade, uma visão profética na medida em que, em Fossanova, muitas testemunhas, fiéis e relatos de milagres novos apareceram.<sup>294</sup> Esses milagres são apresentados até o final da segunda parte da *Ystoria* e, assim como essa crônica se inicia com visões (seja sobre a forma como o hagiógrafo deveria proceder na

<sup>289</sup> *Ystoria*, Miracula XIII, p. 219. Na bula em que autoriza o processo João XXII menciona o nome de Maria, Rainha da Sicília e “dillectorum filiorum, nobilium virorum, Principis Tarentini, ac Ioannis Comitiss Grauinensis... Universitatis magistrorum e scholarum Neapolitanensium”. *AA SS, Marti I*, p. 686.

<sup>290</sup> Consta nos extratos das despesas feitas por João XXII entre fevereiro e novembro de 1317 um rol de escritos de Tomás de Aquino: sobre a física, metafísica, *de anima*, sobre a ética, quaestias, livro do comentário às sentenças, a Suma Teológica, Suma contra os Gentios etc. Cf. “Extraits des dépenses faites par Jean XXII en 1317 pour l’achat de divers ouvrages de fr. Thomas d’Aquin (21 février – 21 novembre 1317). Apud: FONTES VITAE S. THOMAE AQUINATIS. *Revue Thomiste*, 1931. Vol.2, pp. 664-666.

<sup>291</sup> *Ystoria*, Miracula XIII, p. 220.

<sup>292</sup> *Ystoria*, Miracula XIV, p. 221.

<sup>293</sup> *Ystoria*, Miracula XV, pp. 221-222.

<sup>294</sup> *Ystoria*, Miracula LXXI, pp. 247-248.

escrita às informações factuais dos inquéritos), é em uma visão de uma chama que os frades em Nápoles sentem que a cúria de Avignon teria decidido favoravelmente pela canonização de Tomás. Nesta passagem, Guilherme de Tocco utiliza uma metáfora bíblica e relaciona o fogo com a missão da ordem dos pregadores e essa missão com a santidade de Tomás de Aquino:

Et bene Ordo Predicatorum in igne ostenditur et dicti ordinis sancuts predictus in flamma, quia, sicut dicitur Ysaie.x. [10, 17] *Erit lumen Israel in igne et sanctus eius in flamma*; quia Ordo Predicatorum lux est dum predicat et mentes illuminat, et ignis est dum cunctas hereses hereticorum inquirendo expurgat. Et predictus doctor de hoc exurgens ordine in flamme similitudine conuerienter accipitur, quia sicut flamma a carbone assoluitur, sic a suo corpore ille sanctus uidebatur contemplatione et deuotione solutus, uita et doctrina semper lucidus, et ad celestia assessiuus.<sup>295</sup>

Ao que apontou o próprio Guilherme de Tocco, isso aconteceu no domingo seguinte às oitavas da Epifania, no mês de janeiro (08 de janeiro de 1323), portanto, seis meses antes da canonização. Novamente, nesta passagem, o hagiógrafo relaciona sua personagem aos princípios que estruturam a ordem religiosa à qual pertencia. Anteriormente vimos como Tomás de Aquino e Pedro Mártir, cada um em sua “atividade” principal, faziam parte do “altar” dos santos dominicanos junto ao fundador Domingos de Gusmão. Tomás de Aquino, mais como teólogo do que como pregador, também aparece na última citação: embora a chama purifique os hereges através dos inquisidores, no caso de Tomás, ela se transforma em contemplação e devoção intensas de modo a fazer com que a alma – chama – separe-se do corpo – carvão. Além disso, vimos que a progressão curricular e a atuação como magister podem ser considerados como estruturantes da *Ystoria*. Anteriormente, apontamos apenas como estrutura, faltava analisar o conteúdo. O que diz Guilherme de Tocco sobre o teólogo?

*Quòd eius scientia non fuerat à naturali ingenio acquisita: a santidade teológica de Tomás*

A frase em latim acima trata de uma das primeiras declarações de Guilherme de Tocco sobre Tomás de Aquino ao ser interrogado naquele sábado quatro de agosto de 1319 e significa que a sua ciência [de Tomás de Aquino] não foi naturalmente adquirida. A infusão divina e a excepcionalidade intelectual de sua personagem dão as cores utilizadas pelo hagiógrafo em seu texto. Esse texto, como procuramos mostrar no item anterior, pode também ser lido como crônica de sua própria confecção e as informações sobre o Tomás de Aquino

<sup>295</sup> *Ystoria*, Miracula CXLIII, p. 269. Tradução livre (com auxílio da edição francesa, 2005, p. 195): A Ordem dos Pregadores é bem representada pelo gofo e o santo dessa ordem pela flama, pois, segundo Isaías, x, [10, 17] a luz de Israel transforma-se em um fogo e seu santo em flama; pois a Ordem dos Pregadores é luz quando da pregação que clareia os espíritos e é fogo quando os inquisidores purificam os hereges. E o predito doutor, vindo dessa ordem pode ser comparado a uma flama, pois, assim como a chama se desprende do carvão, esse santo parece se separar de seu corpo pela contemplação e devoção, sempre iluminadas por sua vida e sua doutrina e voltado para as coisas celestes.

teólogo muitas vezes se aproximam de uma biografia. No entanto, seguindo as análises feitas por Claire Le Brun-Gouanvic, nem todos os nomes e/ou informações fornecidas por Guilherme de Tocco estiveram presentes ou aconteceram nos momentos específicos em que aparecem no texto.<sup>296</sup> Acreditamos que este ponto permite que levantemos uma hipótese sobre esses dados fornecidos pelo hagiógrafo: procuramos entender a construção da imagem do Tomás de Aquino teólogo também como recurso retórico a serviço de interesses específicos. É nossa intenção fornecer elementos para que nos próximos capítulos examinemos alguns desses grupos.

O tratamento que o hagiógrafo deu à relação de Tomás de Aquino com os estudos e a sua proeminência intelectual são dois elementos importantes para a compreensão da construção deste como santo. Os capítulos da primeira parte da *Ystoria* dedicados ao tema formam dois blocos temáticos presentes no início da narrativa. O primeiro bloco compreende a entrada de Tomás em Monte-Cassino, no *studium* em Nápoles, e a entrada para a ordem dos pregadores (capítulos 5 a 8). O segundo, mais denso, aborda a ida a Colônia com Alberto Magno, o bacharelado em Paris e o título de *magister* em teologia, passando pela “destruição dos erros de Averrois”, Guilherme de Santo Amor, Siger de Brabante e outros, além de um capítulo dedicado à sua atuação como professor e aos livros que escreveu (capítulos 13 a 22).

É importante lembrar que, desde o início da *Ystoria*, Guilherme de Tocco apresenta, pelo anjo que anuncia o nascimento, um programa sobre a vida de Tomás de Aquino: do nome à entrada para a ordem dos pregadores e sua carreira intelectual.<sup>297</sup> Neste sentido, o que o hagiógrafo diz sobre sua personagem, na verdade, está de acordo com o que disse o enviado.<sup>298</sup> De uma maneira geral, Guilherme de Tocco caracteriza Tomás de Aquino nesse ambiente de formação intelectual (de Monte-Cassino à redação de suas obras) como um jovem que não se comportava como os demais<sup>299</sup>, taciturno<sup>300</sup>, que lecionava e escrevia de

---

<sup>296</sup> São cinco ocorrências de nomes e lugares incorretos na *Ystoria*, considerando apenas os capítulos selecionados para análise nesta parte do texto (V a VIII e XIII a XXII). Esses equívocos estão relacionados a lugares de realização de Capítulos Gerais da Ordem, nomes de Mestres Gerais e Papas. Cf. as anotações e comentários da pesquisadora canadense nas páginas referentes aos capítulos acima tanto na edição crítica do texto em latim (1996) quanto na tradução para o francês (2005).

<sup>297</sup> *Ystoria*, II, p. 97.

<sup>298</sup> *Ystoria*, V, VI e VII e VIII, pp. 100-106.

<sup>299</sup> *Ystoria*, V, pp. 100-102.

<sup>300</sup> *Ystoria*, XIII, pp. 115-119. Neste capítulo Guilherme de Tocco trata da forma como Alberto Magno chamava Tomás de Aquino: o boi mudo que um dia fez seu mugido ser ouvido em toda a *ecclesiae*.

forma concisa, “com raios de novidade”<sup>301</sup>, limpa e fácil, além de ter produzido muito pelos curtos vinte e cinco anos de atuação como *magister*.<sup>302</sup>

Do primeiro bloco, destacamos o capítulo sobre a entrada de Tomás para a Ordem, pois dele se desencadeia a narrativa sobre o sequestro e cárcere familiar já abordados anteriormente. Desta vez, interessa o dado do estranhamento e espanto da alta sociedade napolitana ao tomar conhecimento que um de seus mais nobres membros abandonou o lar paterno para se dedicar a uma vida religiosa abandonando os bens materiais.<sup>303</sup> Alguns elementos repetem nos dois blocos de capítulos: em quase todos os capítulos a inteligência de Tomás aparece como algo que existiu devido à infusão divina.<sup>304</sup> No entanto, é interessante notar como esse elemento perde a importância na medida em que a carreira de Tomás como professor e teólogo se desenvolve desde o capítulo no qual Guilherme de Tocco trata da ida para Colônia junto a Alberto Magno. E, assim como na teologia, Tomás utilizou muito o recurso às *auctoritas*, Guilherme de Tocco atribui ao mestre a autoridade para conferir veracidade sobre a excepcionalidade de sua personagem. Assim, pelas palavras do hagiógrafo Alberto Magno declara que Tomás de Aquino não falava como aluno e sim, como mestre.<sup>305</sup> O mesmo se repete no capítulo sobre a posição de Tomás em relação aos gregos que não obedeciam ao papa de Roma. Segundo o texto, o frade Alberto de Brescia teve uma visão na qual Tomás é colocado no mesmo patamar que Agostinho: um teria sido perfeito no que tange ao cargo que ocupou e o outro em virgindade (Agostinho e Tomás, respectivamente). Chama atenção, no entanto, a forma como o capítulo termina: “*quia nullus potest de tanti doctoris dubitare gloria, cuius tam certa testimonia sunt de uita*”.<sup>306</sup>

Outro elemento que marca a atuação e a progressão intelectual de Tomás de Aquino é a sua humildade e recusa para aceitar as indicações que seus mestres e superiores faziam de seu nome para ocupar cargos. Entretanto, esses valores, embora notáveis na opinião de Guilherme de Tocco, o mais importante era a obediência de Tomás em relação aos seus superiores e aos votos que fez ao entrar para a Ordem dos Pregadores.<sup>307</sup> Este é o tema central

<sup>301</sup> *Ystoria*, XVI, p. 126: “Sic autem mirandus baccelarius doctor futurus finiuit Sententias, reliquens scolares ad futurum eius magisterium auidos, quod fecerat dum doceret attentos, dilectus Deo, qui scientiam tribuit, et acceptus hominibus, quibus quase nouis radiis ueritas illuxit”.

<sup>302</sup> *Ystoria*, XVIII, pp. 129-135.

<sup>303</sup> *Ystoria*, VIII, pp. 105-106.

<sup>304</sup> *Ystoria*, VII, XV, XVIII, XX, pp. 103-105, 120-122, 129-135 e 137-140, respectivamente. “*tantam Deus ei infundit scientiam et in labiis eius tanta diuinitus est effusa doctrina ut omnes etiam magistros uideretur excedere, ET ex claritate doctrine scolares plus ceteris ad amorem scientie prouocare*”, p. 122.

<sup>305</sup> *Ystoria*, XIII, p. 118.

<sup>306</sup> *Ystoria*, XXIII, p. 145. Tradução livre: “que ninguém pode duvidar de tanta gloria desse doutor, que sobre sua vida tem essa testemunha”.

<sup>307</sup> *Ystoria*, XV e XVII, pp. 120-122 e 126-128.

do segundo bloco de capítulos, ou seja, a progressão intelectual de Tomás de Aquino e sua atuação nas disputas e correções de erros teológicos contemporâneos e/ou discussões ainda não resolvidas no âmbito da doutrina cristã no ocidente.

Desta forma, Guilherme de Tocco sintetiza a correção feita por Tomás em relação à idéia defendida por Averrois sobre a existência de apenas uma inteligência. Segundo o texto, o erro está no fato de que ao se considerar apenas uma inteligência, tanto os maus quanto os santos estariam iguais no que tange ao intelecto.<sup>308</sup> Há também um capítulo no qual obtemos informações sobre o envolvimento de Tomás nas chamadas querelas mendicantes surgidas no âmbito da Universidade de Paris e que tinham em sua base uma crítica e tentativa de impedimento do exercício de docência por membros de Ordens Mendicantes. Neste capítulo, há referências explícitas a Siger de Brabante e Guilherme de Santo Amor.<sup>309</sup> Por fim, Guilherme de Tocco nos informa do posicionamento de Tomás em relação aos Espirituais e Joaquim de Fiore (1130-1202).

Por fim, apontamos outro capítulo que também merece destaque nesse segundo bloco e que, de certa forma, é um elo entre os dois blocos. No primeiro, como destacamos, Guilherme de Tocco associa a vida de Tomás à anunciação do anjo bem como também aborda a infusão divina como elemento de excepcionalidade intelectual. Elemento presente nos dois blocos de capítulos e que tem sua principal expressão no momento em que o hagiógrafo faz uma comparação entre a sua personagem e figuras do Antigo Testamento, como Isaac (com quem se parece por causa da meditação), Jacob (por causa de sua aproximação com Cristo pela contemplação), José (por causa da sabedoria que soube adquirir e trabalhar durante o período em que esteve preso), Moisés (pela proposta de fuga do mundo material relacionado à sua família nobre) e Salomão (com quem se parecia durante as disputas). Esses homens prefiguram o que surgiu no futuro, ou seja, Tomás de Aquino.<sup>310</sup> E, ao final do capítulo Guilherme de Tocco explica o porquê do nome Tomás ser apropriado a Tomás de Aquino:

Vnde adhuc hic doctor dici potest, quae ille Thomas, non dubius, sed quae certus in scientia diuinorum. Qui dictus est abyssus propter profunditatem ingenii, qui abyssum Christi latius inuitatus ingreditur, et ad scrutanda diuinorum secreta tam certa notitia sibi inspirata descripsit in libris, quasi ipsa haberet pre oculis...<sup>311</sup>

<sup>308</sup> *Ystoria*, XIX, pp. 135-136.

<sup>309</sup> *Ystoria*, XX, pp. 137-140.

<sup>310</sup> *Ystoria*, XVI, p. 123-126.

<sup>311</sup> *Ystoria*, XVI, p. 126. Tradução livre (com auxílio da tradução francesa, 2005, pp.50-51): “Esse doutor pode, sem dúvida, ser chamado de Tomás, pois ele é correto em relação ao conhecimento divino. Pois o dito é um abismo de profundidade de espírito e foi convidado por Cristo a entrar no abismo ao seu lado, ele que descreveu tão corretamente e de forma tão segura em seus livros os segredos divinos que lhe foram inspirados como se estivessem sob seus olhos”.

Neste trecho, encontramos uma explicação “etimológica” que, na verdade, serve como metáfora que dá sentido a muitos aspectos biográficos da personagem na visão do hagiógrafo. Podemos fazer uma observação em relação à *Legenda áurea*, pois para cada capítulo santoral Jacopo de Varazze fornece uma explicação etimológica e metafórica para a história que ele conta sobre o santo. No caso do abismo chamado Tomás, a metáfora se aplica de forma interessante ao se pensar a profundidade também das discussões e polêmicas nas quais esteve envolvido durante sua vida e mesmo após sua morte. Acreditamos que, se cruzarmos esses dados com as informações que obtivemos a partir da leitura das atas entre 1274-1325, é preciso relativizar as palavras do hagiógrafo de Tomás.

Considerando que a *Ystoria* começou a ser escrita a partir de 1317 e que nesse período a ordem recomendava a coleta de informações sobre a vida e a memória de Tomás (1286)<sup>312</sup> e que alguns anos após faria uma defesa veemente das doutrinas e idéias daquele teólogo (1313)<sup>313</sup>, podemos afirmar que Tomás não desfrutava de tamanho prestígio intelectual.<sup>314</sup>

Desta forma, os trunfos teológicos e doutrinários devem ser entendidos como elementos retóricos utilizados para a exaltação de virtudes e porque essa construção deveria servir à canonização. Esses elementos nos permitem sustentar as perguntas que fazemos desde o início desta tese: que interesses e quais seriam os interessados nesta causa?

Guilherme de Tocco nos oferece pistas: estando a serviço da Ordem dos Pregadores, também precisamos considerar que nem todos dominicanos eram tomistas naquele período. Em algumas passagens da *Ystoria* encontramos menções a outro grupo: a alta nobreza napolitana que teria ficado incomodada com a entrada de um filho de família tão nobre para uma ordem mendicante. Além disso, há o episódio dos frades detidos por guelfos no momento em que transportavam alguns registros obtidos nos inquéritos para a verificação dos milagres; a estreita relação com o meio universitário parisiense na faculdade de artes também poderia ser considerada como um indício de grupo interessado na canonização (embora tendamos,

---

<sup>312</sup> MOPH, vol.1, p. 235: “Districtius iniungimus et mandamus ut fratres omnes et singuli prout sciunt et possunt efficacem dent operam ad doctrinam venerabilis fratris Thome de Aquino recolende memorie promovendam et saltem ut est opinio defendam et si qui contrarium facere attemptaverint assertive sive sint magistri sive bacallarii lectores priores et alii fratres eciam aliter sencientes ipso facto ab officiis propriis et graciis ordinis sint suspensi donec per magistrum ordinis vel generale capitulum sint restituti et nichilominus per prelatos suos seus visitatores iuxta culparum exigenciam condignam reportent penam”.

<sup>313</sup> MOPH, vol.2, pp. 64-65: “Cum doctrina venerabilis frqtris Thome de Aquino sanior et communior reputetur; et eam ordo noster specialiter prosequi tenatur, inhibemus districte, quod nullus frater legendo, determinando, respondendo audeat assertive tenere contrarium eius, quod communiter creditur de opinione doctoris predicti, nec recitare aut confirmare aliquam singularem opinionem contra communem doctorum sentenciam in hiis, que ad fidem vel mores pertinere noscuntur, nisi reprobando et statim obiectionibus respondendo”.

<sup>314</sup> Como mostrou Andrea Robiglio, pode-se falar em surgimento de uma primeira escola tomista a partir do momento em que a Ordem começa a adotar essa postura mais combativa em relação às críticas endereçadas ao teólogo. ROBIGLIO, A. A. *La sopravvivenza e la gloria...op. cit. Passim.*

desde já, descartar essa possibilidade). Por fim, o papa João XXII: leitor das obras de Tomás e citado algumas vezes por Guilherme de Tocco, o qual se mostrou ciente da postura pontificia ao citar bulas de 1318-1319 no capítulo sobre os Espirituais.<sup>315</sup>

Para Jean-Paul Boyer, Tomás de Aquino foi canonizado por interesses do “rei pregador” da Sicília. Este autor considera a proeminência que Tomás de Aquino teve desde o reinado de Carlos I (1266-1285) ao reinado de Roberto (1309-1343). Argumento com o qual não concordamos totalmente na medida em que, como procuraremos demonstrar, a relação entre o processo de canonização de Tomás de Aquino e a região de Nápoles foi construída de forma tradicional, ou seja, procurou-se nos inquéritos saber majoritariamente sobre os milagres de cura operados próximos à sepultura. Motivo, inclusive, pelo qual foi realizado o inquérito de 1321.<sup>316</sup> Acreditamos, no entanto, que depoimentos como o de Bartolomeu de Cápua foram fundamentais para a legitimação pública do processo. Uma espécie de *autoridade civil* a reconhecer como verídicas as declarações de outras testemunhas.

Defendemos, portanto, que se ser um santo dominicano no momento da escrita da *Ystoria* era compor junto aos demais canonizados (Domingos e Pedro) um “altar” figurando os princípios da Ordem, podemos responder que Tomás foi um santo dominicano. Porém, a ausência de registros na documentação produzida pela Ordem sobre os milagres e o aparente culto que se desenvolvia no reino da Sicília permite afirmar que Tomás de Aquino foi canonizado por interesses que extrapolam aos dos pregadores.

---

<sup>315</sup> *Ystoria*, XXI, p. 142. Segundo Claire Le Brun-Gouanvic Guilherme de Tocco faz referência à bula *Sancta Romana* (1317) e também à constituição *Gloriosam Ecclesiam* (1318).

<sup>316</sup> Cf: BOYER, Jean-Paul. «Sapientis est ordinare. La monarchie de Sicile-Naples et Thomas d’Aquin (de Charles Ier à Robert)». In: MATZ, J-M (dir.). *Formation intellectuelle et culture du clergé dans les territoires angevins (milieu du XIIIe-fin du XVe siècle)*. Roma: École française de Rome, 2005, pp. 277-312. IDEM. «La noblesse dans les sermons des dominicains de Naples (première moitié du XIVe siècle)». In: COULET, N. e MATZ, J-M (dirs.). *La noblesse dans les territoires angevins à la fin du Moyen Âge*. Roma: Ecole française de Rome, 2000, pp. 567-583. IDEM. «Une théologie du droit. les sermons juridiques du roi Robert de Naples et de Barthélemy de Capoue» In: AUTRAND, F., GAUVARD, C. e MOEGLIN, J.-M. (dirs.) *Saint-Denis et la royauté. Etudes offertes à Bernard Guenée*. Paris: Sorbonne, 1999, pp. 647-659. IDEM. «Prédication et Etat napolitain dans la première moitié du XIVe siècle». In: *L’ETAT ANGEVIN. POUVOIR, CULTURE ET SOCIETE ENTRE XIIIe ET XIVe SIECLE*. Roma: Ecole française de Rome, 1998, pp. 127-157. IDEM. «Parler du roi et pour le roi. Deux "sermons" de Barthélemy de Capoue, logothète du royaume de Sicile», *Revue des Sciences philosophiques et théologiques*, n° t. 79, fasc. 2, Province dominicaine de France, Paris, 1995, pp. 193-248.

**CAPÍTULO 3:**  
**O TEMPO DA SANTIDADE:**  
**UMA CANONIZAÇÃO TEOLÓGICA DE TOMÁS DE AQUINO?**

Nos dois primeiros capítulos desta tese, procuramos evidenciar o funcionamento do processo de canonização em seus aspectos jurídicos e seu potencial para o argumento que defendemos, bem como a simultaneidade com o processo de escrita realizado por Guilherme de Tocco na *Ystoria sancti Thome de Aquino*. Em relação ao presente capítulo, como afirmamos na introdução deste trabalho, nosso objetivo é defender que a canonização de Tomás deu-se por aspectos teológicos e que esse argumento só se sustenta na medida em que consideramos que, tanto os inquéritos quanto a hagiografia escrita entre 1319-1323, estão inseridos em uma tradição de construção da santidade. Isso, novamente afirmamos, implica também que consideramos que as funções daquele tipo de texto não necessariamente mudaram no século XIV, como defendeu André Vauchez. No caso específico de Tomás de Aquino e o papa João XXII, é possível afirmar que os interesses teológicos faziam-se mais urgentes que reconhecer a santidade de um terceiro dominicano. Para tal, no entanto, não é no inquérito e nem na hagiografia que encontramos a resposta, mas faz-se necessário retrazar a trajetória intelectual daquele teólogo para entender como suas ideias estavam imbricadas nas polêmicas doutrinárias e políticas nas quais esteve envolvido o pontífice, principalmente na década de 1320.

Dentre os instrumentos que possibilitam a análise que propomos, retomamos o conceito de **tempo da santidade**. Expresso na tabela de temporalidade (tabela 2), que engloba a data da morte do santo, a abertura dos inquéritos para a canonização e a canonização, este instrumento possibilita ao pesquisador da santidade a construção de alguns objetos comparáveis de estudo. A tabela 2, por exemplo, nos mostra que poderíamos comparar **tempos de santidade** por gênero, por semelhança na duração (1, 2 anos), por exemplo. Considerando os dados iniciais, também podemos propor comparações de santos contemporâneos de regiões distintas e/ou de regiões próximas com **tempos de santidade** diferentes. Neste caso, a mesma tabela revela que o **tempo** de Tomás de Aquino é significativo. Não é o mais breve, nem o mais longo, mas sim intermediário. Se considerarmos ainda a tabela 3, com as canonizações distribuídas durante o papado de Avignon, e que o caso do teólogo dominicano foi o único aberto e encerrado por João XXII com a decisão pela canonização, reforçamos ainda mais a especificidade daquele processo.

Um dos aspectos que salta aos olhos em relação ao tempo da santidade de Tomás de Aquino é quando o comparamos com outros processos e/ou tentativas de canonização de alguns de seus contemporâneos. Neste caso, destacamos a morte de Boaventura (1274) e de Raimundo de Peñafort (1275). Esses dois mendicantes – um franciscano e o outro dominicano – não aparecem na tabela 2 desta tese pelo fato de não terem sido alvos de processos inseridos no nosso recorte cronológico. Porém, ajudam a questionar se havia algo de específico no reconhecimento da santidade de Tomás de Aquino. O tempo da santidade de Boaventura de Bagnoregio é de 208 anos e o de Raimundo de Peñafort, 326.<sup>317</sup>

Entre 1316 e 1334, João XXII canonizou Luís de Anjou (1317), Tomás de Cantiloupe (1320), Tomás de Aquino (1323) e Gregório X (1325). Além disso, esse mesmo não autorizou quatorze demandas para abertura de processos, bem como não canonizou Nicolas de Tolentino após o inquérito realizado em 1325. Os inquéritos de Tomás de Aquino e de Nicolas de Tolentinos são emblemáticos em alguns aspectos: os dois eram membros de ordens religiosas (Pregadores e Eremitas de Santo Agostinho – OESA – respectivamente), originários da península itálica e seus processos foram iniciados durante o pontificado de João XXII. Tomás, como insistentemente afirmado nesta tese, foi canonizado em 1323. Nicolas de Tolentino foi alvo de um novo inquérito em 1357 e a canonização aconteceu em 1446.

O que explicaria o desfecho distinto, nos dois casos, durante aquele pontificado? Insuficiência de milagres comprovados para Nicolas de Tolentino? Acreditamos que a resposta esteja no âmbito social e político daquele período e não no âmbito da “eficácia da santidade”<sup>318</sup> de um em relação ao outro. Isso desloca a questão para quem eram os interessados naqueles processos? Quais as relações dos candidatos a santo com o papa? Quais as relações do papa com os envolvidos na promoção daquelas duas causas de canonização?

Em recente tese publicada, Didier Lett analisou o processo de Nicolas de Tolentino realizado em 1325. Nicolas de Tolentino foi um eremita agostiniano, nascido em Santo Ângelo de Pontano, perto de Tolentino. Aos 14 anos, entrou para a Ordem de Santo Agostinho (ordem reconhecida pelo papa em 1256), fez seu noviciado em São Genésio e foi padre em Cingoli antes de se instalar no convento de Tolentino em 1275, onde ficou até sua morte, em 10 de setembro de 1305. Nos 20 anos que se passaram, entre sua morte e o primeiro inquérito, a Ordem dos Agostinianos procurava ainda um santo fundador. A OESA

<sup>317</sup> VAUCHEZ, A. “Les canonisations de S. Thomas et de S. Bonaventure : pourquoi deux siècles d’écart ? » In : *1274 : ANNÉE CHARNIÈRE : MUTATIONS ET CONTINUITÉS*. Paris : CNRS, 1974. Pp. 753-767.

<sup>318</sup> Entendemos por « eficácia de santidade » a comprovação de que, neste caso, Tomás de Aquino seria um santo mais “forte” e teria mais poderes que Nicolas de Tolentino e por isso deveria ser canonizado em detrimento do agostiniano. Mas, reforçando, não entendemos que o desfecho distinto para os dois no pontificado de João XXII está situado em outra instância.

teve seu processo de gênese e formação entre 1236 e 1253. Em 1256, o papa Alexandre IV publicou a bula *Licet Ecclesiae Catholicae* reconhecendo a *Ordo Fratrum Eremitarum Sancti Augustini* e, para isso, reuniu oficialmente quatro grupos de eremitas (Toscanas, Guilermitas, Zambonitas e Brettinesi).<sup>319</sup> Além disso, somente em 1290 foram redigidas as *Constitutiones Ratisbonenses* e foi apenas em 1327 que João XXII reconheceu a vida de Santo Agostinho, reescrita pelos membros da OESA desde 1290, como laço de ancestralidade.<sup>320</sup> Desde o final do século XIII, e, principalmente durante as primeiras décadas do século seguinte, como analisou Didier Lett, a presença e a atuação de membros da OESA em favor do papa nos conflitos com o imperador foi expressiva no que tange à escrita de tratados teológicos em dedicação ao pontífice.<sup>321</sup>

Com desfecho diferente do processo de Tomás de Aquino, Nicolas não foi canonizado na ocasião por João XXII. O tempo da santidade desse agostiniano compreende um intervalo de 141 anos, inquéritos e finalização que envolveram três papas (João XXII, Inocêncio VI e Eugênio IV). Uma das hipóteses que Lett levantou foi a inexistência, nas atas dos capítulos da OESA à qual Nicolas pertencia, de referências a cultos e a milagres atribuídos ao candidato. A primeira menção aparece nas atas do capítulo geral de 1324 (Montpellier), quando há a recomendação que cada província da Ordem envie uma quantia em dinheiro para financiar a causa de Nicolas de Tolentino. No capítulo de 1326, não há menção e em 1341, há nova recomendação – desta vez litúrgica – para que semanalmente fosse realizada uma missa ao espírito santo para que a causa fosse bem sucedida. Didier Lett, então, defende que o culto a Nicolas de Tolentino foi criado como um *affaire* da OESA e que uma das prováveis causas do insucesso do processo teria sido a ausência de referências sobre a *fama sanctitatis* além da memória dos interrogados.<sup>322</sup>

Didier Lett argumenta também que, assim como o papa estava próximo aos Dominicanos, o era em relação aos Agostinianos. Isto, porque, em dois anos, autorizou a abertura do processo (1325) e autorizou a construção do convento de Pávia (1327) junto ao

<sup>319</sup> LETT, D. *Un procès de canonization au Moyen Âge*...op.cit. pp. 22-23.

<sup>320</sup> JOÃO XXII. *Veneranda Sanctorum Patrum*, 20 de janeiro de 1327. Apud: MAIOCCHI, R. e CASACCA, N. (eds). *Codex diplomaticus ord. E. S. Augustini Papiae*, vol.1, 1905, pp. 13-19.

<sup>321</sup> Alguns exemplos : 1301-1302, Jacques de Viterbo (arcebispo de Benevento e Nápoles) escreveu o *De Regimine Christiano*, dedicado a Bonifácio VIII; Guilherme de Cremona (prior geral da OESA entre 1326-1342) participou da consulta feita por João XXII em relação a seis artigos do *Defensor pacis*, de Marsílio de Pádua; Didier Lett destaca a atuação de Agostinho de Ancona, que, entre 1307-1309, escreveu: *Tractatus contra articulos inventos ad diffamandam Bonifacium* e o *Tractatus de facto Templariorum*. Em 1326 ele finalizou a *Summa de potestate ecclesiastica*, na qual afirmava que “o papa é a fonte de todo o poder, espiritual e temporal, e que é a ele que concerne o direito de outorgar ao imperador o poder de administrar”. LETT, D. *Un procès*...op. cit, pp. 28-29.

<sup>322</sup> IDEM. *Ibid.* pp. 61-65.

título de Agostinho. Diferentemente, o papa adotou uma postura contrária em relação às demandas dos Franciscanos. Uma das razões para esta proximidade seria a defesa de longa data feita pelos agostinianos aos papas, nos conflitos com reis e imperadores. Os tópicos dessas defesas também giravam em torno da querela sobre a pobreza de Cristo travada entre o papa e os franciscanos. Além disso, defendiam a doutrina da supremacia pontifícia para, dentre outros assuntos, canonizar os santos. Um personagem é destacado pelo autor para sustentar a argumentação. Segundo o texto, Alexandre Fassitelli ou Alexandre de Santo Elpídio esteve presente em Avignon nos anos precedentes ao processo de Nicolas de Tolentino. *Expert* em teologia, atuou entre os especialistas convocados pelo papa em 1320, numa consulta sobre a demonologia e, dentre outras funções, também foi nomeado bispo de Melfi, cargo que não ocupou por falecer antes. Outro agostiniano que atuou junto a João XXII foi João Pagnotta de Santa Vitória, desde a responsabilidade de ser *lector* no *studium* agostiniano da cúria a compor a equipe de cinco teólogos convocados para condenar as teses de Guilherme de Ockham sobre a pobreza.<sup>323</sup>

Aparentemente, em relação aos dados apresentados até o momento, os processos e contextos de Tomás de Aquino e Nicolas de Tolentino se diferenciam na atuação teológica do primeiro e na necessidade da Ordem à qual pertencia o segundo de legitimar-se via um santo fundador. Assim como para o caso de Nicolas de Tolentino, o caso de Tomás de Aquino revelaria uma presença muito discreta nas atas dos capítulos da ordem dos pregadores sobre o assunto canonização. Didier Lett analisou cartas e tratados escritos por agostinianos e constatou que não há menções ao candidato a santo. Isso levou o historiador a supor que, ao contrário do que a historiografia majoritariamente afirma sobre a não canonização de Nicolas considerando este *affaire* como um assunto secundário diante das constantes ameaças e investidas de Luís da Baviera sofridas pelo papa João XXII, Nicolas de Tolentino não foi canonizado diante da insuficiência de provas em relação à existência de um culto tanto na Ordem quanto entre os habitantes de Tolentino.<sup>324</sup>

Comparando, então, com Tomás de Aquino, a ausência de Nicolas de Tolentino nas Atas de sua Ordem religiosa é ainda mais discreta. Mas, se considerarmos que no inquérito de 1325 para Nicolas foram interrogadas 365 pessoas e que João XXII exigiu a realização de um segundo inquérito sobre Tomás de Aquino e que neste, de 1321, foram interrogadas 112 pessoas, não seria mesmo o assunto teológico o mais importante no período e, por isso, o *affaire* Nicolas não estaria entre as prioridades?

---

<sup>323</sup> IDEM. Ibid. pp. 27-32.

<sup>324</sup> IDEM. Ibid. pp. 63-64.

Sistematizando os dados apresentados e utilizando as atas dos dois inquéritos realizados sobre Tomás de Aquino<sup>325</sup> e os dados tabulados por Didier Lett em sua tese, temos os seguintes quadros para os processos de Tomás de Aquino e Nicolas de Tolentino<sup>326</sup>:

**Tabela 12: Nº de Interrogados para a canonização de Tomás de Aquino e Nicolas de Tolentino (1319-1325).**

Processo	Tomás de Aquino		Nicolas de Tolentino	
	1319	32	1325	365
	1321	112		
Total de Interrogados	144		365	

Esta primeira tabela explicita um número superior a 50% para o caso do Eremita de Santo Agostinho. Se considerarmos o gênero dos depoentes, temos um certo equilíbrio entre homens e mulheres no processo de Nicolas de Tolentino. Em relação a Tomás de Aquino, um descompasso. Também é importante ressaltar que no primeiro inquérito, de 1319, nenhuma mulher foi interrogada sobre Tomás de Aquino. Sendo assim, enquanto há uma presença de 28% de mulheres entre 1319-1321, a porcentagem para 1325 é de 46%.

**Tabela 13: Nº de interrogados nos processos de Tomás de Aquino e Nicolas de Tolentino divididos por gênero.**

Processo	Tomás de Aquino	Nicolas de Tolentino
Homens	103	196
Mulheres	41	169
Total de interrogados	144	365

Esses dados permitem uma questão: a santidade de Tomás de Aquino estaria mais restrita a um espaço de atuação masculino como, por exemplo, o universo clerical, intelectual e teológico? Embora este não seja o foco específico da tese em questão não podemos desconsiderar a participação mais expressiva de homens que mulheres no caso de Tomás de Aquino.

Para continuar a análise, consideramos também as ordens religiosas às quais pertenciam os interrogados. Para o teólogo dominicano temos os seguintes dados:

<sup>325</sup> AA SS, *Martii I*, p. 686-716. *FONTES VITAE S. THOMAE AQUINATIS (FVTA)*. Apud: *Revue Thomiste*, v.1, pp. 409-510, 1931.

<sup>326</sup> Importante ressaltar que consideraremos os 2 inquéritos para Tomás de Aquino (1319 e 1321) e apenas o primeiro inquérito para Nicolas de Tolentino (1325) para obtermos um recorte cronológico restrito ao pontificado de João XXII.

**Tabela 14: Ordens Religiosas/função clerical e leigos interrogados entre 1319-1321 sobre Tomás de Aquino.**

Classificação\Inquérito	1319	1321	Total
Dominicanos	07	-	07
Cistercienses	16	17	33
Clérigos (religiosos sem vínculo explicitado a uma Ordem)	01	04	05
Leigos (homens, mulheres e crianças)	05	91	96
Total (com informações explícitas no inquérito)	29	112	141

A partir desta tabela, podemos concluir que não possuímos informações sobre 03 interrogados e que os leigos representam maioria de 68% (considerando apenas 141 interrogados) e que os cistercienses são maioria dentre os membros de ordens religiosas (o principal motivo é o fato de Tomás de Aquino ter sido inicialmente sepultado no mosteiro de Fossanova da ordem cisterciense, onde faleceu em 1274). Comparando com os dados apresentados por Lett, notamos algumas semelhanças entre os inquéritos comparados, como o predomínio do número de leigos (82%), pouca participação de dominicanos e franciscanos, ausência de cistercienses e um número superior de clérigos regulares em relação aos agostinianos, como constatamos na tabela abaixo:

**Tabela 15: Ordens Religiosas/função clerical e leigos interrogados em 1325 sobre Nicolas de Tolentino**

Classificação\Inquérito	1325
Agostinianos	22
Franciscanos	3
Dominicanos	2
Clérigos Regulares e freiras sem especificação de Ordem	33
Leigos (homens, mulheres e crianças)	299
Total (com informações explícitas no inquérito)	359

Sobre o predomínio de leigos, Lett afirmou ser uma característica comum a processos de canonização de membros de ordens mendicantes. A razão para esta superioridade seria a característica de contato que os membros dessas ordens tinham com a população.<sup>327</sup> Lett também defendeu que mais de 50% dos depoimentos dos homens receberam títulos no registro dos notários, ou seja, foram nomeados por títulos de nobreza ou profissão, cifra aproximada para o total de mulheres interrogadas em 1325 (53%). Isso significa considerar que os leigos interrogados sobre Nicolas de Tolentino eram majoritariamente nobres.

<sup>327</sup> LETT, D. *Un procès...* op. cit. p. 197.

Em um plano mais geral, Lett concorda com Paolo Golinelli sobre a escolha das testemunhas nos processos de canonização realizados na península itálica. Segundo este pesquisador, a partir do século XIII há uma tendência ao recrutamento das testemunhas interrogadas entre os membros das classes privilegiadas, ricas e com poder nas cidades italianas.<sup>328</sup> É interessante observar que o processo de Tomás de Aquino não se faz singular pela estrutura, visto que sob os aspectos de gênero e predomínio de leigos, acompanha os processos da época. No entanto, Lett silencia sobre este processo ao apresentar dados de outros processos contemporâneos ao de Nicolas de Tolentino no que tange à questão de gênero<sup>329</sup> e Golinelli, também, silencia sobre a escolha das testemunhas no caso de Tomás em seu texto sobre “alguns processos de canonização italianos”.

Parte desse silêncio pode ter origem no desfecho dos processos: Tomás de Aquino foi canonizado, Nicolas de Tolentino, não (ao menos durante o pontificado de João XXII). Também pelo fato de Tomás de Aquino ter sido a única empreitada que foi iniciada e finalizada por esse pontífice. Para Lett, Nicolas pode não ter sido canonizado pela constatação da ausência de culto popular e ausência de registros da própria ordem à qual pertencia sobre sua *fama sanctitatis*. Acreditamos, porém, que, comparando com o caso de Tomás de Aquino o desfecho deveria ter sido o mesmo. Os processos são relativamente idênticos e contemporâneos. Por que Tomás de Aquino foi canonizado? Para responder esta questão, então, é necessário recuarmos à data final do **tempo da santidade** de Tomás, ou seja, 1274 e o desenrolar das polêmicas até a abertura do processo de canonização.

### **A morte do boi mudo da Sicília: *contra et pro* Tomás**

A ressalva feita por Martin Morard, ao considerar que Tomás de Aquino também foi um homem de carne e osso, é extremamente legítima. Esse teólogo dominicano, por ser tratado como um dos pilares da Igreja Católica (principalmente após a sua morte e nos séculos da Reforma religiosa) é muitas vezes estudado para além de sua condição de ser humano. O próprio título de santo, que lhe foi atribuído em 1323, corrobora com esse tipo de posicionamento.

Se considerarmos o lamento da direção da Faculdade de Artes de Paris expresso em carta enviada aos Pregadores por ocasião do Capítulo Geral de 1274, a morte de Tomás é um

---

<sup>328</sup> GOLINELLI, P. “Social aspects in some italian canonization trials: the choice of witnesses”. In: KLANICZAY, G. (dir.). *Procès de canonization au moyen âge: aspects juridiques et religieux*. Roma: École Française de Rome, 2004. pp. 165-180.

<sup>329</sup> LETT, D. *Un procès...* op. cit. p. 187.

acontecimento tão importante quanto a sua canonização para entendermos como sua santidade foi construída.<sup>330</sup> Se em 1274, em Paris, houve um movimento para que fossem feitas cópias das obras de Tomás, como solicitado na referida carta, em 1277, a situação passaria por uma modificação fundamental. As condenações de Étienne Tempier publicadas no terceiro aniversário da morte do teólogo compõem um dos itens mais importantes para o entendimento do **tempo da santidade** que nos interessa.<sup>331</sup>

As condenações de 07 de março de 1277 são motivadas, segundo a carta de Étienne Tempier, por um relatório elaborado por “pessoas eminentes e sérias” que denuncia alguns professores de ultrapassar os limites de sua própria faculdade, expondo e disputando, nas escolas, alguns “*execrables errores*” e falsidades acerca da fé católica.<sup>332</sup> Não podemos afirmar que este documento é direcionado e trata somente de teses relacionadas a Tomás de Aquino. Porém, a coincidência com a data do terceiro aniversário de morte do teólogo não pode ser totalmente desconsiderada. E, também por isso, consideramos que a partir do contexto dessas condenações, qualquer tentativa para construir a santidade de Tomás de Aquino deveria passar por um processo de reabilitação de sua proeminência teológica.

Em relação ao texto das condenações, é importante considerar que existe um longo debate travado há alguns anos. Percebemos uma diferença crucial entre posicionamentos sobre o conteúdo das condenações. Alguns pesquisadores defendem que os artigos foram elencados de forma aleatória e outros que defendem a possibilidade de identificação de uma certa coerência interna.<sup>333</sup> Acreditamos que autores como David Piché, Sylvain Piron, Kent Emery Júnior e Andreas Speer realizam exercícios de compreensão do texto das 219 teses mais pertinentes do que os objetivos desta tese.<sup>334</sup> No entanto, não podemos desconsiderar a necessidade mínima de compreender a relação dos acontecimentos em torno da década de 1270 com a necessidade criada em 1318 com a abertura do processo de canonização para a reabilitação da figura e das idéias de Tomás de Aquino.

<sup>330</sup> MOPH, vol.5, pp. 104-106. Carta XXVIII.

<sup>331</sup> PICHÉ, D. *La Condamnation Parisienne de 1277*. Paris: J. Vrin, 1999..

<sup>332</sup> *EPISTOLA SCRIPTA A STEPHANO EPISCOPO PARIENSI ANNO 1277*. APUD: PICHÉ, D. *La Condamnation...* op. cit. pp. 72-79.

<sup>333</sup> Cf, por exemplo: PIRON, S. “Le plan de l’évêque: Pour une critique interne de la condamnation du 7 mars 1277 ». *Recherches de philosophie et théologie médiévales* (NO PRELO); LIBERA, A. *Pensar na Idade Média*. São Paulo : 34, 1999. Além dos estudos de David Piché na edição dos 219 artigos condenados. PICHÉ, D. *La Condamnation parisienne de 1277...* op. cit.

<sup>334</sup> Além do estudos de Piché e Piron supracitados Cf: AERSTEN, J. A. *Nach der Verurteilung Von 1277: Philosophie und Theologiae an der Universität Von Paris im letzten Viertel des 13. Jahrhunderts. Studien und Text*. Berlin, Nova Iorque: Walter de Gruyter, 2001. Especificamente os textos de Kent Emery Júnior e Andreas Speer: *After the Condemnation of 1277: New Evidence, New Perspectives, and Grounds for New Interpretations*, pp. 04-19 e Edward P. Mahoney: *Reverberations of the Condemnation of 1277 in Later Medieval and Renaissance Philosophy*, pp. 902-930.

Jacques Paul oferece a seguinte síntese:

Esta lista de erros condena las tesis más diversas; algunas son peligrosas para la fe cristiana, otras se revelarán compatibles con la más estricta ortodoxia y otras, finalmente, son afirmaciones filosóficas cuya incidencia sobre la fe parece muy lejana. La condena golpea fuerte a los averroístas. Un determinado número de tesis características de las enseñanzas de santo Tomás de Aquino se engloban en esta lista.<sup>335</sup>

Um texto variado e que serve como um instrumento de censura. Sylvain Piron considera que Étienne Tempier tinha, de fato, um plano específico que pode ser identificado em algumas dessas teses, mais detalhadamente entre as teses 25 e 183. Segundo o autor, percebe-se uma coerência dividida da seguinte forma:

1. *De Deo (de prima causa)* : art. 25-68 ;
2. *De angelis (de substantiis separatis, sive de intelligentiis)* : art. 69-86 ;
3. *De mundo (de celo)* : art. 87-102 ;
4. *De anima (de forma hominis)* : art. 103-116 ;
5. *De intellectu* : art. 117-127 ;
6. *De voluntate* : art. 128-143 ;
7. *De scientia (de philosophia)* : art. 144-157 ;
8. *De voluntate (bis)* : art. 158-165 ;
9. *De fide et moribus* : art. 166-183.<sup>336</sup>

Especificamente no caso de Tomás de Aquino, a historiografia aponta que questões relacionadas à unidade do intelecto e à eternidade do mundo são os principais alvos. Das 219 teses não teríamos como afirmar que estariam em questão ou em debate nos conflitos em que esteve envolvido o papa João XXII. Sendo assim, a relação que estas condenações possuem com o **tempo da santidade** aqui estudado é a proximidade com a data final, ou seja, a da morte de Tomás de Aquino. A década de 1270 é importante por constituir o momento dos primeiros embates favoráveis e contra Tomás.

Concluindo em relação ao “plano do bispo”, também consideramos pertinente a hipótese levantada por Robert Wielockx sobre a existência de um processo contra a memória de Tomás de Aquino intentado por Étienne Tempier. Segundo este autor, além das condenações de 1277, Étienne Tempier fez uma segunda convocação na qual dois artigos literalmente extraídos da Primeira Parte da *Suma Teológica* e do *Quodlibet III*, de Tomás de

<sup>335</sup> PAUL, J. *Historia intellectual del Occidente Medieval*...op. cit. p. 402. Tradução livre: “Esta lista de erros condena as teses mais variadas; algumas são perigosas para a fé cristã, outras se revelarão compatíveis com a mais estrita ortodoxia e outras, finalmente, são afirmações filosóficas cuja incidência sobre a fé parece muito distante. A condenação dá um golpe forte nos averroístas. Um determinado número de teses características dos ensinamentos de santo Tomás de Aquino se engloba nesta lista”.

<sup>336</sup> PIRON, S. *Le plan de l'évêque*... op. cit.

Aquino, foram analisados pelos mestres de Paris.<sup>337</sup> Wielockx defendeu que em 1277 o bispo parisiense realizou três procedimentos de censura, a saber, o de 07 de março, o relacionado a Gilles de Roma publicado em 28 do mesmo mês e um terceiro, que seria o específico contra a memória de Tomás de Aquino e que é considerado a partir de indícios, como declarações de Jean Pecham. Segundo Wielockx, o processo teria iniciado entre março e maio de 1277, porém foi interrompido entre 20 de maio e 25 de novembro daquele ano, período entre a morte de João XXI e a eleição do novo papa.

Considerado por Jean Pecham como um assunto prioritário para Roma, o papa Martinho IV e seu sucessor Honório IV não assumiram a responsabilidade pelo debate. Honório IV, entre 1285-1286 considerou que se tratava de um *affaire* concernente à Universidade de Paris e não à cúria papal. Ao analisar cartas e decretos do período, Wielockx concluiu que houve um processo específico contra Tomás de Aquino. Este mesmo processo, no entanto, não foi adiante por conta da relação da família de Savelo (Honório III e Honório IV) com a Ordem dos Pregadores e por causa da atuação desta Ordem entre 1277-1286.<sup>338</sup>

Sobre o primeiro aspecto, é importante lembrar que foi Honório III o pontífice que reconheceu a Ordem dos Pregadores e que estabeleceu no convento dominicano (Santa Sabina) contíguo ao palácio da família de Savelo sua sede de governo, mesmo local de residência de Honório IV. A relação desses dois nomes com Tomás de Aquino fica ainda mais evidente quando nos deparamos com o nome de Pandulfo de Savelo como notário apostólico e comissário do papa João XXII no processo de canonização de Tomás entre 1319 e 1321.<sup>339</sup>

Quanto ao segundo aspecto, é válido retomar os capítulos gerais nos anos seguintes à morte de Tomás, especificamente após as condenações de 1277. Para este ano não encontramos referências ao nome de Tomás de Aquino. Em 1278, no capítulo de Mediolano, dois frades foram destinados à Inglaterra para investigar frades que se envolviam em escândalos sobre Tomás de Aquino.<sup>340</sup> Em 1279, temos a seguinte posição da Ordem:

Cum venerabilis vir memorie fr. Thome de Aquino, sua conversacione laudabili et scriptis suis multum honoraverit ordinem Nec sit aliquatenus tolerandum quod de ipso vel scriptis eius aliqui irreverenter et indecenter loquantur eciam aliter sencientes iniungimus prioribus provincialibus et conventualibus et eorum vicariis

<sup>337</sup> WIELOCKX, R. « Autour du procès de Thomas d'Aquin ». ...op.cit. Esses artigos são: *Quod in homine est tantum una forma substantialis, scilicet anima intellectiva* e *Quod Deus non potest facere materia sine forma*.

<sup>338</sup> IDEM. Ibid. pp. 418-422.

<sup>339</sup> AA SS, Marti I, pp. 686-688. É atribuído a Pandulfo de Savelo a existência do primeiro santuário em homenagem a Tomás de Aquino, a saber, a capela São Tomás no monte Savelo. O notário recebeu em 1322 autorização para erigir a capela naquele e fundou um colégio de teologia. Sobre este assunto CF : KOUDELKA, V. J. La capella di S. Tommaso d'Aquino in Monte Savello a Roma. *AFP*, n.32, pp. 126-144, 1962

<sup>340</sup> MOPH, vol.1, p. 199.

ac visitoribus universis quod si quos invenerint excedentes in predictis punire acriter non postponant.<sup>341</sup>

Sobre esses três capítulos nos anos 1270, Robert Wielockx concluiu que em 1277 o silêncio da Ordem foi prudente e que os de 1278 e 1279 foram realizados após a suspensão do processo contra a memória de Tomás e que não havia, por isso, razão de silêncio.<sup>342</sup> Wielockx atribui essa moduação de postura ao mestre geral da Ordem entre 1264 e 1283, Jean de Verceil foi quem enviou Tomás de Aquino como mestre regente à Universidade de Paris por volta de 1268, bem como se tornou um cardeal influente junto ao papa João XXI.

Além disso, a presença de Jean de Verceil em Paris no ano de 1277 foi decisiva. Como afirmamos no capítulo 2 desta tese, na reunião de 1279 há um posicionamento “amplo e geral” não especificando polêmicas ou questões a serem defendidas. Diferentemente do capítulo de 1286. Como afirmou Robiglio é o momento da “virada” em termos de como a Ordem resolveu se posicionar sobre Tomás de Aquino, defendendo-o.<sup>343</sup>

Sendo assim, concordamos com a tese de Robert Wielockx. Em síntese, o autor considera que as condenações de março de 1277 teriam sido o primeiro passo dado por Étienne Tempier em direção a um processo específico contra a memória de Tomás de Aquino. Processo este que foi interrompido por causa da morte do papa e que não foi retomado por conta da atuação decisiva da Ordem dos Pregadores. O quadro abaixo elenca apenas algumas das situações nas quais consideramos que os argumentos favoráveis e contrários a Tomás de Aquino foram importantes na construção da *fama* do teólogo nos primeiros anos pós morte :

---

<sup>341</sup> MOPH, vol.1, p. 204. Tradução com auxílio de Cassiano Malacarne: “Visto que o homem de venerável memória, irmão Tomás de Aquino, muito tenha honrado a Ordem com sua conduta louvável e com seus escritos, não seja de alguma maneira tolerado que quaisquer que sejam falem sem respeito ou inconvenientemente sobre ele ou dos escritos dele, ou ainda, aqueles que julgam diferentemente. Obrigamos aos priores das províncias e dos conventos, e aos vicários destes, e a todos os visitantes, que se tenham encontrado alguns que se excedem nas coisas mencionadas, que não posponham em punir severamente”.

<sup>342</sup> WIELOCKX, R. « Autour du procès de Thomas d’Aquin »...op. cit. p. 428.

<sup>343</sup> ROBIGLIO, A. *La sopravvivenza e la gloria...op. cit. pp. 37-38*. “Districtius iniungimus et mandamus ut fratres omnes et singuli prout sciunt et possunt efficacem dent operam ad doctrinam venerabilis fratris Thome de Aquino recolende memorie promovendam et saltem ut est opinio defendam et si qui contrarium facere attemptaverint assertive sive sint magistri sive bacallarii lectores priores et alii fratres eciam aliter sencientes ipso facto ab officiis propriis et graciis ordinis sint suspensi donec per magistrum ordinis vel generale capitulum sint restituti et nichilominus per prelatos suos seus visitatores iuxta culparum exigenciam condignam reportent penam”. MOPH, vol.1, p. 235.

**Tabela 16: Pro e Contra Tomás de Aquino nos primeiros 10 anos pós-morte.**

<i>Pro</i>	<i>Contra</i>
1274: Carta dos mestres da Faculdade de Artes da Universidade de Paris lamentando a morte e solicitando cópia dos escritos de Tomás de Aquino.	1277: a) Algumas das 219 teses condenadas por Étienne Tempier; b) O segundo processo intentado contra a memória de Tomás de Aquino
1278: Capítulo Geral da Ordem dos Pregadores no qual são enviados frades à Inglaterra para investigar críticas feitas a Tomás de Aquino.	1279: <i>Correctoria</i> de Guilherme de la Mare
1279: Capítulo Geral da Ordem dos Pregadores no qual a Ordem determina que não sejam toleradas críticas e ofensas ao frade Tomás.	1282: Capítulo da Ordem dos Frades Menores proibindo o uso de textos de Tomás de Aquino.

Esta tabela sintetiza o que elencamos como elementos iniciais que definiriam, dentre outros, a necessidade de (re)construção das ideias de Tomás de Aquino, que passaria pelo crivo da canonização. Ainda podemos fazer uma leitura específica sobre a coluna dos *pro* Tomás. Apresentamos os momentos nos quais a Ordem dos Pregadores se posiciona formalmente, nos capítulos gerais, sobre a necessidade de se defender as críticas ao teólogo em questão. Críticas essas admitidas, inclusive, no interior da própria Ordem, como atesta a decisão do capítulo de 1278. Disso podemos ler que as críticas não eram apenas externas, como no caso dos *Correctoria* de 1279 e da decisão franciscana de 1282.

### **Um depoimento singular: Bartolomeu de Cápua**

Nas análises que apresentamos até o momento, chama atenção a participação da família de Savelo e se reportarmos isso para o contexto de 1319-1323, é necessário também considerar a relação entre os dois contextos, ou seja, a data inicial e a data final do **tempo da santidade** de Tomás de Aquino. Seriam os Savelo os principais interessados na canonização? Acreditamos que não, mas trata-se de uma família que participou ativamente na construção de uma imagem positiva do teólogo de Nápoles. Em relação a este aspecto, o depoimento de Bartolomeu de Cápua, ocorrido no dia 08 de agosto de 1319, não pode ser desconsiderado.

Segundo Andrea Robiglio, Bartolomeu de Cápua oferece um extenso relato sobre aspectos biográficos de Tomás de Aquino, bem como seu depoimento parece funcionar como uma espécie de legitimação de outros depoimentos, Iacobus de Viterbio (18/09/1318), bem como de histórias narradas por frades, como Iohannis de Caiatia e Iohannis sancti Iulliano. É

interessante repararmos que, em uma das passagens deste depoimento, há uma proximidade com a carta expedida por João XXII na qual o pontífice afirma não haver dúvidas que a rainha da Sicília e outros nobres do reino e da universidade de Nápoles estavam certos sobre Tomás de Aquino. Interrogado sobre esta *fama publica*, Bartolomeu de Cápua declarou:

Item dixit dictus testis quod de vita, conversatione, doctrina et santitate dicti fratris Thome est vox et fama publica quasi ubicumque per Regnum, specialiter apud magnates, bonos et litteratos viros, et quasi communiter maior pars bonorum virorum et intelligentium dicti Regni credit...<sup>344</sup>

Se associarmos, então, a declaração do papa com este trecho do depoimento de Bartolomeu de Cápua, podemos considerar que a sociedade napolitana desempenhou um papel de legitimação pública do processo. Uma das razões para tal pode ser o cargo ocupado por Bartolomeu de Cápua: logoteta e protonotário régio, cargo equivalente ao de chanceler.<sup>345</sup>

Andrea Robiglio afirma que o depoimento de Bartolomeu de Cápua foi o de “maior interesse” registrado nas atas. Este interesse pode ser entendido considerando o depoimento em questão como o de maior “tempo de palavra”<sup>346</sup> dos dois inquéritos realizados sobre a santidade de Tomás de Aquino (1319 e 1321). Entendemos por « tempo de palavra », tal qual definido por Didier Lett a respeito do processo de 1325 sobre Nicolas de Tolentino: “trata-se do tamanho do depoimento tal como transcrito” e que inclui considerar se o interrogado foi perguntado sobre a *fama sanctiatis*, sobre todos os *articuli interrogatorii* e se teve a ocasião de “contar com precisão um ou mais milagres”. De fato, não sabemos quanto tempo durou cada depoimento, mas o detalhamento nos depoimentos e o tipo de pergunta são alguns indícios sobre as testemunhas “mais importantes”. Então, Lett contabilizou os termos anotados para os interrogados em 1325 sobre Nicolas de Tolentino e concluiu que os mais “prolixos” foram os agostinianos letrados e os homens da lei. É importante, ainda, ressaltar que para os processos de Tomás de Aquino não existem registros dos artigos do interrogatório normalmente preparados com antecedência. Além disso, a questão da *fama* só foi levantada nos depoimentos de 1319 e não em 1321. Importante ainda lembrar que os 32 interrogados no primeiro inquérito foram questionados sobre a *fama* de Tomás de Aquino, independente se

<sup>344</sup> Utilizamos aqui a edição publicada por Robiglio no terceiro capítulo da obra *La sopravvivenza e la gloria...* op. cit. pp. 85-103 a partir do Ms. BN lat. 3112, datado do século XIV, provavelmente originário de Avignon. As próximas referências a este depoimento serão como *Bartolomeo di Capua*, p.xx. Neste caso, a citação refere-se a uma passagem na p. 98. Tradução livre: “Sobre os ditos interrogatórios sobre a vida, conversação, doutrina e santidade do dito frade Tomás disse ser de fama pública por quase todo o Reino, especialmente entre os ricos, bons e homens letrados, e entre a maioria dos homens bons e inteligentes do dito Reino...”. Obs: sobre a carta de João XXII conferir a nota 150 desta tese.

<sup>345</sup> ROBIGLIO, A. *La sopravvivenza e la gloria...* op. cit. p.

<sup>346</sup> Cf. LETT, D. *Un procès de canonisation...* op. cit. p. 244.

clérigos ou leigos. Sendo assim, poucos são os depoimentos que podem ser enquadrados no conceito de “tempo da palavra” exposto por Lett com todas as suas características. Talvez, o de Bartolomeu de Cápua seja o único.

Bartolomeu de Cápua informa sobre a vida e os milagres, como todos os interrogados em 1319. Porém, com mais detalhes, inclusive, sobre a relação de textos atribuídos ao teólogo.<sup>347</sup> A relação entre Tomás de Aquino e o reino da Sicília compõe os estudos do Jean-Paul Boyer. Dedicado a analisar o reino da Sicília durante o período compreendido no tempo da santidade de Tomás este pesquisador oferece uma interpretação distinta para a canonização em questão. Segundo Boyer, a canonização de Tomás foi um “affaire da Itália meridional” considerando o fato do processo ter se desenrolado todo na região de Nápoles e também pelas próprias declarações do Rei Roberto na ocasião da canonização em 1323.<sup>348</sup> No final do capítulo 2, afirmamos que não concordamos totalmente com esta interpretação.

Para sustentar esta discordância, é necessário focar nas questões teológicas do pontificado de João XXII. É necessário também afirmar que se no contexto das condenações de 1277 os pregadores desempenharam um papel fundamental na preservação da *fama* de Tomás de Aquino, não podemos afirmar o mesmo em relação à canonização. Pode-se observar o número reduzido de frades da ordem interrogados e da presença discreta do assunto nas atas dos capítulos gerais. Resta, então, analisar as polêmicas teológicas que caracterizam o pontificado de João XXII. Para isso adiantamos que consideraremos o levantamento feito por Sylvain Piron sobre as comissões pontifícias formadas no período e que concordamos com este autor sobre a proeminência de debates “teológicos”, o que diminuiu o número de juristas presentes nas comissões. Se considerarmos ainda que outro dominicano teve o pedido de canonização negado pelo papa, a saber, Raimundo de Peñaforte (jurista), encontramos aí outro indício para defender a canonização teológica de Tomás de Aquino.

### ***Et quod tot fecerat miracula quod scripserat articulos: por uma canonização teológica de Tomás de Aquino***

A expressão em latim acima é atribuída a João XXII no contexto da canonização, mas não existem registros contemporâneos sobre. Significa que Tomás de Aquino teria feito tantos

<sup>347</sup> *Bartolomeo di Capua*, pp. 99-102. Este depoimento é considerado como o primeiro catálogo da *opera omnia* de Tomás de Aquino e serviu de base para os primeiros estudos sobre os textos do teólogo.

<sup>348</sup> BOYER, J-P. *Sapiens est ordinare...* op. cit. p. 279. Boyer refere-se ao sermão do Rei que foi o único leigo a ser chamado a se pronunciar na solenidade da canonização em Avignon.

milagres quanto artigos escreveu. Trata-se de um mito sobre Tomás de Aquino.<sup>349</sup> Mas se considerarmos, além dessa suposta frase, a afirmação de Guilherme de Tocco sobre Tomás de Aquino, no seu depoimento anotado em 1319, podem reforçar o que chamamos aqui de canonização teológica de Tomás. Disse Guilherme de Tocco que a “*eius scientia non fuerat a naturali ingenio acquisita*”, ou seja, que a inteligência de Tomás de Aquino era diferente das demais e que havia sido adquirida por algo diferente do que seria um processo natural para tal. Assim o seria por revelação ou infusão do espírito santo<sup>350</sup>. Não foi só pelos estudos que o teólogo dominicano teria se destacado. Haveria algo, porque não dizer, de milagroso ou “sobrenatural”. Se considerarmos estas duas afirmações e as relacionarmos com o próprio posicionamento do pontífice na bula de canonização, encontramos outros elementos para a utilização da expressão “canonização teológica” de Tomás de Aquino. João XXII escreveu que sua inteligência foi uma “infusão especial e perfeita de Deus”.<sup>351</sup>

O papa também já havia mostrado em outra direção a sua predileção pelas ideias de Tomás, como percebemos no extrato de suas despesas de 1317:

Die XII mensis aprilis...  
 pro libro scripto phisicorum fratris Thome.  
 Item pro metaphisica eiusdem...  
 [...]  
 Item de anima fratris Thome.  
 [...]  
 Item pro scripto fratris Thome super librum ethicorum.  
 Die XVIII mensis aprilis, solvi, mandato domini nostri, fratri Guillelmo Durandi,  
 lectori fratrum Predicatorum Burdegalensium: pro prima parte summe fratris Thome  
 de Aquino.  
 Item pro prima parte secunde summe eiusdem,  
 item pro secunda secunde eiusdem,  
 item pro ultima parte eiusdem. [...]<sup>352</sup>

---

<sup>349</sup> Mito que possui uma longa duração. Por exemplo, no depoimento de Antonio de Santa Cruz, um padre de 48 anos, sem ordem religiosa indicada, realizado no dia 23 de agosto de 1610 em Valladolid para a canonização de Teresa de Ávila encontramos a seguinte passagem: "Y que así como aquel santo Pontífice que canonizó al glorioso doctor Santo Tomás dijo que **cada artículo de sus obras era un milagro**, así le parece a este testigo que cada hoja de los libros que la santa Madre dejó escritos es un milagro, y cada religioso y religiosa de esta santa Orden y nueva Reformación son un milagro..." APUD: PROCESOS de Beatificación y Canonización de Sta. Teresa de Jesús. Burgos: Monte Carmelo, 1935. 3 Tomos. [BMC, 18, 19 e 20. Editados e anotados por Frei Silvério de Santa Teresa, O.C.D.] Tomo 20, p.360. Agradeço imensamente à colega Luciana Lopes dos Santos, que estuda a canonização de Teresa de Ávila. Projeto de Doutorado: A Madre Fundadora e os Livros: um estudo sobre santidade e cultura escrita no século de ouro da Espanha. Desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS

<sup>350</sup> AA SS, Marti I, p. 705.

<sup>351</sup> IOANNES EPISCOPVS. Canonizatio S. Thomae de Aquino...op. cit. p. 226.

<sup>352</sup> Extratos de despesas feitas por João XXII em 1317 para a compra de diversas obras de Tomás de Aquino (21/02 – 21/11/1317). Apud: FONTES VITAE S. THOMAE AQUINATIS...op. cit. pp. 664-669.

Esta lista, de amplo conhecimento dos pesquisadores do pontificado de João XXII, revela que o papa encomendou uma grande parte das obras atribuídas a Tomás de Aquino. A data, inclusive, é anterior à lista que encontramos no depoimento de Bartolomeu de Cápua. Comparando ambas, constatamos que poucas não constam entre uma e outra lista. Essa coleção de textos do teólogo pregador encomendada por João XXII foi pouco estudada, no entanto.<sup>353</sup> Os dois estudos são os de Annelise Maier e do Pe Dondaine e os assuntos versam sobre as tentativas iniciais de identificação do copista<sup>354</sup>, da “mão” do papa nas anotações no final de um dos códices<sup>355</sup> e não necessariamente uma análise do que João XXII anotou.

Dondaine analisou a documentação a partir da seguinte questão: Trata-se de uma cópia completa da *opera omnia* de Tomás da qual não se tem todos os textos preservados hoje em dia ou foi uma encomenda selecionada e específica feita pelo pontífice de alguns textos de Tomás de Aquino? A resposta oferecia pelo autor é direcionada para essa segunda possibilidade, pois, como afirmou Dondaine, “não pode ser por acaso que o quarto livro do *Comentário às Sentenças* completa a terceira parte inacabada da *Suma Teológica*” o que revela a procura do papa por “informação teológica de alta qualidade”.<sup>356</sup> Mais interessado em apresentar questões para futuras pesquisas, Dondaine, no entanto, dedicou algumas linhas às “correções” feitas por João XXII às margens dos manuscritos. Segundo o texto, o papa fez anotações próximas de passagens “claras e breves, de definições, ou sobre o significado de alguns termos”.<sup>357</sup> Uma dessas anotações chama a atenção para esta tese: segundo Dondaine, no título “*Questiones de veritate fratris Thome*” há uma correção feita por João XXII, que escreveu “*beati*” embaixo da palavra “*fratris*”.<sup>358</sup> Neste caso, Dondaine afirma que é possível que se trate de uma correção posterior à canonização.

A erudição e o interesse de João XXII sobre a teologia são temas recorrentes na sua biografia.<sup>359</sup> Porém, na compilação *Vita Papparum Avenionensium* encontramos poucos relatos

<sup>353</sup> Infelizmente não tivemos o tempo necessário em Paris para incluir a coleção de João XXII na análise desta tese. São 14 volumes compostos, em média, por 700 folhas cada. De qualquer forma, agradecemos imensamente os esforços de Martin Morard e a longa conversa que tivemos sobre a questão no Institut de Recherche d’Histoire des Textes (IRHT) em 2010.

<sup>354</sup> DONDAINE, A. La collection des oeuvres de Saint Thomas dite de Jean XXII et Jaquet Maci. *Scriptorium*, n.2, pp. 127-152, 1975.

<sup>355</sup> MAIER, A. Annotazioni autografe di Giovanni XXII in Codici Vaticani. *Rivista di Storia della Chiesa in Italia*. Vol.6, pp. 317-332, 1952.

<sup>356</sup> DONDAINE, A. La collection des oeuvres de Saint Thomas dite de Jean XXII...op. cit. p. 130.

<sup>357</sup> IDEM. Ibid. p. 137.

<sup>358</sup> IDEM. Ibid. p. 140.

<sup>359</sup> Destacamos aqui a obra clássica : MOLLAT, G. *Les papes d’Avignon (1305-1378)*. 9ed. Paris: Letouzey & Ané, 1949. pp. 38-67. (1ªed. 1912) Também a obra de PALADILHE, D. *Les papes en Avignon*. Paris: Perrin, 2008 (1ªed. 1977). A produção mais recente sobre João XXII está reunida no n.45 dos *Cahiers de Fanjeaux* cujo título *Jean XXII et le midi* reúne os trabalhos apresentados no colóquio homônimo realizado em 2009. NO PRELO.

sobre tal. São sete *vita* das quais destacamos as duas atribuídas a Bernardo Gui. O inquisidor dominicano nos oferece um relato cronológico dos anos que sucederam a eleição em 1316 e, principalmente até a década de 1320. Sobre a canonização de Tomás de Aquino, encontramos uma anotação sumária, sem destaque em relação às demais. Escreveu Bernardo Gui:

Hic dominus papa, pontificatus sui anno septimo, dominice vero incarnationis MCCCXXIII, xv kalendas augusti [18 julii] apud Avinionem, canonizavit et sanctorum confessorum cathalogo ascripsit sanctum Thomam de Aquino, de ordine fratrum Predicatorum, doctorem egregium, anno quinquagésimo decurrente a felice ejus transito de hoc mundo.<sup>360</sup>

O relato, como dissemos, não faz nenhuma análise nem comentário sobre a canonização. Diferentemente no relato apresentado na *Tertia Vita*, que, na verdade, é um excerto da obra *Flores chronicorum* de Bernardo Gui, encontramos um relato mais detalhado: o dominicano informa que foram realizados dois inquéritos, a origem nobre de Tomás de Aquino, questões sobre a entrada para a ordem dos pregadores e sobre a morte em 1274.<sup>361</sup>

Nas duas *vita* escritas por Bernardo Gui, chama-nos atenção o espaço dedicado aos conflitos de João XXII com Luís da Baviera e a nomeação do antipapa em 1328. O dominicano, inclusive, anexa a *confessio antipape* de Pedro de Corbário, datada de seis de setembro de 1330.<sup>362</sup> Além disso, Bernardo Gui dá notícias das comissões de cardeais convocadas pelo pontífice. Este aspecto, ao fim, é o que consideramos mais importante.

Ao debruçar-se sobre a documentação relativa às comissões convocadas pelo papa, Sylvain Piron concluiu que Avignon entre 1316 e 1334 foi o “eldorado dos teólogos”. O historiador francês baseou sua conclusão a partir de um meticuloso levantamento dos nomes dos componentes dessas comissões, suas filiações religiosas e formação escolar. Para Piron, é um tanto instigante que um papa, jurista de formação, priorizou a opinião de teólogos a partir do quinto ano de seu pontificado.<sup>363</sup> Essas consultas versaram ora por questões mais gerais, como a magia e a pobreza, ora por questões individualizadas, como as consultas sobre Pedro

<sup>360</sup> *Secunda Vita. Joannis XXII.* Auctore Bernardo Guidonis, Episcopo Lodovensi. (excerpta e *Cathalogo brevi romanorum pontificum*). Apud: BALUZIUS, S.(Tutelensis). *VITA PAPANUM AVENIONENSIVM Hoc Est HISTORIA PONTIFICUM ROMANORUM Qui InGallia Sederunt Ab Anno Christi MCCCIV ad Annum MCCCXCIV.* Paris: Letouzey et Ané, 1916. Tome 1, p. 141. Tradução livre: “O senhor Papa, no ano sétimo do seu pontificado, do ano da encarnação do senho 1323, no dia 18 de julho em Avignon canonizou e inscreveu no catálogo dos santos confessores o santo Tomás de Aquino, da ordem dos frades pregadores, doutor egrégio, no quinquagésimo ano decorrente de sua passagem deste mundo”.

<sup>361</sup> *Tertia Vita Joannis XXII.* Auctore Bernardo Guidonis, Episcopo Lodovensi. (excerpta ex chronicis quae nuncupantur *Flores chronicorum seu Cathalogo romanorum pontificum*). Apud: BALUZIUS, S.(Tutelensis). *VITA PAPANUM AVENIONENSIVM*...op. cit. p. 164-165.

<sup>362</sup> *Secunda Vita. Joannis XXII.* Auctore Bernardo Guidonis...op. cit. pp. 146-151.

<sup>363</sup> PIRON, S. Avignon sous Jean XXII, l’Eldorado des théologiens. In : *Cahiers de Fanjeaux : Jean XXII et le Midi.* Toulouse, 2011. NO PRELO.

de João Olivio, Marsílio de Pádua e Guilherme de Ockham. Foram, no total, nove comissões entre 1318 e 1333, assim distribuídas:

**Tabela 17: Consultas feitas por João XXII (1318 e 1333).**

Assunto/Ano	1318	1319	1320	1322	1322	1325	1326	1327/29	1333
Espirituais	X								
Pedro de João Olívio		X				X			
Magia			X						
Pobreza de Cristo				X					
Casamento					X				
Guilherme de Ockham							X		
Marsílio de Pádua								X	
Visão beatifícia									X

Fonte: PIRON, S. Avignon sous Jean XXII...op. cit.

Se considerarmos, ainda, a distribuição do número de “opiniões” dadas em cada consulta, o tema da pobreza foi o que mais despertou os convocados, segundo Piron. Os dados levantados por este historiador também revelam que os franciscanos, dentre as ordens religiosas presentes nas convocações, formam um grupo numérico superior aos dos dominicanos, cistercienses, beneditinos, agostinianos e carmelitas, sendo vinte e dois para os frades menores e dezoito para os frades pregadores, por exemplo.<sup>364</sup>

Por fim, Piron considera que a predominância crescente dos teólogos nas consultas papais deu-se pelo fato de o papa perceber que “o direito não permitia tratar adequadamente a questão dos fundamentos do poder eclesiástico” e que um retorno à teologia era cada vez mais inevitável. É importante, ainda, destacar que Piron menciona a canonização de Tomás de Aquino ocorrida naquele contexto, mas considera o evento como algo que não pode ser negligenciado, mas que não explica por si só o *tournant théologique*.<sup>365</sup> As respostas, segundo o autor, devem ser procuradas nos textos dos cardeais consultados, nas obras ofertadas ao papa naquele período e no conjunto de comandos papais do período.

Consideramos que a canonização de Tomás de Aquino é um desses comandos papais. Assim como a não aceitação da abertura de inquérito sobre o jurista Raimundo de Peñafort também é um comando explícito em direção à teologia. Há um consenso sobre esta atitude do

<sup>364</sup> IDEM. Ibid.

<sup>365</sup> IDEM. Ibid. Alain Boureau considera o pontificado de João XXII um *tournant* da teologia a partir dos processos de canonização realizados entre 1316-1334. Cf BOUREAU, A. *Satan hérétique: Naissance de la démonologie dans l'occident médiéval (1280-1330)*. Paris: Odile Jacob, 2004.

Papa: Raimundo não foi canonizado por conta das intrigas entre João XXII e o rei de Aragão, postulador da causa. O que quis dizer João XXII com esses dois comandos? A frase que define os artigos como milagres não pode ser utilizada aqui como um argumento irrefutável, afinal, sequer foram encontrados registros. A bula de canonização não apresentava nada de novo em relação a tudo o que já afirmamos em relação ao tempo da santidade de Tomás. Mas o que significou o ato de João XXII?

Significou oficializar, reconhecer a autoridade de um doutor em teologia que foi canonizado com suas idéias condenadas. As 219 teses proibidas por Étienne Tempier, em especial as que diziam respeito a Tomás de Aquino, foram anuladas em 1325 pelo bispo Étienne Gourret. Na carta, o bispo evoca mestres em teologia que teriam analisado as teses e a autoridade da Igreja Romana para proceder a revogação nos seguintes termos:

supradictam articulorum condemnationem et excommunicationis sententiam, quantum tangunt vel tangere asseruntur doctrinam beati Thome predicti, ex certa scientia tenore presentium totaliter annullamus, articulos ipsos propter hoc non approbando seu etiam reprobando sed eosdem discussioni scolastice libere relinquendo.<sup>366</sup>

Diante do que apresentamos, então, podemos afirmar que não foi uma coincidência ou um fato menos importante a canonização de Tomás de Aquino no mesmo momento em que os teólogos ganhavam cada vez mais espaço em Avignon, ao mesmo tempo em que os juristas estariam cada vez menos nas comissões de cardeais convocadas por João XXII. Além disso, se levarmos em conta também o fato de Raimundo de Peñafort ser da mesma Ordem mendicante que Tomás de Aquino, podemos inferir também que nem todas as demandas dos frades pregadores eram necessariamente aceitas pelo pontífice. Isso tudo talvez fique ainda mais evidente se considerarmos o **tempo da santidade** dos dois dominicanos em questão: Tomás de Aquino: 1223-1274 (49 anos); Raimundo de Peñafort: 1601-1275 (326).

### **Tomás de Aquino e a pobreza: a sustentação teológica de João XXII?**

Escrever sobre os debates sobre a pobreza radical de Cristo é algo que aparentemente não apresenta argumentos inovadores. Trata-se de mais um dos temas que despertaram longos

---

<sup>366</sup> 14 de fevereiro de 1325. Cf.: “L’évêque de Paris, Etienne Bourret, révoque la condamnation, portée en 1277, pour les divers articles, qui atteignaient la doctrine de S. Thomas d’Aquin (14 février 1325). Apud: **FONTES VITAE S. THOMAE AQUINATIS**...op. cit. pp. 666-669. Tradução com auxílio de Cassiano Malacarne: “Anulamos totalmente os artigos supracitados condenados e as sentenças de excomunhão quando dizem respeito à doutrina do beato Tomás predito, assim como os artigos que não foram considerados reprovados nas discussões escolásticas.”

debates na historiografia e sobre os quais não achamos necessário retomar. É importante, no entanto, que tenhamos em mente a reação do papa João XXII com franciscanos como, Marsílio de Pádua e Pedro de João Olivio (Pierre de Jean Olivi). Para tal, faz-se necessário ater-se as proposições em dois lados: favoráveis à pobreza radical de Cristo e contrárias à esta proposição. João XXII na famosa bula *Quum inter nonnullos* declara que:

**Quum inter nonnullos** viros scholasticos saepe contingat in dubium revocari, utrum pertinaciter affirmare, Redemptorem nostrum ac Dominum Iesum Christum eiusque Apostolos in speciali non habuisse aliqua, nec in communi etiam, haereticum sit censendum, diversa et adversa etiam sentientibus circa illud: nos, huic concertationi finem imponere cupientes, assertionem huiusmodi pertinacem, quum scripturae sacrae, quae in plerisque locis ipsos nonnulla habuisse asserit, contradicat expresse, ipsamque scripturam sacram, per quam utique fidei orthodoxae probantur articuli quoad praemissa fermentum aperte supponat continere mendacii, ac per consequens, quantum in ea est, eius in totum fidem evacuans, fidem catholicam reddat, eius probationem adimens, dubiam et incertam, deinceps erroneam fore censendam et haereticam, de fratrum nostrorum consilio hoc perpetuo declaramus edicto.

[...]

Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostrarum declarationum infringere, vel ausu ei temerario contraire. Si quis autem etc..<sup>367</sup>

A posição do pontífice é clara, porém há referência apenas à comissão de cardeais que se reuniu em 1322 (tabela 17). Comissão esta na qual, segundo os dados levantados por Sylvain Piron, estiveram presentes frades franciscanos, pregadores, juristas, mestres em

<sup>367</sup> IOANNIS XXII. *Quum inter nonnullos*. Apud: EXTRAVAG. IOANN. XXII. TIT. XIV. DE VERBORUM SIGNIFICATIONE CAP V, DECRETALIAM COLLECTIONES, AKADEMISCHE DRUCK - U. VERLAGSANSTALT GRAZ, 1959, sicut parte secunda in editione nova operis "**Codex Iuris Canonici**", ed. B. Tauchnitz, Leipzig, 1879. Disponível em: <http://www.franciscan-archive.org/bullarium/qinn-1.html>. Consultado em setembro de 2011. Outras edições da bula podem ser consultada no *Corpus Iuris Canonici*, edição romana do século XVI na qual pode-se ler também a glosa. Referência: *Corpus juris canonici emendatum et notis illustratum*. Gregorii XIII. pont. max. iussu editum. 3 parts in 4 volumes. Part I, in 2 volumes: *Decretum Gratiani*; Part II: *Decretales d. Gregorii papae IX*; Part III: *Liber sextus Decretalium d. Bonifacii papae VIII; Clementis papae V. Constitutiones; Extravagantium viginti d. Joannis papae XXII tum communes*. Romae: In aedibus Populi Romani, 1582. Disponível como cópia exata (fac-símile) em: UCLA (University of California, Los Angeles) Digital Library Program. <http://digital.library.ucla.edu/canonlaw>. A edição mais consultada pelos historiadores antes da disponibilização da edição romana é do século XIX (1879-1881): *Corpus Iuris Canonici*. Edição de Aemilius Friedberg. 2 volumes: v. 1 – *Decreto de Graciano*; v.2 – *Decretais de Gregório IX, Liber Sextus, Clementinas, Extravagantes de João XXII, Extravagantes Comuns*. Druck, 1959. Disponível em: <http://colbycanonlaw.wordpress.com/category/uncategorized>. Mas essa edição de Friedberg não tem glosas. Tradução com auxílio de Cassiano Malacarne: Visto que entre alguns homens universitários muitas vezes acontece de ser revivido em dúvida, em afirmar com pertinácia se nosso Redentor e Senhor Jesus Cristo e seus Apóstolos não tenham possuído alguma coisa individualmente, nem também em comunidade, essa questão deve ser considerada herética, e também aqueles que pensam diferentemente e contrariamente a respeito disso. Nós, desejando estabelecer o fim desse debate, uma declaração pertinaz deste modo de agora em diante deverá ser considerada errônea e herética, visto que contradiz claramente a Sagrada Escritura, a qual afirma em muitíssimos locais os mesmos terem possuído algo. E a própria sagrada escritura - pela qual certamente os artigos de fé da ortodoxia são comprovados, através da qual se supõe conter claramente fermento de falsidade nas coisas mencionadas - e por consequência, quanto nela existe [nas Sagradas Escrituras, ver tradução da glosa] - tem retirada toda a sua fé, tornando a fé católica, impedindo a comprovação dessas coisas, duvidosa e incerta. Com conselho de nossos irmãos declaramos isso perpetuamente através de edito. [...] A nenhum de todos os homens, portanto, seja permitido infringir esse texto de nossas declarações ou em temerariamente ousar contrariá-lo. Mas, se alguém, etc.

teologia, dentre outros. Para defender nosso argumento da canonização teológica de Tomás de Aquino é preciso atentar para a data da bula supracitada: 12 de novembro de 1323, portanto, quase quatro meses após a bula de 18 de julho daquele mesmo ano. Mas, perguntamos, por que Tomás de Aquino estaria relacionado a esta bula?

Uma leitura da parte em que trata dos **Estados e formas de vida**, na *Suma Teológica*, pode oferecer uma resposta. Trata-se de um bloco de 10 Questões situadas na segunda seção da segunda parte da obra, especificamente, da Questão 179 à 189. Nelas, o teólogo discutiu os seguintes aspectos: *a divisão da vida em ativa e contemplativa* (179); *a vida contemplativa* (180); *a vida ativa* (181); *comparação entre a vida ativa e a vida contemplativa* (182); *os ofícios e os estados dos homens em geral* (183); *o estado de perfeição em geral* (184); *o estado episcopal* (185); *os elementos principais do estado religioso* (186); *ofícios que convém aos religiosos* (187); *a diversidade de vidas religiosas* (188) e, por fim, *a entrada na vida religiosa* (189). Essas Questões estruturam o que o teólogo considerou como o estado de perfeição geral e especificamente a perfeição cristã. Sendo assim, para Tomás de Aquino, a primeira é definida pela caridade e, dentre os estados de perfeição cristã, a dos bispos é superior dentre todas.<sup>368</sup> Em outras palavras Tomás de Aquino está, nesta seção da *Suma Teológica*, discutindo as características das formas de vida religiosa e considera que os bispos ocupariam o principal e mais perfeito posto no que tange à perfeição cristã.

Na Questão 185 encontramos os seguintes artigos: *É lícito desejar o episcopado?* (a.1); *É lícito recusar terminantemente o episcopado imposto?* (a.2); *O que é escolhido para o episcopado deve ser melhor que os outros?* (a.3); *O bispo pode abandonar o dever episcopal para entrar na vida religiosa* (a.4); *Um bispo pode abandonar materialmente o rebanho a ele confinado por causa de alguma perseguição* (a.5); *O bispo pode ter bens próprios* (a.6); *O bispo peca moralmente quando não distribui aos pobres os bens eclesiásticos que administra?* (a.7) e, por fim, *Os religiosos elevados ao episcopado ficam obrigados às observações regulares?* (a.8). Deste conjunto de artigos, é importante ressaltar a resposta ao primeiro artigo, na qual o teólogo escreveu:

...in episcopatu tria possunt considerari. Quorum unum est principale et finale: scilicet episcopalis operatio, per quam utilitati proximorum intendit, secundum illud Io 21, 17: *Pasce oves meas*. – Aliud autem est altitudo gradus: quia episcopus super alios constituitur, secundum illud Mt 24, 45: *Fidelis servus et prudens, quem constituit dominus super familiam suam*. – Tertium autem est quod consequenter se

<sup>368</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Direção de Pe. Gabriel C. Galache e Pe. Fidel García Rodríguez. Coordenação Geral de Carlos-Josaphat Pinto de Oliveira, O.P. São Paulo: Loyola, 2001-2006, Tomo I-IX. Especificamente: II-II, Q. 184, a. 1-8. pp. 629-653, tomo VII. Leia-se: Segunda Seção da Segunda Parte, Questão 184, artigos de 1 a 8. Próximas citações obedecerão esta forma.

habet ad ista: scilicet reverentia et honor, et sufficientia temporalium, secundum illud 1Ti, 5, 17: *Qui bene praesunt presbyteri, duplici honore digni habeantur.*<sup>369</sup>

Nesta passagem, podemos destacar como a posse de bens temporais é até mesmo uma condição para o episcopado. Esta relação fica melhor explicitada nos artigos 5 a 7. Especificamente, o artigo 6 trata da posse de bens nos seguintes termos:

Non autem episcopi in sua ordinatione ad hoc se obligant ut absque proprio vivant: nec etiam vivere absque proprio ex necessitate requiritur ad pastorale officium, ad quod se obligant. Et ideo non tenentur episcopi ad hoc quod sine proprio vivant.<sup>370</sup>

Além dessa afirmação, Tomás de Aquino ainda especifica que existem dois tipos de bens os quais os bispos podem possuir: os seus próprios e os bens eclesiásticos. Em relação aos primeiros, os bispos teriam total domínio e não são obrigados, por isso, distribuir sem necessidade. O pecado estaria no “apego excessivo” a esses bens, não os distribuindo quando necessário e “reservando mais do que necessitam”. Em relação aos bens eclesiásticos, estes são caracterizados e definidos pelo teólogo nos seguintes termos: “*Sunt autem bona ecclesiastica non solum in usus pauperum, sed etiam ad cultum divinum et necessitates ministrorum expendenda*”, ou seja, “os bens eclesiásticos são destinados não só ao socorro dos pobres mas também ao culto divino e a prover às necessidades dos ministros”.<sup>371</sup> A estas três funções o Teólogo especifica:

Ad secundum dicendum quod bona ecclesiarum non sunt solum expendenda in usus pauperum, sed etiam in alios usus, ut dictum est. Et ideo si de eo quod usui episcopi vel alicuius clerici est deputatum, velit aliquis sibi subtrahere et consanguineis vel aliis dare, non peccat: dummodo id faciat moderate, idest, ut non indigeant, non autem ut ditiores inde fiant.<sup>372</sup>

Em que Tomás de Aquino poderia ser utilizado nos debates de 1322 sobre a pobreza? O teólogo, apenas nesses excertos citados, apresenta não só uma definição muito precisa da

<sup>369</sup> II-II, Q. 185, a. 1, resp., p. 655. Tradução da edição brasileira: “Há no episcopado três coisas a considerar: A primeira é principal e tem valor de fim, é o ministério episcopal, mediante o qual se busca a utilidade do próximo, segundo o Evangelho: “Apascenta as minhas ovelhas”. – A segunda é a excelência do grau, pois o bispo se acha colocado acima dos demais, segundo o Evangelho de Mateus: “O servo fiel e prudente a quem o Senhor pôs sobre a sua família”. – A terceira, consequência dessas duas, é a referência, a honra, a abundância dos bens temporais, de que fala o Apóstolo: “Os presbíteros que exercem bem a presidência são dignos de uma dupla honra”.

<sup>370</sup> II-II, Q. 185, a. 6, resp., p. 670. Tradução da edição brasileira: “Ora, os bispos não se obrigam, na sua ordenação, a viver sem nada de próprio; nem, tampouco, isso é exigido pelo ofício pastoral ao qual se obrigam. Por conseguinte, os bispos não estão obrigados a viver sem propriedade alguma”.

<sup>371</sup> II-II, Q. 185, a. 7, resp., p. 670.

<sup>372</sup> II-II, Q. 185, a. 7, rep. 2, p. 674. Leia-se “replica à segunda objeção”. Tradução da edição brasileira: “Quanto ao 2º deve-se dizer que os bens eclesiásticos não devem ser gastos só em benefício dos pobres, mas são destinados também a outros usos. Por isso, o bispo ou os eclesiásticos que quisessem reservar para si ou para dá-lo aos parentes ou a outros, algum bem a eles destinados não pecariam, contanto que o fizessem com moderação, isto é, para socorrer às suas necessidades e não para enriquecê-los”.

coerência entre vida religiosa e posse de bens, como regulamenta o bom uso desses bens. Destacamos, por fim, o artigo no qual Tomás defende que a perfeição da vida religiosa exige a pobreza. Segundo o teólogo, é próprio da vida episcopal e da busca pela perfeição o abandono dos bens, a chamada pobreza voluntária.<sup>373</sup> Porém, é importante a passagem na qual afirma a função dos bispos, ou seja, “governar o rebanho de Cristo”:

Ad quintum dicendum quod status episcopalis non ordinatur ad perfectionem adpiscendam, sed potius ut ex perfectione quam quis habet, alios guvernet, non solum ministrando spiritualia, sed etiam temporalia. Quod pertinet ad vitam activam, in qua multa operanda occurrunt instrumentaliter per divitias, ut dictum est. Et ideo ab episcopis, qui profitentur gubernationem gregis Christi, non exigitur quod proprio careant, sicut exigitur a religiosis, qui profitentur disciplinam perfectionis acquirendae.<sup>374</sup>

Por esta passagem, podemos inferir que Tomás de Aquino não descarta a relação entre posse de bens e vida religiosa e é o ataque feito à relação entre posse de bens e a Igreja que foi condenado, ou melhor, considerado como herege pelo papa em 12 de novembro do mesmo ano em que Tomás foi canonizado. Estamos fazendo uma leitura simples dos acontecimentos? Acreditamos que não: um papa que faz a encomenda da *opera omnia* de Tomás de Aquino, faz anotações de próprio punho, autoriza e canoniza-o em um intervalo de cinco anos, no mesmo momento em que não autoriza a abertura de um inquérito de um outro frade da mesma ordem religiosa, tem, de fato, interesses muito específicos. A forma como Tomás trabalhou a questão da pobreza e a perfeição da vida religiosa cristã pode ser aqui entendida como um elemento definidor desta canonização teológica, que pode muito bem ter sido invocada pelos frades dominicanos que participaram do colégio de cardeais reunido pelo papa sobre o tema da pobreza. Lembrando que o último inquérito para a canonização de Tomás ocorreu um ano antes da consulta realizada pelo papa sobre esse tema.

<sup>373</sup> II-II, Q. 186, a. 3, sed contra, p. 684. Leia-se da mesma forma que a leitura anterior, porém “sed contra” trata-se do “argumento em sentido contrário” que é uma parte integrante da escrita das *quaestio*.

<sup>374</sup> II-II, Q. 186, a. 3, rep.5, p. 688. Leia-se “replica à quinta objeção”. Tradução da edição brasileira: “Quanto ao 5º, deve-se dizer que o estado episcopal não tem por fim alcançar a perfeição, mas pela perfeição que alguém tem, governar os outros pela dispensação tanto dos bens espirituais, quanto dos temporais. E isto é tarefa própria da vida ativa, na qual muitos atos são realizados mediante o auxílio das riquezas. Eis porque não se exige dos bispos, que fazem profissão de governar o rebanho de Cristo, que renunciem a todos os seus bens, como se exige dos religiosos que professam uma forma de vida destinada a alcançar a perfeição”.

## CONCLUSÃO

A bibliografia na qual baseamos o projeto de tese inicialmente estava toda baseada em aspectos da história cultural, principalmente os relacionados ao imaginário sobre a santidade. Inventariamos milagres e tentamos traçar um perfil de santidade a partir da canonização de Tomás de Aquino.<sup>375</sup> Porém, os primeiros resultados das análises começaram a apontar que se mantivéssemos aquela proposta a tese nada apresentaria de novo.<sup>376</sup>

Do projeto inicial mantivemos a idéia-base para o primeiro capítulo, ou seja, apresentar como funcionava um processo de canonização e suas partes constitutivas. Porém, mais que os nomes dos interrogados, suas origens, a características e as diferenças entre o inquérito de 1319 e o de 1321, estávamos interessados em identificar e analisar *topoi* hagiográficos e, a partir deles, analisar a *Ystoria sancti Thome de Aquino* escrita por Guilherme de Tocco naquele período.

Em relação ao segundo capítulo, talvez o mais próximo da proposta inicial, a idéia era, sob a luz das características dos regimes de historicidade (François Hartog) tentar elaborar uma possível construção sobre o regime de historicidade cristão, sobre o qual o historiador francês não trabalhou. Mantivemos, no entanto, a necessidade de considerar a simultaneidade da elaboração da *Ystoria* com os inquéritos bem como da longa tradição hagiográfica entre os frades pregadores. Mas não tínhamos considerado a idéia de analisar as atas dos capítulos gerais para tentar responder à pergunta que dá título ao capítulo, nem mesmo construir os quadros comparativos em relação aos três santos dominicanos (Domingos, Pedro e Tomás).

Por fim, o terceiro capítulo também havia sido pensado tentando relacionar a canonização de Tomás a João XXII. Porém, o objetivo inicial era discutir a possível transformação dos textos hagiográficos e se o perfil de santidade reconhecido pelo papado no início do século XIV era “moderno”. Neste caso, e para os outros capítulos como pensávamos

---

<sup>375</sup> SCHMITT, J-C. “A Imaginação eficaz”. *Signum*, São Paulo, nº3, 2001. pp. 133. LE GOFF, J. *O Imaginario Medieval*. Lisboa: Estampa, 1994. GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. BACZKO, B. *Los imaginarios sociales: Memorias y esperanzas colectivas*. 2ªed. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999. PATLAGEAN, E. “A História do Imaginário”. In: LE GOFF, J. (org.). *A História Nova*. 4ª ed. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. pp. 292-318. SCHMITT, J-C. *Os Vivos e os Mortos na Sociedade Medieval*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

<sup>376</sup> Toda esta parte introdutória da pesquisa foi apresentada no Encontro Estadual de História da ANPUH/RS em 2008. Cf: TEIXEIRA, I. S. Hagiografia e Canonização: a santidade de Tomás de Aquino e o reconhecimento papal (1318-1323). *Encontro Estadual de História: Vestígios do Passado – a história e suas fontes*. Anais [recurso eletrônico] do IX Encontro Estadual de História da ANPUH/RS, Porto Alegre: ANPUH/RS, 2008. 14p. Disponível em: <http://www.eeh2008.anpuh-rs.org.br/site/anais eletronicos#1>. Consultado em fevereiro de 2009.

anteriormente, a tese de André Vaucez sobre os processos de canonização entre os séculos XII e XV fornecia praticamente todo o aparato metodológico que necessitávamos.

Entretanto, lendo o processo de canonização, principalmente o inquérito de 1319, repetidas vezes, uma questão nos inquietou. A ausência de manuais de canonização em relação aos demais tipos de inquisição cada vez mais freqüentes. Foi quando nos atentamos para a leitura dos processos de canonização primeiro como peças do direito medieval do que como fonte para o estudo da santidade.<sup>377</sup> Inquietação esta que foi reforçada a partir das leituras que realizamos acerca do direito<sup>378</sup>, dos processos de canonização como elementos do direito medieval<sup>379</sup>, e, principalmente, a obra de Didier Lett sobre Nicolas de Tolentino, a qual tivemos conhecimento durante o estágio realizado em Paris entre 2009-2010.<sup>380</sup>

Sem a compreensão do processo de canonização como fonte jurídica e também da instrumentalização operada pela história comparada teria sido difícil a elaboração desta proposta. A partir da constatação da proximidade entre canonização e inquisição sobre heresias que aventamos a possibilidade de realizar com os processos de canonização explicações próximas às oferecidas por estudos como os de Carlo Ginzburg e Emmanuel Le Roy Ladurie.<sup>381</sup> Mas não consideramos nossa tese nem como um estudo de microhistória nem como um estudo prosopográfico. Esses trabalhos abriram as portas para a elaboração de perguntas de cunho mais social que cultural para a documentação que tínhamos em mãos. E instrumentalizados por aquela bibliografia elaboramos as perguntas que dão título aos três capítulos da tese. Ao trocarmos a tabela de milagres pelas tabelas de nomes, cargos/funções e origem identificamos os grupos de interesse para a canonização de Tomás de Aquino.

De posse dos nomes e dos grupos, como identificamos no final do primeiro capítulo, ficou evidente que era imprescindível analisar a Ordem dos Pregadores tanto em questões mais institucionais (como os capítulos gerais) quanto no âmbito literário-hagiográfico. Motivo pelo qual perguntamos, no capítulo 2, se Tomás de Aquino era um santo dominicano. Ser um santo dominicano ou, melhor, um santo para os dominicanos. Neste capítulo, a obra de Andrea Robiglio foi um importante ponto de partida na medida em que revelou os diferentes momentos da Ordem dos Pregadores sobre Tomás de Aquino. Esse elemento foi reforçado pelas considerações de Isabel Iribarren sobre Durand de St Pourçain, como um “dominicano à

<sup>377</sup> IDEM. A Pesquisa em História Medieval: relatos hagiográficos e processos de canonização...op. cit. (anexo).

<sup>378</sup> Por exemplo: DELL'ELICINE, E. MICELI, P. e MORIN, A. (comp). *De Jure: nuevas lecturas sobre derecho medieval*. Buenos Aires: Ad hoc, 2009.

<sup>379</sup> KLANICZAY, G. (dir.). *Procès de Canonisation au Moyen Âge: aspects juridiques et religieux. Medieval Canonization Processes: legal and religious aspects...* op. cit.

<sup>380</sup> LETT, D. *Un procès de canonisation au Moyen Âge...* op. cit. Volto a agradecer ao Prof. Sylvain Piron.

<sup>381</sup> Cf. a bibliografia indicada na nota 13 desta tese.

sombra de Tomás de Aquino”. Em outras palavras, esses textos revelaram que nem todo dominicano era tomista no contexto da canonização.

Para tal, considerar a simultaneidade da produção dos inquéritos com o texto de Guilherme de Tocco permitiu entendermos o processo de escrita da *Ystoria* e as possibilidades que o hagiógrafo tinha para construir a santidade de Tomás de Aquino. Concluímos que, diante da pré-existência de outros dois santos canonizados oriundos da ordem, a saber, Domingos e Pedro e que a tradição hagiográfica já havia dedicado aos dois alguns textos, Guilherme de Tocco escreveu a *Ystoria* de modo a complementar uma espécie de tríade na identidade dos pregadores. Em outras palavras, se Domingos foi tratado, obviamente, como o santo fundador da Ordem, e que esta definia em suas constituições os estudos e a pregação como suas bases, era, no mínimo, coerente que um santo mártir fosse relacionado ao combate às heresias e que, o santo teólogo, fosse relacionado aos estudos. Sendo assim, Tomás de Aquino, na *Ystoria*, foi construído como um santo dominicano de modo a compor esta identidade institucional.

Se considerarmos ainda as conclusões dos pesquisadores que analisaram as questões relacionadas às condenações de 1277, principalmente Roberto Wielockx, também podemos concluir que a Ordem dos Pregadores atuou de forma significativa na construção de uma imagem positiva de Tomás mas no que tange aos conflitos teológicos nos quais seu nome estiveram envolvidos. Wielockx defendeu que, mesmo os críticos internos de Tomás de Aquino, defenderam-no no contexto das polêmicas daquele período.

Porém, não podemos afirmar o mesmo em relação à participação efetiva e decisiva dos pregadores no processo de canonização. Os sete interrogados não formam um grupo distinto dos demais a não ser pelo fato de fazer parte da mesma Ordem religiosa. Entendemos que eles formariam um grupo distinto se fossem os únicos, por exemplo, a ter conhecido o santo e/ou a citar os seus escritos. Aliás, escritos estes que aparecem *mui* discretamente nos dois inquéritos. Estes elementos que sustentam a hipótese da composição tradicional da santidade de Tomás de Aquino do ponto de vista jurídico (tipo de perguntas realizadas nos inquéritos, por exemplo, e no tipo de texto que é a *Ystoria*).<sup>382</sup>

Foi para este contexto e conjuntura que criamos o conceito de **tempo da santidade**. A tabela de temporalidade que considera a data da canonização e a data da canonização de modo

---

<sup>382</sup> Estas reflexões foram apresentadas inicialmente no IX Encontro Internacional de Estudos Medievais promovido pela Associação Brasileira de Estudos Medievais em julho de 2011. Título do trabalho: **Entre 1274 e 1323: Qual a santidade de Tomás de Aquino para os frades dominicanos?** E, mais recentemente, no VI Seminário de Estudos Medievais do GT Estudos Medievais da ANPUH/RS: **Os estudos na literatura hagiográfica dominicana: Domingos, Pedro e Tomás.**

retroativo. Alicerçados na comparação inerente ao conceito e pelo importantíssimo estudo de Didier Lett conseguimos contestar o conceito de santidade recente proposto por André Vauchez e identificamos a singularidade do processo de Tomás em relação ao tempo da santidade.<sup>383</sup> O tempo da santidade de Tomás de Aquino é de 49 anos, enquanto que a tabela 2 nos revela que os santos oriundos de ordens religiosas têm um tempo da santidade muito curto (1 a 2 anos). Além disso, a mesma tabela revela que os casos de Tomás de Aquino e Nicolas de Tolentino são distintos dos demais pelos motivos aqui resumidos: processos contemporâneos, autorizados pelo mesmo papa, candidatos oriundos de ordens religiosas, com predominância de leigos interrogados e desfechos opostos (considerando apenas o pontificado de João XXII). Se considerarmos ainda a questão de gênero, os dois são os de maior extensão do tempo da santidade, comparando neste caso com Margarida da Hungria.

A tabela construída a partir do conceito em questão nos possibilitou “isolar” o pontificado de João XXII como o foco privilegiado de análise no terceiro capítulo. O trabalho neste capítulo foi facilitado pela quantidade de estudos sobre, principalmente, o contexto das condenações de 1277.<sup>384</sup>

Também foi importante considerar os trabalhos de Jean-Paul Boyer sobre a nobreza napolitano-siciliana no período compreendido no tempo da santidade de Tomás de Aquino. E, sobre este aspecto, é válido retomar a nossa conclusão: discordamos deste pesquisador no que tange à atribuição que faz em suas obras sobre a canonização de Tomás de Aquino como um *affaire* do rei Roberto e dos nobres do reino. Consideramos, sim, que os nobres e funcionários reais que participaram do processo, como Bartolomeu de Cápua, e incentivaram a canonização como atestam as declarações de João XXII sobre as inúmeras cartas que recebeu sobre as suspeitas da santidade de Tomás de Aquino, desempenharam um papel importante naquele contexto. Mas não como protagonistas e principais interessados. Consideramos sua participação como legitimação pública, como *autoridades* que atestavam como verídicas as informações prestadas e coletadas durante os interrogatórios de 1319 e 1321.

---

<sup>383</sup> Realizamos duas reflexões preliminares sobre a questão. TEIXEIRA, I. S. Santidade e Papado no início do século XIV: João XXII e os processos de canonização de Tomás de Aquino e Nicolas de Tolentino na península itálica (1319-1325). *Aedos*, v.3, n.9, pp. 08-15, ago/2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/22300>. Consultado em agosto de 2011. IDEM. Análise comparada de processos de canonização: Tomás de Aquino e Nicolas de Tolentino. *Anais XXVI Simpósio Nacional de História*, São Paulo, 2011. NO PRELO.

<sup>384</sup> PIRON, S. “Le plan de l’évêque: Pour une critique interne de la condamnation du 7 mars 1277 ... op. cit. IDEM. “Avignon sous Jean XXII, l’Eldorado des théologiens”...op. cit. PICHÉ, D. *La Condamnation parisienne de 1277*...op. cit. AERSTEN, J. A. *Nach der Verurteilung Von 1277*...op. cit. WIELOCKX, R. « Autour du procès de Thomas d’Aquin ». ...op.cit.

Afinal, é importante considerar sempre que o processo de canonização é uma investigação religiosa submetida a procedimentos jurídicos não necessariamente religiosos. Nosso trabalho no terceiro capítulo, então, foi associar as conclusões diversas dos estudos de Piron, Wielockx e Piché, por exemplo, com as manifestações públicas do pontífice em relação à causa da canonização de Tomás de Aquino.

Relacionar os debates teológicos, a proeminência da teologia em Avignon, as despesas do papa com as obras copiadas do teólogo dominicano com as três bulas que João XXII publicou ordenando o primeiro inquérito, o segundo e canonizando Tomás (1318, 1321 e 1323, respectivamente) revelam que o pontífice tinha um interesse significativo nas questões teológicas. Sendo assim, era imprescindível usar a prerrogativa papal da exclusividade do reconhecimento da santidade, a canonização, para instituir o culto ao dominicano *per universas ecclesias*.

Com isso, defendemos que o contexto e os debates travados por João XXII proporcionaram uma canonização teológica de Tomás de Aquino sob o manto de uma santidade construída aos moldes tradicionais, tanto do ponto de vista do funcionamento jurídico quanto da *Ystoria*. Esta canonização teológica, no nosso entender, fica mais evidente se considerarmos como “comandos do papa” a decisão de canonizar um dominicano teólogo e sequer autorizar a abertura de um processo de investigação sobre as suspeitas de santidade de um dominicano jurista.

Tomás de Aquino Raimundo de Peñafort poderiam ter o tempo da santidade muito próximo, afinal, morreram em 1274 e 1275, respectivamente e tiveram as solicitações de abertura de inquérito no mesmo pontificado. Um foi adiante, o outro esperou 326 anos. Poderíamos também ter feito outra comparação: Tomás de Aquino e Boaventura. Mortos em 1274, tempo da santidade definido num intervalo de duzentos anos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

### FONTES:

#### Obra de Tomás de Aquino:

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Direção de Pe. Gabriel C. Galache e Pe. Fidel García Rodríguez. Coordenação Geral de Carlos-Josaphat Pinto de Oliveira, O.P. São Paulo: Loyola, 2001-2006, Tomo I-IX.

#### Bulas/Cartas/Hagiografias/Processos de Canonização:

BALUZIUS, S.(Tutelensis). *VITA PAPARUM AVENIONENSIVM Hoc Est HISTORIA PONTIFICUM ROMANORUM Qui InGallia Sederunt Ab Anno Christi MCCCIV ad Annum MCCCXCIV*. Paris: Letouzey et Ané, 1916. Tome 1, pp. 107-194.

BERNARD GUI. *The Life os St. Thomas Aquinas*. Apud: FOSTER, K. O.P. *The Life of Saint Thomas Aquinas: Biographical Documents*. London; Baltimore: Longmans, Green and Co. e Helicon Press, 1959. pp. 25-81.

BERNARDO GUIDONIS. In: D. M. Prümmer (ed.), *Fontes vitae S. Thomae Aquinatis notis historicis et criticis illustrati*, 3: *Bernardi Guidonis Vita Sancti Thomae Aquinatis*. Apud: *Revue Thomiste*, Saint Maximin [Var], 1931.

*DE SANCTI THOMA AQVINATE: Doctore Angélico Ordinis Praedicatorum*. In: *Acta Sanctorum. Martii*. Tomus I. A Ioanne Bolland S.I. colligi felicit cœpta A Godefrido Henschenio et Danielle Paperbrocchio eiusdem societatis Iessu aucta digesta & illustrata. Antuperpiæ, apud Iacobum Meursium. Anno MDCLXVIII. pp. 655-747.

*EXTRATOS DE DESPESAS FEITAS POR JOÃO XXII EM 1317 PARA A COMPRA DE DIVERSAS OBRAS DE TOMÁS DE AQUINO (21/02 – 21/11/1317)*. Apud: **FONTES VITAE S. THOMAE AQUINATIS**. *Revue Thomiste*, v.1, pp. 664-669, 1931.

*FROM THE FIRST CANONISATION ENQUIRY* (Naples, at the Archbishop's Palace; 21 july to 18 september 1319). Apud: FOSTER, K. O.P. *The Life of Saint Thomas Aquinas*:

*Biographical Documents*. London; Baltimore: Longmans, Green and Co. e Helicon Press, 1959. pp. 82-126.

GERARDI DE FRACHETO. *Vitae fratrum Ordinis Praedicatorum necnon Cronica Ordinis ab anno MCCIII usque ad MCCLIV*. Ed. B. M. Reichert; J. J. Berthier. Apud: MOFPH, 1: E. Charpentier & J. Schoonjans, Lovanii, 189.  
 pars 4<sup>a</sup>, cap. 17, § 3. Disponível online em:  
<http://www.corpusthomicum.org/bgfrache.html>. Consultado em 13 de janeiro de 2009.

GERARDO DE FRACHET. *Vida de los Frailes Predicadores*. Apud: *SANTO DOMINGO DE GUZMÁN VISTO POR SUS CONTEMPORÁNEOS*. Esquema biográfico, Introducciones, Versión y Notas de los Padres Fr. Miguel Gelabert O.P. y Fr. José María Milagro, O.P. Madrid: Biblioteca de autores Cristianos, MCMXLVII, pp. 511-809.

GUILIELMO DE TOCCO. “Vita”. In: *Acta Sanctorum. Martii*. Tomus I. A Ioanne Bolland S.I. colligi felicit cœpta A Godefrido Henschenio et Danielle Paperbrocchio eiusdem societatis Iessu aucta digesta & illustrata. Antuperpiæ, apud Iacobum Meursium. Anno MDCLXVIII. pp. 657-686.

\_\_\_\_\_. *Ystoria Sancti Thome de Aquino de Guillaume de Tocco (1323)*. Édition critique, introduction et notes par Claire Le Brun-Gouanvic. Toronto: PIMS, 1996.

\_\_\_\_\_. *L'histoire de saint Thomas d'Aquin*. Traduction française du dernier état du texte (1323) avec introduction et notes par Claire Le Brun-Gouanvic. Paris: Cerf, 2005.

IACOPO DA VARAZZE. *Legenda Aurea*. Testo latino dell'edizione critica a cura di Giovanni Paolo Maggioni. Firenze: SISMEL – Galluzzo, 1999. 1 CD.

IOANNES EPISCOPVS. Canonizatio S. Thomae de Aquino Civitate provinciae Campaniae, professoris Ordinis Fratrum Praedicatorum S. Dominici, ejusque relatio in numerum Sanctorum Confessorum, com institutione suae festivitatis pro die 7 Martii. Apud: *BULLARIVM ROMANVM*: B. Leone Magno, vsq; ad S.D.N. Clamentem X. Opus

absolutissimum, Laertii Cherubini Praestantissimi I.C.Romani e à D. Angelo Maria Cherubino Monaco Cassinensi e aliis illustratum e auctum. Editio novíssima. Quinque tomis distributa, vitis & Iconibus aeneis omnium Pontificum exornata. Lugduni: Sumpt Petri Borde Ioannis & Petri Arnaud, MDCLXXXII, pp. 226-228.

JACQUES DE VORAGINE. *La Légende dorée*. Trad. Alain Boureau, Monique Gouillet et Laurence Mouinier. Paris: Gallimard, 2004.

JEAN XXII. *Lettres Communes (1316-1334)*. Paris: Albert Fontemoing, 1904. 6vols.

\_\_\_\_\_. *Venerenda Sanctorum Patrum*, 20 de janeiro de 1327. Apud: MAIOCCHI, R. e CASACCA, N. (eds). *Codex diplomaticus ord. E. S. Augustini Papiiae*, vol.1, 1905, pp. 13-19.

JORDÁN DE SAJÓNIA. *Orígenes de La Orden de los Predicadores* [Libellus de Principiis Ordinis Praedicatorum, 1234]. Apud: *SANTO DOMINGO DE GUZMÁN VISTO POR SUS CONTEMPORÁNEOS*. Esquema biográfico, introducciones, versión y notas de los Padres Fr. Miguel Gelabert, O.P., Fr. José María Milagro, O.P.. Introducción General por el Padre Fr. José María de Garganta, O.P. Madrid: BAC, MCMXLVII. pp. 163-216.

*LEYENDA DE SANTO TOMÁS DE AQUINO*. In: SANTIAGO DE LA VORÁGINE. *Leyenda Dorada*. Trad. Fray José Manuel Macías. Madrid: Alianza, 1982. v.2, pp. 929-934.

M. H. Laurent (ed.), *Fontes vitae S. Thomae Aquinatis notis historicis et criticis illustrati*, 4: Liber de inquisitione super vita et conversatione et miraculis fratris Thomae de Aquino. Apud: *Revue Thomiste*, Saint Maximin [Var], 1931.

\_\_\_\_\_. *Fontes vitae S. Thomae Aquinatis notis historicis et criticis illustrati*, 5: Ile procès de canonisation: Abbaye de Fossa-Nova, 10-20 Novembre 1321. Récits de la canonization de S. Thomas d'Aquin: Avignon, 14 (ou 16)-21 Juillet 1323. Apud: *Revue Thomiste*, Saint Maximin [Var], 1931. pp. 409-532.

*PROCESSVS INQUISITIONIS factæ super vitâ, conversatione, & miraculis recol. Mem. Fr. THOMÆ DE AQUINO, Ordinis Fratrum Predicatorum, Sacræ Theologiæ Doctoris, Anno salutis MCCCXIX, Ioannis XXII, Pontificis Max. Pontificatus III, per Vmbertum Archiepiscopum Neapolitanum & Angelum Viterbiensem & Tuscanensem Episcopum, Inquisitores vnà cum D. Pandulfo de Sabello Domini Papæ Notario, super hoc Pontifice deputatos. Apud: Acta Sanctorum. Martii. Tomus I. A Ioanne Bolland S.I. colligi felicit cœpta A Godefrido Henschenio et Danielle Paperbrocchio eiusdem societatis Iessu aucta digesta & illustrata. Antuperpiæ, apud Iacobum Meursium. Anno MDCLXVIII. pp.686-716.*

*RELATIO JURIDICA, in qua novem testes oculati & iurati ex Ordine Prædicatorum narrant pia gesta et miracula S. Dominici, quæ in vita, obitu, vel post mortem ejus observaverant. Apud: Acta Sanctorum Augusti: ex Latinis et Græcis, aliarumque gentium monumentis, servata primigenia veterum scriptorum phrasi ([Reprod. en fac-sim.]) [Société des Bollandistes]. Tomus I. Bruxelles: Culture et civilisation, Anno MDCCXXXIII. pp.632-644. Disponível em: <http://visualiseur.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6060v>. Consultado em fevereiro de 2009.*

*REVOGAÇÃO DAS CONDENAÇÕES DE 1277: L'évêque de Paris, Etienne Bourret, révoque la condamnation, portée en 1277, pour les divers articles , qui atteignaient la doctrine de S. Thomas d'Aquin (14 février 1325). Apud: FONTES VITAE S. THOMAE AQUINATIS *Revue Thomiste*, v.1, pp. 666-669, 1931.*

*SAINT THOMAS D'AQUIN, Religieux Dominicain et Ddocteur de l'Église. In: Les Petits Bollandistes: vies des saints. Par Mgr. Paul Guérin. 7 éd. Tome Troisième: du 24 février au 25 mars. Paris: BLOUD et BARRAL, 1876. pp. 235-271.*

*SANTO DOMINGO DE GUZMÁN VISTO POR SUS CONTEMPORÁNEOS. Esquema biográfico, introducciones, versión y notas de los Padres Fr. Miguel Gelabert, O.P., Fr. José María Milagro, O.P.. Introducción General por el Padre Fr. José María de Garganta, O.P. Madrid: BAC, MCMXLVII.*

*STEPHANO EPISCOPO PARISIENSI. Epistola Scripta Anno 1277. APUD: PICHÉ, D. *La Condamnation Parisienne de 1277*. Paris: J. Vrin, 1999. pp. 71-79.*

\_\_\_\_\_. *Articuli Condempnati anno 1277*. APUD: PICHÉ, D. *La Condamnation Parisienne de 1277*. Paris: J. Vrin, 1999. pp. 80-147.

THOMAS CANTIMPRATANUS. *Bonum Universale de Apibus*. A. Ferrua (ed.), *S. Thomae Aquinatis vitae fontes praecipuae* (Ed. Domenicane, Alba, 1968) n. 190, p. 387-388. [=Thomas Cantimpratanus, *Bonum universale de apibus* (Baltazar Bellerus, Duaci, 1627) lib. 1 cap. 20 n. 10]. Disponível online em: <http://www.corpusthomisticum.org/btcantim.html>. Consultado em 13 de janeiro de 2009.

TOLOMEO OF LUCCA. *Historia Ecclesiastica*. Apud: FOSTER, K. O.P. *The Life of Saint Thomas Aquinas: Biographical Documents*. London; Baltimore: Longmans, Green and Co. e Helicon Press, 1959. pp. 127-145.

#### **Regras de Ordens Religiosas/Atas dos Capítulos Gerais da Ordem dos Pregadores:**

AUGUSTINUS. *Regula ad Servus Dei*. Apud: *Patrologia Latina*. Migne JP. Vol. 032. col. 1377-1384. on line em: [http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0354-0430\\_Augustinus\\_Regula\\_ad\\_Servos\\_Dei\\_MLT.pdf](http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/0354-0430_Augustinus_Regula_ad_Servos_Dei_MLT.pdf). Consultado em 22 de julho de 2008.

DOMINGOS DE GUZMÁN. *Liber Consuetudinum*. Apud: *SANTO DOMINGO DE GUZMÁN VISTO POR SUS CONTEMPORÁNEOS*. Esquema biográfico, introducciones, versión y notas de los Padres Fr. Miguel Gelabert, O.P., Fr. José María Milagro, O.P.. Introducción General por el Padre Fr. José María de Garganta, O.P. Madrid: BAC, MCMXLVII. pp. 864-907 (Bilingüe Latim/Espanhol)

*MONUMENTA ORDINIS FRATRUM PRAEDICATORUM HISTORICA*. Tomus III: *Acta capitulorum generalium (Vol.1)*. Roma: Tipografia Poliglota S.C. de Propaganda Fide, 1898.

*MONUMENTA ORDINIS FRATRUM PRAEDICATORUM HISTORICA*. Tomus VI: *Acta capitulorum generalium (Vol.2)*. Roma: Tipografia Poliglota S.C. de Propaganda Fide, 1899.

### **Inquisição/Heresia**

BERNARD DE CAUX. *Cahiers de Bernard de Caux. : Ms. DOAT XXII*, B.N. Paris – Agen, Cahors, Toulouse (1243-1247). Ed. Jean Duvernoy, 1988, 165p. Disponível em: <http://jean.duvernoy.free.fr/text/pdf/bdecaux.pdf>. Consultado em fevereiro de 2009.

BERNARD GUI. *Manuel de l'Inquisiteur*. Éd et trad par G. Mollat. Paris: Les Belles Lettres, 1964. 2v.

*DOCUMENTS POUR SERVIR A L'HISTOIRE DE L'INQUISITION DANS LE LANGUEDOC*. Publié par Mgr. Douais. Paris: Librairie Renouard, 1900.

JACQUES FOURNIER. *Le Registre d'Inquisition de Jacques Fournier, évêque de Pamiers (1318-1324)*, MS Lat n° 4030 da Biblioteca do Vaticano. Éd par J. Duvernoy. Toulouse: Privat, 1965. 3v. MS A.D. Ariège J 127 com o Sermão de Pamiers, de 08 de março de 1320. Disponível em: [http://jean.duvernoy.free.fr/text/pdf/sentences\\_pamiers.pdf](http://jean.duvernoy.free.fr/text/pdf/sentences_pamiers.pdf). Consultado em fevereiro de 2009.

*LE REGISTRE DDD DE L'INQUISITION DE CARCASSONNE (1323-1325)*. MS Doat 28 de la Bibliothèque Nationale de Paris. Disponível em: <http://jean.duvernoy.free.fr/text/pdf/DDD.pdf>. Consultado em fevereiro de 2009.

*REGISTRE GGG DE L'INQUISITION DE CARCASSONNE (1328-1329)*. MS Doat 27. Disponível em: <http://jean.duvernoy.free.fr/text/pdf/GGG.pdf>. Consultado em fevereiro de 2009.

*SUMMULA CONTRA HERETICOS*. MS Doat XXXVI de la Bibliothèque Nationale de Paris; 379 de la B.M. de Toulouse. Publié avec une introduction para J. DUVERNOY, 1987. 86p. Disponível em: <http://jean.duvernoy.free.fr/text/pdf/summula.pdf>. Consultado em fevereiro de 2009.

**BIBLIOGRAFIA:****Obra de referencia para consulta:**

DU CANGE, Charles du Fresne. *Glossarium ad scriptores mediae et infimae Latinitatis: in quo Latina Vocabula novatae Significationis, aut Usus rarioris, Barbara et Exotica explicantur, eorum Notiones et Originiones reteguntur*. Ed. Novissima Insigniter Aucta. - Francofurti ad Moenum : Ex Officina Zunneriana, apud Johannem Adamum Jungium, 1710. T. II (D-H) e III (I-N). Disponível em: <http://www.uni-mannheim.de/mateo/camenaref/ducange.html>. Consultado em fevereiro de 2009.

**Livros, Capítulos, Artigos de Periódicos:**

AERSTEN, J. A. *Nach der Verurteilung Von 1277: Philosophie und Theologiae an der Universität Von Paris im letzten Viertel dês 13. Jahrhunderts. Studien und Text*. Berlim, Nova Iorque: Walter de Gruyter, 2001.

AIGRAIN, R. *L'hagiographie: ses sources, ses méthode, son histoire*. Poitiers: BLOUD & GAY, 1953.

AILES, M. "Early French Chronicle: history or literature?". *Journal Of Medieval History*, vol. 26, nº 3, pp. 301-312, 2000.

ALBERT, J-P. *Odeurs de Sainteté: la mythologie chrétienne des aromates*. Paris: EHESS, 1990.

ALMEIDA, C. C. de. "Topografia e Estratificação social: representações e mecanismos de poder na cidade medieval". *Anos 90*, n.14, pp. 294-311, 2000. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/anos90/article/download/6806/4104>. Consultado em maio de 2011.

AMEAL, J. *São Tomaz de Aquino: Introdução ao estudo da sua figura e da sua obra*. 3ªed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1947.

- ARNALDI, G. “Igreja e Papado”. In: LE GOFF, J. e SCHMITT, J-C. (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC; Imprensa Oficial do Estado, 2006. v.1, pp. 567 – 589.
- ASHTON, G. *The Generation of Identity in Late Medieval Hagiography: Speaking the saint*. London; New York: Routledge, 2000.
- AUDISIO, G. *Histoire civile et religieuse des Papes: de Boniface VIII à Grégoire XIII (1294-1585)*. Paris: Société de Saint-Augustin, Desclée, de Brouwer et cie, 1894.
- AYMARD, M. “Histoire et comparaison”. In: ATSMAS, H. et BURGUIÈRE, A. (Orgs.). *Marc Bloch aujourd’hui: histoire compare et sciences sociales*. Paris: EHESS, 1990. pp. 271-278.
- BACZKO, B. *Los imaginarios sociales: Memorias y esperanzas colectivas*. 2ªed. Trad. Pablo Betesh. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999.
- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 4ªed. São Paulo; Brasília: Hucitec; EDUnB, 1999.
- BASCHET, J. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro:Globo, 2006.
- BEAUSSART, F. J. “D’un clerc grief malade de nostre dame sana”. *Réflexions sur un miracle. Médiévales*, vol.1, n°2, 1982, pp. 33-46.
- BELL, R. e WEINSTEIN, D. *Saints and Society: the two worlds of Western Christendom, 1000-1700*. Chicago: UCP, 1982.
- BLOCH, M. *Os Reis Taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio. França e Inglaterra*. Trad. Júlia Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- BOLTON, B. *A Reforma na Idade Média: século XII*. Lisboa: Edições 70, 1986.

- BOLZAN, J. E. e FRABOSCHI, A. “Santo Tomas y los Capítulos Generales de la Orden de Los Predicadores, 1278-1370” *Sapientia*, Buenos Aires, Año XXIX, nº114, 1974.pp. 263-278.
- BÓRMIDA, J. *A não-propriedade: uma proposta dos franciscanos do século XIV*. Porto Alegre: EST, 1997.
- BOURDIEU, P.; CHARTIER, R.; DARNTON, R. “Dialogue à propos de l’Histoire Culturelle”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 59, sept/1985, pp. 86-93.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, J. e FERREIRA, M. de M. (Coords.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. pp. 183-191.
- BOUREAU, A. e PIRON, S. (éds). *Pierre de Jean Olivi (1248-1298) : Pensée Scolastique, dissidence spirituelle et société*. Paris : J. Vrin, 1999.
- BOUREAU, A. *L’inconnu dans la maison: Richard de Mediavilla, les Franciscains et la Vierge Marie à la fin du XIII siècle*. Paris: Les Belles Lettres, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Le pape et les sorciers. Une consultation de Jean XXII sur la magie en 1320 (manuscrit B.A.V. Borghese 348)*. Roma: École Française de Rome, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Théologie, science et censure au XIIIe siècle: Le cas de Jean Peckam*. Paris : Belles Lettres, 2008. Capítulo 4 : Les frères ennemis pp. 137-178.
- \_\_\_\_\_. *Satan hérétique: Naissance de la démonologie dans l’occident médiéval (1280-1330)*. Paris: Odile Jacob, 2004.
- \_\_\_\_\_. *L’événement sans fin: Récit et christianisme au Moyen Âge*. Paris: Les Belles Lettres, 1993.
- \_\_\_\_\_. *La Légende dorée: le système narratif de Jacques de Voragine (†1298)*. Paris: Cerf, 1984.

- \_\_\_\_\_. No coração da Idade Média: os dominicanos e a maestria narrativa. *Revista de História Comparada*. Rio de Janeiro, vol.4, n. 1, pp. 141-168, 2010. Disponível em: [http://www.hcomparada.ifcs.ufrj.br/revistahc/artigos/volume004\\_Num001\\_artigo007.pdf](http://www.hcomparada.ifcs.ufrj.br/revistahc/artigos/volume004_Num001_artigo007.pdf). Consultado em setembro de 2011.
- \_\_\_\_\_. “La patine hagiographique. Saint Pirerr Martyr dans la *Légende Dorée*”. In: RENARD, E; TRIGALET, M; HERMAND, X et BERTRAND, P. (éds). **Scribere Sanctorum gesta: Recueil d'études d'hagiographie medieval offert à Guy Phillipart**. Turnhout: BREPOLs, 2005. pp. 359-366.
- \_\_\_\_\_. “Saints et Démons dans les process de canonization du début du XIVE siècle”. In: KLANICZAY, G. (dir.). *Procès de Canonisation au Moyen Âge: aspects juridiques et religieux. Medieval Canonization Processes: legal and religious aspects*. Rome: École Française de Rome, 2004. pp.199-220.
- \_\_\_\_\_. “Miracle, volonté et imagination: la mutation scolastique (1270-1320). In: *MIRACLES, PRODIGES ET MERVEILLES AU MOYEN ÂGE*. Paris: Sorbonne, 1995. pp.159-172.
- \_\_\_\_\_. “Droit naturel et abstratcion judiciaire: hypothèses sur la nature du droit medieval”. *Annales HSS*, Nov-déc, 2002, vol. 57, n° 6, pp. 1463-1488.
- \_\_\_\_\_. “Droit et théologie au XII<sup>e</sup> siècle”. *Annales Economies Sociétés Civilisations*. Paris, 47<sup>e</sup> Année, n.6, pp. 1113-1126, nov./déc.1992.
- \_\_\_\_\_. “Propositions pour une histoire restreinte des mentalités”. *Annales Économies Sociétés Civilisations*, Paris: Armand Collin. 44<sup>e</sup> Année, n°6, nov-déc, 1989. pp.1491-1504.
- \_\_\_\_\_. “*Vitæ Fratrum. Vitæ Pratrurum*. L'Ordre dominicain et le modèle des Pères du désert au XIII<sup>e</sup> siècle”. *Mélanges de l'École Française de Rome*, 99-1, 1987. pp. 79-100.

- BOUTET, D. "Hagiographie et historiographie: la *Vie de saint Thomas Becket* de Guernes de Pont-Sainte-Maxence et la *Vie de saint Louis* de Joinville". *Le Moyen Age: Revue d'Histoire et de Philologie*, Tome CVI, n°2, 2000. pp. 277-293.
- BOYER, Jean-Paul. «Sapientis est ordinare. La monarchie de Sicile-Naples et Thomas d'Aquin (de Charles Ier à Robert)». In : MATZ, J-M (dir.). *Formation intellectuelle et culture du clergé dans les territoires angevins (milieu du XIIIe-fin du XVe siècle)*. Roma: École française de Rome, 2005, pp. 277-312.
- \_\_\_\_\_. «La noblesse dans les sermons des dominicains de Naples (première moitié du XIVe siècle)». In : COULET, N. e MATZ, J-M (dirs.). *La noblesse dans les territoires angevins à la fin du Moyen Âge*. Roma : Ecole française de Rome, 2000, pp. 567-583.
- \_\_\_\_\_. «Une théologie du droit. les sermons juridiques du roi Robert de Naples et de Barthélemy de Capoue» In : AUTRAND, F., GAUVARD, C. e MOEGLIN, J.-M. (dirs.) *Saint-Denis et la royauté. Etudes offertes à Bernard Guenée*. Paris: Sorbonne, 1999, pp. 647-659.
- \_\_\_\_\_. «Prédication et Etat napolitain dans la première moitié du XIVe siècle». In : *L'ETAT ANGEVIN. POUVOIR, CULTURE ET SOCIETE ENTRE XIIIe ET XIVe SIECLE*. Roma : Ecole française de Rome, 1998, pp. 127-157.
- \_\_\_\_\_. «Parler du roi et pour le roi. Deux "sermons" de Barthélemy de Capoue, logothète du royaume de Sicile», *Revue des Sciences philosophiques et théologiques*, n° t. 79, fasc. 2, Province dominicaine de France, Paris, 1995, pp. 193-248.
- BRAET, H. & VERBEKE, W. (eds.). *A Morte na Idade Média*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- BRIGGS, C. F. "Literacy, reading and writing in the medieval West". *Journal Of Medieval History*, vol. 26, n° 4, pp. 397-420, 2000.
- BROWN, S. F; DEWENDER, T; KOBUSH, T. (orgs.). *Philosophical Debates at the university of Paris in the First quarter of the Fourteenth Century*. Leiden/Boston: Brill, 2009.

BROWN, P. *The cult of the saints: Its Rise and Function in Latin Christianity*. Chicago: UCP, 1982.

\_\_\_\_\_. *Santo Agostinho: uma biografia*. 2ªed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2005.

BULST, N. “Sobre o objeto e o método da prosopografia”. *Politeia: história & sociedade*, v.5, n.1, pp. 47-67, 2005. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/190/211>. Consultado em maio de 2011.

BURCKHARDT, J. *A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

BURGUIÈRE, A. “A Antropologia Histórica”. In: LE GOFF, J. (Org.). *A História Nova*. 4ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. pp. 125-152.

\_\_\_\_\_. “Antropologia Histórica”. In: IDEM. (Org.). *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. pp. 57-66.

*CAHIERS DE FANJEAUX*. Le Credo, La Morale et L’Inquisition. Toulouse-Fanjeaux: Privat, 1971. Vol.6.

\_\_\_\_\_. Bernard Gui et son monde. Toulouse-Fanjeaux: Privat, 1981. Vol.16.

CANETTI, L. A. “Da san Domenico a alle *Vita Fratrum*. Publicista agiografica ed ecclesiologia nell’Ordre Predicatorum alla metà del XIII secolo”. *Mélanges de l’École Française de Rome*, 180-1, 1996. pp. 165-219.

CASTORIADIS, C. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2000.

CASTRO, H. História social. In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 45-59.

CAVAILLÉ, J-P. L'art des equivoques: hérésie, inquisition et casuistique. Questions sur la transmission d'une doctrine médiévale à l'époque moderne. *Médiévales*, vol. 21, n° 43, 2002, pp. 119-145.

CAZELLES, B. *Le corps de sainteté d'après Jehan Bouche d'Or, Jehan Paulus et quelques Vies des XIIe et XIIIe siècles*. Genebra, 1982.

\_\_\_\_\_. En odeur de sainteté. *Médiévales*, vol.1, n°2, pp. 86-99.

CERTEAU, M. de. *L'Écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 2002.

CHABAS, Y. *Prudentissime frère Thomas d'Aquin (1225-1274). Sa Vie. Son Œuvre*. Paris: La Colombe, 1959.

CHARTIER, R. *À Beira da Falésia: A história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

\_\_\_\_\_. *Inscrever & Apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)*. São Paulo: UNESP, 2007.

\_\_\_\_\_. "Textos, símbolos e o espírito francês". *História: Questões & Debates*, Curitiba, v.13, n°24, pp.5-27. Jul/dez-1996.

\_\_\_\_\_. L'histoire culturelle. In: REVEL, J. e WACHTEL, N. (orgs.). *Une école pour les sciences sociales*. Paris: EHESS, 1996. pp. 73-92.

CHAUNU, P. *O Tempo das Reformas (1250-1550)*: Lisboa: Edições 70, 2v. 2002.

CHENU, M-D. *Introduction a l'Étude de Sain Thomas d'Aquin*. 2éd. Montréal; Paris: Institut d'Études Médiévales; J. Vrin, 1954.

- CHIFFOLEAU, J. “Direito(s)”. In: LE GOFF, J. & SCHMITT, J-C. (coords). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval* Coord. de Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: EDUSC; Imprensa Oficial do Estado, v1. 2006, pp. 333-351.
- COCCIA, E. e PIRON, S. “Poesia, ciência e política: uma geração de intelectuais italianos (1290-1330)”. In: PEREIRA, N. M. ; ALMEIDA, C. C. de e TEIXEIRA, I. S. (Orgs). *Reflexões sobre o medievo*. São Leopoldo : Oikos, 2009. pp. 60-99.
- \_\_\_\_\_. “Poésie, Science et Politique: une génération d’Intellectuels italiens (1290-1330)”. *Revue de Synthèse*, vol.129, n° 4, dec. 2008, pp. 549-586.
- CONTE, E. “Droite médiévale: un débat historiographique italien”. *Annales HSS*, Nov-déc, 2002, vol. 57, n° 6, pp. 1593-1613.
- CURTIUS, E.R. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: HUCITEC;EDUSP, 1996.
- DALE, S. “A house divided: San Pietro in Ciel d’Oro in Pavia and the Politics of Pope Johnn XXII”. *Journal Of Medieval History*, n°27, pp. 55-77, 2001.
- DARNTON, R. *O Grande Massacre de Gatos: e outros episódios da História Cultural Francesa*. 4ªed. Trad. Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- DAVIS, Natalie Zemon. Las formas de la historia social. *Historia social*, 10:177-182, primavera/verão 1991. Pp. 177-182.
- DELEHAYE, H. *Les légendes hagiographiques*. Éd. Bruxelles: Société des Bollandistes, 1927.
- DELL’ELICINE, E. MICELI, P. e MORIN, A. (comp). *De Jure: nuevas lecturas sobre derecho medieval*. Buenos Aires: Ad hoc, 2009.

DELOOZ, P. *Sociologie et canonisations*. Liège: The Hague, 1969.

DELUMEAU, J. *História do Medo no Ocidente (1300-1800): uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *A Confissão e o Perdão: as dificuldades da confissão nos séculos XIII a XVIII*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_. *O Pecado e o Medo: A culpabilização no Ocidente (Séculos 13-18)*. Trad. Álvaro Lorencini. Bauro, SP: EDUSC, 2003. 2v.

DONDAINE, A. *Saint Pierre martyr*, Études, *Archivum Fratrum Praedicatorum*, nº23, 1953, pp. 66-162.

\_\_\_\_\_. La collection des oeuvres de Saint Thomas dite de Jean XXII et Jaquet Maci. *Scriptorium*, n.2, pp. 127-152, 1975.

DOSSE, F. *Le Pari Biographique: écrire une vie*. Paris: La Découverte, 2005.

DUBOIS, J. *Sources et méthodes de l'hagiographie médiévale*. Paris: Cerf, 1993.

DUBY, G. História Social e Ideologias das Sociedades. In: LE GOFF, J. e NORA, P. (dirs.). *História: novos problemas*. Trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. pp. 131-145.

ESPIG, M. J. Ideologia, Mentalidades e Imaginário: cruzamentos e aproximações teóricas. *Anos 90*, Porto Alegre, nº 10, dez-1998, pp. 151-167.

FLEITH, B. *Studien Zur Überlieferungsgeschichte der Lateinischen Legenda Aurea*. Bruxelles: Société des Bollandistes, 1991. (Thèse nº 273).

FORTES, C.C. *Societas studii* : A construção da identidade institucional e os estudos entre os Frades Pregadores no século XIII. Tese (Doutorado em História). 370f. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

\_\_\_\_\_. Os atributos Masculinos das Santas na *Legenda Áurea*. Os Casos de Maria e Madalena. 2003, 279f. Dissertação (Mestrado em História Social) – IFCS, UFRJ, 2003.

\_\_\_\_\_. Santidade e Gênero: Vauchez e o modelo masculino. In: SILVA, A. C. L. F. da. (Org.). *Hagiografia e História: reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da Santidade na Idade Média Central*. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2008, pp. 81-90.

FRANCO JÚNIOR, H. *A Eva Barbada: Ensaio de Mitologia Medieval*. São Paulo: EDUSP, 1996.

\_\_\_\_\_. História, literatura e imaginário: um jogo especular. O exemplo medieval da Cocanha. In: IANNONE, C.A., GOBI, M.V.Z. e JUNQUEIRA, R. S. (orgs.). *Sobre as naus da iniciação. Estudos portugueses de Literatura e História*. São Paulo: UNESP, 1998, pp. 271-286.

GAJANO, S. B. “Santidade”. In: LE GOFF, J. & SCHMITT, J-C. (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; EDUSC, v.2, pp. 449-462.

GAUVARD, C. *La Fama, une parole fondatrice*. *Médiévales*, vol.12, nº 24, 1993, pp. 05-13.

GEARY, P. *L’humiliation des saints*. *Annales ESC*, nº1, 1979, pp. 27-42.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989

GEHRKE, P. *Saints and Scribes: Medieval Hagiography in its manuscript context*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1993. vol. 126.

GINZBURG, C. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. Maria Betania Amoroso. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. *Relações de Força: História, Retórica, Prova*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Olhos de Madeira: Nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. 2ªed. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *A Micro-História e outros ensaios*. Trad. António Narino. Lisboa: Difel, 1989.

GRABMANN, M. *Saint Thomas d'Aquin: Introduction à l'Étude de sa Personnalité et de sa Pensée*. Trad. E. Vansteenbergh. Paris: BLOUD & GAY, 1920.

GRIPPARI, M-N. Le jugement de Dieu ou la mise en jeu du pouvoir. *Revue Historique*, 564, 1987, pp. 281-291.

GOLINELLI, P. "Social aspects in some italian canonization trials: the choice of witnesses". In: KLANICZAY, G. (dir.). *Procès de Canonisation au Moyen Âge: aspects juridiques et religieux. Medieval Canonization Processes: legal and religious aspects*. Rome: École Française de Rome, 2004. pp. 165-180.

GOODICH, M. The politics of canonization in the thirteenth century: Lay and Mendicant saints. In: WILSON, S. *Saints and Their Cults*. London: Cambridge University Press, 1985. pp.

GROSSI, P. *L'Ordine Giuridico Medievale*. Roma: Laterza & Figli, 2002.

GUENEE, B. *Histoire et culture historique dans l'Occident Médiéval*. Paris: Aubier Montaigne, 1980.

\_\_\_\_\_. História. In: LE GOFF, J. e SCHMITT, J-C. (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Coord. de Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: EDUSC; Imprensa Oficial do Estado, v1. 2006, pp. 523-536.

GUERREAU-JALABERT, A. “Histoire médiévale et littérature”. In: LE GOFF, J. & LOMBRICHON, G. (orgs.) *Le Moyen Âge aujourd’hui: trois regards contemporains sur le Moyen Âge – histoire, théologie, cinéma*. (Actes de la Reencontré de Cerisy-la Salle), Paris: Le Léopard d’Or, 1997.

GUILLEMMAIN, B. Les Dominicains et la Papauté d’Avignon. *Cahier de Fanjeaux*, n.36, pp. 307-318, 2001.

GÜNTER, H. *Psychologie de la légende: introduction à une hagiographie scientifique*. Trad. J. Goffinet. Paris: Payot, 1954.

HARTOG, F. *Régimes d’historicité: présentisme et expériences du temps*. Paris: Seuil, 2003.

\_\_\_\_\_. *O Espelho de Heródoto: ensaios sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. *Temps du monde, histoire, écriture de l’histoire*. Conferência apresentada no PANTHEON-IFCH/UFRGS em setembro de 2005. (mimeo) 10 páginas.

\_\_\_\_\_. “A arte da narrativa histórica”. In: BOUTIER, J; JULIA, D. (orgs.). *Passados Recompostos: campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1998. pp.193-202.

HINNEBUSH, W. *The Dominicans A short history*. New York: Alba House/Society St.Paul, 1975.

HOBSBAWM, Eric. Da história social à história da sociedade. In: *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 83-115.

- HOLMES, G. *A Europa na Idade Média: 1320-1450. Hierarquia e Revolta*. Lisboa: Presença, 1984.
- HUNT, L. *A nova história cultural*. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- IRRIBAREN, Isabel. *Durandus of St Pourçain: A dominican theologian in the shadow of Aquinas*. New York: Oxford University Press, 2005.
- KELLY, S. *The New Solomon: Robert of Naples (1309-1343) and Fourteenth-Century Kingship*. Leiden/Boston: BRILL, 2003.
- KLANICZAY, G. & KRISTÓF, I. "Écritures saintes et pactes diaboliques. Les usages religieux de l'écrit (Moyen Âge et Temps Modernes)". *Annales HSS* (4-5): 947-980, 2001.
- KLANICZAY, G. (dir.). *Procès de Canonisation au Moyen Âge: aspects juridiques et religieux. Medieval Canonization Processes: legal and religious aspects*. Rome: École Française de Rome, 2004.
- \_\_\_\_\_. "Proving Sanctity in the canonization processes (Saint Elizabeth and Saint Margaret of Hungary)". In: KLANICZAY, G. (dir.). *Procès de Canonisation au Moyen Âge: aspects juridiques et religieux. Medieval Canonization Processes: legal and religious aspects*. Rome: École Française de Rome, 2004. pp. 117-148.
- KLEINBERG, A. *Histoire des saints: leur role dans la formation de l'Occident*. Paris: Gallimard, 2005.
- \_\_\_\_\_. "Canonization Without a canon". In: KLANICZAY, G. (dir.). *Procès de Canonisation au Moyen Âge: aspects juridiques et religieux. Medieval Canonization Processes: legal and religious aspects*. Rome: École Française de Rome, 2004. pp. 07-18.

- KNOWLES, M. D. e OBOLENSKY, D. *Nova História da Igreja: II A Idade Média (600-1500)*. In: L.-J., ROGIER; AUBERT, R. e KNOWLES, M. D. (Dirs). *Nova História da Igreja*. Trad. João F. Hauck. Petrópolis: Vozes, 1974. (Nova História da Igreja; 2)
- KOUDELKA, V. J. La capella di S. Tommaso d'Aquino in Monte Savello a Roma. *AFP*, n.32, pp. 126-144, 1962.
- LACAPRA, D. "Chartier, Darnton e o grande massacre do símbolo". *Pós-História*, Assis, nº3, pp. 229-252, 1995.
- LADURIE, E. L. R. *Montaillou: Cátaros e Católicos numa aldeia francesa, 1294-1324*. Lisboa: Ed. 70, s.d.
- \_\_\_\_\_. *História dos Camponeses Franceses: da Peste Negra à Revolução*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 2vols.
- LE GOFF, J. e SCHMITT, J-C. (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Coord. de Trad. Hilário Franco Júnior. São Paulo: EDUSC; Imprensa Oficial do Estado, 2v. 2006.
- \_\_\_\_\_. e TRUONG, N. *Uma história do corpo na Idade Média*. Lisboa: Teorema, 2005.
- \_\_\_\_\_. *São Luís: Biografia*. 3ªed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2002.
- \_\_\_\_\_. *São Francisco de Assis*. 6ªed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Para um novo conceito de Idade Média: Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente (18 ensaios)*. Lisboa: Estampa, 1993.
- \_\_\_\_\_. *O imaginário medieval*. Trad. Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994.
- \_\_\_\_\_. (dir.). *O Homem Medieval*. Lisboa: Presença, 1989.

- LEQUIN, Y. História Social. In: BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário de ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 717-724.
- LEVI, G. *A Herança Imaterial: Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- \_\_\_\_\_. “Sobre a micro-história”. In: BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. pp. 133-161.
- \_\_\_\_\_. “Os Perigos do Geertzismo”. *História Social*, Campinas, nº6, pp. 137-146, 1999.
- LIBERA, A. *Pensar na Idade Média*. São Paulo : 34, 1999.
- LIMA, H. E. *A micro-historia italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MACEDO, J. R. *Heresia, cruzada e inquisição na França Medieval*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média*. Porto Alegre/São Paulo: EDUFRGS/EDUNESP, 2000.
- \_\_\_\_\_. “O real e o imaginário nos fabliaux medievais”. *Tempo*, Rio de Janeiro, nº17, 2004. pp. 13-31.
- \_\_\_\_\_. O historiador e a literatura medieval. *Con(s)ciência*, Vitória da Conquista, nº 7, 1997. pp. 48-63.
- MAGGIONI, G. P. *Ricerche sulla composizione e sulla trasmissione della “Legenda Aurea”*. Firenze: SISMEI-Spoletto, 1995. (Biblioteca di Medioevo Latino, 8).
- MAJOLA, A. “Sanctus Thomas Magister”. *Revista Brasileira de Filosofia*, vol. XXV, fasc. 98, abr-mai-jun/197. pp. 151-174.

- MANDONNET, P. *St Dominic and His Work*. St Louis/London: B. Herder Book Co., 1948.
- MARITAIN, J. *Le Docteur Angélique*. Rio de Janeiro: Atlantica, 1945.
- MAIER, A. Annotazioni autografe di Giovanni XXII in Codici Vaticani. *Rivista di Storia della Chiesa in Italia*. Vol.6, pp. 317-332, 1952.
- MENACHE, S. “Chronicles and Historiography: the interrelationship of fact and fiction”. *Journal Of Medieval History*, n° 32, pp. 333-345, 2006.
- MOLINIER, C. *L’Inquisition dans le Midi de la France au XIIe et au XIV siècle: étude sur les sources de son histoire*. New York: Burt Franklin, s.d. (Original: Paris, 1880).
- MOLLAT, G. *Les Papes d’Avignon (1305-1378)*. 9<sup>a</sup>éd. Paris: Letouzey & Ané, 1949.
- MORARD, M. “Saint Thomas d’Aquin: un home de chair et d’os...aussi”. *Sedes Sapientiae*, n.30, pp. 37-54, 1989.
- \_\_\_\_\_. Dominique Grima o.p., un exégète thomiste à Toulouse au début du XIVe siècle. *Cahier de Fanjeaux*, n.35, pp. 325-374, 2000.
- \_\_\_\_\_. Les Dominicains méridionaux et la théologie. *Cahier de Fanjeaux*, n.36, pp. 201-248, 2001.
- MULDER-BAKKER, A. B. *The Invention of Saintliness*. London, New York: Routledge, 2002.
- MURRAY, A. *Reason and Society in the Middle Ages*. New York: OUP, 1978.
- NASCIMENTO, C. A. R. *Santo Tomás de Aquino: o Boi Mudo da Sicília*. São Paulo: Educ, 1992.
- NOLD, P. *Pope John XXII and his Franciscan Cardinal: Bertrand de la Tour and the Apostolic Poverty Controversy*. New York: Oxford Univesity Press, 2003.

PALADILHE, D. *Les papes d'Avignon*. Paris: Perrin, 2008. (1ªed. 1977).

PALES-GOBILLIARD, A. “Bernard Gui Inquisiteur et auteur de la Practica”. *Cahiers de Fanjeaux: Bernard Gui et son monde*, nº 16. Fanjeaux: Privat, 1981. pp. 253-264.

PAOLI, E. *Agiografia e Strategie Politico-Religiose: alcuni esempi da Gregorio Magno al Concilio di Trento*. Spoleto: Centro Italiano di Studi Sull'Alto Medioevo, 1997.

PATLAGEAN, E. “A História do Imaginário”. In: LE GOFF, Jacques. (org.). *A História Nova*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. pp. 291-318.

PAUL, J. *Historia Intelectual del Occidente Medieval*. Madrid: Cátedra, 2003.

\_\_\_\_\_. “La mentalité de l’Inquisiteur chez Bernard Gui”. *Cahiers de Fanjeaux*. Bernard Gui et son monde. Toulouse-Fanjeaux: Privat, 1981. vol.16, pp. 279-316.

PEREIRA, A. L. “O Relato Hagiográfico como fonte histórica”. *Revista do Mestrado de História*, vol.9, nº10, 2007. Pp. 161-170. Disponível em: [http://www.uss.br/web/arquivos/Revista\\_Mestrado\\_vol\\_9-10.pdf](http://www.uss.br/web/arquivos/Revista_Mestrado_vol_9-10.pdf). Consultado em março de 2009.

\_\_\_\_\_. “O Método Hagiográfico de Jacques de Vitry (†1240) e de Thomas de Cantimpré (†1262)”. XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: **Usos do Passado**. Niterói, ANPUH/RJ, 2006. 08p. Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/Anais/2006/conferencias/Ana%20Paula%20Lopes%20Pereira.pdf>. Consultado em março de 2009.

PEREIRA, Nilton M.; ALMEIDA, Cybele C. de; TEIXEIRA, Igor S. (Orgs). *Reflexões sobre o medievo*. São Leopoldo: Oikos, 2009.

PESCH, O. H. *Tomás de Aquino: Límite y grandeza de una teología medieval*. Trad. Xavier Moll y Claudio Gancho. Barcelona: Herder, 1992.

- PHILLIPART, G. "L'hagiographie comme littérature: concept recent et nouveaux programmes?". *Revue des Sciences Humaines: L'hagiographie*, n.251, jui-sept/1998, pp. 11-39. Textes réunis par Elisabeth Gaucher et Jean Dufournet.
- PICHÉ, D. *La Condamnation Parisienne de 1277*. Paris: J. Vrin, 1999.
- PIRON, S. "Le plan de l'évêque: Pour une critique interne de la condamnation du 7 mars 1277 ». *Recherches de philosophie et théologie médiévales* (NO PRELO)
- \_\_\_\_\_. Avignon sous Jean XXII, l'Eldorado des théologiens. In : *Cahiers de Fanjeaux : Jean XXII et le Midi*. Toulouse, 2011. No prelo.
- \_\_\_\_\_. "Une anthropologie historique de la scolastique". *Annales HSS*, v.64, n.1, jan-fév/2009, pp. 207-215.
- \_\_\_\_\_. "Demonologie et anthropologie scolastique". *Cahiers du Centre de recherches historique*, n.37, avr/2006, pp. 173-179.
- \_\_\_\_\_. "Les *studia* franciscains d'Aquitaine et de Languedoc (1275-1335)". In : COURTENAY, W. J. e EMERY JUNIOR, K. (dir.), *Philosophy and Theology in the Studia of the Religious Orders and at the Papal Curia*. NO PRELO.
- POIRRIER, P. "La construction d'une généalogie". In: *Les enjeux de l'histoire culturelle*. Paris: Seuil, 2004. p. 13-43.
- POLO DE BEAULIEU, M. A. "Le lundi des trépassées: creation, diffusion et réception d'un rituel". *Annales HSS*, n°53, vol. 6, 1998, pp. 1191-1217.
- \_\_\_\_\_. "Pregação". In: LE GOFF, J. & SCHMITT, J-C. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Coord. de tradução Hilário Franco Júnior. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. v.2, pp. 367-377.
- PONFERRADA, G. E. "Tomás de Aquino en la Universidad de París". *Sapientia*, Buenos Aires, Año XXX, n° 117, jul-set/1975. pp. 167-186.

ROBIGLIO, A. A. *La sopravvivenza e la Gloria: Appunti sulla formazione della prima scuola tomista (sec XIV)*. Bolonha: ESD, 2008.

\_\_\_\_\_. “Tommaso d’Aquino tra morte e canonizzazione: 1274-1323”. In: GHISALBERTI, A. et. alii (éd). *Lecture e interpretazioni di Tommaso d’Aquino oggi. Cantieri aperti*. Torino: Quaderni di Annali Chieresi, 2006. pp. 191-213.

REVEL, J. “L’histoire sociale”. In: IDEM e WACHTEL, N. (orgs.). *Une école pour les sciences sociales*. Paris: EHESS, 1996. pp. 49-72.

RUCQUOI, A. “Ordres religieux et histoire culturelle dans l’Occident médiéval”. *Lusitania Sacra* (Lisboa), 2<sup>a</sup> série, 17, 2005, pp. 299-328.

RUFFINATO, A. “Hacia una historia semiológica del relato hagiográfico”. *Berceo*, vols. 94-95, pp. 105-131, 1978.

SCHMITT, J-C. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: EDUSC, 2007.

\_\_\_\_\_. *Le corps, les rites, les rêves et le temps: Essais d’anthropologie médiévale*. Paris: Gallimard, 2001.

\_\_\_\_\_. *Os Vivos e os Mortos na Sociedade Medieval*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1999

\_\_\_\_\_. “La Fabrique des saints (Note Critique)”. *Annales HSS*, Année 1984, vol. 39, n<sup>o</sup>2. pp. 286-300.

\_\_\_\_\_. “La culture de l’imago”. *Annales HSS*, 51e Année, n<sup>o</sup> 1, jan-fév/1996, pp. 03-36.

\_\_\_\_\_. “A Imaginação eficaz”. *Signum*, São Paulo, n<sup>o</sup>3, 2001. pp. 133-150.

SCHWARCZ, L. M. “Jogando com o tempo: reflexões sobre história medieval e antropologia cultural”. *Signum*, São Paulo, nº 6, 2004, pp. 187-207.

SILVA, A. C. L. F. da. (Org.). *Hagiografia e História: reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da Santidade na Idade Média Central*. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2008.

\_\_\_\_\_. “A santidade como construção histórica: o caso de Santo Domingo de Silos”. *Anais: IV Encontro Internacional de Estudos Medievais da ABREM*. Ângela V. Leão e Vanda O. Bittencourt (orgs.). Belo Horizonte, MG: Puc-Minas, 2003. pp.640-648.

\_\_\_\_\_. “Como morrem os santos: reflexões teóricas sobre os estudos de gênero aplicados ao medievo ocidental”. In: SOUZA, R. L. de. (org.). *História: Trabalho, Cultura e Poder*. Florianópolis, SC: Anpuh/SC; Proextensão UFSC, 2004. pp. 240-243.

SMITH, J. M. H. L'accès des femmes aux saintes reliques Durant le haut Moyen Age. *Médiévales*, vol.20, nº40, 2001, pp. 83-100.

SOUZA, N. de A. A Cristianização dos mortos: a mensagem evangelizadora da Legenda aurea de Jacopo de Varazze. 1998, 2v., 517f. **Tese (Doutorado em História)** – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. “Hipóteses sobre a natureza da santidade: o santo, o herói e a morte”. *Signum*, São Paulo, nº 4, 2002. pp. 11-47.

\_\_\_\_\_. “História Cultural, Cultura Folclórica e Hagiografia”. *História*, São Paulo, v.17-18, 1998-1999. pp. 243-264.

\_\_\_\_\_. “Hagiografia e literatura. Notas sobre oralidade e escrita nos textos eclesiásticos medievais”. *Margem*. São Paulo, nº 12, dez-2000. pp.151-160.

\_\_\_\_\_. “A Documentação Hagiográfica e o Estudo da Relação entre Níveis de Cultura na Idade Média”. *Con(s)ciência*, Revista Cultural Técnica e Científica da UESB, Vitória da Conquista, nº 7, 1997. pp.64-87.

SWANSON, R. N. *Religion and Devotion in Europe. c.1215-c.1515*. New York: Cambridge University Press, 1997.

TEIXEIRA, I. S. e FORTES, C. C. O corpo na literatura hagiográfica dominicana: da *Legenda Áurea* à *Ystoria sancti Thome de Aquino*. In: PEREIRA, N. M.; ALMEIDA, C. C. de e TEIXEIRA, I. S. (Orgs). *Reflexões sobre o medievo*. São Leopoldo: OIKOS, 2009. pp. 205-224.

TEIXEIRA, I. S. A encruzilhada das idéias: aproximações entre a Legenda Áurea (Iacopo da Varazze) e a Suma Teológica (Tomás de Aquino). **Dissertação (Mestrado em História)**, UFRGS. Porto Alegre, 2007.

\_\_\_\_\_. A Pesquisa em História Medieval: relatos hagiográficos e processos de canonização. *Aedos*, v.2, n.2, pp. 71-94, 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/9832/5648>. Consultado em junho de 2011.

\_\_\_\_\_. Santidade e Papado no início do século XIV: João XXII e os processos de canonização de Tomás de Aquino e Nicolas de Tolentino na península itálica (1319-1325). *Aedos*, v.3, n.9, pp. 08-15, ago/2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/22300>. Consultado em agosto de 2011.

\_\_\_\_\_. Hagiografia e Canonização: a santidade de Tomás de Aquino e o reconhecimento papal (1318-1323). *Encontro Estadual de História: Vestígios do Passado – a história e suas fontes*. Anais [recurso eletrônico] do IX Encontro Estadual de História da ANPUH/RS, Porto Alegre: ANPUH/RS, 2008. 14p. Disponível em: <http://www.eeh2008.anpuh-rs.org.br/site/anais eletronicos#I>. Consultado em fevereiro de 2009.

\_\_\_\_\_. “Hagiografia e Teologia: duas formas de pensar, narrar e organizar a cristandade no final do século XIII”. *Revista de História Comparada*, vol.3, nº3, pp. 01-38, 2008. Disponível em: <http://www.hcomparada.ifcs.ufrj.br/revistahc/edant.htm>. Consultado em fevereiro de 2009.

THONNARD, F. J. *Santo Tomás de Aquino*. Buenos Aires: Difusion, 1943.

TORREL, J.-P. O.P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e sua obra*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999.

TUCHMAN, B. W. *Um espelho distante: o terrível século XIV*. 2<sup>a</sup> ed. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

VAUCHEZ, A. *La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age: d'après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*. 2<sup>ème</sup> éd. Roma: École française de Rome, 1981.

\_\_\_\_\_. "Saints admirables et saints imitables: les fonctions de l'hagiographie ont-elles changé aux derniers siècles du Moyen Âge?". In: *LES FONCTIONS DES SAINTS DANS LE MONDE OCCIDENTAL (IIIe-XIIIe SIÈCLE)*. Rome: Palais Farnèse, 1991. pp. 161-172.

\_\_\_\_\_. "Jacques de Voragine et les saints du XIIIe s. dans la Légende dorée". In: DUNN-LARDEAU, B. *Legenda Aurea: Sept siècles de diffusion*. Montreal/Paris: Bellarmin/Vrin, 1986. pp. 27-56.

\_\_\_\_\_. "Santidade". In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987, v.12. pp. 287-300.

\_\_\_\_\_. "Les canonisations de S. Thomas et de S. Bonaventure : pourquoi deux siècles d'écart ? » In : *1274 : ANNÉE CHARNIÈRE : MUTATIONS ET CONTINUITÉS*. Paris : CNRS, 1974. Pp. 753-767.

VON MOSS, P. *Occulta Cordis*. Contrôle de soi et confession au Moyen Âge. *Médiévales*, vol.14, n° 29, automne, 1995, pp. 131-140.

\_\_\_\_\_. *Occulta Cordis*. Contrôle de soi et confession au Moyen Âge (suite). *Médiévales*, vol.15, n° 30, printemps, 1996, pp. 117-137.

WALZ, A. O.P. *Saint Thomas d'Aquin*. Trad. Paul Novarina. Louvain; Paris: Publications Universitaires; Béatrice-Nauwelaerts, 1962.

WEBER, P.J. *Santo Tomas de Aquino: el genio del orden*. Buenos Aires: Poblet, 1949.

WIELOCKX, R. « Autour du procès de Thomas d'Aquin ». In : ZIMMERMANN, A. (éd). *Thomas von Aquin. Werk und Wirkung im Licht neuerer Forschungen*. Berlin (Miscellanea Mediaevalia, 19), 1988, p. 413-438.

WILSON, S. *Saints and their cults*. London: Cambridge University Press, 1985.

**ANEXOS**

**A PESQUISA EM HISTÓRIA MEDIEVAL:  
RELATOS HAGIOGRÁFICOS E PROCESSOS DE CANONIZAÇÃO<sup>385</sup>**

Igor S. Teixeira<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste texto é apresentar, a partir do tema da mesa-redonda “Pesquisa em História Medieval”, algumas considerações historiográficas e metodológicas sobre a utilização de processos inquisitoriais e relatos hagiográficos em estudos sobre a santidade no final da Idade Média. Este texto parte da premissa que esses dois tipos de documentação devem ser lidos e analisados em conjunto quando se pretende estudar aquele fenômeno da sociedade medieval. Para tal, utilizamos o processo de canonização de Tomás de Aquino, que ocorreu entre 1319 e 1323, durante o papado de João XXII, a *Ystoria sancti Thome de Aquino*, escrita por Guilherme de Tocco, a *Practica* ou *Manual do Inquisidor*, escrito por Bernardo Gui e anotações inquisitoriais no Sul da França daquele período. Concluimos que uma análise separada dos processos – testemunhas, assuntos privilegiados, milagres atribuídos ao santo – podem levar a uma interpretação diferente do que quando se lê, além do processo, tanto a narrativa produzida simultaneamente, quanto outros tipos de processos, como os que investigavam as suspeitas de heresias.

**Palavras-chave:** Canonização. Hagiografia. Inquisição. Direito Medieval. Tomás de Aquino.

**Preâmbulo:**

Quero iniciar este texto evidenciando a minha satisfação por poder fazê-lo nestas condições: participar ativamente tanto do GT de Estudos Medievais da ANPUH/RS quanto como organizador do I Encontro Estadual de Estudos Medievais do Rio Grande do Sul é um momento importante para a minha formação. Além disso, poder expor algumas considerações sobre a “pesquisa em história medieval” a partir da investigação de doutoramento que está em curso é motivo de muita honra.

Situamos a apresentação no âmbito das pesquisas sobre Hagiografias, Santidade e Canonização no medievo. Uma área temática que, no Brasil, ganha espaço a cada dia, influenciada

---

<sup>385</sup> Este texto deve ser consultado também em sua versão original publicada na *Revista Aedos: A Pesquisa em História Medieval: relatos hagiográficos e processos de canonização*. *Aedos*, v.2, n.2, pp. 71-94, 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/9832/5648>. Consultado em junho de 2011.

pela expansão do quadro de orientadores de iniciação científica, mestrado e doutorado, qualificados e especializados, bem como pelos avanços no que tange ao acesso às fontes devido à realização dos estágios de pesquisadores brasileiros em países europeus, onde, majoritariamente estão as fontes e, também, por causa da internet. Neste sentido, destaco a consolidação de Programas de Estudos Medievais, como os da UFRJ e UnB e o Laboratório de Estudos Medievais (UNICAMP, USP, UFMG), dentre outros. No que tange à produção bibliográfica, obras recentes contam com a reunião de pesquisas de mestrado e doutorado, bem como resultam de teses defendidas. Destaco a tese de doutorado da historiadora Néri de Almeida Souza, com o título “A cristianização do mortos: A mensagem evangelizadora de Jacopo de Varazze” (SOUZA, 1998). Tese orientada por Hilário Franco Júnior, o qual coordenou a tradução para o português, no Brasil, da *Legenda áurea* (2003). Além disso, a coletânea *Hagiografia e História* e a recentemente lançada *Reflexões sobre a Hagiografia Ibérica Medieval*, ambas da professora Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva. (SILVA, 2008a e 2008b).

Esse texto é parte do capítulo “Como se constrói um santo? Fontes para a *Ystoria sancti Thome de Aquino*, escrita por Guilherme de Tocco entre 1319-1323”, da tese: **“*Et quod tot fecerat miracula quod scripserat articulos*”: santidade, hagiografia e história na canonização de São Tomás de Aquino (1274-1323)**. No capítulo em questão, elaboramos um aparato metodológico para potencializar a leitura dos processos de canonização a partir de uma aproximação com outra forma de inquérito, qual seja, os processos de inquisição sobre heresias. O objetivo é situar o processo de canonização na prática jurídica de seu tempo para melhor compreender a forma como Guilherme de Tocco teve acesso a grande parte das informações as quais aparecem em sua *Ystoria*.

É um texto que está inserido num processo de descoberta, por parte do pesquisador, dos sujeitos que viveram no medievo. Explico: da graduação ao mestrado desenvolvi pesquisas sobre obras, como a *Suma Teológica* e a *Legenda áurea*. Obviamente, encontrei nelas seus autores. Porém, os processos de canonização e heresia me colocaram em contato com outros sujeitos, suas crenças, suas expectativas, ideologias, imaginário. É, portanto, um texto perpassado pelo prazer em poder analisar os homens no tempo de forma diferente das análises que fizemos anteriormente.

### **Introdução:**

A santidade, os milagres, o imaginário e o universo jurídico-intelectual construído e criado para justificar crenças são temas amplamente debatidos também no âmbito da antropologia histórica, e, mais especificamente, na chamada antropologia escolástica. Os pesquisadores reunidos no *Groupe d'Anthropologie Scolastique* (GAS-EHESS) têm trabalhado com a relação entre ciência, direito e

filosofia para apreender as transformações nas concepções de homem elaboradas nas discussões escolásticas, principalmente entre os séculos XIII e XIV. (BOUREAU, 1995 e 2002; PIRON, 2009).

Passados cerca de vinte anos, o estudo mais significativo sobre os processos de canonização na Idade Média é a tese de André Vauchez. (VAUCHEZ, 1981). Uma análise de fôlego, na longa duração (1198-1431), ampla e ambiciosa. O objetivo do autor era fornecer um entendimento geral sobre a santidade medieval a partir da instituição dos processos de canonização e do progressivo controle desse fenômeno pelo papado. Vauchez concluiu que existia uma santidade oficial (a controlada pelo Papa e reconhecida após a investigação inquisitorial sobre a verdade dos milagres atribuídos a um indivíduo) e a popular (que, mesmo não reconhecida pelo papado, não deixou de existir). Esta tese é citada como ponto de partida para muitos estudos que utilizam os processos de canonização como fonte para a história.

É um olhar diferente para a santidade que, em geral, é analisada a partir dos relatos hagiográficos, os quais são muito anteriores aos processos. Vauchez praticamente não analisa esse tipo de documentação na tese. Porém, certamente seguindo a ideia da racionalização inerente à expansão do controle da santidade a partir dos processos, o mesmo autor concluiu anos depois que a função das hagiografias mudou no final da Idade Média. (VAUCHEZ, 1991).

O que procuramos defender é que abordar os processos em conjunto e não abordar a narrativa que, em geral, passava a ser escrita antes, durante e após os inquéritos, é uma análise limitada à “juridicidade”, ou seja, aquilo que Jacques Chiffolleau caracterizou como “a regra do direito...como manifestação eminente de uma coação organizada sob ameaça de sanção”. Segundo Chiffolleau, o historiador deve se atentar para a “justiciabilidade” do direito, ou seja, “a parte do julgamento, da disputa e do debate, do acordo e da casuística, da jurisprudência...”. (CHIFFOLEAU, 2006, p. 334). Além disso, as considerações de Alain Boureau sobre a “abstração judiciária” em torno de um direito cada vez mais positivo e atento aos “fatos”. Segundo o autor, é próprio do direito positivo “rejeitar a recepção imediata dos fatos e de impor sua qualificação formal no seio de sistemas de interpretação”. Boureau considerou esta abstração como um traço essencial da Idade Média Central, a saber, a “abstração judiciária”, que consistiria em “procurar modelos abstratos e formais de equivalência entre as realidades empíricas incomensuráveis”. (BOUREAU, 2002, p. 1463-1464). Segundo o autor, a invenção desse direito positivo foi uma conquista do “racionalismo construtivista medieval, em ligação com a autonomização da ética e a construção do direito canônico, um direito divino e positivo”. (BOUREAU, 2002, p. 1477). Essa autonomia, segundo o texto, residiria na “moral da intenção”, que caracteriza a ação moral sobre sua característica voluntária, independente da ação. Concepção esta que foi progressivamente questionada por um “positivismo jurídico”, que qualificava juridicamente – e não pela moral – as ações. (BOUREAU, 2002, p. 1478-1479).

Portanto, para analisar em conjunto as atas dos depoimentos recolhidos para a canonização de Tomás de Aquino e a *Ystoria* escrita por Guilherme de Tocco, é imprescindível considerar as formas de “recolhimento”, funcionamento e registro das informações pelos notários dos processos. Isso é importante, pois, como procurador da causa, testemunha, interrogado e autor da narrativa sobre o santo, foi nesse universo jurídico que aquele dominicano conseguiu grande parte das informações que necessitava para tal.

Neste sentido, então, procuramos abordar o processo de canonização de Tomás de Aquino e a *Ystoria sancti Thome de Aquino*, elaborados simultaneamente entre 1319-1323 com o objetivo de colocar em discussão limites e possibilidades no que tange às abordagens de processos de canonização e hagiografias. Ou seja, questionamos que conhecimento da santidade medieval permitem as análises amplas dos processos de canonização, como a de Vauchez? Analisar apenas os processos é eficaz para explicar o fenômeno?

Nossas investigações apontam para o seguinte caminho: o uso que Guilherme de Tocco fez do processo de canonização foi significativamente “moderno”. Entendendo aqui essa “modernidade” como o acento dado à vida e às virtudes do santo, mais do que aos milagres post-mortem (embora condição obrigatória para o reconhecimento da santidade oficial), como caracterizaram autores como Vauchez (1991) e Boureau (1995), para o momento entre 1270-1378. Entretanto, os usos que aquele mesmo hagiógrafo faz da tradição hagiográfica dominicana do século XIII, os *topoi* narrativos, revelam um santo mais “tradicional”. Ou seja, uma santidade construída a partir de elementos repetitivos, encontrados em relatos sobre vidas de santos que não fazem parte daquele período de suposta mudança.

#### **A justiciabilidade do processo de canonização:**

Para Michael Goodich, um processo de canonização bem-sucedido começava com uma campanha ou propaganda feita por grupos interessados na oficialização do culto a um determinado santo: cartas descrevendo milagres e uma primeira tentativa de composição de uma *Vita et Miracula*. (GOODICH, 1985, p. 170-171). Para Vauchez, após 1230 os poderes civis desempenharam um papel cada vez mais importante, principalmente na península Itálica, onde o processo de canonização seria um “*affaire d’État*”. (VAUCHEZ, 1981, p. 48-49). A segunda etapa do processo é a pesquisa preliminar, feita pelos postuladores. Após coletar relatos sobre a vida e a memória do santo, o hagiógrafo apresenta os resultados junto às cartas. O objetivo era informar a Santa Sé que o santo já era cultuado no âmbito local. Em

geral, são relatos de milagres ocorridos no túmulo e não era objetivo provar a veracidade dos mesmos. Isto cabia aos inquéritos. (VAUCHEZ, 1981, p. 50).

O *processus* ou *informatio in partibus* começa com a bula que nomeia os encarregados e suas obrigações: coletar informações sobre a vida e os milagres e transmiti-las em forma de relatório sobre o desenrolar do processo. Em geral, o Papa nomeava três comissários, dentre eles, um bispo. Além desses, religiosos, notários e testemunhas acompanhavam os interrogatórios para garantir a regularidade dos procedimentos. No caso dos religiosos, os mendicantes estavam presentes e atuavam, por exemplo, como tradutores/intérpretes. Os notários tinham a função de redigir cópias dos depoimentos tal qual foram declarados publicamente e não deveriam interferir no processo. Eles ficavam a serviço dos comissários. (VAUCHEZ, 1981, p. 51-53).

Outra função importante era desempenhada pelo procurador, ao qual cabia a função de redigir os artigos interrogatórios, ou, o esquema sobre o qual deveriam seguir os depoimentos. (VAUCHEZ, 1981, p. 54). Segundo Vauchez, o objetivo esperado com o estabelecimento prévio dos *articuli* era evitar perda de tempo e informações inúteis. Ao mesmo tempo, formavam elementos de uma biografia sumária, que evidenciavam os aspectos originais da “personalidade” do santo, o que incluía, portanto, uma lista das suas virtudes. (VAUCHEZ, 1981, p. 58). Era uma espécie de catálogo que podia ser utilizado na confecção dos ofícios litúrgicos, inclusive como ponto de partida para as hagiografias.

Após o inquérito, os comissários disponibilizavam as atas ao Papa, que encarregava três cardeais para analisá-las. Segundo Vauchez, até o início do século XIII, tratava-se de um estudo de curta duração. No entanto, a partir da segunda metade desse século, passou a ser realizado em períodos mais longos. (VAUCHEZ, 1981, p. 65). A função desses leitores era informar os testemunhos mais verdadeiros. Em seguida, o Papa realizava duas reuniões secretas com cardeais, bispos e arcebispos. Dessas reuniões resultava a sentença, favorável ou não à canonização. A partir daí, sendo positiva, ocorriam os eventos públicos: uma terceira reunião e a cerimônia litúrgica, na qual era anunciada a novidade através de bulas solenes. As bulas narravam as circunstâncias dos inquéritos, as virtudes e os milagres do santo, e autorizavam/ordenavam a celebração da festa em sua homenagem, principalmente na diocese que possuía as relíquias. (VAUCHEZ, 1981, p. 66-67).

André Vauchez chama atenção para a racionalização imposta por esses procedimentos. A evidência é expressa pelas constantes ordens papais para novas investigações. Entre 1199 e 1276, 48 processos foram ordenados, 25 não tiveram resultados satisfatórios e 23 canonizações foram autorizadas. Porém, dessas, 18 processos foram alvo de reiteraões e,

após essa revisão, apenas 6 foram reconhecidos. Naquele período, portanto, apenas 11 canonizações foram efetuadas. (VAUCHEZ, 1981, p. 60). O autor explicou essa atitude em dois aspectos: primeiramente, as comissões que tinham a função de analisar as atas passaram a recusá-las por causa da forma de anotação dos depoimentos. Segundo o texto, os depoimentos não eram individualizados, nem transcritos literalmente. Eram relatórios impessoais redigidos pelos comissários. Além disso, Papas como Honório III consideravam que não era possível se ter uma “idéia precisa das circunstâncias nas quais foram produzidos os fatos milagrosos alegados”. (VAUCHEZ, 1981, p. 62).

Outra questão levantada por Vauchez é que os inquisidores negligenciavam a necessidade de se realizar uma crítica sobre as informações e coletavam em quantidade. A orientação do papado passou a ser, portanto, pela meticulosidade e uma investigação precisa em um número reduzido de testemunhos. Além disso, após 1250 houve uma diminuição do número de ordens para refazer os inquéritos. Primeiramente, porque os clérigos assimilaram a forma. Segundo, pelo aumento do interesse nas virtudes em detrimento do interesse pelos milagres. (VAUCHEZ, 1981, p. 64). Mas essa preocupação com a veracidade de declarações prestadas em tribunais não é exclusiva dos inquéritos para canonização. No século XIII, outras instâncias que colocavam em evidência a relação dos indivíduos com o que era permitido em termos de fé também eram alvo de investigações meticulosas que implicavam em absolvições e perdão dos pecados.

Alain Boureau considerou que um dos elementos imprescindíveis no início das investigações – tanto nos processos de canonização quanto nos de investigação sobre heresias – era a pesquisa inicial sobre a *fama* dos indivíduos (suspeitos de heresia ou santidade). Segundo o texto, era preocupação de juiz e comissários fazer com que os depoentes definissem o sentido da palavra (*fama*) a partir do lugar de origem e sua extensão. (BOUREAU, 2002, p. 1480) Entretanto, em outro texto, o autor considerou que o inquérito de canonização não é inquisitorial no sentido estreito do termo, por conta da condição distinta das testemunhas. (BOUREAU, 2004, p. 200).

Em relação aos métodos, Boureau apontou que o interrogatório visando a construção da verdade por elementos contraditórios – muito em voga no *Sic et non*, de Pedro Abelardo, e fortemente influenciado como “dúvida metódica” advinda da descoberta da *Ética*, de Aristóteles – também passou por um processo progressivo de transformações que levou à construção do interrogatório sumário. Este interrogatório poderia simplificar o procedimento jurídico, quando, por exemplo, as partes estavam em acordo e chegaria a ser dispensada a prova e a própria fase do debate e de contestação das teses em questão. Segundo Boureau, no papado de João XXII, o procedimento sumário foi muito utilizado nos mais diferentes

assuntos da Igreja: desde os casos previstos no direito canônico do século XIII, como em questões do casamento e de usura. (BOUREAU, 2002, p. 1484).

Compreendendo que esses inquiridos podem ser entendidos naquilo que têm de comum, como a busca pela verdade, as mediações e os filtros de inquisidores, testemunhas, notários, e naquilo que, por exclusão e diferenças, podem ajudar a entender melhor as especificidades do objeto que nos interessa no momento. Para isso, a Inquisição no sul da França entre os séculos XIII e XIV e a canonização de um santo dominicano por um Papa de Avignon bastam como indícios. Afinal, muitos membros daquela Ordem foram inquisidores, como Guilherme de Tocco e Bernardo Gui.

O envolvimento dos Dominicanos na luta contra os hereges está na raiz da própria fundação da Ordem, como um de seus principais objetivos. Nascido na região de Calaruega, Espanha, Domingos de Gusmão (1170-1221) viveu em um período de lutas da Igreja contra os movimentos heréticos – cátaros, valdenses etc – e participou ativamente nas empreitadas, como a Cruzada Albigense. Esta Cruzada teve como objetivo destruir o catarismo no Languedoc (Sul da França). Empreitada começada antes de 1150.

O jovem Domingos, em 1204, segundo José Rivair Macedo, “foi o primeiro a propor que na luta contra os hereges a conversão se fizesse não apenas pelas palavras mas também pelo exemplo, adotando daí em diante o voto de pobreza”. (MACEDO, 2000, p. 33). Segundo Jordão da Saxônia, que escreveu uma das primeiras obras sobre a Origem da Ordem dos Pregadores (concluída antes de 1234), durante o tempo em que esteve combatendo os hereges naquela ocasião, Domingos sofreu muitas injúrias dos “malvados” e “inimigos da verdade”, sendo, ameaçado de morte. (JORDAN DE SAJONIA, 1947, p. 177). A sua atuação rendeu-lhe prestígio junto ao Papa Inocêncio III que, em 1216, autorizou a organização e fundação da Ordem dos Pregadores, na região de Toulouse, sob a Regra de Santo Agostinho.

Voltada para a pregação e salvação das almas (DOMINGOS DE GUZMAN, 1947, p. 864), a Ordem forneceu à Igreja muitos inquisidores, dos quais importantes manuais chegaram até nós. Para o período compreendido entre 1230-1349, Douais contou 74 inquisidores. Desses, 45 eram dominicanos. (DOUAIS, 1900, p. CXXX-CXXXIV) Macedo informa que o mais antigo guia foi preparado entre 1248-1249, por Bernardo de Caux, que foi inquisidor em Agen, Cahors e Toulouse e que um dos manuais mais importantes foi redigido por Bernardo Gui, entre 1321-1324, a saber, o *Manual do Inquisidor*, ou *Pratica Inquisitionis heretice pravitatis*. (MACEDO, 2000, p. 83). Segundo Jeand Duvernoy, Bernard de Caux inaugurou um “estilo” de *processus* utilizado até o início do século XIV, que consistia em precisar o momento e as condições nas quais as testemunhas poderiam estar envolvidas em atividades

suspeitas, como ajudar, comer, enviar, receber ou presenciar uma “*hérétication*”. (DUVERNOY, 1988, p. 05).

Quanto à *Pratica* de Bernardo Gui, Annette Pales-Gobilliard, considerou que sua originalidade consiste em fornecer uma exposição sistemática dos procedimentos inquisitoriais e uma análise das crenças e dos ritos das diversas seitas. (PALES-GOBILIARD, 1984, p. 254). De Bernardo de Caux a Bernardo Gui, as formas consideradas mais apropriadas para interrogar suspeitos de heresias foram aperfeiçoadas. Coincidentemente (ou não), também foi o mesmo período no qual os Processos de Canonização aperfeiçoaram a crítica dos milagres e reduziram o número de santos reconhecidos pelo Papado.

### **Registros da Inquisição, Registros de Canonização: as formas de anotar**

O historiador que se propõe a analisar inquéritos, como afirmado na introdução desta tese, se vê diante de filtros. A pergunta feita pelo inquisidor e a resposta (muitas vezes traduzida) do interrogado são anotadas pelos notários. Ao trabalharmos com um *Processus Inquisitionis*, deparamo-nos com uma documentação jurídica, no caso, canônica. É importante ressaltar que tanto as investigações sobre heresias quanto sobre santidade são inquéritos. O objeto dessas investigações é distinto, como fica evidente na própria “sentença” final: a inscrição no catálogo dos santos e o culto autorizado e reconhecido em toda a Igreja e, inclusive, a possibilidade de ser “queimado” caso as suspeitas de heresia se confirmassem.

Além disso, outra diferença é latente: não havia tortura nos processos para a verificação dos milagres, ao contrário, no caso das heresias, tratava-se de um procedimento autorizado. Isto implica desde já em considerar a função do inquisidor e da testemunha. Em ambos os casos, procura-se pela verdade, verdade esta que é mediada pelas perguntas do inquisidor, pela resposta do interrogado e pela anotação do notário. A diferença é que o depoente a favor da canonização quer falar e dar o testemunho tanto de sua crença quanto da excepcionalidade do indivíduo sobre o qual fala. O interrogado por suspeita de heresia, diante da possibilidade de uma sentença final e do uso da tortura, é possível que fale o que se queria ouvir ou mesmo se cale. Para esta proposta, interessa-nos as semelhanças no funcionamento desses dois tipos de investigação: as formas de anotação, os dados possíveis de serem coletados. Mas, obviamente, não podemos negligenciar os instrumentos que possibilitariam a eficácia desse funcionamento.

Neste sentido, abordamos as indicações metodológicas que Emmanuel Le Roy Ladurie e Carlo Ginzburg apontaram sobre a justiciabilidade dos inquéritos. Ginzburg caracteriza um processo inquisitorial como “registos escritos de produções orais” (GINZBURG, 1989, p. 202) e que, por exemplo, nos processos contra a bruxaria a documentação revelava “esquemas de origem culta da bruxaria inquisitorial” ao mesmo tempo em que se podia perceber em alguns casos uma discrepância entre as perguntas dos inquisidores e as respostas dos interrogados. Foi nesta discrepância que o autor percebeu que poderia abordar as ideias de Domenico Scandella, pois “a irredutibilidade de uma parte dos discursos de Menocchio a esquemas conhecidos aponta para um estrato ainda não examinado de crenças populares, de obscuras mitologias camponesas”. (GINZBURG, 1987, p. 25).

É importante considerar também que, no caso das respostas que não revelam essa estranheza, Ginzburg as classifica como respostas elaboradas a partir de “estereótipos inquisitoriais então divulgados na Europa pela boca de pregadores, teólogos, juristas, etc”, já que o que os inquisidores faziam “era traduzir, quer dizer, interpretar, crenças que lhes eram estranhas para um código diferente e mais claro”. (GINZBURG, 1989, p. 206-212). Esta consideração é relevante para o nosso trabalho na medida em que, como veremos, as respostas dos interrogados tendem a se repetir, tanto no que tange às informações sobre as virtudes do santo quanto sobre os milagres. E, também por esse motivo, é importante ressaltar que no “Prefácio” de *O queijo e os vermes* Ginzburg faz a afirmação que “uma análise de classe é sempre melhor que uma análise interclassista” para criticar a história das mentalidades. (GINZBURG, 1987, p. 32).

A obra *Montaillou*, de Emmanuel Le Roy Ladurie, também foi construída a partir de “documentos da repressão”. Especificamente, o autor analisou os dossiês do tribunal de Pamiers (1316-1325), organizados e dirigidos por Jacques Fournier, futuro Papa Bento XII. Segundo o autor, graças ao preciosismo e meticulosidade do inquisidor, chegou à contemporaneidade uma documentação que permite a análise não apenas sobre a heresia, como também sobre questões da vida material, da sociedade, da família e da cultura camponesa na aldeia de Montaillou, no Sul da França. (LADURIE, s.d.).

Por ora, interessa a observação feita por Ladurie no que tange à forma final da documentação: os volumes foram transcritos em três estágios: inicialmente, os interrogatórios/depoimentos eram redigidos em forma de protocolo (breves anotações) pelos notários que, em seguida, redigiam as *minutas*. Estas, podiam ser modificadas, em algumas partes, pelos interrogados. Após, a versão final, ou, como o autor definiu, os “textos minutados”. (LADURIE, s.d., p. 22-23). Além disso, Ladurie observa a questão das

constantes traduções: os acusados exprimiam-se em occitânico (ou, alguns, em gaulês). Suas falas eram traduzidas para o latim. Do latim à língua vulgar quando se estava no segundo estágio da redação das minutas. Ladurie considera que a tradução para a língua vulgar do que foi registrado nas minutas, em latim, era oral. (LADURIE, s.d., p. 23).

É mais ou menos dessa forma que temos acesso aos depoimentos no processo de canonização de Tomás de Aquino: um relatório, no qual o notário escreve “Interrogado sobre a vida, disse que”. Fórmula que se repete em todas as declarações. É importante, por fim, ressaltar que, assim como Ginzburg, Ladurie não estava pensando no que havia de comum entre os camponeses de Montailou e o inquisidor Jacques Fournier. Ao contrário, o autor buscou os possíveis testemunhos que o camponês poderia dar de si próprio e, seguindo esse princípio, escreveu sua “investigação de história agrária francesa” a partir de uma “monografia aldeã”. Esses autores reforçam que a diferença entre o mundo do interrogado e o mundo daquele que interroga dão ao historiador o acesso aos dois mundos a partir das minutas de um processo inquisitorial.

Essas observações são importantes porque, ao contrário do que afirmou Alain Boureau, acreditamos que as investigações sobre heresia e sobre a santidade podem ser aproximadas. Neste sentido, o próprio interesse no funcionamento jurídico dos processos de canonização, expresso nos trabalhos reunidos por Gábor Klaniczay, é indício não apenas da possibilidade de interpretar aqueles processos como uma prática inserida em seu tempo. Nesta obra é latente a questão da prova: desde a procura incessante dos envolvidos nas mais diferentes causas analisadas em provar a sobrenaturalidade dos candidatos a santo a partir dos signos de sua “perfeição de vida e de seus milagres”. (KLANICZAY, 2004, p. 02).

Dividida em cinco partes, a obra aborda questões gerais sobre o universo da santidade medieval católica e a especificidade dos processos de canonização, como no texto de Aviad Kleinberg. Segundo este autor – expressando uma questão historiográfica consensual – a novidade não são os cultos em si. Existem semelhantes formas de devoção nas mais diversas religiões. A novidade é o controle papal e o poder auto-vestido para tal. Além disso, Kleinberg caracteriza a canonização como “*a fascinating religious phenomenon*”, e, como fonte, fornece muitas informações sobre as noções populares e das elites sobre o sobrenatural. (KLEINBERG, 2004, p. 14).

Além dessas questões gerais, constam estudos sobre as relíquias e também aparece uma abordagem regional: uma divisão geográfica do culto aos santos e dos processos de canonização, caracterizando estudos sobre o norte da Europa, a Europa Central e a Itália. Uma

parte dedicada à questão jurídica e ao papado e, por fim, a “evolução [da santidade] no fim da idade média e na época moderna”.

A investigação específica feita por Klaniczay sobre as provas de santidade no século XIII a partir dos processos de Elizabeth da Turíngia (1207-1231) e de Margarida da Hungria (1242-1270) permite que, ao compararmos com as instruções dadas por João XXII para a investigação sobre a vida e os milagres de Tomás de Aquino, estabeleçamos uma proximidade entre os inquéritos. Gregório IX, ao autorizar a abertura do processo sobre as suspeitas e cartas referentes aos milagres e ao culto a Elizabeth da Turíngia, em 1232, determinou que fossem minuciosamente levantadas informações sobre como as testemunhas souberam, quando, em que mês, em que dia, quem estava presente, em qual lugar e o que foi dito, quanto tempo depois viram as pessoas curadas, qual o lugar de origem dessas pessoas...enfim, uma investigação de/sobre todas as circunstâncias. (KLANICZAY, 2004, p. 124-125). A conclusão deste autor é que a santidade “nova” que pode ser percebida por esses processos é que os milagres narrados, embora compartilhem de elementos extremamente difundidos – dentro daquilo que Ginzburg chamaria de “estereótipos inquisitoriais” –, correspondem às virtudes daquelas santas expressas em vida. Em outras palavras, os milagres *post mortem* correspondem às virtudes dos candidatos a santo quando viviam. (KLANICZAY, 2004, p. 147-148).

Outro texto que se refere à santidade na Europa central e na Itália é o de Paolo Golinelli, sobre a escolha das testemunhas. Em linhas gerais, o autor concluiu que nos mais variados casos, a escolha das testemunhas privilegia os clérigos e, quando da convocação de leigos, as personalidades dos poderes locais aparecem nos inquéritos de clérigos, como no caso de São Domingos – e, podemos também inserir, a especificidade das testemunhas interrogadas no processo de Tomás de Aquino, como veremos a seguir. No caso dos cultos populares, Golinelli afirmou que os leigos predominam como testemunhas. Entretanto, principalmente no século XIV, “*a conspicuous predominance of distinguished personalities*” entre os leigos. (GOLINELLI, 2004, p. 165-180).

É relevante a observação que nessas abordagens sobre a santidade a partir dos processos de canonização há poucas referências sobre as possibilidades de entendê-los como uma prática inquisitorial. Entretanto, pensamos nessa aproximação diante de alguns indícios: não existem, além das bulas dos papas que indicam os critérios e formas de investigação, manuais para inquéritos de canonização, como encontramos sobre confissão e heresia. Além disso, a semelhança estrutural pode enriquecer a análise dos processos de canonização.

Comparando as atas dos testemunhos obtidos em Bolonha (1233) para a canonização de Domingos de Gusmão e o interrogatório de Bernarda Targuiera (1243) dos *Cahiers de Bernard de Caux*, temos um acesso indireto às falas de interrogadores e depoentes:

Tabela 1

Canonização e Inquisição: primeiras aproximações jurídicas

<b>Interrogatório para a Canonização</b>	<b>Interrogatório para a Inquisição</b>
<p>Frater Ventura Veronensis presbyter, &amp; Prior Conventus Fratrum Prædicatorum de Bononia, juratus <u>dixit</u>, quod XIII anni sunt &amp; plus, quod ipse testis intravit Ordinem Fratrum Prædicatorum ad inductionem &amp; admonitionem Fratris Dominici, Ordinis Fratrum Prædicatorum fundatoris &amp; primi Magistri, &amp; in manus eius fecit professionem &amp; ab eo habitum recipit. (AA SS, Augusti I, MCCXXXIII, p. 633).<sup>2</sup></p>	<p>Anno Domini millesimo ducentesimo quadragesimo tertio pridie kalendas decembris Bernarda Targuiera uxor Poncii Gran, testes iurata, <u>dixit</u> quod fuit heretica induta per tres annos et dimidium, et sunt triginta anni. (BERNARD DE CAUX, 1988, p. 08).<sup>3</sup></p>

Aparentemente, poucas são as semelhanças. Como mostra a tabela abaixo, a forma inicial de registro de depoimentos consiste em expor quem foi interrogado, seus possíveis cargos/funções ou condição (leigo, clérigo, casado, viúvo). Além disso, é explícito o registro do juramento. Também percebemos que no registro do depoimento de Bernarda Targuiera uma das primeiras informações é a data do depoimento e sua condição de herege assumida.

Tabela 2

Primeiros dados de comparação entre Processo de canonização e Processo Inquisitorial - século XIII

<b>Semelhanças</b>	<b>Processo de Canonização</b>	<b>Processo de Inquisição</b>
Nome	Ventura	Bernarda Targuiera
Status ou ocupação	Frei, presbítero, Prior	Viúva de Poncii Gran
Juramento	Declarado	Declarado
Forma de anotação	Relatório	Relatório

Considerando o “proêmio do notário” no caso da *Relatio juridica* sobre Domingos de Gusmão, a informação da data aparece em conjunto, na medida em que todos os depoimentos

anotados foram realizados no mesmo dia, a saber, seis de agosto de 1233. (AA SS, Augusti I, MDCCXXXIII, p. 632).

Também podemos fazer essas associações a partir da documentação inquisitorial contemporânea ao processo de canonização de Tomás de Aquino. Foi entre 1320-1330 que Bernardo Gui escreveu o *Manual do Inquisidor*. Jacques Paul considerou que esse inquisidor – que não exerceu apenas essa função nos quadros da Igreja – inovou muito pouco e que sua “mentalidade de homem da Igreja” é a dos inquisidores de seu tempo. (PAUL, 1981, p. 280). A obra é dividida em cinco partes: nas três primeiras, o inquisidor – a partir do modelo fornecido pelas Sentenças – propõe um vasto formulário, abstrato, para a anotação das sentenças. Na quinta parte, a mais conhecida, expõe as doutrinas heréticas. (BERNARD GUI, 1964).<sup>4</sup>

Intitulada *De Modo, Arte et Ingenio Inquirendi et examinandi heréticos credentes et complices eorumdem*, esta quinta parte trata especificamente das heresias cátara, valdense, dos pseudo-apóstolos, das beguinas e dos judeus. Além disso, ao final, apresenta um anexo que contém o sermão final dos inquisidores, no qual elenca os elementos, a seqüência e a forma de se dizer os resultados dos inquiridos. Por ora, interessa a fórmula de anotação do início dos processos, indicada por Bernardo Gui:

Anno tali, kalenda tali, talis N., de tali castro seu Villa, talis dyocesis, sponte veniens vel citatus vel vocatus, contitutus in iudicio coram religioso viro tali N., inquisidore heretice pravitatis in regno Francie per sedem apostolicam deputato, juratus ad sancta Dei evangelia plenam et meram dicere veritatem de facto seu de crimine heresis ipsumque contingentibus, tam de se, sicut de principali, quam de aliis peronis vivis et defunctis, sicut testis dixit et confessus fuit, etc.(BERNARD GUI, 1964, v.1, p. 04).<sup>5</sup>

Temos, nesta passagem, o mesmo tipo de detalhamento sobre o início dos depoimentos nos processos de canonização. Ao anotar o interrogatório do comissário régio, Petrus Grassus, o notário registrou:

...& iuratus coram ipsis Inquisitoribus, super vitâ & conversatione ac miraculis dicti Fratris Thomæ dicere puram & veram veritatem, quam scit ex visu, auditu & credulitate, & quòd etiam ad interrogata super ipsâ inquisitione veraciter respondebit.. (AA SS, Martii I, MDCLXVIII, p. 688).<sup>6</sup>

O juramento e o compromisso em dizer a verdade são, então, latentes e evidentes nos dois casos. No processo de canonização, ao anotar as testemunhas interrogadas no mesmo dia, em geral, o notário utiliza a fórmula “eodem die ibidem...testis iuratus secundum formam superiùs annotatam...”.<sup>7</sup> (AA SS, Martii I, MDCLXVIII, p. 690). As proximidades não estão circunscritas apenas na questão do juramento e da verdade. Anteriormente, citamos como G.

Klaniczay trabalhou com as recomendações de Gregório IX, no século XIII, sobre as investigações a respeito de Elizabeth da Turíngia e Margarida da Hungria. Concluímos, numa comparação simples, que são as mesmas recomendações expressas por João XXII no século seguinte.

Podemos aproximar também os *articuli interrogatori*. Segundo André Vauchez, os interrogados, em geral, não podiam se exprimir livremente, pois os promotores redigiam questionários para orientar os depoimentos. Segundo o autor, a função desses artigos era “identifier un personnage vénéré localement à un modèle de sainteté en honneur dans l’Église”. (VAUCHEZ, 1981, p. 04).<sup>8</sup> Além desse tipo de procedimento, Vauchez considerou que, por exemplo, no século XIII, muitos processos não foram anotados sob a forma de interrogatórios, como os processos de São Domingos e de Tomás de Aquino.

Entretanto, no “estilo direto” – na opinião de Vauchez – de registro de depoimentos sem os *articuli*, percebemos quais questões foram colocadas no interrogatório. E, neste caso, as formas de anotar são próximas das formas de perguntar, como indicou Bernardo Gui:

Tabela 3

Heresia e Canonização: as formas de anotar.

<b>Interrogatório dos cátaros crenes</b>	<b>Processo de Canonização</b>
<p>In primis examinandus interrogetur si vidit aut scivit alicubi hereticum vel hereticus, sciens aut credens ipsos esse aut nominari seu reputari tales, et ubi vidit et quotiens et cum quibus et quando; [...]</p> <p>Item, si interfuit hereticationi alicujus persone et de modo hereticationis, de nominibus heretici vel hereticorum et de personis ibidem presentibus et de loco in domo in quo persona infirma decumbebat et de tempore et de hora et si aliquid legavit dicta persona hereticata hereticis et quid et quantum et quis solvit legatum et si fuit ibi facta adoratio dicto herético et si persona hereticata obiit de illa infirmitate et ubi fuit sepulta...(BERNARD GUI, 1964, v.1, p. 26-28).<sup>9</sup></p>	<p>testes legitimos, quos super vitâ, conversatione &amp; miraculis dicti Fr. Thomæ debetis recipere...præstito iuramento...interrogetis eos, quomodò sciant, quo tempore, quo mense, quâ die, quibus presentibus, quo loco, ad cuius vocationem, &amp; quibus verbis interpositis, &amp; de nominibus illorum, circa quos miracula facta dicuntur, &amp; si eos antè cognoscebant, &amp; quot diebus antè viderunt eos infirmos, &amp; quanto tempore fuere infirmi, quanto tempore visi sunt sanit, de quo loco sunt... (AA SS, Martii I, MDCLXVIII, p. 687).<sup>10</sup></p>

Diante desse aparato, acreditamos que, evidenciar as formas de anotação eram as mesmas e que, na ausência de manuais para a canonização, tanto os papas quanto os inquisidores dessas causas, tinham, nos manuais para investigação de suspeita de heresias, os “modos” de se proceder à procura da verdade. Isso se faz importante, pois, é sob esses aspectos que temos acesso tanto a parte das informações que Guilherme de Tocco utilizou na

*Ystoria*, quanto à forma de registro para o papado, interessado e responsável no/pelo controle da santidade oficial.

Outro aspecto, não menos importante: ao contrário do que temos para outros relatos hagiográficos medievais, Guilherme de Tocco não escreve apenas uma *Vida de São Tomás de Aquino*. Ele a chamou de *Ystoria*. O que significava, no século XIV, essa palavra? Mais além, o que poderia significar seu uso em um relato sobre vida de santo? Seria uma nova proposta hagiográfica?

### ***Ystoria e Legenda:***

No século XIII estaria se desenvolvendo também uma nova forma de escrita sobre vidas de santos, as chamadas “Biografias espirituais”, relacionadas às Beguinhas. Segundo Ana Paula Lopes Pereira, Jacques de Vitry e Thomas de Cantimpré transformaram o

discurso hagiográfico tradicional [...] não somente pela escolha dos temas tratados, onde o acento é colocado sobre a ascese interior e sobre os fenômenos místicos, mas sobretudo no envolvimento pessoal dos biógrafos com seu sujeito de análise e objeto de devoção. (PEREIRA, 2006, p. 02).

Para esta autora, o fato desses dois hagiógrafos explicitarem os seus objetivos nos prólogos de narrativas dedicadas às Beguinhas marcou o método hagiográfico e as “biografias espirituais” se distinguiriam das hagiografias tradicionais por serem “fruto de uma realidade vivida em uma rede de espiritualidade fundamentada nas relações interpessoais”. (PEREIRA, 2006, p. 04). Cabe uma ressalva – que delimita, inclusive, a análise da autora: o público visado por Vitry e Cantimpré era mais restrito, circunscrito a uma “rede de amigos que acreditava no poder e no saber destas mulheres”. Diferentemente do público esperado por Guilherme de Tocco e pelo papa ao ordenar na canonização o culto a Tomás de Aquino em toda a Igreja.

No século XIV – principalmente entre 1305-1378 –, quando do Papado de Avignon, a santidade, e a escrita hagiográfica, estariam/seriam, então, descritas, representadas e apresentadas a partir de novos elementos, e, na expressão de Weinstein e Bell, seriam “sofisticadas biografias”. (WEINSTEIN e BELL, 1982). Em síntese, Guy Phillipart, propôs um novo conceito para o entendimento dessas transformações na hagiografia, a saber, a “hagiografia historiográfica”, que consiste na questão literária definida pelo herói ou pelo santo e, também, pela pretensão de verdade. (PHILLIPART, 1998, p. 11-39).

Ao analisar a tradição manuscrita do texto de Guilherme de Tocco, Claire Le Brun-Gouanvic levantou cerca de vinte e cinco versões entre textos completos, incompletos e resumos dos milagres. Considerando os dezenove manuscritos completos, constatamos que não há distinção, ou melhor, os termos *Ystoria* (em alguns casos, *historia*) e *legenda* são utilizados aparentemente como sinônimos. (LE BRUN-GOUANVIC, 1996, p. 61-67).<sup>11</sup>

No *Dicionário Du Cange*, temos a seguinte definição para *Legenda*: “livro sobre os atos dos santos” e há a indicação dos termos *Martyrum* (martírio), *Passionariis* (passionário, de paixão, no sentido de Paixão de Cristo), *Leggendarius* (legendário) e *vita* (vida). (DU CANGE, 1710, p. 273) Além disso, para o termo *Historiæ*, temos: livros de lições divinas que são recitados na Igreja todos os dias. (DU CANGE, 1710, p. 842).<sup>12</sup>

Obviamente que não devemos entender essa *Ystoria* no mesmo sentido que se entende a história como disciplina acadêmica, ciência, história-problema etc. Para Bernard Guenée, a História na Idade Média sequer foi considerada como um primeiro ofício. Os que se dedicaram à atividade de escrever sobre o passado e/ou a construir narrativas memoráveis sobre personagens, como Reis, Príncipes e Santos, por exemplo, não faziam apenas isso. Sempre desempenhavam outras funções. (GUENEE, 2006, p. 523-536). Entretanto, este autor defendeu que existiram muitos historiadores na Idade Média. Existiam várias acepções e usos para a história naquele período. Por exemplo, a história podia ser uma narrativa simples sobre o que se passou, ou mesmo ser o que se passou; o livro no qual a narrativa se encontra; e, a partir do século IX, um uso litúrgico mais preciso: “*historia* [comme] un récit qui s’attache essentiellement à dire la vie d’un saint et sert de base à la composition de *repons* qui seront dits à l’office de ce saint”. (GUENEE, 1980, p. 18).<sup>13</sup> Portanto, importava que fosse um discurso verdadeiro e diferente da fábula. Segundo Guenée, a concepção linear de tempo cristã restringiu o terreno do historiador aos eventos e fenômenos com datas asseguradas: do começo do mundo ao tempo daquele que escreve. As coisas do porvir – das quais não se sabia quando aconteceriam – estavam relacionadas às profecias. (GUENNE, 1980, p. 19).

A princípio, seria o caso simples de dois sinônimos: *ystoria* e *legenda*. Entretanto, Guenée nos oferece elementos para aprofundar a análise ao diferenciar história e hagiografia. Uma das diferenças consiste na atemporalidade do relato sobre vida de santo, ou seja, a ausência de datas por exemplo, pois, o que interessa nesse tipo de texto é instruir. (GUENNE, 1980, p. 53-54). E, seguindo aquela definição, seria conveniente excluir as vidas de santos da categoria de história, pois “L’historiographie médiévale se situa mal dans l’espace mais vit dans le temps son essence même. Sur elle pèse la tyrannie de la chronologie”.<sup>14</sup> Sendo assim, a história deveria tratar basicamente dos Príncipes. (GUENNE, 1980, p. 22-23).

Uma argumentação próxima foi desenvolvida por François Dosse na obra *Le Pari Biographique*, na qual considerou que o que ensina a hagiografia é uma verdade diferente da factual, mas também observa que o termo *legenda* pode ser traduzido como “o que deve ser lido sobre”. (DOSSE, 2005, 149-153) Para Dominique Boutet, textos que, aparentemente seriam hagiográficos, tendem a utilizar métodos historiográficos, principalmente no que tange a inserção e referências a documentos diplomáticos nos textos. (BOUTET, 2000, p. 277-293). A *Ystoria* escrita por Guilherme de Tocco é um texto que mescla esses elementos. Pois, ao mesmo tempo em que são raras as referências cronológicas, o hagiógrafo apresenta em alguns capítulos o itinerário da pesquisa que realizou para produzir o texto.

Assim como nos depoimentos, Guilherme de Tocco, na primeira parte da *Ystoria*, oferece um vasto panorama das virtudes do santo, como nos capítulos dedicados à pureza do corpo e da mente, suas orações e à contemplação. (GUILLAUME DE TOCCO, 1996, p. 150-156). Outro aspecto importante a se observar na *Ystoria* e que poderíamos considerar como uma hagiografia “moderna” é a inserção do autor na narrativa, o que foi feito de forma impessoal. Guilherme de Tocco refere-se a si mesmo sempre na terceira pessoa. É significativa a utilização das atas e a menção das mesmas na segunda parte da *Ystoria*, ou seja, a parte dedicada aos milagres. Na nossa opinião, torna-se mais significativo ainda se associarmos essa utilização à parte mais “difícil” de se comprovar, ou seja, os milagres.

Mesmo não sendo função do relato provar a veracidade dos fatos narrados, o autor utiliza as informações obtidas nas pesquisas e ouvidas nos depoimentos do processo. Para provar? Se assim o for, essa *Ystoria sancti Thome de Aquino* é vai além de um “relato sobre vida de santo”. O que podemos perguntar a partir dessas primeiras informações? Ou melhor, nesta hagiografia, *Ystoria* e *Legenda* são sinônimos ou à *Legenda* são atribuídas características da *Ystoria*, no sentido de produzir um relato que ao mesmo tempo abarca o que se passou e também o que é exemplar?

### **Considerações finais:**

Como podem perceber, esta é uma reflexão que oferece muitas perguntas, poucas respostas. É um indício do momento de produção do texto. Isto não significa, no entanto, que, ao final da tese, ofereceremos as respostas. Mas de qualquer forma, são essas questões que têm saltado aos olhos a partir da leitura em conjunto da *Ystoria* e das atas dos inquéritos sobre a santidade de Tomás de Aquino.

Ao trabalharmos com autores que constroem um aparato metodológico, como a Antropologia Escolástica, aquelas interrogações, no nosso entendimento, tornam-se relevantes e a canonização de Tomás de Aquino se apresenta como um legítimo objeto de pesquisa. Como se trata de uma análise mais micro-analítica do que macro, tendemos a acreditar que essa postura, aplicada a estudos específicos sobre outras canonizações, podem apontar outros elementos. Estas pesquisas, em uma perspectiva comparada, certamente oferecerão outras questões, outras respostas, outros problemas para explicar o fenômeno da santidade no final da Idade Média. Foi assim que André Vauchez conseguiu, em sua tese, construir o argumento sobre a santidade oficial e a popular, ao analisar os processos de canonização. O que propomos é uma postura próxima, porém, que considere a canonização como um conjunto de normas jurídicas e narrativas hagiográficas produzidas quase simultaneamente.

***La Recherche en Histoire Médiéval: hagiographies et procès de canonisation***

**Resumé:** L’objectif dans ce texte est présenter, a partir du sujet de la table-ronde “Recherche en Histoire Médiéval”, quelques considerations historiographiques et metodologiques sur l’usage des procès d’inquisition et les hagiographies dans les études sur la sainteté aux derniers siècles du Moyen Age. D’abord, nous considérons qui nous devons lire et analyser ces sources en ensemble quand on veut étudier la sainteté médiévale. Nous utilisons le procès de canonisation de Saint Thomas d’Aquin (1319-1323), pendant le pontificat de Jean XXII, l’*Ystoria sancti Thome de Aquino*, écrite par Guillaume de Tocco, le *Manuel de l’Inquisiteur*, de Bernard Gui, et les notations inquisitoires dans le Sud de France dans le même période. Nous avons conclu qu’une analyse séparée de ces procès – témoins, sujets, miracles du saint – peuvent conduire à une interprétation différent quand on les lit en ensemble avec les récits écrites au même temps et les autres procès, comme les d’investigations d’hérésies.

**Mots-clés:** *Canonisation. Hagiographie. Inquisition. Droit Médiéval. Tomas d’Aquin.*

---

<sup>1</sup> Doutorando em História no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS e Professor Substituto na área de História da Educação, no Departamento de Estudos Básicos da Faculdade de Educação da mesma Universidade. Contato: [teixeira.igor@gmail.com](mailto:teixeira.igor@gmail.com). Financiamento da pesquisa: CAPES.

<sup>2</sup> Depoimento de Frei Ventura para o processo de canonização de Domingos de Gusmão, 06 de agosto de 1233. Tradução livre: “Frei Ventura presbítero de Verona e Prior no convento dos Irmãos Pregadores de Bolonha, disse, jurando, que há certa de treze anos desses testes entrou para a Ordem dos Pregadores sob admissão de Fr. Domingos, fundador da Ordem dos Irmãos Pregadores, e em suas mãos fez os votos e de suas mãos recebeu o hábito”. Grifo meu.

<sup>3</sup> Interrogatório de Bernarda Targuiera, 30 de novembro de 1243. Tradução livre: “Ano do Senhor mil duzentos e quarenta e três, [sic] em dezembro, Bernarda Targuiera viúva de Pôncio Gran, sob juramento, disse que foi induzida à heresia por três anos e tem trinta anos”. Grifo meu.

<sup>4</sup> Infelizmente, a edição que tivemos acesso é apenas da quinta parte, considerada por G. Mollat, na introdução que antecede ao texto propriamente dito, como “*la pièce maîtresse de l’ouvrage*”. (MOLLAT, 1964, p. VIII).

<sup>5</sup> Tradução com auxílio da tradução francesa: “No ano tal, em tal dia, N., natural de tal burgo ou cidade, de tal diocese, se apresentou espontaneamente, ou foi citado ou convocado, ao julgamento diante da pessoa de N., inquisidor de heresia para o reino da França por delegação da Sé apostólica, após ter jurado sobre os santos evangelhos de Deus de dizer a plena e inteira verdade sobre o fato ou crime de heresia e sobre os fatos conexos, como no que lhe parece como principal interessado no que diria respeito a outras pessoas vivas ou mortas, a título de testemunho, disse e confessou, etc”. Em itálico, no original.

<sup>6</sup> Tradução livre: “...e jurando nesta Inquisição, sobre a vida e conversação e milagres do dito Frei Tomás, dizer a pura e verdadeira verdade, como soube e viu, ouviu e a credibilidade, e como [sic] interrogado sobre essa inquisição, respondeu a verdade”.

<sup>7</sup> Tradução livre: “No mesmo dia...jurando da mesma forma anotada anteriormente...”

<sup>8</sup> Tradução livre: “identificar um personagem venerado localmente a um modelo de santidade honrado na Igreja”.

<sup>9</sup> Tradução com auxílio da tradução francesa: “De início, perguntaremos ao interrogado se ele viu ou conheceu alguma parte um ou muitos hereges, se sabe seus nomes ou de suas reputações, onde eles os viu, quantos por vez, com quem e quando; [...] Item, se ele assistiu à iniciação de um dele, como ela se opera, qual era o nome do ou dos hereges, as pessoas presente, o lugar da casa onde estava a pessoa doente, o tempo que durou a cerimônia, a hora na qual ela ocorreu, se o iniciado legou alguma coisa aos hereges, o que e quantos, quem adquiriu; se a adoração foi dada pelo herege iniciador; se o iniciado sucumbiu dessa doença e onde foi enterrado; quem

<sup>10</sup> Tradução livre: “testes legítimos, sobre a vida, conversação e milagres do dito Fr. Tomás deveis receberdes...prestem juramento...interogue-os sobre o que sabem, qual o tempo, qual o mês, qual dia, quem estava presente, em que lugar, o que fazem, o que foi dito, o nome deles, sobre quais milagres dizem, e se eles conheceram antes e quantos dias antes viram os enfermos e quanto tempo foram enfermos, quanto tempo viram eles são, de que lugar são.”

<sup>11</sup> Exemplos datados, segundo a autora, do século XIV: o Ms F: Firenze, Bibliotheca Nazionale, Conv. Soppr. J. VII. 27, ff. 96ra-132va, primeira metade do século XIV, pergaminho, 215 x 145mm. Origem: convento de Santa Maria de Florença. Título: “Prohemium in ystoria sancti Thome de Aquino et de necessitate institutionis ord. Predicatorum et eius commendatione”. Ou o Ms L: Londres, British Museum, Burney 349, ff. 76v-126v, fim do século XIV, pergaminho, 260 x 190mm. Título: “Prohemium de hystoria beati Thome de Aquino ordinis fratrum predicatorum. Et primo de necessitate institutionis eiusdem ordinis et eius commendatio”, com a subscrição: “Explicit legenda sancti Thome de Aquino”. Ou, ainda, o Ms V: Vaticano, Biblioteca Apostólica, Vat. Lat. 10153, ff. 1vb-28vb, fim do século XIV, pergaminho, 290 x 208mm. Origem: convento dominicano de Orviedo. Inscrição: “Prohemium in ystoria sancti Thome de Aquino. De necessitate institutionis ordinis predicatorum et eius commendatione. Primum Capitulum “. Entre os do século XV, um exemplo: o Ms. B: Berlim, Staatsbibliothek Preussischer Kulturbesitz, Lat. qu. 707, ff. 145r-183r, XVe s. (1479), papier, 210 x 144mm. Título: “Incipit prohemium in Legendam sancti Thome de Aquino. Et primo necessitate institutionis ordinis predicatorum et eius commendacione sic incipit feliciter”. Grifos meus.

<sup>12</sup> Na edição consultada não há verbete para *Ystoria*. Disponível em: <http://www.uni-mannheim.de/mateo/camenaref/ducange/bd2/jpg/s0842.html>. Acesso em: fev. 2009.

<sup>13</sup> Tradução livre: “*historia* [como] uma narrativa que se associa essencialmente à vida de um santo e serve de base para a composição do *responsório* dito no ofício desse santo”. Grifos do autor.

<sup>14</sup> Tradução livre: “A historiografia medieval se situa mal no espaço, mas vive no tempo a sua essência. Sobre ela pesa a tirania da cronologia”.

## Referências:

### 1. Documentação

---

BERNARD DE CAUX. *Cahiers de Bernard de Caux. : Ms. DOAT XXII*, B.N. Paris – Agen, Cahors, Toulouse (1243-1247). Ed. Jean Duvernoy, 1988, 165p. Disponível em: <http://jean.duvernoy.free.fr/text/pdf/bdecaux.pdf>. Acesso em: fev. 2009.

BERNARD GUI. *Manuel de l'Inquisiteur*. Éd et trad par G. Mollat. Paris: Les Belles Lettres, 1964. 2v.

DOMINGOS DE GUZMÁN. *Liber Consuetudinum*. Apud: *SANTO DOMINGO DE GUZMÁN VISTO POR SUS CONTEMPORÁNEOS*. Esquema biográfico, introducciones, versión y notas de los Padres Fr. Miguel Gelabert, O.P., Fr. José María Milagro, O.P.. Introducción General por el Padre Fr. José María de Garganta, O.P. Madrid: BAC, MCMXLVII. pp. 864-907 (Bilingüe Latim/Espanhol)

Mgr. DOUAIS. *Documents pour servir a l'histoire de l'Inquisition dans le Languedoc*. Publié par Mgr. Douais. Paris: Librairie Renouard, 1900.

GUILLAUME DE TOCCO. *Ystoria Sancti Thome de Aquino de Guillaume de Tocco (1323)*. Édition critique, introduction et notes par Claire Le Brun-Gouanvic. Toronto: PIMS, 1996.

JORDÁN DE SAJÓNIA. *Orígenes de La Orden de los Predicadores* [Libellus de Principiis Ordinis Praedicatorum, 1234]. Apud: *SANTO DOMINGO DE GUZMÁN VISTO POR SUS CONTEMPORÁNEOS*. Esquema biográfico, introducciones, versión y notas de los Padres Fr. Miguel Gelabert, O.P., Fr. José María Milagro, O.P.. Introducción General por el Padre Fr. José María de Garganta, O.P. Madrid: BAC, MCMXLVII. pp. 163-216.

## 2. Obra de referencia para consulta

DU CANGE, Charles du Fresne. *Glossarium ad scriptores mediae et infimae Latinitatis: in quo Latina Vocabula novatae Significationis, aut Usus rarioris, Barbara et Exotica explicantur, eorum Notiones et Originiones reteguntur : Complures aevi medii Ritus et Mores, Legum, Consuetudinum municipalium, et Jurisprudentiae recentioris Formulae, et obsoletae voces; Utriusque Ordinis, Ecclesiastici et Laici, Dignitates et Officia, et quam plurima alia [...] illustrantur. E libris editis, ineditis, aliisque monumentis cùm publicis, tum privatis. Accedit Dissertatio de Imperatorum Constantinopolitanorum [...] numismatibus. - Ed. Novissima Insigniter Aucta. - Francofurti ad Moenum : Ex Officina Zunneriana, apud Johannem Adamum Jungium, 1710. T. II (D-H) e III (I-N). Disponível em: <http://www.uni-mannheim.de/mateo/camenaref/ducange.html>. Acesso em: fev. 2009.*

---

### 3. Bibliografia

BOUREAU, A. Saints et Démons dans les process de canonization du début du XIVE siècle. In: KLANICZAY, G. (Dir.). *Procès de Canonisation au Moyen Âge: aspects juridiques et religieux. Medieval Canonization Processes: legal and religious aspects*. Rome: École Française de Rome, 2004. p. 199-220.

\_\_\_\_\_. Miracle, volonté et imagination: la mutation scolastique (1270-1320). In: *MIRACLES, PRODIGES ET MERVEILLES AU MOYEN ÂGE*. Paris: Sorbonne, 1995. p. 159-172.

\_\_\_\_\_. Droit naturel et abstratcion judiciaire: hypothèses sur la nature du droit medieval. *Annales HSS*, Paris, vol. 57, n. 6, p. 1463-1488, Nov-déc, 2002.

BOUTET, D. Hagiographie et historiographie: la *Vie de saint Thomas Becket* de Guernes de Pont-Sainte-Maxence et la *Vie de saint Louis* de Joinville. *Le Moyen Age: Revue d'Histoire et de Philologie*, Paris, Tome CVI, n. 2, p. 277-293, 2000.

CHIFFOLEAU, J. Direito(s). In: LE GOFF, J. & SCHMITT, J-C. (Coords). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval* Coord. de Trad. Hilário Franco Júnior. Vol. 1. São Paulo: EDUSC; Imprensa Oficial do Estado, 2006. p. 333-351.

DOSSE, F. *Le pari biographique: écrire une vie*. Paris: La Découverte, 2005. p. 149 e 153.

DUVERNOY, J. Introduction. In: BERNARD DE CAUX. *Cahiers de Bernard de Caux.: Ms. DOAT XXII*, B.N. Paris – Agen, Cahors, Toulouse (1243-1247). Ed. Jean Duvernoy, 1988, 165p. Disponível em: <http://jean.duvernoy.free.fr/text/pdf/bdecaux.pdf>. Acesso em: fev. 2009.

GINZBURG, C. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. Maria Betania Amoroso. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. *A Miscro-História e outros ensaios*. Trad. António Narino. Lisboa: Difel, 1989.

---

GOLINELLI, P. Social aspects in some italian canonization trials: the choice of witnesses. In: KLANICZAY, G. (Dir.). *Procès de Canonisation au Moyen Âge: aspects juridiques et religieux. Medieval Canonization Processes: legal and religious aspects*. Rome: École Française de Rome, 2004. p. 165-180.

GUENEE, B. *Histoire et culture historique dans l'Occident Médiéval*. Paris: Aubier Montaigne, 1980.

\_\_\_\_\_. História. In: LE GOFF, J. e SCHMITT, J-C. (Orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Coord. de Trad. Hilário Franco Júnior. Vol. 1. São Paulo: EDUSC; Imprensa Oficial do Estado, 2006. p. 523-536.

KLANICZAY, G. (Dir.). *Procès de Canonisation au Moyen Âge: aspects juridiques et religieux. Medieval Canonization Processes: legal and religious aspects*. Rome: École Française de Rome, 2004.

\_\_\_\_\_. Proving Sanctity in the canonization processes (Saint Elizabeth and Saint Margaret of Hungary). In: KLANICZAY, G. (Dir.). *Procès de Canonisation au Moyen Âge: aspects juridiques et religieux. Medieval Canonization Processes: legal and religious aspects*. Rome: École Française de Rome, 2004. p. 117-148.

KLEINBERG, A. Canonization Without a canon. In: KLANICZAY, G. (Dir.). *Procès de Canonisation au Moyen Âge: aspects juridiques et religieux. Medieval Canonization Processes: legal and religious aspects*. Rome: École Française de Rome, 2004. p. 07-18.

LADURIE, E. L. R. *Montaillou: Cátaros e Católicos numa aldeia francesa, 1294-1324*. Lisboa: Ed. 70, s.d.

MACEDO, J. R. *Heresia, cruzada e inquisição na França Medieval*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

MOLLAT, G. Introduction. In: BERNARD GUI. *Manuel de l'Inquisiteur*. Éd et trad par G. Mollat. Vol. 1. Paris: Les Belles Lettres, 1964. p. V-LVII.

PAUL, J. La mentalité de l'Inquisiteur chez Bernard Gui. *Cahiers de Fanjeaux*. Bernard Gui et son monde. Vol. 16. Toulouse-Fanjeaux: Privat, 1981. p. 279-316.

---

PEREIRA, A.L. O Método Hagiográfico de Jacques de Vitry (†1240) e de Thomas de Cantimpré (†1262). XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: *Usos do Passado*. Niterói, ANPUH/RJ, 2006. p. 02. Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/Anais/2006/conferencias/Ana%20Paula%20Lopes%20Pereira.pdf>.

Acesso em: mar. 2009.

PHILLIPART, G. L'hagiographie comme littérature: concept récent et nouveaux programmes?. *Revue des Sciences Humaines: L'hagiographie*, n. 251, p. 11-39, jui-sept/1998. Textes réunis par Elisabeth Gaucher et Jean Dufournet.

PIRON, S. Une anthropologie historique de la scolastique. *Annales HSS*, Paris, v. 64, n. 1, p. 207-215, jan-fév/2009.

SILVA, A. C. L. F. da. (Org.). *Hagiografia e História: reflexões obre a Igreja e o fenômeno da santidade na Idade Média Central*. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2008.

\_\_\_\_\_. *Reflexões sobre a hagiografia ibérica medieval: um estudo comparado do Liber Sancti Jacobi e das vidas de santos de Gonzalo de Berceo*. Niterói: EDUFF, 2008.

SOUZA, N. de A. A Cristianização dos mortos: a mensagem evangelizadora da Legenda aurea de Jacopo de Varazze. 1998, 2v., 517f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998.

VAUCHEZ, A. *La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age: d'après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*. 2ème éd. Roma: École française de Rome, 1981.

\_\_\_\_\_. Saints admirables et saints imitables: Les fonctions de l'hagiographie on-elles change aux derniers siècles du Moyen Age?. In: *Les fonctions des saints dans le monde occidental (IIIe-XIIIe siècle)*. Roma: École Française de Rome, 1991. p. 162-172.

WEINSTEIN, D; BELL, R. M. *Saints & Society: The two worlds of western Christendom (1100-1700)*. Chicago: UCP, 1982.